

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em História**

OPERÁRIOS DA BOLA

**Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol
na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950.**

ANDRÉ LUIZ ROSA

Florianópolis, 2011

ANDRÉ LUIZ ROSA

OPERÁRIOS DA BOLA

**Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol
na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950.**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História Cultural, do programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado.

Florianópolis, 2011

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado (UFSC) _____

(Presidente e Orientador)

Profa. Dr. Fabiane Popinigis (UFRJ) _____

Prof. Dr. Paulo Rogério Melo de Oliveira (UNIVALI) _____

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte - UFSC (suplente - UFSC) _____

Florianópolis, 2011

DEDICATÓRIA

Para todas aquelas pessoas que no jogo da vida driblaram as imposições e os preconceitos, tabelaram com as estratégias e a experiência, marcando um belíssimo gol no emblemático campo da disputa social. Aos operários e jogadores que fizeram história em Itajaí e assim contribuíram com esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Concluída mais uma etapa de minha caminhada acadêmica a qual comecei a trilhar há dez anos. Chegar a este momento não foi tarefa fácil; pelo contrário, alguns reveses surgiram pelo caminho, mas com perseverança e dedicação encontrei força para transpor os obstáculos. Superação esta que, sem dúvida, foi fundamental para concluir esta dissertação. E para chegar até aqui, algumas “parcerias” foram fundamentais e não posso deixar de mencioná-las.

Agradeço à força divina que trago comigo e que sempre me ajuda e me ilumina.

Deixo aqui meus agradecimentos a algumas pessoas que fazem parte da minha vida e que durante esses anos de mestrado demonstraram grande apoio. Refiro-me à minha esposa Andreza, companheira e que soube ao longo desta última década compreender minhas investidas acadêmicas. Destaco ainda a sua compreensão e paciência, pois muitos fins de semana foram dedicados às leituras e aos estudos e sempre obtive o seu apoio (inclusive quando parava os estudos por algumas horas, para assistir aos jogos do Avaí).

Agradeço ainda aos meus pais, Elsa e José, que foram minha base e serão meus eternos guias, pessoas que jamais me abandonaram e às quais devo muito. Por tudo aquilo que eles me proporcionaram, acredito que estou conseguindo retribuir.

Estendo os agradecimentos aos meus familiares, em especial à minha irmã Mary, ao meu sobrinho Lucas, ao meu cunhado Ricardo e ao meu sogro Nelson, pessoas que sempre me deram apoio e confiaram que eu poderia alcançar mais esse objetivo. Quero agradecer também à minha afilhada Maria Eduarda, que mesmo não compreendendo o que seja essa etapa em minha vida, com sua ternura de criança me ensinou muito.

Não posso deixar de mencionar alguns amigos que me deram força nessa trajetória. São eles: André de Souza, Arthur e Gilson. Estes dois últimos colegas também da História. Pessoas que me acompanharam quando ainda pesquisava para “construir” o projeto. Foi com eles que troquei algumas idéias, principalmente acompanhado de algumas cervejas nos jogos a que juntos assistimos na Ressacada.

Quero, aqui também, manifestar minha gratidão por ter sido membro do corpo discente da Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina. Minha satisfação é motivada pelos valiosos debates que ocorreram nos encontros, sobretudo os da linha de pesquisa. Agradeço aos professores com os quais mantive contato durante esse

período e que com sua sabedoria havia (há) sempre algo a nos enriquecer. São eles: Henrique Espada, Adriano Duarte e Paulo Pinheiro Machado. A este o meu agradecimento especial, pois mesmo com a “bola na fogueira” que lhe foi dada, soube tão bem articular belos passes para que concluíssemos com êxito esta dissertação. Agradeço também aos professores da banca. São eles: Paulo Rogério Melo de Oliveira, Fabiane Popinigis e Adriano Duarte.

Agradeço também a Nazaré e a Cristiane, ambas do departamento da Pós do curso de História, sempre solícitas e atenciosas procurando encontrar as melhores “saídas”. Meus agradecimentos são extensivos também aos membros do Arquivo Público de Itajaí, que sempre dispostos e cordiais me deixavam à vontade, propiciando assim momentos agradáveis e pesquisas recompensadoras. Aos funcionários do setor de *Periódicos* da Biblioteca Pública Estadual. Aos diretores da Liga Itajaiense de Desportos por permitir o acesso aos documentos da entidade. Ao Colégio Catarinense, em especial ao Fábio e Hivellyse, por compreenderem a importância da pesquisa e assim possibilitar o “mergulho” nas informações dos alunos daquela instituição. Aos funcionários do Arquivo da Câmara de Vereadores de Itajaí, que permitiram a pesquisa nos documentos daquela casa legislativa. Ao sindicato dos estivadores, seus diretores e funcionários, os quais sempre me receberam com cordialidade possibilitando o acesso aos documentos da entidade, além de indicarem aposentados da estiva, muitos dos quais com depoimentos valiosos. Ao professor Bento, pelas inúmeras dicas repassadas por *e-mail*. Ao Clube Náutico Almirante Barroso, que disponibilizou seu acervo para que eu pudesse pesquisar. Ao Colégio Anchieta, em especial a Kerstin, pela cordialidade e envio de material. Agradecimento semelhante aos senhores Luiz Antonio Bersch e Luis Antonio Fleury Guedes, ambos do Colégio São Luis, que nos contatos feitos sempre demonstraram grande atenção e interesse em prestar auxílio. A eles sou grato também pelo envio do livro e do DVD sobre o futebol.

Agradeço às pessoas que permitiram acesso aos seus acervos pessoais, fornecendo informações e documentos. Dentre eles: Carlos Guerios, Moacir da Costa, Lizelotti Kumm da Silva, Nelinho Veiga e Arthur Fernandes. Agradeço, sobretudo, àquelas pessoas que conviveram direta ou indiretamente com o movimento operário e/ou com o futebol e que com os seus relatos contribuíram, sobremaneira, para “dar corpo” ao trabalho.

A todas estas pessoas (e a outras que não mencionei) e às instituições, o meu muito obrigado.

RESUMO

Esta dissertação busca abordar a relação do futebol com o operariado da cidade de Itajaí, nas primeiras décadas do século XX, demonstrando que o futebol, mais do que uma atividade esportiva, servia também como meio de sociabilidade, de interação e de compartilhamento de experiências (muitas deles já vivenciadas no espaço profissional) e que contribuíram para a formação da identidade operária de Itajaí. A dinâmica que envolveu o futebol em Itajaí era também parte do que ocorria no Brasil; uma vez que esse esporte, primeiramente, passou a ser praticado pela elite, para posteriormente atingir o trabalhador, o pobre e o negro. A ruptura do elo entre futebol/elite para sua popularização em Itajaí é o momento em que passo a dedicar mais atenção. Passagem esta que foi motivada pelas práticas elitistas de impedimento, pelos preconceitos de classe e étnico e pela ação daqueles que eram “proibidos” de praticar aquele esporte tão elitista. Será também analisada a questão do operário-jogador, sobretudo no período de 1930 até os anos 50, pois ao mesmo tempo em que praticava o futebol no time da empresa o jogador era também trabalhador da Companhia. Outros pontos serão abordados, tais como o envolvimento de empresas com o futebol e a relação de políticos com jogadores e com o futebol. Para viabilizar a concretização do trabalho, foram buscadas algumas fontes fundamentais. Dentre elas, destaco as entrevistas, os depoimentos, as fontes impressas, os documentos do Arquivo Público de Itajaí e algumas atas das Sociedades operárias.

Palavras-Chave: Futebol, Operariado, Identidade

ABSTRACT

This dissertation search to address the relationship of football with the working of the city of Itajaí in the first decades of the twentieth century, showing that football, more than a sport, it also served as a means of socialization, interaction and sharing of experiences (many of them have experienced in a professional Space) and who contributed to the formation of working class identity of Itajaí. The dynamics involved in football Itajaí was also part of what happened in Brazil, since the sport first, began to be practiced by the elite, and then reaching the worker, the poor and black. The breaking of the link between football/elite for its popularization in Itajaí is the moment you step in devoting more attention. This passage that was motivated by elitist practices of impediment, by class and ethnic prejudices and by the action of those who were "forbidden" to engage in that sport as elitist. Will be also examined the issue of worker-player, especially from 1930 until the '50s. For while practicing football team in the company the player was also employed by the Company. Other points will be addressed, such as the involvement of companies with the football and political relationship with players and football. To facilitate the completion of the work I sought a few sources that were essential. Among them highlight the interviews, testimonies, printed sources, documents of the Public Archives of Itajaí and some minutes of operating companies.

Keywords: Soccer, Working Class, Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1.....	17
O FUTEBOL EM ITAJAÍ NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	17
1.1 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL NO BRASIL.....	17
1.2 A VIDA SOCIAL EM ITAJAÍ NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	28
1.3 O COTIDIANO OPERÁRIO E AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DE CLASSE.....	35
1.4 OS <i>TEAMS</i> ENTRAM EM CAMPO.....	50
CAPÍTULO 2.....	65
ITAJAÍ NA DÉCADA DE 1920: NEGROS E PORTUÁRIOS ROMPEM A BARREIRA ELITISTA DO ESPORTE.....	65
CAPÍTULO 3.....	96
A PROLETARIZAÇÃO DO <i>FOOT-BALL</i>.....	96
3.1 <i>FOOT-BALL</i> : O CLIMA QUE ENVOLVIA A CIDADE.....	121
3.2 O FUTEBOL E A REDEMOCRATIZAÇÃO EM ITAJAÍ.....	144
3.3 PORTUÁRIOS: OS DONOS DA BOLA EM ITAJAÍ.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
DA GARRA A GRANA: O FIM DO FUTEBOL OPERÁRIO E AS EXIGÊNCIAS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL EM ITAJAÍ.....	173
4.1 A TAÇA DO MUNDO É NOSSA.....	173
4.2 O DESENVOLVIMENTISMO FEDERAL EM ITAJAÍ.....	175
4.3 A SAÍDA DE CAMPO DOS CLUBES OPERÁRIOS.....	177
FONTES E ARQUIVOS.....	187
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	192

LISTA DE ABREVIATURAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
ASVI	Associação Sportiva do Valle do Itajahy
ATTA	Aliança dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CIMENPORT	Companhia Catarinense de Cimento Portland
CIP	Companhia Itajahyense de Phosphoro
CN	Clube Náutico
CND	Conselho Nacional de Desportos
COI	Círculo Operário de Itajahy
CSBEI	Caixa Social Beneficente dos Estivadores de Itajaí
FCD	Federação Catarinense de Desportos
INCO	Indústria e Comércio
LBD	Liga Blumenauense de Desportos
LEVI	Liga Esportiva do Vale do Itajaí
LFF	Liga Florianopolitana de Futebol
LID	Liga Itajaiense de Desportos
LSCDT	Liga Santa Catharina de Desportos Terrestres
PLC	Partido Liberal Catarinense
PRC	Partido Republicano Catarinense
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SBEI	Sociedade Beneficente dos Estivadores de Itajaí
SEEC	Sociedade Estivadores Esporte Club
TECITA	Tecelagem Itajaí
UBO	União Beneficente Operária
UDN	União Democrática Nacional
UOI	União Operária Itajaiense
UOTTA	União Operária dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns

INTRODUÇÃO

Qual a relevância em analisar o envolvimento do futebol na cidade de Itajaí no início do século XX? Evidente que minha investigação não se propõe a tão somente abordar a prática futebolística por si mesma, mas sim, conjuntamente, correlacioná-la com a questão social, política e cultural.

É importante mencionar que o tema futebol no Brasil despertou a atenção de muitos autores ainda nas primeiras décadas do século XX. Algumas abordagens buscavam revelar os primeiros clubes de futebol, os campeonatos conquistados e as súmulas de jogos.¹ Outras análises já iniciavam uma crítica ao amadorismo e à exploração que muitos jogadores sofriam por parte dos dirigentes dos clubes.² Na década de 1930, a abordagem em torno do tema futebol ganhou a atenção de Gilberto Freyre que, dando prosseguimento à idéia de democracia racial e miscigenação, já defendida no livro *Casa Grande e Senzala*, procurou mostrar que a característica elementar do futebol brasileiro era o resultado da ginga, da astúcia, do improviso e da habilidade corporal do negro. Aspectos estes que davam singularidade ao futebol brasileiro, diferentemente do metódico, sistemático e teórico futebol britânico. No prefácio da obra de Mário Filho, Freyre relata que, o futebol

tornou possível a sublimação de vários elementos irracionais de nossa formação social e cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol (...) Um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana ou malandragem carioca. Com esses resíduos que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é (...) ³

Diferentemente da visão freyreana, o presente trabalho visa a analisar o futebol num contexto mais restrito, buscando investigar a relação que envolveu os trabalhadores e a prática do futebol em Itajaí. Minha inquietude sobre o tema “Futebol” naquela cidade procurou justamente apresentar o futebol como algo que não apenas lúdico e recreativo, mas sim sua

¹ Neste sentido, uma obra que se tornou referência foi: FIGUEIREDO, Antônio. *História do football em São Paulo*. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1918.

² A primeira obra que buscou criticar o regime amador do futebol - pois isto contribuía para reforçar a prática de suborno e de corrupção - foi a de CORREIA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Flores e Mano Editores, 1933.

³ FREYRE, Gilberto. In: FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauard (4ª edição), 2003, p. 25. A tentativa de buscar entender, através do futebol, a democracia racial que, segundo alguns autores, constituiu a sociedade brasileira, ganhou espaço não somente em Freyre, como também em Mário Filho, Roberto Da Matta, Maurício Murad e César Gordon Júnior.

interferência direta com os fatores que, muitas vezes, não eram percebidos ou eram ignorados, mas, que, por seu intermédio, possibilitaram a compreensão de alguns aspectos da sociedade itajaiense do período.

O contato inicial entre trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí não ocorreu de modo repentino. Pelo contrário, o elitismo daquela prática esportiva permaneceu durante uma década, até que o trabalhador passasse a incorporar o futebol ao seu universo de manifestações.

A prática futebolística restrita em Itajaí dificultava sobremaneira o contato com o operariado. Se por um lado existia o interesse da elite em preservar algumas práticas sociais e esportivas afastadas dos demais segmentos sociais, por outro, havia também a dificuldade financeira para que o trabalhador e o negro conseguissem ingressar nos clubes elitistas. Os valores para sócios, tanto para as jóias de entrada como a mensalidade, possivelmente, já se configuravam em obstáculos para a (não) entrada de determinados segmentos sociais. Logo, o caráter restrito de alguns clubes permanecia.

O presente trabalho se propõe, então, a analisar a inserção do operariado na atmosfera futebolística de Itajaí, relacionando o futebol com o contexto social e como tal prática esportiva contribui para a identidade operária. O recorte temporal vai da década de 1920 até a década de 1950. Isto se deve ao fato de que, nos anos vinte, houve o contato inicial do trabalhador com o futebol em Itajaí; já no final dos anos cinquenta, foi possível perceber o declínio do futebol operário na cidade, provocado por alguns fatores, dentre eles a queda na movimentação portuária e as novas exigências do futebol profissional.

Muito embora tenha sido aquele o balizamento temporal da pesquisa, foi necessário e fundamental recuar alguns anos e “apresentar” Itajaí do início do século XX, mostrando as entidades elitistas, os espaços de sociabilidades, os vínculos sociais, a disposição econômica, o cenário político da cidade, as manifestações operárias, etc. Por fim, procurei também relacionar o início do futebol em Itajaí e a sua vertente elitista, evidenciando, desta forma, o que fora mencionado no começo dessa introdução (que o futebol não estava desassociado dos demais aspectos sociais).

Para elaboração da dissertação foi necessária a utilização de uma gama de fontes, as quais relacionando as informações, questionando e cruzando-as possibilitaram o desvendar de vários pontos que permaneciam obscuros e, assim, favoreceu à constituição do presente trabalho.

Dentre as fontes utilizadas para produzir o trabalho, analisei a literatura itajaiense, a qual contribuiu para perceber melhor a cidade e a sua movimentação social. Para compreender determinadas articulações sociais, o início elitista do futebol, as mudanças sociais, culturais e comportamentais, foi indispensável o cotejamento com outras referências, dentre eles: Sevcenko, Ricardo Lucena, Boris Fausto, Leonardo Pereira, Hardman, dentre outros.⁴

No que diz respeito à abordagem envolvendo o operário com o futebol, Hobsbawm foi de significativa relevância. O autor investigou o fenômeno do futebol junto à classe operária inglesa e, foi possível, desta forma, perceber que a relação entre futebol com os trabalhadores na Inglaterra era tão intensa quanto o desenvolvimento industrial do país. Hobsbawm relaciona o crescimento do futebol na medida em que este esporte passou a integrar o conjunto de práticas culturais do operariado inglês. No Brasil, não muito diferente da Inglaterra, foi possível perceber que o futebol só conseguiu se expandir quando os trabalhadores e os pobres começaram também a se envolver com tal jogo.

Ainda na relação futebol e operário, porém em outros centros, “troquei passes” com Fátima Antunes, Jorge Arthur dos Santos, Mário Filho, dentre outros.⁵ Com estes autores, pude entender o envolvimento entre aquela prática esportiva com o segmento operário. Ademais, foi possível também relacionar com o cenário itajaiense.

Além das referências mencionadas, os documentos pesquisados nos acervos pessoais daqueles que estiveram, direta ou indiretamente, envolvidos com o futebol e/ou movimento operário foram de grande importância. Dentre os registros documentais, é possível mencionar: revistas que eram publicadas em Itajaí, atas das associações operárias, súmulas dos jogos, estatutos das entidades esportivas, etc.

⁴ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador geral); SEVCENKO, Nicolau (Org. do volume). *História da vida privada – República: da belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte da cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas – SP, 2000; FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social – 1890*. São Paulo: Difel, 1986; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil)*. São Paulo: Brasiliense, 1984 (2ª edição).

⁵ ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992; SANTOS, Jorge Artur. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil. (1890 – 1947)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH – USP, 2000; FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauard (4ª edição), 2003.

Há ainda as fontes impressas, as quais estão presentes em todos os capítulos do trabalho. Mesmo com a monotonia das informações trazidas pelos jornais que caracterizaram alguns períodos de Itajaí, esporadicamente os mesmos traziam pequenas notas que eram, para as minhas pretensões, um grande tesouro, pois se configuravam no fio condutor que me levava às novas “descobertas”. Os jornais pesquisados compreendem o período que vai de 1888 a 1963.

Em que pese à relevância das fontes impressas, foi necessário, porém, conhecer mais de cada periódico para que pudesse entender o modo pelo qual a notícia era “tratada.” Os jornais de Itajaí, invariavelmente, eram ligados às pessoas de considerável influência política e a uma pequena parcela de pessoas, que durante muito tempo, estiveram soberanas no poder local.

Dentre os jornais que tiveram longa duração na cidade, havia o *O Pharol*, *Novidades* e *Jornal do Povo*. Todos estes três periódicos, quando de sua fundação, contavam em seus respectivos comandos com pessoas ligadas à “vida” política local. As manifestações operárias, os impedimentos sociais e étnicos, greves, eram tratados de acordo com o desejo de “moldar” a cidade, buscando atender interesses de pequenos grupos. Itajaí deveria ser a imagem de quem a comandava. Dessa forma, acontecimentos eram omitidos ou ganhavam nova roupagem. Tudo dependeria tão somente dos desejos e ambições que estavam em jogo, ou seja, as publicações deveriam estar em harmonia com o discurso dominante.

No trato com as fontes impressas, foi indispensável também minuciosa cautela para não ter sido apenas reprodutor de informações. Foi necessário conhecer o cenário político e social, ter compreendido as motivações para as publicações e ter realizado freqüente cruzamento das fontes a fim de que pudéssemos obter visões e opiniões variadas (quando foi possível) sobre dado evento histórico. Em suma, foi fundamental perceber não apenas o que estava escrito, mas sim as motivações e os condicionantes que propiciaram determinada “fala” jornalística. Analisar, antes mesmo de simplesmente citar as informações dos jornais, deve ser o primeiro passo para a boa pesquisa. Agindo assim, segundo Capelatto, será possível “(...) *determinar qual a tendência do jornal, o tipo de opinião que expressa, e os grupo sociais aos quais se dirige (...)*”⁶

O atrelamento político e a parcialidade da imprensa, sobretudo no período da pesquisa, eram comuns no Brasil de modo geral, em particular na cidade de Itajaí. Nesse

⁶ CAPELATTO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa - Omega, 1980, p. 175.

sentido, os jornais, esclarece Capelatto, desejavam “(...) *“despertar as consciências” e “moldá-las” conforme seus valores e interesses, procurando indicar uma direção ao comportamento político do leitor.*”⁷

Por fim, recorri também às fontes orais, as quais, para o presente trabalho, tiveram grande relevância, pois traziam detalhes, informações e relatos que não “ganharam” as páginas dos jornais, tampouco se fizeram presentes nos documentos oficiais. Muitos depoentes estiveram envolvidos diretamente como o futebol e com as manifestações operárias. Dessa forma “iluminaram” o trabalho com a riqueza contida em suas lembranças.

As lembranças representaram o “mundo” vivenciado pelos depoentes, os quais traziam à tona suas “versões” de um período passado, e, que, muito embora suas experiências tenham sido compartilhadas e suas manifestações realizadas juntamente com outros personagens, a lembrança, porém, é algo individual e que traz consigo sentimentos, percepções e “representações” (de determinado período, ou evento) que são compreendidos individualmente. Pois, “(...) *a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados.*”⁸

Determinadas manifestações nem sempre eram lembradas pelos depoentes, em que pese o fato de que muitos personagens tenham participado do acontecimento. Pois certamente alguma situação tenha sido mais marcante para determinada pessoa do que para outra. Isto, por si só, não permite que considere esta ou aquela lembrança como uma verdade inquestionável.

E, com a mesma cautela que o pesquisador necessita ao ter contato com os depoimentos, é indispensável também que ao receber tais informações mantenha cuidado para evitar apropriações indevidas, exaltações desnecessárias e interpretações divergentes do fato relatado. Afinal de contas, o detentor das valiosas informações é o depoente e não aquele que com elas trabalhará. Nesse sentido, Portelli afirma que,

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à

⁷ Idem, p. 23.

⁸ PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um Pouquinho*. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1997, p. 16.

disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse).⁹

Os (re) significados das lembranças devem ser considerados e compreendidos, levando-se em conta a apropriação individual sobre determinada experiência, uma vez que o mesmo evento tenha obtido várias “lembranças”, isto é, “marcou” diferentemente cada personagem. Como no caso dos jogos que ocorriam em Itajaí, dos “brancos” versus “pretos” (aspecto que abordarei no capítulo 3). E, que embora alguns depoentes e entrevistados tenham participado daquele jogo, suas recordações eram divergentes. Ou melhor, alguns disseram não ter “lembrança” do ocorrido (esse esquecimento estava mais próximo do “não” falar). Possivelmente, aquela experiência tenha sido mais significativa para determinada pessoa, que mantém ainda viva tal disputa futebolística. Em casos assim, a memória é, segundo Eclea Bosi, seletiva. E mesmo que o futebol e as lutas operárias em Itajaí tenham sido partes integrantes de uma rede de solidariedade e de sociabilidade, o significado individual nem sempre corresponde com as conquistas reais e, desta forma, “recordações” múltiplas passam a ser cada vez mais aceitáveis. Assim, compreendendo tais apropriações entendemos que “(...) *a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele (...)*”¹⁰

A dissertação está dividida em quatro capítulos. A saber:

No primeiro, intitulado “*O futebol em Itajaí no início do século XX*”, analiso o surgimento do futebol local e seus primeiros clubes na década de 1910. Porém, antes de realizar tal menção, procuro mostrar mais sobre a cidade, sua economia, população, elite e trabalhadores. Esta análise se tornou necessária, pois será possível verificar que a elite, que predominava na economia e na política e que confrontava os seus interesses com os dos trabalhadores, será a mesma que propiciará o “nascimento” do futebol no cenário itajaense.

Já no segundo capítulo, cujo título é “*Itajaí na década de 1920: negros e portuários rompem a barreira elitista do esporte*”, destacarei os embates, o envolvimento e as articulações dos operários e dos negros para que incorporassem também algumas práticas esportivas, porém, não à maneira burguesa, mas sim, revestidas com os símbolos, os valores e a visão de mundo através da percepção tanto do operariado quanto do negro.

⁹ PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos*. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, n 2, 1996, p. 60.

¹⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velho*. São Paulo: Taq/Edusp, 1987, p. 28.

Adentrando a terceira parte do trabalho, denominada “*A proletarização do foot-ball*”, analiso o crescimento daquele esporte e sua disseminação a partir do contato cada vez mais forte do futebol com o operariado de Itajaí, que ocorreu no final da década de 1920. O sucesso dessa proletarização do futebol foi percebido em Itajaí no ano de 1932, quando a equipe oriunda da Vila Operária sagrou-se campeã estadual de futebol. Fato este que se repetiria anos após, com outra equipe operária. Sendo que ambas as equipes continham em seus quadros vários operários que jogavam futebol. Ainda neste capítulo, apresento algumas articulações operárias que eram realizadas em consonância com o crescimento do futebol junto aos trabalhadores de Itajaí e, desta forma, experiências profissionais eram também manifestadas no espaço futebolístico. Concluo o terceiro capítulo analisando a década de 1950, que foi muito emblemática, pois além de apresentar várias equipes operárias de qualidade, foi também a década derradeira do futebol com estreita ligação com os trabalhadores da cidade.

Para concluir a dissertação apresento as considerações finais, denominada “*Da garra à grana*”. Nesta parte, aponte as causas que contribuíram para o declínio do futebol operário local, tais como questões econômicas, desenvolvimento rodoviário, intensificação do profissionalismo no futebol, etc. Aspectos estes que deflagraram o fim de uma relação que havia apresentado grandes êxitos, destacando equipes e fortalecendo a identidade operária.

E foi por esse caminho, motivado pelo desejo de descobrir mais sobre o contato entre futebol e operário, e com as fontes encontradas, analisadas e cotejadas que constituí a presente dissertação. Nesta, procurei expor as motivações que levaram os trabalhadores (e por extensão outros segmentos sociais) a estabelecer contato com o futebol, constituindo, então, numa excelente relação e fazendo com que o futebol em Itajaí fosse caracterizado pelo seu viés operário. E através desta intensa conexão, entre o futebol e os trabalhadores, foi possível também perceber a interferência nas práticas e nas manifestações operárias atuantes na cultura operária itajaiense.

Assim, desejo uma boa leitura.

CAPITULO 1

O FUTEBOL EM ITAJAÍ NO INÍCIO DO SÉCULO XX

No presente capítulo, analisarei a cidade de Itajaí nas duas primeiras décadas do século XX, apontando as ligações políticas, o cenário social e o início das movimentações operárias. Entretanto, tais aspectos são fundamentais para chegar ao ponto principal - o qual dá nome a este capítulo -, ou seja, a investigação em torno das primeiras manifestações futebolísticas na cidade portuária de Itajaí. A prática do futebol em seu prelúdio na cidade, diferentemente do que se possa pensar, não estava desassociada das questões econômicas, sociais e culturais, mas sim, levava consigo os mesmos “valores” que existiam na cidade.

1.1 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL NO BRASIL

*(...) De modo que nós que frequentamos uma academia, que temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no salão Naval, jantamos na Rotisserie, frequentamos as conferências literárias, vamos ao five o'clock, somos obrigados a jogar com um operário, torneiro mecânico, motorista e profissões outras que absolutamente não estão em relação com o meio onde vivemos (...)*¹¹

A passagem acima ganhou espaço no periódico carioca no ano de 1915 e evidenciava, sobremaneira, o caráter inicial e o sentido que era atribuído ao esporte bretão na virada do século XIX para o XX. O texto refletia o desejo da burguesia de manter o *football*¹² longe do operariado, do negro e das pessoas desprovidas de um refinamento condizentes com os “padrões” sociais em voga em naquele período. O futebol chegou ao Brasil revestido de dois princípios que o caracterizaram por alguns anos: Elitista e Disciplinador. Estes vieses

¹¹ Revista Sports. Rio de Janeiro, 1915. *Apud* GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra* (tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Pinto). Porto Alegre: L &PM, 1995, p. 34.

¹² Ao longo do trabalho aparecerão inúmeras citações com a grafia da época. Os termos e expressões, sobretudo aqueles que foram extraídos de periódicos, continuarão aqui com sua grafia genuína. Prefiro adotar a originalidade das palavras, pois foi assim que as encontrei nas fontes. Logo, não colocarei “sic” ao lado de alguns termos.

atuaram intensamente no futebol brasileiro em seu primórdio. Fosse nos ambientes escolares, sobretudo nos colégios Jesuítas, ou nos clubes sociais, invariavelmente ligados aos descendentes de ingleses, o futebol carregava consigo a imagem da exclusão e a marca burguesa. Esta, por sua vez, procurava se diferenciar através do elegante jogo de *foot-ball*.

E essa ligação burguesa com o futebol será analisada no presente capítulo, o qual abordará o início do futebol na cidade de Itajaí. Nesta cidade, não muito diferente de outros locais pelo Brasil, aquele esporte fora inicialmente praticado por jovens estudantes que, em virtude das boas condições financeiras de suas famílias, puderam obter contato com muitas novidades em centros mais desenvolvidos.

É inegável que o porto de Itajaí, no início do século XX, favoreceu a entrada constante de pessoas, a circularidade de idéias e a inserção de práticas e costumes trazidos de outros centros e incorporados ao cotidiano da cidade. O porto não era somente o principal canal de ligação com outras regiões, mas sim o único meio para estabelecer o contato com Brasil. Dentre as práticas e hábitos com que muitos itajaienses tiveram contato em outros locais e acabaram trazendo para sua terra natal, o futebol está incluído. Pois, foi pelo porto que muitos estudantes chegaram com a novidade após seus períodos de estudos em Florianópolis e no Rio de Janeiro.

Muitas sociedades são analisadas também pelo viés do esporte em geral, e em particular pelo futebol. Em Itajaí não foi diferente. O futebol nesta cidade não explicará todas as relações existentes, tampouco os laços sociais criados por afinidade, ou estratégia política. Entretanto, o presente trabalho tentará apresentar subsídios que revelam que o futebol foi utilizado para romper barreiras elitistas, de ter atuado como meio eficaz no sentido da sociabilidade operária e étnica, além de ter contribuído para a formação da identidade operária.

O final do século XIX revelou algumas mudanças no Brasil, principalmente com o advento da República. As cidades brasileiras conviviam com as novas tendências sociais, com os novos padrões comportamentais e com a nova atmosfera política. A nova ordem política criava o discurso de que o progresso era algo inerente ao regime republicano. O discurso da República foi disseminado e o cidadão foi inserido neste “progresso”. Porém, necessitar-se-ia não apenas compreender o novo momento, era fundamental que a sociedade suprimisse hábitos obsoletos e condutas que estavam em desarmonia com o século que surgira.

Assim, buscando constituir um país direcionado com a nova ordem política, era primordial que as pessoas acompanhassem o fluxo das transformações. Aspectos como a

ordenação republicana, o conceito de higiene, a nova conduta social comporiam o cenário para formação da “nova” sociedade. A Revolução Técnico-Científica, que já agitava a Europa, teve no Brasil a cidade do Rio de Janeiro como palco inicial da assimilação dessa nova tendência. *“O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima (...)”*¹³

O esporte teve uma relevância indelével no sentido de elevar os princípios que eram tidos como modernos. As grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, sentiram consubstancialmente os efeitos das inovações da modernidade. Exemplo disso são os bondes elétricos, a intensa circulação de automóveis, as avenidas largas (tomando o lugar das ruas estreitas), as mudanças na arquitetura da cidade, etc. Se as cidades passavam por reformulações, os seus habitantes precisavam estar em harmonia e seguindo também a mesma tendência. Neste sentido, o esporte foi preciso e possibilitou, mediante os valores embutidos no mesmo, difundir a idéia de competitividade, força, robustez, solidariedade e, principalmente, disciplina. Princípios estes que estavam na essência do esporte disseminado pelas nações do mundo moderno, principalmente aquelas que, via de regra, ditavam as normas e interferiam nas demais nações. O esporte era, na virada do século, um meio para determinado fim. Para Sevcenko a “civilização esportiva” não *“deve ser entendida como se referindo exclusivamente à prática generalizada de diferentes modalidades de esporte, mas à generalização de uma ética do ativismo, a idéia de que é na ação e, portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano (...)”*¹⁴

A economia cada vez mais capitalista e o processo de industrialização fremente descortinavam assim o século XX, repleto de alterações significativas. O Brasil, que estava sendo inserido neste novo contexto social, político, econômico e também cultural, necessitaria romper com algumas tradições deveras atrasadas e não compatíveis com o mundo “Moderno”. O corpo passaria a ganhar atenção especial, pois a disciplina e as tradições que o esporte difundia representariam, dependendo do modo pelo qual era assimilado, o triunfo ou o fracasso do país.

¹³ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A.(Coordenador geral); SEVCENKO, Nicolau (Org. do volume). *História da vida privada – República: da belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 522.

¹⁴ *Idem*. pp. 568-69.

No Brasil, os esportes passam a ganhar um sentido voltado mais para o desenvolvimento do corpo e da mente a partir do último quartel do século XIX, pois até então as pessoas se dedicavam a lúdicos e desprezíveis passatempos, como brigas de galos e corridas de cachorros. O remo e o turfe foram os esportes que gozaram de certo destaque a partir da segunda metade do século XIX. O esporte náutico era o símbolo das mudanças, era o sinônimo do novo. Segundo Victor A. de Mello, o remo passou a atrair o gosto da sociedade quando motivado por alguns fatores, como: a preferência em habitar a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, em virtude da sua proximidade com o mar; dos novos preceitos ligados à saúde e à disciplina, e a reforma urbana. Para Mello, o remo era considerado “*o esporte do exercício físico, termo-chave sempre usado pelos que defendiam e propagavam as benesses dessa prática. O remo é o esporte da saúde; do desafio, contra o outro e contra o mar (...); o esporte da velocidade; do progresso, do limpo e do belo, da vida e da ordem (...)*”¹⁵

Tanto o remo, quanto o turfe alcançaram o ápice, porém decaindo posteriormente; diferentemente de outro esporte que há muito tempo já era praticado em países da Europa, sobretudo, no Reino Unido, chamado *Foot-ball*. É salutar destacar que quando mencionamos o futebol como originário da Grã Bretanha, a referência é deste esporte nos moldes que o conhecemos nos dias de hoje; com suas regras, com a quantidade de jogadores, com a participação do *referee*¹⁶ e como a introdução de equipamentos que passaram a integrá-lo.

Alguns autores defendem a idéia de que o futebol, ou algo semelhante a tal esporte, já era praticado em épocas bem mais longínquas e em locais bem diferentes da Inglaterra ou Escócia. Tais defensores acreditam na tese de que um esporte como as características futebolísticas já era, há muito tempo, disseminado na China, Egito, Grécia, Roma, chegando, inclusive, na América Pré-Colombiana.¹⁷

¹⁵ MELLO, Victor Andrade. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001, p. 72. (grifo no original).

¹⁶ O *referee* - para a língua portuguesa, árbitro.

¹⁷ Na China “*o imperador Huang-Ti publicou um livro que regulamentava um jogo, praticado há 2.500 A.C. no treinamento militar de seus soldados (...)*” BORSARI, José Roberto. *Futebol de campo*. São Paulo: EPU, 1989, p.11. O futebol chegou também no mundo helênico, onde os “*gregos, no ano de 776 A.C. já conheciam um jogo de bola, o “epyskiros”, que integrava o programa da educação atlética da juventude (...)*” *Idem*. p. 11. Da Grécia o futebol atingiu os romanos. Estes passaram a praticar também aquele esporte, agora, com a variação lingüística, passara a se chamar “*harpastum*”. O contato com outros territórios levou o *harpastum* à França, que ganhou o nome de *soule*, que era praticado tanto pela nobreza, quanto nas manifestações populares. No Renascimento esta espécie de “futebol primitivo” chegou a Florença, possivelmente trazido por mercadores. A disputa ocorria em uma praça e ganhou o nome de “*Cálcio*.” E “*(...) longe de Florença, nos jardins do Vaticano, os papas Clemente VII, Leão IX e Urbano VII costumavam arregaçar as batinas para jogar o cálculo.*” GALEANO, Eduardo. op. cit. p. 26. E havia também uma prática semelhante na América, pois no “*século XVI (...)* Herrera e Tordesillas, historiador espanhol, escreve sobre uma bola de

No século XIX, tanto na Inglaterra como na Escócia, o futebol ganhou incentivo nos colégios e universidades com o propósito inicial de ser uma atividade física que proporcionasse o enrijecimento do corpo. Com o decorrer dos anos, o futebol foi cativando cada vez mais adeptos e o que era praticado tão somente como passatempo naquelas instituições de ensino, passara a ter horários definidos e campeonatos programados. Muito embora ainda bem distante da organização que o futebol veio a obter a partir da segunda metade do século XIX. Sem contar com estrutura adequada e, muitas vezes, sem campo de jogo, as disputas eram realizadas nos pátios das instituições de ensino. Os times jogavam com quantidade de atletas que variavam de 10 até 20 em cada lado, sendo que o objetivo era fazer a bola passar pelos arcos – que caracterizavam a arquitetura dos colégios - os quais eram transformados em gols. O responsável pela árdua missão de impedir que a bola ultrapassasse o arco passou a ser chamado de arqueiro.¹⁸

Dos círculos escolares, o futebol ganhou impulso também entre a burguesia e o operariado Inglês. O futebol se apresentava como o esporte moderno e que reunia dois fatores fundamentais no sentido de inserir hábitos que a virada do século propagava. De um lado, a sua capacidade de aprimoramento físico; de outro, tratava-se da atividade ideal para preparar o homem para as constantes mudanças que a Inglaterra em particular presenciava. A vertente disciplinadora fora explorada pela burguesia como algo benéfico, no sentido de articular propostas que colocassem os homens, ou melhor, o operariado, em uma rotina que os desarticulasse politicamente e os direcionasse para as atividades laborais.¹⁹ Contudo, a classe operária também assimilou, ao seu modo, a dinâmica do futebol e, contrariando interesses alheios, atribuiu significados, valores, signos e visão do seu mundo àquele esporte. Fazendo

borracha extraída das árvores, com a qual os índios jogavam. MILLS, Jonh Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro.* São Paulo: Panda Books, 2005, p. 29.

¹⁸ Até os dias atuais o termo arqueiro é utilizado pela crônica esportiva quando a mesma deseja fazer referência ao goleiro.

¹⁹ Dentre as medidas adotadas pela burguesia industrial, há o controle do tempo, através do relógio. Ou seja, o controle da produção. O trabalho humano passou a ser materializado pela fiscalização do tempo. Na Idade Média o controle do tempo era missão da Igreja, pois havia a idéia de que o tempo era propriedade de Deus. Em virtude das alterações econômicas na Europa o tempo passa a ser “aliado”, inicialmente, dos camponeses e artesões, para depois atingir o modo de produção industrial. Neste ponto, o operário não poderia ter conhecimento das horas e seu tempo era racionalizado de modo que o mesmo direcionasse sua capacidade laboral para a produção. A questão do tempo foi ao longo dos séculos adquirindo novos significados, deixando de ser tão somente questão religiosa para se transformar em componente de produtividade – através do qual se mensurava o índice de “qualidade” do operário. Após determinar o período do trabalho foi, na época do Capitalismo Industrial, estabelecido o tempo do lazer. Este não mais seria determinado pelo homem – como o era em períodos anteriores -, mas sim seria uma etapa existente no novo modo de produção. Sobre o controle do tempo ver o capítulo 6 - Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial de THOMPSON, Eduard Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

do futebol, já na década de 1860, na Inglaterra, uma prática que circulava pelas várias esferas sociais. Se entre os acadêmicos e os clubes sociais ele era jogado, mas conservando ainda o seu caráter elitista, assim que o futebol atingiu o segmento operário ele pôde romper barreira, não somente sociais, mas também as étnicas e classistas.

O futebol foi inserido no circuito das alterações sociais e industriais da Modernidade na segunda metade do século XIX, que procurou adaptar o homem ao complexo conjunto de aparatos científicos e disciplinares que o processo industrial exigia. Os avanços tecnológicos necessitariam dotar o homem com disciplina, habilidade, coordenação e reflexo. E para obtenção destas “qualidades”, a educação física e a prática do esporte passaram a compor a vida do cidadão, que teria em seu “aprimoramento” físico um atrativo para a fremente rotina das metrópoles (industrializadas). Nesta agitação intensa das grandes cidades, o futebol ganhava muito espaço e adeptos, sobretudo junto à classe operária que, simbolicamente, se sentia representada pelas cores de uma ou outra equipe. “Assim, num curtíssimo intervalo de tempo, o futebol conquistou por completo toda a população trabalhadora inglesa e, em breve conquistaria o mundo inteiro (...)”²⁰

Na Inglaterra, o apreço, a popularização e as manifestações culturais em torno do futebol eram mais destacados justamente nas cidades com maior contingente operário. Segundo Hobsbawm,

“(...) O modelo da cultura do futebol, entretanto, era o mesmo em todos os lugares – com um pouco mais ou um pouco menos de emoção, era um modelo nacional, ou para ser mais preciso, um modelo de nação proletária, visto que o mapa da federação de futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial.”²¹

No que diz respeito ao início do futebol no Brasil, ele ainda é causador de algumas divergências. Alguns historiadores e pesquisadores do tema afirmam que o futebol começou a ser jogado em solo brasileiro já na década de 1860, no *Colégio São Luis*, em Itu,²² e posteriormente, em outras instituições de ensino, como no *Colégio Anchieta* e no *Colégio Dom Pedro II*, ambos no estado do Rio de Janeiro.²³

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. Revista de USP. *Dossiê futebol*. São Paulo, n 22, 1994, p. 33.

²¹ HOBBSAWN, Eric. *Mundos do trabalho*. Novos estudos sobre História Operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 285.

²² O *Colégio São Luis* foi fundado no ano de 1867, em Itu, no interior do estado de São Paulo. No ano de 1918 ele é transferido para a Capital, São Paulo, em virtude de uma epidemia de febre amarela em Itú.

²³ No Rio de Janeiro, no *Colégio Anchieta*, antes mesmo de algumas grandes cidades perceberem a fundação de clubes de futebol, já havia a manifestação da prática futebolística. O periódico do Colégio publicava a

Por outro lado, há opiniões que atribuem a Charles Miller o feito de ter introduzido no Brasil o esporte bretão. Que após dez anos de estudos em Southampton, na Inglaterra, onde inclusive obteve considerável destaque com a bola nos pés, Miller regressa à sua terra natal e na bagagem traz consigo, além de pertences pessoais, alguns materiais importantes para a sua missão. Eis os itens:

Um livro de regras da *Association Football*, adquirido numa loja de material esportivo em Southampton; uma camisa da equipe da *Banister Court School* e outra do *St. Marys*, que ele defendeu com bravura e elegância; duas bolas de futebol de capotão fabricadas pela empresa Frank Sugg de Liverpool, que tinham um significado muito especial para ele – com uma delas tinha jogado pelo Condado de Hampshire e com o Condado de Sussex; um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas.²⁴

Ao desembarcar no Porto de Santos e regressando para a cidade de São Paulo, Charles Miller ficou surpreso ao saber que os jovens da paulicéia desconheciam o *football*. Tratou logo de disseminar tal esporte, porém não entre as camadas menos favorecidas economicamente, mas sim, entre os ingleses e seus descendentes na cidade de São Paulo. Ou seja, entre as pessoas da mesma classe social de Miller. Com as nomenclaturas inusitadas - preservando os termos em inglês - e com as características pouco usuais entre os jovens aqui no Brasil, o *football* chegava a solo brasileiro ainda sob os olhares desconfiados.

Durante alguns anos o esporte bretão permaneceu sendo praticado em alguns clubes sociais e por funcionários de empresas britânicas, que haviam criado os seus times como forma de ocupar o tempo disponível aos sábados à tarde. Isto ocorreu inicialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nesta cidade, na virada do século, o *São Paulo Athletic Club* (SPAC), mais precisamente no ano de 1897, introduz o futebol como prática esportiva aos seus associados.²⁵ Os funcionários, em sua imensa maioria ingleses da *Companhia de Gás*, da

seguinte matéria: “O jogo de <<fott-ball>> continua com muita animação na Divisão dos Maiores. Nos dias aprazados reúnem-se os dois <<teams>> para o <<match>> anunciado. Difficilmente se poderão avaliar os frutos colhidos nestes nossos divertimentos, quer no que diz respeito á disciplina e bom espírito, que reina entre os colegiaes, quer no tocante á saúde dos alumnos.” Revista *Aurora Collegial*, 2 de novembro de 1905, p. 2. Acervo do autor.

²⁴ MILLS. op. cit. p. 45.

²⁵ O *São Paulo Athletic Club* foi fundado no ano de 1888, mais precisamente no dia em que a Lei Áurea foi assinada. Ficou conhecido entre a população da cidade de São Paulo (sobretudo para as pessoas nascidas no Brasil), como clube Inglês, referência clara à predominância de ingleses e de seus descendentes que faziam parte da associação. Nos dias atuais o clube se chama *Clube Atlético São Paulo*. Mais detalhes sobre o assunto ver em: MILLS. op. cit.

São Paulo Railway e do *Banco de Londres* também passaram a jogar o futebol nas associações.²⁶

A primeira manifestação do futebol, para além dos espaços mencionados anteriormente, ocorreu na cidade de São Paulo no ano de 1899, quando a equipe do jovem Hans Nobiling desafiou os garotos do *Mackenzie College*. Este teria sido o primeiro jogo entre times realizado no Brasil. Há quem diga, inclusive, que se Charles Miller foi o introdutor do futebol no Brasil, coube, por outro lado, a Nobiling ser o socializador do esporte. Pois, no desejo de jogar o esporte bretão e não conseguindo êxito, uma vez que os seus praticantes eram ou do *SPAC* (restrito aos ingleses) ou das Companhias que atuavam na cidade de São Paulo – as quais só admitiam que os seus próprios funcionários jogassem o futebol –, diante deste quadro, Hans Nobiling, recém chegado da Alemanha onde concluíra os estudos e também obteve contato com o futebol, criou a sua própria equipe. Era o *Hans Nobiling Team*²⁷. Esta equipe, no mesmo ano de sua fundação, em virtude de alguns desentendimentos, foi extinta e alguns membros criaram o *Internacional* e os demais, inclusive Nobiling, deram vida ao *Germânia*, que mais tarde trocava o seu nome para *Esporte Clube Pinheiro*, o qual permanece em plena atividade.²⁸

No início do século XX, já era perceptível, em algumas cidades brasileiras, o jogo bretão para além dos espaços restritos dos clubes sociais.²⁹ Porém, era nestes locais que

²⁶ Ver também em: CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociológicos do futebol brasileiro. In: Revista USP. *Dossiê futebol*. São Paulo, n 22, 1994.

²⁷ É necessário esclarecer que, erroneamente, alguns historiadores e demais pesquisadores que tratam de futebol denominam o time de Hans Nobiling como sendo o time da Companhia Nobiling. É importante destacar que não há qualquer registro de empresa que tenha atuado na cidade de São Paulo no final do século XIX com o nome de Companhia Nobiling. Quando mencionei anteriormente que o jogo entre o *Hans Nobiling Team* e o *Mackenzie* *teria* sido o primeiro jogo entre times realizado no Brasil ao invés de “foi o primeiro jogo...” é porque sobre o mesmo também reside divergência. MILLS. op. cit. afirma que: “Realizado na histórica data de 5 de março de 1889, Mackenzie College contra Hans Nobiling foi o primeiro jogo disputado entre clubes no Brasil, e terminou num empate sem gols (...)” Por outro lado, CALDAS. op. cit. p. 42, trás a seguinte passagem: “(...) O primeiro grande jogo foi realizado em São Paulo, em 1889, na presença de 60 torcedores. Um acontecimento singular. Os adversários eram um time de funcionários da Empresa Nobiling, contra os ingleses da Companhia de Gás, da São Paulo Railway e do Banco de Londres. O resultado final era previsível: 1 x 0 para os ingleses.”

²⁸ Conforme já mencionei, no início do capítulo, o futebol inicialmente no Brasil carregava consigo valores burgueses e significado disciplinador, por isso muitos dos seus praticantes eram oriundos de colégios. E essa relação será percebida também na cidade de Itajaí.

²⁹ No Rio de Janeiro, por exemplo, o *Fluminense* e o *Botafogo* fundados, respectivamente, em 1902 e 1903. Ver mais detalhes em: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Em São Paulo o futebol também já era realidade na virada do século XIX para o XX. Em Florianópolis o futebol já era praticado também nos primeiros anos do século XX, tanto dentro das instituições escolares como fora delas. Ver ROSA, André Luiz. *Da modernidade à Fundação do Avahy Foot-Ball Club: A relação do clube com a sociedade de Florianópolis na década de 1920*. Monografia (curso de História). Faculdade de Educação – Universidade do Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2003.

permaneciam o conservadorismo do futebol e a sua imagem de esporte elitista e disputado por pessoas de considerável destaque na sociedade. Abrir as portas para a prática indiscriminada do futebol poderia representar o declínio de status e uma uniformização de práticas sociais e esportivas e que colocariam em condições semelhantes pessoas de posições sociais diferentes. Mais do que um esporte praticado por famílias ricas e de boa colocação profissional, o futebol era um distintivo social e como tal deveria preservar os seus valores, mesmo que pela via da exclusão.

Embora existisse a exclusão e o impedimento do ingresso do negro, do operário, do analfabeto e do pobre nos clubes sofisticados – comandados pela burguesia -, isto, entretanto, não foi possível proibir que estes segmentos incorporassem também a prática futebolística ao seu modo e, desta forma, contribuindo para a popularização do esporte bretão no Brasil. O futebol passou a ganhar as ruas, as praças e os terrenos baldios das grandes cidades brasileiras. Os jogos eram então realizados em qualquer horário do dia e em todos os dias da semana. A improvisação caracterizou algumas peladas no início do século XX, pois, sem poder contar, muitas vezes, com toda a estrutura necessária para realizar uma partida de futebol, uma trave poderia ser facilmente substituída por pedras ou pedaços de madeira. A improvisação era o símbolo do antagonismo existente no futebol da época. Em São Paulo, por exemplo, enquanto os membros da burguesia jogavam o esporte bretão em seus clubes sociais e desfrutando de estrutura favorável; “*do outro lado da pirâmide futebolístico-social estavam os times “populares” (...) O futebol tornara-se popular em várias áreas da cidade. De início era jogado nas margens dos rios Tamanduateí e Tietê (...)*”³⁰

Foi também no começo do século passado que o operariado incorporou o futebol ao seu cotidiano.³¹ E, o que era simples diversão se transformou, com o decorrer do tempo, em outra realidade, pois o futebol passou a ser para o trabalhador mais do que um simples passatempo. Configurou-se no caminho eficaz à sociabilidade e interação do operariado, além de se tornar profissão. Contudo, até ser reconhecido pelos clubes burgueses como atletas qualificados, os operários precisaram travar uma disputa que perpassava os limites do campo

³⁰ NETO, José Moraes dos Santos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naif, 2002, p. 49.

³¹ Dentre os casos mais destacados que revelam tal aproximação temos o exemplo do *The Bangu Athlétic Club*, criado em 1904 na fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial, que desde o ano de sua fundação já contava com operários em seus quadros. Ver: LOPES, José Sérgio Leite. Futebol ‘mestiço’: história de sucessos e contradições. In: *Ciência Hoje*, vol.24 num.139, jun.1998, Rio de Janeiro: SBPC. Em São Paulo houve também o envolvimento de trabalhadores com o futebol no início do século XX, como na fábrica de tecidos Votorantin, em 1902, e, em 1909 os operários do Cotonifício Crespi jogavam futebol no *Crespi F.C.* ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. In: *Revista USP – Dossiê Futebol*, n 22 - junho – agosto 1994.

de jogo. O preconceito era explícito também nos documentos dos clubes e das ligas, que impediam o ingresso de pessoas que não integravam o mesmo nível social dos membros dos clubes elitistas. O *Botafogo*, por exemplo, clube da elite do Rio de Janeiro, no início do século XX cobrava 10\$000 de jória dos novos sócios e uma mensalidade de 5\$000. O clube ainda definia diretamente, em seus estatutos, que um dos requisitos para a aceitação de novos sócios seria o de “(...) *não ser nem ter sido profissional de qualquer serviço braçal – sendo necessária a menção, na proposta de ingresso no club uma explicação sobre o lugar que ocupa no emprego.*”³²

Os valores acima se referem ao que fora estipulado em reunião do clube no ano de 1905 e tais cifras impediam (esse era o propósito) a entrada dos homens simples. Neste período o salário de um operário numa indústria têxtil na grande São Paulo era de 170\$000 réis mensais. Considerando as despesas com aluguel de casa, alimentação e gêneros de primeira necessidade, etc., totalizariam aproximadamente 185\$000 réis. Já na cidade do Rio de Janeiro, em 1913, por exemplo, uma família com quatro pessoas, considerando que todas tivessem emprego, seus salários totalizariam a quantia de 198\$000 réis mensais; porém, os gastos eram de 210\$000 réis.³³ O fator econômico foi, sem dúvida, um obstáculo colocado propositalmente com o intuito de selecionar os integrantes dos clubes e os praticantes do nobre *football*.

Se o início do século foi marcado pela difusão do futebol entre as diversas camadas sociais, marcou também o período em que se intensificou o desejo da elite em manter o esporte bretão restrito aos sofisticados espaços sociais freqüentado por pessoas “distintas”. Inúmeras tentativas foram feitas pelos clubes e pelas ligas no sentido de impedir o nivelamento das condições (ao menos no que se refere ao futebol) e da legitimidade do jogo disputado pela elite e daqueles realizados pelos demais segmentos sociais.

Não obstante às dificuldades encontradas pelos trabalhadores nas cidades brasileiras, as organizações operárias passaram a ser uma necessidade - face às adversidades vivenciadas pelo trabalhador – e a materialização da própria experiência adquirida por aqueles atores

³² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 63. A obra deste autor é fundamental para compreendermos as barreiras impostas pela elite no sentido de impedir o ingresso de outras camadas sociais em alguns clubes. Muitos clubes e a própria Liga de Futebol traziam em seus documentos o ensejo de evitar o contato dos homens nobres com os operários. Documentos estes que o autor pesquisou e mencionou em sua obra.

³³ Para saber mais sobre estes exemplos, bem como a respeito da condição do trabalhador nos primeiros anos do século XX, consultar as seguintes obras: CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil (1877 – 1944)*. São Paulo: Difel, 1984. PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. *A classe operária no Brasil (1889 – 1930)* V. 1 – Documentos: o movimento operário. São Paulo: Editora ALFA – OMEGA, 1979.

sociais. Assim, no início do século XX, verificou-se o aumento na quantidade de entidades beneficentes, das manifestações de classe, de clubes e de associações operárias. Muitas fábricas criaram clubes de futebol e a popularização deste esporte foi inevitável. Se a virada do século trouxe consigo os avanços industriais e a alteração na vida do trabalhador - em virtude da disciplina da vida moderna provocada pelo “modo de produção” -, por outro lado, evidenciou a capacidade e as possibilidades de organização do trabalhador.

Em Itajaí, assim como no futebol, as participações nos clubes sociais receberam primeiramente o contato das famílias de destaque econômico e social. O operário e o negro permaneceram alheios àqueles círculos, tendo encontrado respaldo em suas próprias manifestações – resultantes de suas experiências – para que conseguissem conquistar o seu espaço, não somente no campo social, mas também no esportivo. E, serão as manifestações operárias na cidade de Itajaí, sobretudo a organização dos trabalhadores em entidades beneficentes e esportivas, que analisaremos doravante.



O time do *Bangu*, em maio de 1905, antes do jogo contra a equipe do *Fluminense*, no campo que ficava anexo à fábrica. Na última fila (sempre da esquerda para a direita): José Villas Boas (presidente), Frederick Jaques (nascido na Inglaterra, era goleiro da equipe e na fábrica atuava como Mestre gravador) e João Ferrer (Presidente Honorário); na fila do meio: César Bochiellini (italiano), Francisco de Barros (português, era porteiro da fábrica), John Stark (inglês), Dante Delocco (italiano) e Justino Fortes (português); primeira fila: Segundo Maffeu (italiano), Thomas Hellowel (inglês), Francisco Carregal, quem segura a bola (brasileiro, filho de pai, branco, português e a mãe negra, brasileira. Francisco era tecelão na fábrica), William Procter (inglês, mestre eletrcista) e James Hertley (também inglês). Paulatinamente o Bangu foi abrindo espaço na equipe para outros operários brasileiros. O Bangu é considerado o primeiro time de futebol no Brasil a incluir negros em seus quadros. O pioneirismo nessa inclusão social foi reconhecido em novembro de 2001, quando a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) concedeu ao Bangu a Medalha Tiradentes. Esta condecoração é destinada a premiar pessoas e entidades que tenham prestado relevantes serviços à causa pública do Estado do Rio de Janeiro. Acervo do autor.

1.2 A VIDA SOCIAL EM ITAJAÍ NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Na primeira década do século XX, Itajaí, cidade localizada ao norte de Santa Catarina, contava com cerca de 10.000 habitantes.³⁴ De colonização açoriana, entretanto, de fortíssimo vínculo com famílias alemãs, espanholas, gregas, italianas, etc., que chegavam por intermédio do porto e por aqui se estabeleciam. Era, à época, uma cidade pequena e sem maiores novidades e que percebia, desde o final do século XIX, uma movimentação que lhe dava características diferentes de outras cidades do mesmo patamar. Tal agitação era propiciada pela atividade portuária que, naquele tempo (e assim permanece até os dias atuais), era responsável pelo estímulo às outras atividades que se desenvolveram na cidade.



Largo da Matriz, no ano de 1900. O local é entre a igreja e o cais do porto. A rua frontal da Igreja é a Lauro Müller e, a rua lateral, a Hercílio Luz. O local em que está a igreja (foto) foi o espaço onde foi erguida, no ano de 1823, a primeira capela de Itajaí, feita com materiais rudimentares e à base de barro. No mesmo local, dez anos depois, foi construída então a Igreja Matriz da cidade. A mesma, ao longo da história, passou por algumas reformas até deixar de ser Matriz, no ano de 1955, quando então fora construído o novo edifício religioso. Fonte: Arquivo Público de Itajaí - A.P.I.

³⁴ No ano de 1900 a população era de 9.745 habitantes; em 1905, 11.462; e em 1910, 13.483. *Fundo - Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí*. Fundação Genésio de Miranda Lins – Arquivo Público Municipal de Itajaí.

Além de contar com o porto, Itajaí estava próxima da Capital do estado, Florianópolis, e de cidades importantes como Blumenau e Joinville. Sendo estas cidades procuradas pela população de Itajaí quando necessitava de algum recurso de que o município ainda não estava provido. Sobretudo o serviço médico e escolar. Entretanto, há que se ressaltar de que, naquela época, ter a possibilidade de recorrer ao serviço de saúde mais “adiantado”, bem como incluir o membro da família nos círculos educacionais mais renomados do estado, era necessário uma boa condição financeira, privilégio este que apenas uma pequena parcela da população de Itajaí podia desfrutar.

Além da atividade portuária, Itajaí possuía também o comércio local, que contribuía sobremaneira para a movimentação tanto econômica, quando de pessoas na cidade. Invariavelmente o comércio, ligado às famílias tradicionais da cidade, estava localizado na Rua Lauro Müller ³⁵ (na margem do rio) e que a cada chegada de navio percebia uma intensa agitação nos estabelecimentos, quer fosse à procura de algum alimento - a fim de continuar a viagem - ou em busca de uma roupa, um presente, jornal ou qualquer outro acessório que o comércio oferecia.

Itajaí, assim como boa parte das cidades catarinenses, sentiria os avanços da modernidade de maneira gradual. A iluminação, por exemplo, era feita com lampiões a querosene, os quais eram colocados estrategicamente em alguns pontos da cidade e acessos assim que o sol dava sinal de desaparecer no horizonte. A tarefa de “ativar” a iluminação, segundo Juventino Linhares, cabia aos irmãos Paulo e Sabino Rola “*que saíam (...), levando cada qual a sua escada e uma lata com combustível que era despejado no devido recipiente na quantidade precisa para manter a escassa e bruxuleante claridade até as 22 horas, quando começava a extinguir-se (...)*” ³⁶

Além dos navios que diariamente seguiam para Florianópolis, a chegada ou a partida das embarcações se transformava em um frenético trânsito de pessoas pelos arredores do cais, quer fosse para se despedir ou para aguardar o regresso de alguém. O porto era o local de

³⁵ Era conhecida também como a Rua da Praia. Na época do Império passou a ser chamar Rua Cond'Eu, e nos primeiros anos de 1900 a rua foi rebatizada de Lauro Müller.

³⁶ LINHARES, Juventino. *O que a memória guardou*. Itajaí: Editora da Univalli, 1997, p. 30. Linhares nasceu em 1896 e foi proprietário dos jornais *O Comércio* e o *O Pharol*. Este, adquirido em 1924 e fechado em 1936, durante o governo de Getúlio Vargas, por defender idéias Integralistas. A sua obra é uma compilação dos artigos e crônicas (que propunha contar um pouco de sua vida na cidade através de sua lembrança) que escreveu para o Jornal *O Popular*, entre os anos de 1958 a 1960. Faleceu em 1968. A obra de Linhares é em sua plenitude a lembrança de quem viveu no período relatado. Não é possível cotejar muitas informações trazidas pelo autor com outras fontes literárias ou até mesmo com os periódicos que circulavam na cidade, pois além de Linhares não trazer em sua obra qualquer noticiário de jornais, estes também não mencionam muitas das informações trazidas pelo autor.

maior circulação de pessoas. Outra cidade que contava com viagens freqüentes era Blumenau. Para esta cidade, diariamente, partiam do porto de Itajaí os vapores “Progresso” e “Blumenau”, que contavam ainda com sistema de rodas laterais.

Tendo o porto e o comércio como concentradores de mão-de-obra, outra atividade que empregava um considerável contingente trabalhador era o setor madeireiro. A madeira, que durante as primeiras cinco décadas do século XX foi a mercadoria que o porto de Itajaí mais exportou, impulsionou, sem dúvida, o aumento da mão de obra no serviço de estiva. Tal mercadoria, proveniente do planalto catarinense, saía de Itajaí para várias cidades brasileiras e sul-americanas. As principais casas exportadoras eram aquelas ligadas às famílias Konder, Bauer, Asseburg, Malburg, etc. O valor desta mercadoria, dependendo da qualidade, variava entre 15 e 18 mil réis a dúzia da tabua.³⁷



Companhia Asseburg, 1907. Felix Busso Asseburg era proprietário também de uma Casa Exportadora e de alguns navios. A Madeireira ficava nas proximidades do porto. Fonte A. P. I.

Na pequena Itajaí, onde o dia parecia interminável caso algum navio não atracasse em seu porto proporcionando a alteração na rotina da cidade, os encontros e as conversas

³⁷ *Idem.* p. 7.

também tinham o seu local determinado. O bate-papo descontraído, os debates sobre a política, o porto e a cidade aconteciam, principalmente, na farmácia do senhor Cruz Coutinho, situada à Rua Lauro Müller. No fim de tarde, era comum encontrar políticos, delegado, trabalhadores e comerciantes³⁸ falando de tudo um pouco e ao mesmo tempo direcionando o olhar atento para o rio, a fim de observar a chegada das embarcações. E, a cada vapor que adentrava aquelas “conferências” se prolongavam. O porto era a entrada e saída de pessoas, idéias e mercadorias. Local de circulação efêmera e de paradas transitórias ou permanentes. Diversos idiomas foram falados no porto, várias nacionalidades criaram ramificações e a cidade era favorecida por essa circularidade que, rotineiramente, movimentava Itajaí.

Em que pese Itajaí ser uma cidade pequena e com aspecto de província, havia, desde a virada do século, ambientes sociais restritos e que congregavam para o seu interior pessoas provenientes da elite local. Tais espaços eram os clubes *Guarani* e *Sociedade Estrela d’ Oriente*.

Algumas manifestações sociais voltadas à fundação de entidades já estavam ocorrendo na cidade. Além dos dois clubes citados anteriormente, ganhava vida na cidade também o *Clube Atiradores de Itajaí* e o *Grêmio Três de Maio*. Todas essas sociedades eram compostas por pessoas de famílias “ilustres” e que conquistavam também espaço no cenário político. A atenção especial aos clubes sociais e esportivos será dada no capítulo três. Por enquanto, é importante mencionar quais eram os grupos que compunham as referidas associações.

O *Clube Atiradores*, que foi fundado em abril de 1895, possuía membros da família Bauer, Müller, Heil, entre outros.³⁹ O *Grêmio Literário Três de Maio* teve como o seu primeiro presidente, no ano de 1900 (ano de sua fundação), o Superintendente Municipal Pedro Ferreira e Silva⁴⁰, além de contar na diretoria com Arno Konder e Tibúrcio de Freitas. Este, no ano de 1904, lançou o jornal *Novidades*, juntamente com Adolfo Konder. Já a *Sociedade Estrela d’ Oriente*, fundada no ano de 1897, contava, em Novembro de 1899, com

³⁸ Linhares relata que aquele estabelecimento comercial era característico por tal reunião de pessoas.

³⁹ Pedro Bauer era comerciante. A família Bauer possuía também firma de exportação e importação. Guilherme Müller foi construtor do Hospital Santa Beatriz e um dos fundadores da Escola Alemã. Atuou na política, sendo que, em 26 de julho de 1890, por ato do Governo Estadual, Guilherme Müller foi nomeado o primeiro Intendente Municipal republicano de Itajaí, empossado em 04 de agosto perante o Conselho Municipal. Já Gabriel Heil era proprietário do *Hotel do Commercio* (atual Grande Hotel de Itajaí).

⁴⁰ Pedro Ferreira e Silva era natural de Sant’Anna do Catu, na Bahia, onde nasceu em 1861. Chegou a Itajaí no ano de 1886 e na mesma cidade faleceu em 1911. Foi vereador, deputado federal, presidente da Câmara e superintendente municipal (prefeito) nos seguintes períodos: 1895 -1898; 1899 -1903 e de 1903 -1907. Faleceu em 1911, quando iniciava o seu quarto mandato.

Samuel Heusi ⁴¹ (presidente), João Guedes da Fonseca (Diretor), Arno Konder (Tesoureiro), Alcebíades Seara (1º Secretário), entre outros.

As famílias que participavam dos clubes sociais comandavam também o comércio local e muitas delas, aliás, estavam integradas na vida política de Itajaí. Tratava-se de membros da elite local que, atuando naqueles espaços (comercial, social e político), criavam estratégias para manterem seus status. Porém isto não impossibilitava plenamente o contato com outros segmentos sociais, principalmente com os trabalhadores na cidade de Itajaí. A aproximação entre operários e membros da chamada “elite” poderia ser a relação, muitas vezes necessária, para que os trabalhadores conseguissem obter determinados ganhos.



Sede da *Sociedade Guarany*, início do século XX. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - IHGSC

⁴¹ Samuel Heusi fez parte da vida política de Itajaí, começando no império e adentrando o período republicano. A saber: membro da câmara municipal, de 1883 a 1886 e de 1887 a 1890. Já na República foi vereador “eleito”, durante a Revolução Federalista, em novembro de 1892 e permaneceu até março de 1894. Neste ano a “ordem” foi restabelecida e ocorreram as eleições do Conselho Legalista. Nestas eleições Samuel Heusi continuou como vereador. No fim de 94 foi nomeado superintendente municipal, permanecendo neste cargo até abril do ano seguinte, quando se realizou a segunda eleição municipal Legalista. Voltou a ser eleito vereador nos seguintes mandatos: 1899 a 1903 e 1903 a 1907. Ocupou o cargo de superintendente em 1907, para o mandato até 1911 e depois de 1911 a 1915, para vereador novamente. No período de 1919 a 1923 seu filho, Marcos Gustavo Heusi, também integrou a câmara de Vereadores.

Dentre as instituições mencionadas acima, fundadas na virada do século XIX para o XX, apenas a *Sociedade Guarani* e o *Clube de Atiradores de Itajaí*⁴² permanecem em atividade. Estes clubes, no início do século, alteravam a rotina da cidade com seus bailes, seus saraus e domingueiras. Fazer parte do *Guarani* e da *Estrela d’Oriente* era sinal de distinção, pois os mesmos se caracterizaram por serem constituídos por membros das famílias influentes da cidade. O ingresso em tais espaços sociais poderia representar a entrada também no restrito cenário político de Itajaí. Para aqueles que não podiam integrar os circunscritos espaços elitistas, em face de sua condição econômica, tinham encontro marcado aos fins de semana na cervejaria do Kormann, que era uma “*ampla casa de madeira que tinha, nos fundos uma grande chácara onde, à sombra dos arvoredos, instalavam-se as mesas, sobe as quais eram servidos apetitosos churrascos, que custavam dois mil e quinhentos réis (...)*”⁴³

Foi na mesma cervejaria que ocorreu a primeira comemoração do Dia do Trabalhador, no ano de 1909. O evento foi destacado pela imprensa, que cedeu espaço para a seguinte nota:

CONVITE AOS OPERÁRIOS

Festa do Trabalho – 1 de MAIO

Para comemorar esta grandiosa data, consagrada a festa do trabalho, à Sociedade Operária Beneficente Itajahyense, convida sem distinção de classe, a todos operários desta cidade, a comparecerem no 1º de Maio, às 9 horas da manhã, no edifício social, afim de incorporados, percorrerem as principais ruas acompanhados da banda musical, seguindo logo após até a fábrica de cerveja do Sr. Alois Kormann, onde realizar-se-a um sumptuoso convescote, passando ali esse dia voltando-se à tarde, novamente incorporados (...)⁴⁴

Além daquela cervejaria, outros estabelecimentos comerciais também serviam como ponto de encontro da juventude da cidade. Mas, certamente o local que mais recebia os jovens nos fins de semana era a praça, a qual alterava toda a sua tranquilidade e o seu ar bucólico, quando tal local público era o espaço escolhido para a patuscada, a paquera e o *footing*. Com a Lei Municipal de 1908 – que proibiu o comércio de abrir aos domingos –, a praça passou a receber um contingente cada vez maior. Público este que o local já não comportava, ampliando, conseqüentemente o universo para as troças e a caminhada descompromissada daqueles que procuravam a região central da cidade para sua diversão. O espaço geográfico

⁴² Atualmente atua com outra denominação – *Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drumond*.

⁴³ LINHARES. op. cit. p. 42.

⁴⁴ Jornal *O Pharol*, Itajaí, 30 de abril de 1909.

foi ampliado e não se restringia somente à praça. Agora, as Ruas Lauro Müller e Hercílio Luz integravam o território destinado ao encontro, namoro e ao passeio; sendo o *footing* uma espécie de preparação para os bailes noturnos.



Rua Hercílio Luz, ano de 1906. Ao fundo (à esquerda) é possível perceber a parte superior da torre da Matriz. Fonte A.P.I.



Rua Lauro Müller, nos primeiros anos do século XX. Fonte – A.P.I.

Um dos primeiros sinais de progresso sentido na cidade foi a inauguração do serviço de água encanada, por volta do ano de 1909. Como tal progresso ainda não atingia a totalidade das residências, a Municipalidade construiu alguns chafarizes públicos com o propósito de atender aqueles que desejassem obter tal recurso natural de suma importância. Havia uma fonte próxima ao cais do porto, local que era muito freqüentado por marinheiros, passageiros dos navios, que ali atracavam rapidamente, pescadores e trabalhadores do porto. De local de abastecimento de água tornou-se também um espaço tradicional de encontro e conversa, e o assunto raramente não estava relacionado com o porto e sua movimentação.⁴⁵

Embora Itajaí, nos primeiros anos do século XX, contasse com um número reduzido de habitantes, havia, entretanto, algumas manifestações sociais na cidade. Além dos tradicionais clubes já mencionados anteriormente, havia também a estratégia operária no sentido de criar as suas próprias instituições. E, o resultado dessa estratégia foi o surgimento das primeiras instituições operárias que ocorreram em Itajaí.

1.3 O COTIDIANO OPERÁRIO E AS PRIMEIRAS ORGANIZAÇÕES DE CLASSE

O surgimento da primeira entidade operária pode ter sido uma ação dos trabalhadores em virtude de algumas adversidades com as quais se deparavam, sobretudo, no tocante ao salário. Naqueles anos, Segundo Linhares:

O estivador recebia geralmente três mil réis por dia, de dez e, às vezes, mais horas de trabalho. Em compensação, não gastava com o “rancho”⁴⁶ semanal, mais do que dez ou doze mil réis. O quilo de feijão era comprado a duzentos réis, querosene a 160 réis a garrafa, a carne seca a 400 e 600 réis o quilo, a carne verde a 400 réis, o arroz a 240 réis o quilo a farinha de mandioca a três e quatro mil réis o saco de 40 quilos (...)⁴⁷

Na passagem acima, quando autor menciona que, “em compensação, não gastava...”, deixa transparecer que o salário não era tão elevado, mas, em contrapartida os preços dos alimentos eram baixos, podendo assim, o estivador, manter-se razoavelmente. É salutar destacar novamente que os jornais deste período não reproduziam notas concernentes aos

⁴⁵ LINHARES. op. cit. p.68.

⁴⁶ Compra de mantimento para certo tempo.

⁴⁷ LINHARES. op. cit. pp. 11-12.

salários, custo de vida, ou manifestação operária por melhores condições. Aceitando os valores mencionados anteriormente no que tange a alimentação, o estivador gastava em média, adquirindo um quilo de carne seca e um de arroz (sem contar a farinha), 840 réis. Entretanto, esta cifra tendia a aumentar em até três vezes, caso o estivador fosse casado e ainda com filhos. Ademais, faltou acrescentar ainda o valor da moradia, pois, naquela época, o trabalhador, que desejasse viver com as mínimas condições numa habitação, não conseguiria um local por menos de 60 mil réis por mês.

Em outro cenário, desta vez na cidade de Santos, no ano de 1913, a situação da remuneração do trabalhador era divulgada no jornal da *Federação Operária*, que no periódico manifestava-se contra o baixo ordenado.

(...) os salários não passam de 1\$000 ou 2\$000 réis por dia, e onde se faz alarde de grandes salários de 3 ou 4 mil réis não pode viver, porque não chegam para atender a metade das despesas mais indispensáveis. E para provar basta dizer que o quilo de carne bovina é de 800 a 1\$000 réis e o pão 400 réis e uma habitação de 6 ou 9 metros quadrados, um cubículo se ar e sem luz, custa a brincadeira de 40 ou 50 mil réis mensais de aluguel (...)⁴⁸

A situação do trabalhador, no início do século XX no Brasil, estava muito próxima da miséria. Além de não ter uma habitação digna, seu ganho não propiciava uma alimentação adequada, tampouco a aquisição freqüente de roupas. Na cidade de Itajaí, ao que parece, o operariado tinha como alimentação básica a carne seca e o arroz. Possivelmente, com o salário que recebia eram somente estes itens possíveis para compra. Visualizar outras aquisições ou possibilitar a educação aos filhos era utópico. Diante de situações adversas e refletindo a experiência compartilhada dos trabalhadores a cidade de Itajaí se deparou com a fundação de algumas entidades operárias nos primeiros anos do século XX.

Assim, surgia ano de 1902, a *Sociedade Operária Beneficente Itajahyense (S.O.B.I.)*. Foi o marco inicial na tentativa de congregar os trabalhadores. Os poucos documentos existentes não apontam atuações consubstanciais desta organização. O que chama a atenção são as pessoas que integravam a *S.O.B.I.* A diretoria desta entidade possuía o período de dois anos de mandato e, como sabemos apenas o ano de sua fundação, 1902, a primeira diretoria estava assim constituída: João da Cruz e Silva – presidente, Romão Julião, João Jacob Heusi

⁴⁸ Jornal da Federação Operária de Santos, Janeiro de 1913. *Apud*: DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Indústria, trabalho e cotidiano*: Brasil, 1889 – 1930. São Paulo: Atual, 1991, p. 45. Ainda sobre o custo de vida e o salário do operariado consultar também HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo: Ed. Global, 1982; CARONE, Edgar. *op. cit*; PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. *op. cit*.

Sobrinho – 1º secretário, João Anselmo Teixeira, Moyses Zeferino Lopes, José dos Santos Castro e Francisco Olegário dos Santos. O que chama a atenção, nesta Beneficente, é o fato de ter dentre os seus diretores João Jacob Heusi Sobrinho⁴⁹, que, ao mesmo tempo em que exercia o mandato como dirigente da *S.O.B.I.* era também Delegado da Municipalidade. Eram freqüentes as publicações nos periódicos assinadas pelo Delegado.

Municipalidade de Itajahy

EDITAL

João Jacob Heusi Sobrinho faz publico saber que até ás onze horas da manhã de 31 do corrente mez, a superintendência municipal receberá proposta para o fornecimento dos materiaes e para a mão de obra com referencia á construcção de cões em frente á igreja matriz. No passo municipal serão dadas minuciosas informações aos interessados.

Paço Municipal, 1º de Outubro de 1903.

O Delegado Municipal João Jacob Heusi Sobrinho.⁵⁰

A participação do Delegado como membro da diretoria da *Beneficente Itajahyense* de imediato pode parecer dissonante. Surgem, então, alguns questionamentos, tais como: A aproximação entre Sociedade Operária e polícia não amenizaria o ímpeto às reivindicações dos trabalhadores? E o papel de delegado não era o de estabelecer a ordem e a harmonia na sociedade, evitando ao máximo os conflitos?

Analisando a relação acima, entre trabalhadores e polícia, os questionamentos procedem, evidentemente. Todavia, tais situações não impediram a participação do integrante policial na *S.O.B.I.* É possível também analisar este caso por outro foco: A participação do referido delegado poderia ser uma estratégia da *S.O.B.I.* no sentido de estar próxima das personalidades e pessoas públicas da cidade. Assim, quando algum conflito entre trabalhadores e patrões ocorresse e fosse necessário o envolvimento da polícia, a *Itajahyense* estaria “amparada”. Tal relação por si só não era garantia de decisão favorável aos operários, porém, o cenário de disputa não tenderia a ser plenamente favorável aos patrões. Além do mais, poderia se evitar, em virtude da relação com o delegado, que houvesse interferência policial mais incisiva contra a *Sociedade Itajahyense* e seus associados.

A hipótese acima é aceitável, uma vez que este não era o caso isolado de Itajaí. Pelo contrário, era comum tal aproximação entre sociedades beneficentes e pessoas públicas no intuito daquelas terem um canal e uma aproximação com estas. Adhemar Lourenço, em seu

⁴⁹ O referido Delegado era filho de Jacob Heusi (que também ocupou a função de vereador na última década do século XIX) e este era irmão de Samuel Heusi. Logo, o delegado era sobrinho de Samuel Heusi.

⁵⁰ *O Arauto*, Itajaí 11 de outubro de 1903.

trabalho sobre as Sociedades de Socorros Mútuos, aponta tal relação também no Rio Grande do Sul:

O custo de conceder honras a quem ocupa cargo público seria muito inferior à concessão a quem o disputa em eleições, aumentando a vantagem sobre os benefícios que o governante pode dispensar às mútuas. Não é à toa que a Liga Operária em Pelotas advertia, em ofício ao Intendente Municipal em 1912, que, embora demandasse certas medidas, não queria que, de suas demandas “surgissem maquiavelismos políticos”. Custos e benefícios parecem ter sido sopesados na relação que, também em Pelotas, a Sociedade Portuguesa de Beneficência mantinha com a Intendência Municipal. Retribuindo suas ‘finezas’ em 1921, nada cobraria pela internação hospitalar de uma sua “recomendada”, evidenciando que as ofertas amiúde feitas a cada governante oferecendo seus recursos eram às vezes utilizadas pelo poder público.⁵¹

Na cidade de Florianópolis, havia também o contato entre associações operárias e autoridades. Personalidades públicas aceitavam o convite para participar dos eventos realizados pela sociedade dos trabalhadores, que poderiam ser desde missa em memória de um sócio que havia falecido, participações em inaugurações e até mesmo na condição de associado.⁵²

Esta situação se aproxima bastante do caso encontrado em Itajaí, quando o delegado da Municipalidade integrara o quadro da *Sociedade Itajahyense*. Exemplos como o Rio Grande do Sul e de Florianópolis (em outras locais do Brasil certamente a mesma prática era adotada) reforça ainda mais a premissa de que, em Itajaí, o convite para aquela autoridade compor a associação se tratava de uma estratégia para que as disputas, que por ventura fossem realizadas no “campo do interesse”, pudessem também ser favoráveis aos trabalhadores. Por

⁵¹ SILVA JR, Adhemar Lourenço. *As Sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas – 1854 – 1940*. Tese de Doutorado PUC – RS. Porto Alegre, 2004. pp. 370-71.

⁵² “Esse parece ser o caso de João Cândio de Souza Siqueira, Tenente-Capitão, vinculado à Força Pública Municipal, que foi uma figura chave na formação e nos primeiros anos de atuação da União dos Trabalhadores. João Cândio era bastante engajado na política local através de sua participação no Partido Republicano Catarinense. Justamente em 1910, ano de fundação da União dos Trabalhadores, o PRC enfrentava um momento de crise interna, pois se dividia, com o surgimento de uma corrente, denominada “Junta Civilista”, encabeçada por Hercílio Luz e formada no intuito de apoiar a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República.” LEUCHTENBERGER, Rafaela. “O Lábaro protetor da classe operária”: As Associações voluntárias de socorros-mútuos dos trabalhadores em Florianópolis – Santa Catarina (1886-1932). Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP. Campinas/SP, 2009, p. 130. O referido Tenente Capitão aparece como presidente da Sociedade União Beneficente dos Trabalhadores de Florianópolis (conforme nota 71 deste capítulo) quando do manifesto desta entidade em apoio à greve realizada pelos portuários de Itajaí.

outro lado, as “autoridades” também possuíam seus interesses ao participarem das ações promovidas pelas entidades operárias.⁵³

Retornando ao cenário da *Itajahyense*, se na composição da diretoria era possível encontrar pessoas influentes da cidade, na base da entidade, se considerarmos os admitidos, estes estariam em harmonia com o nome da instituição. Em nota publicada no ano de 1904, percebemos o ingresso de novos membros - e estes com ofícios variados -, o que indica que a S.O.B.I. não se restringia somente a determinado segmento operário. “*Na sessão da assembléia geral extraordinária, de 21 do corrente, foram admitidos sócios contribuintes os cidadãos Edmundo da Souza Cunha, músico compositor, Jovino Euzébio da Silva, carpinteiro naval, e Eurico da Silva Fontes, curtidor.*”⁵⁴

O estatuto da *Sociedade Itajahyense* determinava que a mesma tivesse “*por fim auxiliar pecuniariamente os seus associados no caso de enfermidade, invalidez e amparar as famílias pelo falecimento dos chefes, fornecendo ou concorrendo com o funeral.*”⁵⁵

No ano de 1903, surgiu em Itajaí uma entidade denominada *Sociedade 13 de Maio*, que congregava descendentes de escravos. O nome da *Sociedade* era uma referência direta a data da formalização, por parte da Princesa Isabel, do fim da escravidão. Não há muita documentação sobre esta organização, porém trata-se de uma atitude de suma relevância para entendermos ainda mais que, desde o tempo do cativo, já existia uma articulação por parte dos escravos. A fundação da *Sociedade 13 de Maio* contribuiu para retirar a poeira existente sobre a pouca visibilidade dada à experiência dos negros de Itajaí no início do século XX. Não era uma associação operária, mas sim uma entidade étnica e conforme mencionou Linhares, “*a 13 de Maio congregava os homens de cor*”⁵⁶ (...)” Dentre as poucas notícias em jornais sobre a *13 de Maio*, há o convite para os festejos do seu terceiro aniversário de fundação. A nota continha o seguinte conteúdo:

⁵³ Em Florianópolis, por exemplo, “(...) *pode-se compreender a permanência de Heitor Blum no quadro associativo do Grêmio Instrutivo e Beneficente dos Empregados no Comércio e na Congregação de Marítimos e Pescadores, pois ele também era agente de companhias de navegação. O caso de Blum ilustra também outro conjunto de interesses que levavam esses sujeitos sociais a filiarem-se em entidades de trabalhadores – os eleitorais. Blum teve uma carreira política bastante estável, herdada de seu pai Cel. Emilio Blum. Heitor Blum assumiu cargos importantes, como o de promotor público, em 1910, da comarca de São Miguel (hoje município de Biguaçu), e da Palhoça, de onde saiu somente em 1913, por ter sido nomeado procurador-geral da república, em caráter interino, função que ocupou três vezes (1913, 1921 e 1924). Em 1914, foi oficial do gabinete de Felipe Schmidt e também nomeado diretor da Escola de Aprendizes Artífices da cidade. Foi Secretário do Interior e Justiça, no governo de Adolfo Konder e, em 1927, foi nomeado prefeito de Florianópolis, exercendo o mandato até 1930.*” *Idem*. p. 133-34.

⁵⁴ *Novidades*, Itajaí, 24 de julho de 1904.

⁵⁵ Resumo do Estatuto da *Sociedade Operaria Benecifente Itajahyense*, de 30 de março de 1908. Disponível no Cartório Heusi.

⁵⁶ LINHARES. op. cit. p. 60.

Sociedade 13 de Maio comemorou o 3º aniversário de sua instalação com os festejos projetados decorando com palmeiras, flores e arcos o salão; colocando no centro a bandeira nacional e pavilhão do Estado o retrato de D. Pedro 2º. À direita José do Patrocínio o invicto propagandista. Na véspera correu animadíssimo baile durou até madrugada; às 5 horas da tarde de 13 presidiu a secção o Sr. Manoel Miranda, a pedido do atual presidente Sr. Álvaro Machado dos Passos fazendo alocação referente à data, dando a palavra a diversos oradores; encerrada a secção sairão todos em marche “aux flambeaux” percorrendo diversas ruas com entusiastas vivas ao som da banda musical Estrela e foguetes a Uffa! É digna de louvor a maneira correta com que desempenharam essa função.⁵⁷

Entretanto, no que tange à entidade voltada aos trabalhadores, não tardou muito para que surgisse no universo operário local a *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*, que foi fundada em 15/11/1906 e reunia os trabalhadores da orla portuária, inclusive descendentes de escravos. “*Dentre eles, destacamos Silvério Joaquim Ramos, “tio Silvério” (ex-escravo) e Sebastião Lucas Pereira (filho de escravo), dentre outros.*”⁵⁸ A partir da fundação da *15 de Novembro*, não se verificou mais notas ou notícias sobre a *13 de Maio*. Esta situação pode indicar que esta sociedade se integrou com aquela associação operária. Ambas eram compostas por pessoas com fortíssimo vínculo com a escravidão, isto pode reforçar ainda mais a hipótese de que muitos integrantes da *13 de Maio* comporiam também a *15 de Novembro*.

O estatuto da Sociedade, por sua vez, só foi publicado dois anos após a sua criação:

Estatuto da S.B 15 de Novembro

Capítulo 1

Da sociedade e seus fins.

Art. 2º A Sociedade tem por fim:

Parágrafo 1º – Agremiar todas as pessoas que se ocupam ou venham a ocupar-se, nesta cidade, nos trabalhos de praça, portos, cargas e descarga de navios, mantendo entre ellas a maior harmonia possível.

§ 2º – Regular os horários dos trabalhos, estabelecer os respectivos salários.⁵⁹

Esta entidade visava a não somente regulamentar os salários e as jornadas de trabalho, havia também o auxílio mútuo entre os membros desta associação. O auxílio ao sócio enfermo ou outra forma de assistência caracterizaram as sociedades beneficentes desse

⁵⁷ O Pharol, Itajaí, 18 de maio de 1906. *Apud*. SILVA, José Bento Rosa da. *Nacionalidade e etnicidade no litoral do Atlântico Sul: Foz Do Itajaí – SC (1906)*. (PRELO). A partir de 1907 não se verifica mais notas em periódicos sobre manifestações da *13 de Maio*.

⁵⁸ SILVA, José Bento Rosa da. *Do porão ao convés: estivadores de Itajaí entre a memória e a História*. Recife: UFPE, 2001. (Tese de Doutorado, 286 p) p. 63. O autor apresenta a informação sem mencionar uma fonte primária.

⁵⁹ O Pharol, Itajaí, 18 de setembro de 1908.

período. Este lado mutualista da *15 de Novembro* foi levado ao conhecimento público por intermédio de seu estatuto.

Estatuto da S.B15 de Novembro

Capítulo 1

Da sociedade e seus fins

§ 3º - Auxiliar pecuniariamente os seus associados que necessitarem, quando enfermos temporariamente.

§ 4º - Conceder pensões aos seus associados quando enfermos ou inválidos, bem como, em caso de falecimento do sócio, às suas famílias.

§ 5º - Concorrer para o funeral dos seus associados.⁶⁰

A primeira diretoria estava constituída com os seguintes membros:

Presidente, Pedro Antônio Pereira (vulgo Pedro Fayal); Vice – presidente, Hermelino F. dos Santos; Primeiro Secretário, Manoel Antônio Souza; Tesoureiro, Antônio Alberto de Oliveira; Primeiro Procurador, Sebastião Lucas Pereira; Segundo Procurador, Manoel Olinas da Silva; Terceiro Procurador, Bento José de Amaral e Quarto Procurador, João Francisco Leite.⁶¹

O surgimento da *Sociedade Operária 15 de Novembro* ocorreu quatro anos após a fundação da *S.O.B.I.* Mas, o que teria motivado algumas pessoas a fundarem a *Sociedade 15 de Novembro*? Maria Leocádia, filha de Pedro Antonio Fayal, um dos fundadores da entidade, relata que:

Ele [seu pai] falava que se precisava de uma Sociedade, porque o trabalho no porto era tudo assim à vontade. Os patrões tiravam gente, botavam gente, quando queriam. Eles escolhiam os trabalhadores para trabalhar. Então meu pai achou que aquilo estava errado. Então ele chamou os amigos Bernardino Neves, Sebastião Lucas Pereira, Artur Raulino, o preto Constantino e disse: vou fundar uma Sociedade. E eles concordaram.⁶²

Possivelmente, o advento da *15 de Novembro* esteja relacionado com a postura pouco combativa da *Beneficente Itajahyense*. O que chama a atenção é que nas pesquisas realizadas nos jornais da primeira década do século XX, não há qualquer referência sobre manifestações grevistas ou algum tipo de reivindicação dos trabalhadores na cidade. É provável que os jornais estivessem pouco interessados em publicar tais notícias, uma vez que os proprietários dos jornais eram também donos de estabelecimentos comerciais, bem como ocupantes de

⁶⁰ *Idem*.

⁶¹ SILVA, José Bento Rosa da. op. cit. p. 63.

⁶² Entrevista feita com Maria Leocádia Pereira, 83 anos, em 18 de Janeiro de 1992, filha de Pedro Antonio Fayal. Realizada em Santos (SP), em 18/01/1992, por D'AVILLA, Edison. In: Dossiê: *Biografias e informações genealógicas*. Arquivo Histórico de Itajaí/Fundação Genésio e Miranda Lins.

cargos públicos. Abaixo, segue mais detalhes sobre a relação existente entre periódicos e a elite itajaiense.

O jornal *O Pharol* foi fundado no ano de 1904 e tinha como um dos seus sócios Samuel Heusi Junior, filho de Samuel Heusi.⁶³ Na década de 1920, o jornal passou ao comando de Juventino Linhares, que após apoiar Getúlio Vargas decepcionou-se com a revolução e passou então a defender o Integralismo. O jornal foi fechado por determinação do Vargas, em 1936.

Já o periódico *Novidades*, também do ano de 1904, pertencia a Tibúrcio de Freitas e Adolfo Konder. A família Konder, por sua vez, participava intensamente da vida econômica e social de Itajaí.⁶⁴ Atuava na atividade comercial, passando pelos clubes sociais e culminava na política. A conduta deste periódico o transformou em um jornal do Partido Republicano. Este periódico foi fechado no início da década de 1920.

Poderíamos mencionar outros periódicos que tiveram vida curta na cidade e que também possuíam sua conduta de acordo com as pretensões de seus idealizadores. O importante é que ao nos depararmos com os periódicos tenhamos, de forma clara, um posicionamento crítico que nos permita compreender o motivo que levou tal notícia a ser publicada, o motivo das omissões sobre as manifestações dos mais humildes, as tendências partidárias - muito presentes, aliás, nos jornais da época. Os periódicos não somente relatavam o ocorrido, mais do que isso, se posicionavam e disseminavam suas idéias através das palavras impressas, procurando, muitas vezes, “disciplinar” a conduta da sociedade.

Os jornais de Itajaí serviam de instrumento para a burguesia, esta, por sua vez, tendo contato com o poder constituído, disseminava, nos jornais, os assuntos restritos e do interesse da classe dominante. A manipulação das informações e o posicionamento frente às questões que não eram do interesse daqueles que detinham o poder eram situações possíveis. O posicionamento ideológico fez dos periódicos “(...) *meios de luta da política partidária* (...)”⁶⁵ Se os jornais expressavam a opinião “dominante”, vale lembrar que os clubes sociais, o partido político e a atividade comercial eram os espaços onde a burguesia discutia os assuntos sociais, econômicos, de poder e, também, esportivo. Tratava-se da reunião de um público

⁶³ Sobre Samuel Heusi foi mencionado anteriormente sobre sua vida política. No ano de fundação do jornal *O Pharol* Samuel Heusi era vereador. No ano de 1910 o jornal apoiou a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca à presidência da República. Do lado dos situacionistas, além do próprio Heusi, estava também o Prefeito Municipal, Pedro Ferreira e Silva e o Coronel Eugênio Muller. Todos do Partido Republicano.

⁶⁴ No comércio a família Konder possuía um estabelecimento comercial e uma agência exportadora.

⁶⁵ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 214.

dentro da esfera (burguesa) privada. As manifestações e as articulações burguesas assumiam “(...) *por um lado, formas privadas, mas, por outro, como setor privado em seu conjunto, passou a ter relevância pública (...)*”⁶⁶

Ao analisar alguns periódicos de Florianópolis, a fim de obter conhecimento do que era noticiado a respeito do movimento operário de Itajaí, determinada passagem chama a atenção, pois além de evidenciar a situação vivida pelos trabalhadores desta cidade, sugere também (o que já mencionei anteriormente) que havia certa articulação dos jornais no intuito de omitir as manifestações operárias. A passagem a seguir foi publicada no jornal de Florianópolis e fornece algumas informações para compreendermos as ações operárias em Itajaí.

A GREVE NO ITAJAHY.

Em desafronta do nosso Brio.

Não tornaríamos a ocupar um lugar nestas columnas, se um ar pestifero vindo lá das bandas do norte, conduzido pelo vehiculo que pretendeu nos enxovalhar e que dá pelo nome de *Novidades*, não viesse infeccionar o nosso ambiente, com a desmascarada defeza ao ex-regulo de Coritibanos.⁶⁷

Disse o tal *Novidades* que tudo quanto denunciemos em nossa carta ao exmo.sr Coronel Governador, *não passava de uma refalsada mentira.*

Enganou-se o biltre que tão descaradamente traçou áquelas linhas.

Nós não mentimos, tudo o que dissemos nos foi narrado pelos operários escravizados no Itajahy; nem mesmo o autor da infâmia que nos é assacada, nega que o novo regula de Itajahy⁶⁸, *attendendo á solicitações mandou postar uma força na Praça da Matriz!*

Depois com uma desfaçatez a toda prova, vem dizer que somos mentirosos e que é absolutamente falso que o Sr. Américo Nunes, juiz da comarca, tivesse perseguido os grevistas, fazendo encenação de força armada.

Hipocritas!

Nós não mentimos, as nossas justas reclamações contra o depotismo do commercio do Itajahy, ficaram sem contestação; ali o operário está escravizado, não tem o direito de associação porque os *mandões* não permitem; a burguesia num pacto selvagem, estabelece multas de 1.000\$000 réis aos *trahidores* (como elles se conhecem) que chamarem para o trabalho,

⁶⁶ Idem, p. 152.

⁶⁷ Acredito que esta referência seja ao ex-prefeito de Lages, o Coronel Vidal José de Oliveira Ramos (o qual é mencionado no parágrafo abaixo) que exerceu o cargo de governador de 1910 – 1914.

⁶⁸ Menção ao superintendente municipal Pedro Ferreira e Silva, que fora recém eleito para o mandato de 1911 a 1915, porém, falece em maio daquele ano, sendo substituído por Jorge Tzaschel. A relação completa dos Superintendentes (prefeitos) a partir de 1891 a 1973 e dos Conselheiros da Câmara Municipal (vereadores) do período de 1860 a 1973 verificar em: SILVA, Afonso Luiz. *Itajaí de ontem e de hoje*. Brusque: Gráfica Mercúrio, 1973.

os operários que tiverem o *arrojo de se considerarem libertos*, e tenham ainda a audácia de pertencerem a uma associação que não admita na sua ingerência o capitalismo impenitente e deshumano (...)

O ataque aos nossos calcanhares não se resumio tão somente ao que acima ficou dito; o *mastim itajahyense*⁶⁹ levou a sua hydrophobia mais longe ainda, chamou-nos de *arrebatados e poucos reflectivos*. Nós que fomos com o nosso conselho, com a experiência que temos da direção das sociedades operárias que não podem admittir que a burguesia tome parte na sua vida econômica, provamos, pela orientação que demos aos nossos companheiros escravizados que não somos o que o que affirmou o papel intitulado *Novidades*.

Sentimos estar escrevendo para os cadáveres que, em decomposição fazem a infelicidade dos nossos companheiros do Itajahy, mas, se assim procedemos é em desafronta a nossa dignidade ultrajada por quem não conhecemos em desafronta ao nosso brio, á nossa palavra e a honra da nossa classe.

Esqueceu-se, talvez esse que nos atira o labéo de mentirosos que na porta do edifício onde funciona a distincta sociedade <<Estrella>>⁷⁰ tivemos a hombridade de reprovar o acto satânico da autoridade que mandou a força armada para á praça publica impedir o direito que assistia anos nossos companheiros, de reclamarem o augmento de salário, em recompensa aos penosos sacrifícios que faziam.

Precisamos deixar dito, que nessa ocasião, julgávamos estar fallando a qualquer delegado da roça, tal a figura exhotica, que se nos apresentou fallando-nos em *manutenção de ordem e prestigio de autoridade*. Porem qual não foi à decepção quando nos disseram que aquella figura não era do delegado de polícia, e sim do Sr. Juiz de direito.

Confessamos que nesse momento ficamos envergonhados, sabendo que uma *autoridade judiciaria* invadindo atribuições que só competiam á polícias, lançava mão da força armada com o fim único de impedir os operários de reclamarem os seus direitos (...)

Precisamos ainda provar quer não somos arrebatados e irreflectidos, e a prova está nas nossas recommendações aos companheiros do Itajahy, em successivos telegrammas, aconselhando-os *toda ordem possível, bem como o maior respeito aos direitos alheios* E AS AUTORIDADES CONSTITUIDAS DO ESTADO. Não tivemos é verdade, confiança nas autoridades do Itajahy, por esse motivo avizamos aos nossos escravizados companheiros que se continuassem ás violências, *pedissem directamente providencias ao Governo*.

Irreflectida foi a autoridade judiciária do Itajahy, quando diante de nós, em cima de uma ponte, naquella nova *Sibéria*, chegando o seu coração maligno ao nosso peito, dizia-nos: *eu também sou socialista, não me manifesto porque tenho estomago, se não fôra isto estaria ao lado dos meus irmãos.* (sic)

⁶⁹ Referência ao jornal *Novidades*.

⁷⁰ *Sociedade Estrela d'Oriente*, a qual já fora mencionada no início do capítulo.

Este commercio de Itajahy é máo é pirrônico, mas os senhores mantenham-se com calma, porque toda a população está com os trabalhadores e contra o commercio!

E são dessa tempera os que nos chamam de *patetas* e irreflectidos!

Deixando-nos essa autoridade, fomos procurados, pelo Senhor Alferes Francisco Ferreira, commissário especial, que nos mostrou a copia de um telegramma dirigido ao Governo, no qual scientificava a attitude pacifica dos grevistas e a má vontade do commercio para com os mesmos (...)

Mentiroso é esse *Novidades* quando muito de industria, diz que os *commerciantes rezolveram admittir no trabalho os sócios da S. 15 de Novembro*.

Estamos de posse de importante documento, em qual nos revela os meios empregados para conseguirem que *onse sócios da referida S. 15 de Novembro*, trahissem os seus companheiros demittindo-se da associação afim de se empregarem naquelles verdadeiros *acougues*, desprestigiando por essa forma e inconscientemente, a corporação a que pertenciam.

Os nossos companheiros do Itajahy confiaram demais na burguezia, dando guarida a esses trahidores, entre os quaes se acha um muito nosso conhecido, por que já uma vez o fizemos *voar* pelas janellas de uma sociedade operária desta capital, pelo motivo de uma trahição que nos havia preparado.

Que sirva de lição aos nossos companheiros essa provação porque acabam de passar, e que saibam d'ora em diante repellir com a coragem e a independência de operários, esses corvos políticos, que só se lembram dos homens do trabalho, na ocasião que farejam-lhes os votos, e que em situações como estas em que se encontraram os trabalhadores, até lhes negaram o agasalho nessa cousa que chamam *Novidades*.

Poderíamos ainda prosseguir, desnudando as misérias dos nossos detractores, porem em vista da decomposição moral da época, vamos dar finda á nossa missão, devolvendo intactos os salpicos de lama que nos atiraram e com as quaes pretendiam marear os tacões das nossas botas.

Lembramos aos nossos detractores que os nossos lenços estão embebidos em creolina afim de não sentirmos os effeitos das bñlis que d'ora em diante serão vomitados contra nós.

Agora o *Novidades* que esperneie á vontade.

Florianópolis, 18 de janeiro de 1911.

João Cancio de Souza Siqueira, presidente da S. União Beneficente dos Trabalhadores de Florianópolis.⁷¹

⁷¹ *Folha do Commercio*, Florianópolis, 18 de janeiro de 1911. As grafias, as passagens em Itálico e em caixa alta são do original. Infelizmente não é possível cotejar as críticas feitas neste jornal com as publicações do *Novidades*, pois não há exemplares deste periódico do ano de 1911, nem no arquivo Municipal de Itajaí e nem na Biblioteca Pública do Estado, localizada em Florianópolis.

A passagem acima provoca algumas reflexões, dentre elas, a tentativa do *Novidades* em desqualificar ou marginalizar a manifestação dos trabalhadores. O outro jornal da cidade, *O Pharol*, que possui exemplares do ano do ocorrido, sequer menciona a greve dos operários. Reforçando, assim, o que já foi mencionado no que concerne ao propósito dos jornais de Itajaí no início do século XX, além da ligação dos mesmos com a elite local. O segundo ponto que merece destaque é a probabilidade de contato entre as sociedades operárias de Itajaí e Florianópolis. A frase “*recomendações aos companheiros do Itajahy, em sucessivos telegrammas*”, reforça a tese de freqüente troca de informações. Ademais, a manifestação por parte de um membro da polícia enviando comunicado ao Governador, mencionando a este o lado pacífico do movimento, pode ser a extensão da aproximação entre Sociedades Operárias e pessoas públicas de Itajaí, como, no caso da *Sociedade Itajahyense* que tinha como membro da diretoria o Delegado Municipal.

Se algumas manifestações operárias, no início do século XX, foram solucionadas na polícia, estreitar os laços com os componentes pela “manutenção da ordem” seria uma estratégia salutar no sentido de evitar que a própria entidade ou os membros das sociedades operárias sofressem qualquer tipo de repressão policial.⁷² Possivelmente, esta tenha sido a premissa da *S.O.B.I.*, e que em virtude da participação da *15 de Novembro* no movimento grevista aquela relação permanecia no cotidiano operário de Itajaí.

Além destes aspectos, a nota destaca também a crítica feita pela entidade operária de Florianópolis que classificou com “Traidores” aqueles que, na necessidade de conseguir um vínculo empregatício, se desfilaram da *15 de Novembro*. Esta desvinculação era provocada pelo fato de que muitos patrões optavam por contratar trabalhadores sem ligação com

⁷² Muitos estudos apontam as greves e demais ações operárias, ocorridas na Primeira República, como sendo “Casos de Polícia”, pois foi por este prisma que muitas análises, pós 1930, percebiam a atuação governamental no que diz respeito à relação com os trabalhadores. John French chama a atenção para o cuidado que é necessário obter ao ser abordado o tema “Greve na Primeira República”. Segundo aquele autor, havia tentativas estaduais no sentido de elaborar um conjunto de Leis Trabalhistas e com a atuação de uma Junta Conciliatória para resolução das greves operárias. “*Washington Luís também defendeu uma posição progressista na mais fundamental batalha legislativa da época: a que se propunha que a legislação trabalhista fosse responsabilidade do governo federal (...)*” FRENCH, John. Proclamando Leis, metendo o pau e lutando por direitos: a questão social como caso de polícia, 1920 – 1964. In: LARA, Silvia Hunold; MENDONÇA, Joseli (orgs). *Direitos e justiça no Brasil: ensaios de História Social*. Campinas (SP): Editora UNICAMP, 2006, p. 385. John French destaca que algumas Leis trabalhistas, que foram muito difundidas no período Vargas, já tinham sido proclamadas em São Paulo, estado este presidido por Washington Luís. Tais como: jornada de trabalho de oito horas, regulamentação do trabalho de mulheres e de menor de idade, dentre outras. French menciona também que, muitas das críticas feitas sobre a questão da Greve e Repressão policial, foram tentativas dos defensores de Vargas de legitimar a Revolução de 1930. Ademais, houve também muita repressão contra as manifestações operária durante o período getulista e que tal atuação não foi exclusiva do período que precedeu 1930.

determinada sociedade operária. Esta situação permaneceu até 1917, quando então, a *15 de Novembro* passou a ter direito exclusivo sobre o trabalho no porto.

Possivelmente, outras ações envolvendo os trabalhadores tenham ocorrido, sobretudo, em 1917, quando estourou a Greve Geral que mobilizou milhares de trabalhadores nos grandes centros do Brasil. Coincidência ou não, naquele ano, o Superintendente Municipal comunicou à *Sociedade 15 de Novembro* o acordo firmado entre o próprio poder executivo de Itajaí e os comerciantes em prol de um reajuste salarial. O “acordo” ganhou destaque no jornal *O Pharol*:

S. B. 15 DE NOVEMBRO.

Para conhecimento dos Srs.socios publica-se abaixo o officio n 465 do Sr. Superintendente Municipal, datado de 28 de Novembro:

Sr. Membros as directoria as sociedade de trabalhadores 15 de Novembro – nesta cidade:

De accordo com as combinações feitas por mim com os commerciantes exportadores desta praça ficou resolvido que, do dia 26 do corrente em diante, vencerão os trabalhadores do porto a diária de 4\$000 pôr dia de 91/2 horas e de noite 7\$500. As horas de serviço serão pagas de dia, das 6 ás 6, a razão \$500 à hora e de noite, também das 6 ás 6 a razão de \$800 a hora.

Estou certo de que acceitareis este accordo, o qual virá de certo modo attenuar os males que affligem a classe operária.

Saúde e Fraternidade (assig) Marcos Konder – Superintendente. ⁷³

Esse acordo que concedeu reajuste aos trabalhadores da *15 de Novembro* ocorreu após o movimento de 1911, que envolveu operários, polícia e poder judiciário. Talvez com receio de outra manifestação de grande proporção, agora, em 1917, a Municipalidade buscou evitar o embate como os trabalhadores. Assim, se por um lado a mediação feita pelo prefeito junto aos empregadores mostrou que havia preocupação com a organização operária; pode, por outro, ter garantido também a legitimidade da categoria e o exclusivismo da contratação do estivador para que o trabalho no porto fosse realizado pelos sócios da *15 de Novembro*. Pois, até então, eram chamados justamente os trabalhadores que não possuíam vínculos com tal associação. Para evitar que os comerciantes chamassem para o trabalho os “não associados”, a *15 de Novembro* realizava tal pedido utilizando das publicações nos jornais:

SOCIEDADE BENEFICENTE 15 DE NOVEMBRO

A fim de evitar reclamações futuras, pedimos aos Srs. Feitores e patrões do porto não darem serviço á pessoas que não são sócios desta sociedade.

⁷³ *O Pharol*, Itajaí, 1 de dezembro de 1917. O jornal que “prestou” o relevante serviço ao operariado de Itajaí, ao informar o acordo, possuía vínculos com a família Konder.

Avisa-se também aos sócios que estão atrasados mandarem pagar suas mensalidades. Os que deixarem de cumprir os seus deveres terão seus nomes publicados.

A Directoria.⁷⁴

No mesmo período, em outras regiões do Brasil, o salário parece ter mantido a mesma média do que havia sido “acordado” entre o prefeito e os comerciantes. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o salário médio mais baixo por dia estava, no ano de 1920, na casa de 4\$000⁷⁵.

A experiência do operariado em Itajaí não pode ter sua importância diminuída, ou esquecida; pelo contrário, é indispensável a análise do contexto social e político no qual a manifestação ocorreu. A passagem acima traz o pedido da *Sociedade 15 de Novembro* para que os comerciantes só contratassem trabalhadores sindicalizados. Esta era mais uma vitória obtida após o acordo com o Prefeito Municipal no ano anterior, uma vez que esta prática não vigorava até 1917. A *15 de Novembro* conseguiu conquistar o direito de desempenhar a atividade da estiva e a movimentação da carga. Assim detinha, então, o controle de mercado, ou seja, o exclusivismo. Embora houvesse o acordo, isto não garantiria que os patrões chamassem apenas os sindicalizados. Era prática usual, embora proibida, os proprietários contratarem os “não” sindicalizados por se tratarem de trabalhadores com remuneração menor do que os vinculados junto àquela sociedade operária.

Aquela vitória da *15 de Novembro* foi significativa no período, uma vez que trazia para si o direito de indicar os trabalhadores para as atividades portuárias. Este exclusivismo de mercado de trabalho não era percebido somente em Itajaí. No Rio de Janeiro, por exemplo, na década de 1910, os trabalhadores do transporte de carga lutaram para conquistar o exclusivismo. Houve o triunfo destes, após inúmeros embates com as organizações patronais, estas recorriam ao *lock out* como alternativa para enfraquecer as manifestações dos trabalhadores em *Trapiche e Café*.⁷⁶ No porto de Santos a conquista do exclusivismo ou

⁷⁴ *O Pharol*, Itajaí, 15 de junho de 1918. Os nomes dos sócios inadimplentes eram repassados aos patrões para que estes não os chamassem. Posteriormente, a *15 de Novembro* modificara o procedimento e passara a fornecer um crachá a cada mensalidade quitada.

⁷⁵ SILVA Jr. op. cit. p. 171 (sobre remuneração ver esp. a segunda parte da obra).

⁷⁶ CRUZ, Maria Cecília Velasco e. *Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café*. Rio de Janeiro, 1905-1930. Rio de Janeiro: Afro-Ásia, 24. 2000. A fundação da *Sociedade de Resistência* teve participação direta de ex-cativos, os quais lutaram em prol do exclusivismo do mercado de trabalho como sendo o símbolo de “Liberdade”, pois até então conviviam sobre o jugo patronal. É importante destacar que, em Itajaí, o exclusivismo dado à *15 de Novembro*, em 1917, era tanto para o trabalho da estiva quanto para o transporte de carga (quando esta estivesse em solo). Pois em Itajaí, somente em 1922 – ano de fundação da *Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí* - é que o houve a separação entre estiva e terrestre. Já no Rio de Janeiro o direito adquirido pela *Sociedade de*

closed shop só ocorreria no início dos anos trinta, cabendo então ao sindicato “a contratação e escalação de mão-de-obra, além da direção, responsabilidade e aparelhamento dos serviços (...)”⁷⁷

Se em Itajaí houve, no início do século XX, a participação de descendentes de escravos como mão de obra portuária e como integrante das primeiras organizações operárias. Situação semelhante ocorreu também na Capital da República. No Rio de Janeiro já existia, desde meados do século XIX, o envolvimento de negros na atividade de transporte de carga para o porto. Esta condição permaneceu mesmo após a Abolição, permitindo que, no século XX, os negros recorressem, então, à ação sindical como meio de controle do seu trabalho no porto. O advento da *Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café* representou, tanto em termos simbólicos como práticos, o enfrentamento contra a atuação opressora patronal. Como a *Sociedade de Resistência* era composta em sua maioria por negros, estes se regozijavam com o advento daquela entidade, declarando que, “a Resistência deu o grito do novo 13 de Maio.”⁷⁸

A organização do trabalhador, seja ela espontânea ou em associações, evidenciou a capacidade de reação destes atores sociais face às adversidades com as quais conviviam. As tensões, os embates e as estratégias para obtenção de ganhos salariais certamente existiram, muito embora houvesse a tentativa de silenciar os ecos de tais manifestações. O surgimento das Beneficentes em Itajaí deu legitimidade política aos trabalhadores que passaram a ter em tais entidades a alternativa para as suas ações e a visibilidade de suas atividades. Em uma atmosfera como a da cidade de Itajaí, onde a elite já possuía os seus espaços, seja no clube, no comércio, na política e até mesmo nos órgãos de comunicação, o trabalhador passou também a atuar no cenário (restrito) da cidade, e o advento das Beneficentes foi o avanço em decorrência da experiência operária. Adiante, outras participações dos trabalhadores ganhariam destaque e não somente as lutas em prol de reajustes salariais, mas também, tal segmento lutou para conquistar o espaço no universo esportivo de Itajaí.

Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café era referente ao manuseio, armazenamento e transporte, uma vez que naquela cidade já havia o segmento da estiva. E houve, no Rio de Janeiro, a tentativa patronal de ceder o exclusivismo à *Sociedade de Resistência*, porém esta teria que desempenhar o trabalho da estiva. Tal intento não obteve êxito, pois os sócios da *Resistência* foram contra a proposta, salientando que não poderiam interferir na atividade de uma classe já constituída.

⁷⁷ SILVA, Fernando Teixeira da. Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos. In: BATALHA, Cláudio H.M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 227.

⁷⁸ CRUZ, Maria Cecília Velasco e. *Da tutela ao contrato: homens de cor brasileiros e o movimento operário carioca no pós - abolição*. Revista Topoi, v.11, n.20, jan.-jun. 2010, p.117.



Fundadores da *Sociedade Beneficente XV de Novembro*. Foto de 1906. Na primeira fila, sentados, da esquerda para direita temos: Silvério Joaquim Ramos (Tio Silvério), ex-escravo, nascido em Itajaí no ano de 1826; o terceiro, ao centro, é Pedro Antônio Pereira, o conhecido Pedro Fayal, nascido em Florianópolis e que aos 20 anos de idade foi para Itajaí. Seu pai era natural da Ilha do Fayal (arquipélago dos Açores). Segundo Maria Leocádia, filha de Pedro Fayal, seu pai trocava freqüentes correspondências com Getúlio Vargas. O quarto integrante (ao lado de Fayal) é Sebastião Lucas Pereira, natural de Itajaí e filho de escravos. Foi portuário, fundador da *XV de Novembro*, do *Cruz e Souza* e do *Humaytá*. Fonte: Acervo A.P.I.

1.4 OS *TEAMS* ENTRAM EM CAMPO ⁷⁹

Em meio às articulações operárias, ao crescimento do porto e às estratégias da elite em conservar o seu privilegiado espaço dominante na cidade, Itajaí se deparava com o primeiro esporte praticado em seu solo. O acontecimento ocorreu no ano de 1909 e a

⁷⁹ *Teams* - no português, time. A escolha por este subtítulo foi motivada por se tratar da análise das primeiras manifestações futebolísticas na cidade de Itajaí no século XX.

atividade esportiva que movimentou a cidade fora a patinação. A *Sociedade Guarani* construiu em seu terreno uma pista de patinação e

este esporte imediatamente conquistou geral preferência, tornando-se, logo, o local de movimentado centro de integração, notadamente aos domingos, quando, de tarde, para ali convergiam famílias e a mocidade, a fim de se divertirem e de apreciarem as competições e as agilidades dos patinadores, que, rapidamente se aperfeiçoaram nas exibições (...) ⁸⁰

A reação do público, ou melhor, do seu seletivo público foi arrebatadora, bem como o envolvimento de boa parte da cidade com a patinação. Com o sucesso do *Guarani* a *Sociedade Estrela d' Oriente* resolveu também oferecer aos seus associados o prazer da patinação. Assim, construiu sua própria pista, ainda no ano de 1909. O entusiasmo foi geral entre as pessoas que nos fins de semana tinham como principal programa a visita ao ringue de patinação de seu clube. A aceitação e o envolvimento desse esporte fora tamanho que o periódico *O Pharol* realizou um concurso a fim de escolher o melhor patinador da cidade. O valor do ingresso para apreciar e praticar o esporte era de “(...) duzentos réis para os sócios e quinhentos réis para os estranhos, receita que seria empregada na conservação e melhoramento do recinto.” ⁸¹

Embora houvesse considerável atração pela patinação, é importante ressaltar que os valores necessários para compra de equipamentos e o viés elitista dos clubes sociais de Itajaí não colocavam a arte de patinar como algo popular. Grande parte da população conseguia, no máximo, assistir às disputas na quadra. Apesar do sucesso meteórico, a patinação na cidade não obteve vida longa, pois o Fisco determinou uma taxa sobre jogos e diversão, culminando assim com o declínio deste esporte em Itajaí. Após esta medida, o *footing*, os encontros literários no *Grêmio Três de Maio* e as domingueiras nos clubes sociais voltaram a ter prioridade entre a juventude itajaiense.

No que diz respeito à educação, esta sempre foi preocupação das famílias ilustres da cidade, sendo que a maioria delas possuía empresas e o progresso destas dependia também de uma “exemplar” formação. Na ausência de ginásios em Itajaí, era comum que muitos jovens saíssem da cidade para se dedicarem aos estudos em outros centros. Os destinos mais comuns

⁸⁰ LINHARES, Juventino. op. cit. p. 74.

⁸¹ *Idem.* p. 75.

eram: Florianópolis, no *Gimnasio Santa Catharina*; Rio de Janeiro, *Colégio D. Pedro II e Anchieta*;⁸² e São Paulo, *Colégio São Luis*.⁸³

Após o fim da prática de patinação, os jornais não publicam mais notas sobre esporte em Itajaí. A ausência de notícias sugere que não havia mais modalidade em ação na cidade. Pôr o corpo em movimento, a partir do ano de 1910, parecia ser tão somente com os bailes nos clubes existentes. O esporte só retornaria às páginas dos periódicos no ano de 1911, quando os mesmos começaram a mencionar a fundação e as constantes partidas de um esporte de nome estrangeiro, chamado de *Football*.

Há na cidade, algumas opiniões que apontam que o futebol teria chegado em Itajaí, primeiramente, por intermédio de marinheiros e tripulantes de navios, que freqüentemente ancoravam no porto. Ali, nos momentos de folga, os marinheiros se divertiam com o futebol, que, há muito tempo, já era praticado em vários países da Europa e nas grandes cidades do Brasil. Entretanto, tal hipótese ainda necessita de uma prova mais contundente. Em pesquisa realizada nos jornais de cidade, desde o ano de 1888, não foi possível encontrar qualquer referência sobre o *football*. Caso realmente este esporte já fosse praticado desde o final do século XIX em Itajaí, mesmo que somente nas proximidades do porto, certamente despertaria a atenção de curiosos e de possíveis praticantes do referido jogo, devendo assim ter recebido alguma menção nos jornais. Situação esta que não ocorreu.

A primeira nota publicada nos periódicos concernente à prática futebolística reporta-se ao ano de 1911, mais precisamente no mês de novembro, período em que foi fundado o primeiro *team* de *football* na cidade. O nome escolhido foi *Itajahyense Foot-Ball Club* e que contou em sua primeira diretoria com Bráulio Eugênio Müller e Edgar Schnaider como presidente e 1º Secretário, respectivamente. Mas de onde teria surgido a motivação para a iniciativa de jogar futebol na cidade? Os clubes sociais da época, como o *Guarany* e o *Estrela*, não dispunham de quadras de futebol. É útil lembrar que, em Santa Catarina, antes de Itajaí apenas Florianópolis já conhecia o futebol.

⁸² Existem documentos que comprovam de que, antes mesmo de muitas cidades terem o foot-ball, o *Colégio Anchieta* já disponibilizava esta prática para os seus alunos. Em uma passagem do periódico interno da instituição é possível verificar o jogo de futebol. <<*SPORT Brasil – Foot-Ball – Club*>>. “*O jogo do foot-ball continua com muita animação na Divisão dos Maiores. Nos dias aprazados reúne-se os dois teams para o match anunciado. Dificilmente se poderão avaliar os frutos colhidos neste nosso divertimento, quer no que diz respeito á disciplina e bom espírito, que reina entre os colegiaes, quer no tocante á saúde dos alumnos (...)*” Revista *Aurora Colegial*, 3 de maio de 1906, p. 3. Acervo do autor.

⁸³ O *Gmnasio Santha Catarina* posteriormente passou a se chamar *Colégio Catarinense*. O *Colégio São Luís* foi fundado em 1868 e funcionou, inicialmente, em Itú, cidade do interior do estado de São Paulo. Porém, em 1918, em virtude de uma epidemia de febre amarela, o colégio foi transferido para a cidade de São Paulo.

O questionamento anterior a respeito de como o futebol chegou a Itajaí ainda é assaz pertinente. Então, trataremos de apontar indícios que venham elucidar tal questionamento. Conforme mencionei, no início deste capítulo, de que muitos pesquisadores apontam que o futebol, antes mesmo da chegada de Charles Miller, já era praticado nos colégios jesuítas, voltou a despertar minha cobiça por buscar o fio condutor do futebol em Itajaí. Nunca é demais lembrar que Florianópolis também possuía um Colégio de vertente religiosa, e melhor (ao menos para a resolução de minha premissa) também era de Jesuítas.

Aliado ao fato de que Florianópolis também tinha a sua instituição de ensino religioso, estava a prática, amiúde, adotada pelas ilustres famílias itajaiense de matricular seus filhos nas melhores escolas, seja em sua cidade ou de lugares adjacentes. E, para Florianópolis, certamente, muitos pais direcionaram os seus herdeiros para que estes tivessem contato com os melhores professores e pudessem desfrutar do que havia de mais requintado no tocante ao ensino.

Com estas informações em mãos, tratei logo de travar um jogo disputadíssimo, porém leal e recompensador, com os documentos do *Colégio Catarinense*. E como triunfo desta peleja, alguns nomes foram verificados nos relatórios de cada ano letivo. Os indícios indicaram os documentos e estes comprovavam minha hipótese, pois os nomes de Edgar Schnaider⁸⁴ e Bráulio Eugênio Müller⁸⁵ constavam na documentação escolar do período.

O que era simples hipótese, estava adquirindo subsídios para sua comprovação, ou seja, que aqueles jovens haviam obtido o primeiro contato com o futebol no interior do *Colégio Catarinense*, uma vez que, desde 1906, esta entidade educacional já oferecia a prática do desporto, e dentre as modalidades, o futebol, aos seus alunos como forma de livrá-los do ócio e mantê-los com a mente sempre ocupada.⁸⁶

Assim, acredito que estes jovens, que se envolveram com o esporte bretão no *Catarinense*, criaram gosto e apreço e, no regresso à terra natal, após o período de estudo, levaram consigo o jogo de futebol para Itajaí. Logo, trataram de disseminá-lo entre os jovens da cidade.

Retornando para a relação entre alunos do Colégio Catarinense e futebol em Itajaí, ela parece muito elucidativa e nos leva a conjecturar de que o futebol na cidade portuária fora

⁸⁴ *Relatório do Gymnasio Santa Catharina*. Florianópolis, Estado de Santa Catharina, Anno Lectivo 1906. Gabinete Typographico Natividade. Florianópolis. p. 7. No Ano de 1907 está na pagina 5.

⁸⁵ *Idem*, Anno Lectivo de 1908, p. 8. Ano Lectivo de 1909, p. 7.

⁸⁶ Sobre isto ver: ROSA, André Luiz. op. cit.

sim introduzido por jovens estudantes provenientes do *Colégio Catarinense*. O ponto de convergência entre os relatos dos eclesiásticos e o *Itajahyense Football Club* encontra sustentação no fato de que na diretoria estreante do clube, em 1911, (neste período já eram ex-alunos) havia os nomes dos jovens mencionados anteriormente. Segundo Linhares, a primeira direção ficou entregue a “*Bráulio Eugênio Muller, na presidência, a Edgar Schnaider, na secretaria, a Osvaldo Ramos, na tesouraria e a João Alves Marinho, na procuradoria. Este último era filho do delegado de polícia na cidade, o tenente Marinho, da Força Pública do Estado (...)*”⁸⁷

A primeira nota de jornal relativa à existência do *team de football* apareceu no ano de 1912 e trazia a seguinte mensagem:

A Novel associação *Itajahyense Foot-Ball Club* fez domingo findo a sua festa inaugural, no campo da Municipalidade, comparecendo grande numero de exmas. famílias e cavalheiros, enchendo aquelle aprasível local. Os rapazes muito se esmeraram no exercício. Ambos os partidos, branco e azul, conseguiram *1 gold* cada, havendo empate. Abrihantou esta festa a orchestra *Lyra de Prata*.⁸⁸

Após o primeiro *match*⁸⁹, a equipe tratou logo de marcar um novo encontro e parece que apenas o desejo de praticar não satisfazia o grupo de jovens, era necessário, então, solicitar a presença do público para que o evento adquirisse um *glamour* especial. Realizar jogos com a presença de uma assistência não era novidade para Bráulio Eugênio Müller e Egdar Schnaider, pois nos jogos no *Colégio Catarinense* era comum contar com platéia, mesmo que fossem os demais alunos. Assim, para a segunda partida o próprio clube tratou de encaminhar o convite ao jornal para que este levasse ao conhecimento das pessoas.

Itajahyense Foot-Ball Club. De ordem da directoria tenho a honra de convidar a todos os senhores e Exmas. famílias para assistirem um team, que será o desempate do mesmo Club, domingo 4 do corrente pelas 3 horas da tarde. Esperamos o comparecimento de todos. Ficamos summamente gratos. Edgar Schnaider, secretario.⁹⁰

Outras notas ganharam espaço nos periódicos, sempre anunciando a partida entre os membros do próprio *Itajahyense*. Não existiam outras equipes na cidade, possivelmente, em

⁸⁷ LINHARES. op. cit. p. 175. Vale mencionar que Bráulio Eugênio Müller era sobrinho de Lauro Müller, e filho do Coronel Eugênio Luis Müller, que em 1911 foi eleito vice-governador do estado.

⁸⁸ *O Pharol*, Itajaí, 19 de janeiro de 1912.

⁸⁹ Muitos termos usados no futebol brasileiro no início do século preservavam ainda a sua origem inglesa. Em português, *match* significa jogo ou partida.

⁹⁰ *O Pharol*, Itajaí, 2 de fevereiro de 1912.

virtude do desconhecimento de muitos jovens sobre o futebol – que fora trazido para Itajaí por ex-alunos do *Colégio Catarinense*. Aliado a este motivo, estava o fato de que os *players* (jogadores) que compunham o *Itajahyense* eram provenientes de famílias destacadas em Itajaí.

O primeiro jogo do *Itajahyense* (não mais entre os membros do próprio time) foi contra uma equipe constituída por estudantes e tal feito ocorreu em dezembro de 1912. Sabendo que alguns alunos do *Colégio Catarinense* regressariam para os seus lares na cidade de Joinville, no fim de semana, passando obrigatoriamente pelo porto de Itajaí, os membros do *Itajahyense* trataram logo de sugerir um *match*. O que foi prontamente aceito. Porém, o que chamou a atenção não foi o jogo propriamente, mas sim o ocorrido no mesmo.

PELO SPORT

Foott-Ball.

Quarta-feira à tarde, quando os sócios do Foott-ball clube desta cidade, organizavam um *match - trene*⁹¹ no campo de exercício,⁹² aconteceu, num dos momentos de lucta, e motivado por algum máo geito, fracturar a perna direita o jovem Conrado Miranda, irmão do redactor desta folha.

Seus amigos e companheiros sentidos pelo desastre chamaram immediatamente o medico, conduzindo o enfermo para a residência de seu pai Sr. Eduardo Dias de Miranda⁹³, onde recebeu os primeiros curativos, facultados pelos Drs. Bachmann e Amorim.

O enfermo que tem sido muitíssimo visitado acha-se passando melhor.

O club realizava ensaios diariamente por ter accodido ao convite que lhe fizera o club Annita de Florianópolis, para um encontro amigável, que se realizaria no próximo domingo, e que devido ao mesmo acidente ficara transferido para tempo indeterminado.

No momento do desastre jogavam alguns alunnos do Gymnasio, aqui de passagem no Anna, com os sócios do club desta cidade.⁹⁴

Após o jogo mencionado acima, os jovens de Itajaí receberam o convite para disputar um jogo contra uma equipe da Capital, que foi rejeitado num primeiro momento. Entretanto, meses após o ocorrido, a equipe, já recuperada, realizaria o seu segundo encontro futebolístico, desta vez seria contra o time formado por jovens da cidade de Brusque. O jogo

⁹¹ *Match-trene*, o mesmo que jogo-treino, ou amistoso.

⁹² O campo de exercício ou da Municipalidade como era conhecido era o local onde os militares realizavam o exercício com as armas. Assim, em virtude da atividade militar, o espaço onde se passou a jogar futebol ganhou tal denominação. Este local é o mesmo onde atualmente está localizado o Estádio Dr. Hercílio Luz – o campo do *Marcílio Dias*.

⁹³ O redator do jornal era João Honório de Miranda. E tanto este quanto o atleta que saiu machucado eram filhos de Eduardo Dias de Miranda, que em 1886 fundou o jornal *A Idea*. Com a chegada o advento da República foi nomeado agente dos Correios na cidade.

⁹⁴ *O Pharol*, Itajaí, 13 de dezembro de 1912.

realizou-se nesta cidade e o grupo de Itajaí “(...) *seguiu numa excursão em carros de mola, único meio de transporte existente naquela época entre as duas cidades. A caravana partiu de Itajaí à meia noite vencendo o percurso até o alvorecer, e a vitória coube aos brusquenses com o resultado de 2x1.*”⁹⁵

O gosto pelo futebol dava sintomas de atingir mais adeptos pela cidade. Depois do *Itajahyense* era a vez do *Sport Club Rio Branco* surgir para o cenário futebolístico no ano de 1915. A fundação deste *team* ganhou destaque na imprensa, que publicava a seguinte nota:

CLUB SPORTIVO RIO BRANCO

Desta novel associação recebemos o seguinte officio: Ilmo. Sr. Redacto d’O Pharol.

Codeaes Saudações.

Communico á V.S. que em data de 6 do corrente fundamos o *Club Sportivo Rio Branco* sendo eleita a Directoria abaixo:

Presidente – Heitor Liberato; Vice – Manoel Camargo; Thezoureiro, Otto Labes; 1º Secretário Carlos Santiago; 2º Secretário, Julio Fernandes; Procurador, João Ayroso.

Itajahy, 6 de Outubro de 1915. (assig) 1º Secretário – Carlos F. Santiago.

Agradecendo a communicção desejamos a novel associação muitas victorias.⁹⁶

A agremiação acima era presidida por Heitor Liberato que, no ano de 1915, já estava com 32 anos de idade e era proprietário de uma farmácia. Isto pode revelar que o contato do futebol em Itajaí não era apenas entre jovens e estudantes, mas sim, já sendo uma prática que começava a interessar a muitos, independente de idade. No dia 25 de fevereiro de 1916, a *Sociedade Guarany* elegia a sua nova diretoria, a qual tinha como membros do Conselho Fiscal os senhores Heitor Liberato (presidente do *Rio Branco*), Eduardo Dias de Miranda e Emílio Coutinho.⁹⁷ Os filhos destes dois últimos eram atletas do *Itajahyense Foot-Ball Club*. A ligação entre as famílias de relativa notoriedade em Itajaí com os clubes sociais era algo presente (já tratado anteriormente), o que pode indicar que o time dos jovens era também um círculo restrito aos filhos da elite local e intimamente ligado à *Sociedade Guarany*. O que reforça esta hipótese é que no dia 13 de fevereiro, doze dias antes da eleição dos novos membros da *Sociedade Guarany*, o *Itajahyense* elegeu também sua nova diretoria, tendo como presidente Emílio Augusto da Cruz Coutinho Junior,⁹⁸ filho de Emílio Coutinho, Conselheiro Fiscal recém eleito na *Soc. Guarany*. Ainda sobre o novo presidente do

⁹⁵ LINHARES. op. cit. p. 176.

⁹⁶ *O Pharol*, Itajaí, 22 de outubro de 1915.

⁹⁷ Nota completa em *O Pharol*, Itajaí, 17 de março de 1916.

⁹⁸ *O Pharol*, 18 de fevereiro de 1916.

Itajhyense, o mesmo freqüentou também as salas de aula do *Colégio Catarinense* no período de 1906 a 1909,⁹⁹ obtendo nesta instituição de ensino o contato inicial com o futebol. A passagem pelo *Catarinense* e o envolvimento com o futebol atribuía, ao que tudo indica, aos atletas do *Itajhyense* uma distinção maior se comparado com os demais membros da equipe, pois os dois primeiros presidentes do clube eram egressos daquele *Colégio*.

O futebol passava a adquirir mais espaços também nos jornais, que não se resumia apenas em noticiar os (raros) jogos e os membros eleitos da diretoria. Agora, notícias vindas do Rio de Janeiro sobre o futebol eram reproduzidas nos paginas d'*O Pharol*. Em julho de 1916, com o título a “Hygiene do *Foot-Ball*”, o jornal noticiava que a *Federação Brasileira de Sports* nomearia uma comissão que seria responsável por estabelecer as normas higiênicas do futebol. Em outra nota, advinda também da Capital, o articulista mostrava sua preocupação com o crescimento do futebol. O mesmo noticiava que, “(...) *não existe logarejo, por mais atrazado e pequeno onde não se tenham concertado dez ou quinze rapazes para o jogo da moda (...)*” O articulista mencionava também o posicionamento dos médicos, uns contrários, outros adeptos ao futebol.¹⁰⁰

Se, até o ano de 1917, não há qualquer registro da participação do trabalhador nas atividades esportivas, sobretudo, no futebol, tal situação deixa perpassar que, se por um lado havia o desconhecimento do trabalhador para com o este esporte; por outro, pode reforçar ainda mais o caráter restrito do *Itajhyense*. A origem educacional contribuía para delimitar e restringir ainda mais o ingresso de outras pessoas ao clube. No ano de 1917 houve nova eleição, sendo reeleito o atual presidente. Contudo, dois novos nomes surgiram como membros diretivos para administrar o time naquele ano. São eles: Emmanuel da Silva Fontes e Bruno Malburg, eleitos para os cargos de 2º Secretário e Tesoureiro, respectivamente. O primeiro foi aluno do *Colégio Catarinense* no período de 1911 a 1916¹⁰¹ e, o segundo, de 1913 a 1916.¹⁰² Regressando para Itajaí, ambos foram se incorporar aos quadros do *Itajhyense*.

⁹⁹ *Relatório do Gimnasio Santha Catarina*, op. cit. Relação dos Alunos Internos do ano de 1906, p. 6; ano de 1907, p. 4; ano de 1908, p. 5; ano de 1909, p. 45. Emilio Augusto de Cruz C. Jr no início dos anos 20 foi para o Rio de Janeiro a fim de ingressar na faculdade de farmácia. Depois de formado no curso faleceu prematuramente na Capital Federal, motivo que fez com que o seu pai entrasse em uma profunda depressão.

¹⁰⁰ As publicações estão respectivamente em *O Pharol*, Itajaí, 7 de julho de 1916; 17 de novembro de 1916.

¹⁰¹ *Relatório do Gimnasio Santha Catarina*. op. cit. Ano de 1911. p. 50; 1912. p. 44; 1913. p. 50; 1914. p. 34; 1915. p. 50; 1916. p. 60.

¹⁰² *Idem*, ano de 1913 p. 50; 1914 p. 54; 1915 p. 50; 1916 p. 60.

Além de terem praticado o futebol, pois era uma atividade regular no interior do *Colégio* desde a sua fundação, tanto Emmanuel quanto Bruno foram premiados por terem sido considerados os destaques entre todos os jogadores do *Catarinense*. Os melhores, além de prêmios, tiveram os seus nomes impressos no relatório final do ano de 1915.¹⁰³

Muitos dos jogadores e diretores do *Itajahyense* e do *Sport Club Rio Branco* iriam compor a reunião que teve por objetivo a fundação de um Clube de Regatas em Itajaí. Neste encontro, realizado no ano de 1919, teriam início as atividades do *Clube Náutico Marcílio Dias*.¹⁰⁴ Este clube, inicialmente, se propunha a praticar atividades náuticas. Porquanto, algumas notas em jornais destacarão ainda os jogos do *Itajahyense*, pois seus atletas desempenharão, simultaneamente, as funções de diretores do *Marcílio* e de jogadores daquela equipe.

A vertente elitista foi também um fator marcante não somente no *Marcílio Dias*, bem como na cidade, haja vista que, desde a primeira manifestação esportiva - como a patinação -, passando pelo futebol e com o remo, há a participação sempre dos mesmos grupos. Delimitar a prática esportiva ou restringir sua disseminação poderia contribuir para a distinção social, uma vez que, no início do século XX, praticar esporte era estar em sintonia com o que havia de moderno. Exercer atividades físicas era manter o corpo em consonância com a saúde e o desenvolvimento corpóreo. Acredito que a elite de Itajaí, formada por influentes políticos, empresários destacados e estudantes dos melhores colégios, já era sabedora dos benefícios advindos do esporte e da importância que significava, desde a virada do século, que estar em harmonia com os avanços tecnológicos era saber também disciplinar o corpo. “(...) Nesse contexto o esporte, e tudo o que traga as suas conotações, se torna de fato um dos códigos mais expressivos para estabelecer os signos da distinção social (...)”¹⁰⁵

Talvez, não houvesse a intenção deliberada de afastar os trabalhadores, negros e pobres dos espaços esportivos, e em particular do futebol, porém os primeiros praticantes de futebol em Itajaí eram membros de famílias de notório prestígio social, econômico e político;

¹⁰³ “JOGOS Primeira Divisão – FOOT – BALL. Distinguiram-se: Jayme Ramos, Ab Fonseca, Theod. Bruggemann, **Emmanuel Fontes**, Edm. Moreira, Mario Garcia, Cand. Cauduro, **Bruno Malburg (goleiro)**, Luiz Abry.” *Idem*, ano de 1915, p. 46. (grifo nosso). Os nomes destes dois itajaienses foram destacados também na obra de DAMIANI FILHO, Dionísio. *Colégio Catarinense: 100 anos de futebol*. Florianópolis: [s.n.], 2006.

¹⁰⁴ Sobre a fundação do *C. N. Marcílio Dias* e do *C. N. Almirante Barroso* tratarei com mais detalhes no capítulo 2.

¹⁰⁵ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador geral); SEVCENKO, Nicolau (Org. do volume). *História da vida privada – República: da belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.575.

logo, o círculo de convívio dos mesmos por si só já delimitava tanto o espaço quanto as pessoas que poderiam jogar o *foot-Ball*. E como reação desse impedimento (velado e/ou explícito) foi o surgimento das primeiras entidades esportivas (que não aquelas elitistas) em Itajaí, tendo em vista a percepção dos trabalhadores e negros de que deveriam atuar também no “universo” do desporto local.

Se havia o fator econômico que mantinha elite e operariado em posições diametralmente opostas, a prática esportiva poderia contribuir também para delimitar os “lugares” sociais na cidade de Itajaí. Entretanto, assim como houve a manifestação dos trabalhadores, quando materializaram suas experiências na formação das Sociedades beneficentes, a inserção do operariado no universo esportivo seria também fruto da organização da própria classe, que, tendo em vista a ausência dos trabalhadores de Itajaí com o esporte durante a década de 1910, os mesmos buscaram em sua organização o caminho para a prática do desporto, abrindo assim novas oportunidades de contato social.

A iniciativa, no final da década de 1910, era conquistar espaço também no esporte em Itajaí. Coube, então, aos trabalhadores do porto a fundação do primeiro clube esportivo ligado ao operariado da cidade. Embora o clube reunisse apenas trabalhadores do porto, simbolicamente, era uma manifestação de classe. A organização fundada pelos portuários foi o *Clube Náutico Cruz e Souza*, cujos idealizadores eram membros da *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*. O feito ganhou espaço no jornal *A União*, que dedicava algumas linhas para a seguinte notícia:

CLUB DE REGATAS CRUZ E SOUZA

Na sociedade <<15 de Novembro>>, desta cidade, foi fundado domingo ultimo, por diversos *homens de cor*, mais um club de Regatas, que tem como patrono o inextinguível poeta catharinense Cruz e Souza, o sonhador do Bello e do Ideal.

A directoria do club recém-fundado, é composta de diversas senhoritas, que foram aclamadas pela assembléa.

Estiveram presentes á sessão de fundação do <<Club Cruz e Souza>>, os Srs. Cel Marcos Konder, operoso Superintendente Municipal, José Eugênio Muller, Mascarenhas Passos e Oswaldo Reis pelo club << Marcílio Dias>>, Tuffi Schead, Ralf Thieme e Raul Seára pelo club <<Almirante Barroso>>, Albano P. Costa pela “União”, Ary Macarenhas, João Neves, Pedro Santos e muitos outros cavalheiros, cujos nomes nos escaparam, aos quaes foi servida lauta mesa de doces e bebidas.

Ao novel Club <<Cruz e Souza>>, A <<Uniao>> deseja prosperidade. ¹⁰⁶

¹⁰⁶ *A União*, Itajaí, 20 de Junho de 1920. (Grifo nosso). O nome atribuído ao clube náutico pode indicar que havia, por parte dos portuários, uma prática de leitura.

O *Cruz e Souza* era a organização operária que se estendia em entidade esportiva. Constituída por portuários e negros, a guarnição náutica, proveniente da *15 de Novembro*, trazia em sua composição, tanto na diretoria, como no quadro de atletas, sujeitos sociais que além de lutarem contra as imposições e desmandos patronais, levantavam-se também contra o preconceito racial. Firmino Rosa, um dos diretores do *Cruz e Souza*, era neto de ex-escravo e, no ano de 1906, seu pai foi brutalmente assassinado por Ernesto Schneider, imigrante alemão que se instalara em Itajaí e comandara um estabelecimento comercial.¹⁰⁷ O caso ganhou, além do aspecto étnico, também um forte viés classista. Enquanto o réu era um “industrialista”, a vítima, por sua vez, deixara seus filhos na indigência. Todos sabiam, em Itajaí, que Alfredo Cândido Rosa era artesão e que circulava entre sua cidade, Florianópolis e São José comercializando seus produtos.

Notícias nos periódicos com tendências preconceituosas foram freqüentes em Itajaí (ao longo do trabalho isso será facilmente identificado). O mesmo *O Pharol*, em 1923, tem o seguinte título de noticiário: “**Um negro falando o idioma alemão no distrito de Luiz Alves.**”¹⁰⁸

O caso relatado anteriormente não era singular; pelo contrário, inúmeros casos no Brasil, sobretudo pós-Abolição, além de carregarem consigo a discriminação racial, desqualificando também o homem de cor,¹⁰⁹ em face da atividade profissional desenvolvida pelo mesmo. No Rio Grande do Sul, alguns relatos apontam manifestações de subserviência e violência contra aos negros, mesmo após 1888, demonstrando que havia ainda uma visão preconceituosa, não mais em relação àquele que nos anos anteriores estava na condição de escravo, mas agora com o negro. Pois a “(...) característica do trabalho escravo foi

¹⁰⁷ Detalhes sobre esse assassinato e seus desdobramentos ver em: SILVA, José Bento Rosa Da. *Nacionalidade e etnicidade no litoral do Atlântico Sul: Foz Do Itajaí – SC* (1906). (PRELO) Este caso teve ainda dentre as testemunhas em favor de Alfredo Cândido da Rosa, vítima e pai de Firmino Rosa, Manoel Pedro Alcântara, o Mané Grande, natural de Alagoas e que era portuário e artesão, além de ser remador do *Cruz e Souza*. Alfredo Cândido da Rosa era filho de Cândido Rosa e Francisca Rosa, ambos ex-escravos. Sobre o ocorrido o jornal *O Pharol* publica notícia posteriormente. “(...) Lamentamos este grave crime por conhecermos, em primeiro lugar o ofendido que faleceu 10 a 12 horas depois do facto criminoso, era casado e deixa mulher e filhos menores na indigência, não consta ter tido o menor desagravo com quem quer que fosse. O senhor Schneider é bem conhecido e laborioso industrialista, e respeitável cidadão e também tem filhos menores (...)” *O Pharol*, Itajaí, 11 de maio de 1906.

¹⁰⁸ *O Pharol*, Itajaí, 29 de dezembro de 1923. Apud. SILVA, José Bento Rosa da. *Nacionalidade e etnicidade no litoral do Atlântico Sul*. op. cit. p. 7 (Grifo Nosso). Luiz Alves era, na época, parte do município de Itajaí e sua comunidade era essencialmente ítalo-germânica. Possivelmente a manifestação quase que incrédula do jornal tenha ocorrido, pois como pode “um negro ter o conhecimento de outro idioma?” Além do mais, falar a língua usual naquela localidade representava igualdade de status, em virtude disso o fato foi publicado como algo que estivesse transgredindo os “costumes.”

¹⁰⁹ Termo utilizado em Itajaí para fazer referência aos negros. Em algumas notas poderá ser percebida tal “denominação”.

transferida para o negro liberto, consolidando a metamorfose do escravo em negro.”¹¹⁰ Já no Rio de Janeiro, do início do século XX, os ex-escravos tem sua expectativa de liberdade atendida com a criação, em 1906, da *Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café*. A fundação desta entidade livrou os trabalhadores da relação direta entre carregadores e patrões, os quais pagavam valores nem sempre homogêneos. A *Resistência* passou a reivindicar o exclusivismo de mercado, e quando tal intento foi alcançado os associados daquela entidade comemoraram a liberdade, pois a idéia era de que, mesmo com o fim da escravidão, aqueles carregadores do Rio de Janeiro continuavam cativos dos patrões. Nesta disputa, estavam envolvidos dois “significados de liberdade.”

Os patrões que fazem um uso extremado do conceito negativo de liberdade – liberdade como ausência de obstáculos ao livre curso das escolhas individuais. Os operários agem baseados num conceito positivo de liberdade – liberdade como construção coletiva de autonomia, como predicado de indivíduos que, agrupados, convertem-se em sujeitos de escolhas, deixando de ser simples objetos das escolhas alheias.¹¹¹

Segundo Maria Cecília, a liberdade para os trabalhadores cariocas representava a “construção coletiva de autonomia.” Este mesmo significado pode ser também compreendido como resultante das experiências dos trabalhadores e negros de Itajaí que constituíram organizações operárias e esportivas como meios de sociabilidade, resistência e liberdade. Não me refiro à liberdade como sinônimo de fuga ou à ação deliberada de fazer o que desejar; mas, pela possibilidade de manifestar em tais entidades seus hábitos, valores e compartilhar suas ações e experiências individuais e coletivas sem a vigilância e a barreira patronal e burguesa.¹¹²

¹¹⁰ ANJOS, José Carlos Gomes dos; SPOLLE, Marcus Vinícius. *Trabalhadores do porto no período pós-abolicionista em Pelotas: da inserção do negro no mercado de trabalho livre a decadência de uma atividade no município*. Trabalho apresentado no 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba, maio 2009, p.3. Os autores cotejam vários escritos, como o de Fernando Henrique Cardoso, Mario Mestri Filho e Beatriz Loner, os quais tinham posições diferentes no que tange o papel do negro na sociedade gaúcha. Loner destaca que as articulações dos negros foram preponderantes para se impor ao tratamento desigual. Para Loner, o negro “teve que pacientemente tecer uma ampla rede de associações, clubes e jornais, que ao mesmo tempo, organizassem e conscientizassem os elementos da raça negra, dando-lhes respaldo em momentos de crise.” LONER, Beatriz Ana. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937*. Porto Alegre: Tese de Doutorado – UFRGS, 1999. *Apud.* ANJOS, José Carlos Gomes dos; SPOLLE, Marcus Vinícius. *op. cit.* p. 4.

¹¹¹ CRUZ, Maria Cecília Velasco e. *Da tutela ao contrato*. *op. cit.* p. 117.

¹¹² Ainda sobre a participação de negros em lutas operárias há o exemplo de João de Mattos, que conviveu com a escravidão e que, após a Libertação, passou a promover greves e ações diretas para libertar da (nova) escravidão os trabalhadores em padarias. João Mattos realizou levantes em Santos, São Paulo e no Rio de Janeiro. Organizou associações operárias e publicou jornal voltado para os trabalhadores em padarias. Chama atenção o compartilhamento de experiências desde o período de cativo com estratégias e articulações que foram importantes para as ações do início do século XX. Pois, tanto na trajetória de João de Mattos como na

Analisando ainda o *Cruz e Souza*, há, entretanto, divergência entre a data de fundação deste clube náutico, pois, enquanto o periódico *A União* mencionou como data de fundação o dia 13 de junho de 1920, outras fontes apontam como fundação o 13 de junho de 1919. A *Revista Rubra Azul*, por sua vez, aceita esta data e cita, inclusive, a participação do *Cruz e Souza* em uma disputa náutica no ano de 1920. Tal publicação trazia a seguinte matéria:

C. N. CRUZ e SOUZA (ITAJAÍ)

O C.N, Cruz e Souza, foi fundado em 13 de junho de 1919 (...) A fundação deu-se na sociedade 15 de Novembro, à rua Silva. As côres do clube eram o Azul e o Amarelo.

Foram seus idealizadores os senhores Francelino Rafael e Firmino Rosa e mais, Bolesláu Procópio, Antônio Pedro, Pedro Caetano Vieira, Maximino Pereira, Manuel Euzébio Nascimento e as senhoras que compunham a primeira diretoria, pela forma seguinte: Presidente, Etelvina Vieira; Vice, Mariazinha Mascarenhas; 1 Secretária, Maria Ramos; 2., Maria Caetana; Orador, Firmino Rosa; Diretor de Galão, Francelino Rafael; Instrutor, Rodolpho Reiser; Zelador de Galpão, Pedro Caetano.

A sua primeira Yole tinha a denominação de “Guaraci”, tendo como madrinha a menina Izaura Procópio, filha do “Bole”.

Pela primeira vez na história de Santa Catarina, a 21 de abril de 1920, aparecia na raia uma **guarnição de gente de cor**, coisa nunca vista no Estado. Era esta a Guarnição: Pedro Alcântara, Antônio Pedro, Hanuel Euzébio Nascimento, Firmino Bonifácio e Pedro Celestino. Venceram a Taça “Para Todos”. E mais os remadores Pedro Constantino Pereira, Vergílio Lino, Manuel Dadativa e Manuel Casemiro.¹¹³

O *Clube Náutico Cruz e Souza* chamaria a atenção mais ainda quando, no início dos anos 20, numa disputa náutica em Florianópolis, a guarnição constituída por portuários ganharia a regata, provocando grande tensão entre os diretores da instituição que administrava as disputas de remo, que foram obrigados a solicitar o troféu que havia sido ganho pelo *Cruz e Souza* de Itajaí. A iniciativa dos negros teria seu espaço ampliado no princípio da década de 1920, quando muitos fundaram um *team de football*, também essencialmente formado por negros. Se o *Cruz e Souza* foi uma resposta ao preconceito presente nas demais guarnições náuticas em ver nas disputas a participação dos negros, o futebol pode ter sido também mais uma manifestação não somente de classe, mas, sobretudo étnica.

formação da *Sociedade de Resistência*, os negros percebiam que a escravidão continuava, mas com nova roupagem – a da exploração patronal. Mais sobre a trajetória de João de Mattos, ver em: MATTOS, Marcelo Badaró. *Trajétórias ente fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro*. Revista Mundos do Trabalho, v.1, n. 1, jan.-jun. 2009.

¹¹³ *Revista Rubra Azul*. Itajaí, 1962, p. 69 Esta revista era uma publicação do *Clube Náutico Marcílio Dias*. O Grifão em negrito é meu, e é para deixar evidente que a participação de negros em esportes “burgueses” beirava a indecência.

A iniciativa de negros e operários em constituir clubes esportivos parece que incomodava a elite, que não concebia que aquele segmento pudesse adotar práticas, até então, restritas a algumas famílias em Itajaí. Se as notas em jornais traziam termos como *gente de cor*, *homens de cor*, etc., acredito que carregavam consigo a idéia de diminuir o feito dos mesmos. Outras manifestações da imprensa eram em tons pejorativos, procurando desqualificar a presença ou as ações dos negros.

A interferência dos estudos “científicos” do século XIX ainda era muito forte na literatura no século XX. A ciência naquele século propagou a idéia do perigo que se constituía para a nação o desenvolvimento do Brasil baseado na diversidade racial. Os defensores desta idéia disseminavam em livros e jornais os males, vícios, malandragem, etc., como “atributos” inatos ao negro. A expressão pública de opiniões contra o negro não era restrita apenas nas cidades afastadas dos grandes centros, como ocorrera em Itajaí; pelo contrário, inclusive na Capital do país, no início do século, também emanavam discursos racistas. Na Revolta da Armada, por exemplo, as opiniões de “intelectuais” era de que o motivo do aniquilamento da Marinha de Guerra ocorrera em virtude da grande quantidade de negros que nela havia se incorporado.¹¹⁴

Assim como em Itajaí, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Rio Grande do Sul e em várias regiões do Brasil a manifestação, as articulações e o enfrentamento por parte de operários e negros revelavam o quanto ainda era necessário progredir para que condições de igualdade pudessem ser percebidas na sociedade. Greves, Revoltas, Sindicatos, Jornais e Clubes Esportivos atuaram como agentes que convergiam, para si, pessoas que conviviam com o preconceito e os impedimentos sociais, fazendo com que, em tais locais, as experiências fossem compartilhadas para que nos embates e nas disputas suas necessidades fossem atendidas. Em muitos casos, as experiências serviram de estímulos para outros enfrentamentos.

Em Itajaí, por sua vez, o final da década de 1910 revelou que a organização operária era cada vez mais sólida e ramificada na cidade, pois contava não somente com as instituições

¹¹⁴ NASCIMENTO, Álvaro José. Um Reduto Negro: cor e cidadania na (1870-1910). In: GOMES, Flávio dos Santos; CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. Se a Revolta da Armada não atendeu plenamente as reivindicações dos marinheiros que diante de tratamento violento, das precárias condições e da latente discriminação racial, etc., recorreram ao levante; contudo, a experiência e o enfrentamento foram de suma relevância, pois revelava organização e consciência dos negros no tocante aos problemas que atingiam a Marinha de Guerra. Pois para muitos a Marinha se assemelhava ao período de cativo, chegando até mesmo a comparar o navio como uma fazenda, onde os maus tratos em ambos os casos era comum.

classistas, mas também com as entidades esportivas. Findada esta década, os trabalhadores de Itajaí presenciaram novas manifestações, bem como contribuiriam para a popularização do futebol, que assim como o remo, só foi rompido o seu caráter elitista após o contato com o segmento operário.

CAPÍTULO 2

ITAJAÍ NA DÉCADA DE 1920: NEGROS E PORTUÁRIOS ROMPEM A BARREIRA ELITISTA DO ESPORTE.

As tropas de ocupação de Franco entraram na cidade. A quarta organização a ser expurgada, depois de comunistas, anarquistas e separatistas, era o Barcelona Football Club.¹¹⁵

Este capítulo mostrará a participação dos negros e dos trabalhadores da orla portuária com o futebol na cidade de Itajaí na década de 1920. Mais do que uma atividade esportiva, o futebol contribuiu conjuntamente para a sociabilidade operária e que além das sociedades beneficentes contava também com os espaços esportivos como alternativas para interação e possibilidade de formação da identidade operária.

No início dos anos de 1920, Itajaí contava com 19.850 habitantes,¹¹⁶ seis mil habitantes a mais em relação aos dados de 1910. O aumento da população, dentre outros fatores, fora provocado também pela atividade portuária que, a partir dos anos 20, desempenharia um papel cada vez mais fundamental na economia e na geração de empregos na cidade de Itajaí.

¹¹⁵ Aniquilar o *Barcelona Football Club* era um dos objetivos de Franco, torcedor fervoroso do *Real Madri*. O estádio deste clube serviu, inclusive, como local para preparação de tropas paramilitares que eram responsáveis por dar cabo as manifestações anti-franquistas. A atuação mais repressiva em Barcelona era motivada também pelo projeto de independência (daquela cidade e da região catalã) que contava com o apoio de sindicatos e de partidas de esquerda. Aquela citação é parte da manifestação dos defensores de Franco, quando este e seus militares adentraram na cidade da Barcelona. FOER, Franklim. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 176.

¹¹⁶ O total da população, se considerar os distritos da Penha e de Luis Alves, era de 30.353 habitantes. O quantitativo populacional de 19.850 era referente as áreas urbana e rural de Itajaí. In: KONDER, Marcos; JUNIOR, Silveira. *Anuário de Itajaí para o ano de 1949*. População do município em 1920. Itajaí: Impressora Aurora, 1949, p. 21. Já o *Censo da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí*. op. cit. menciona que a cidade, no ano de 1920, possuía 18.651 habitantes. Neste último, estão inclusos apenas as áreas urbana e rural, não sendo considerados os distritos.



Rua Lauro Müller, início da década de 1920. No primeiro plano, à esquerda, a Praça Vidal Ramos, e à direita (não aparece na foto) é a Igreja Matriz. Fonte: A.P.I.



Rua Pedro Ferreira, também no início dos anos 20. Esta rua tinha seu término na Praça Vidal Ramos, em frente a Igreja Matriz, quando então iniciava a Rua Lauro Müller.

As experiências compartilhadas dos trabalhadores portuários foram materializadas com o surgimento da *Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí*, no ano de 1922. Esta entidade passou a controlar e regulamentar apenas o trabalho relacionado à estiva; enquanto a *15 de Novembro* administrava os demais serviços do porto. Sobre a *Beneficente* dos estivadores tratarei mais adiante. No entanto, é preciso destacar que, embora as duas entidades operárias atuassem no mesmo espaço profissional, seus associados realizavam atividades diferentes na orla do porto. Enquanto a sociedade dos estivadores convergia para a sua proteção todos os trabalhadores que exerciam a atividade da estiva – que eram aqueles que atuavam dentro do navio, ou seja, a bordo; a *15 de Novembro*, por sua vez, administrava os trabalhadores que atuavam na descarga dos navios; ou seja, em terra. Conhecidos também como Terrestres.

No campo político, os anos 20 revelavam a soberania da família Konder. Cargos relevantes tanto no cenário nacional, estadual e municipal eram ocupados pelos irmãos Konder. Marcos foi eleito prefeito da cidade em 1915 e ocupou o cargo até 1930. Já Adolfo foi eleito, em 1926, para o cargo de governador o qual ocupou até 1929, quando deixou o posto para concorrer a uma vaga no congresso nacional. Victor foi deputado estadual nas legislaturas de 1919 a 1921; 1922 a 1924 e entre os anos de 1926 a 1930 foi Ministro da Viação no governo de Washington Luis.

No espaço esportivo, toda a agitação que sacudia as grandes cidades brasileiras causava impacto também em Itajaí. Se o remo e o futebol conquistavam adeptos em várias partes do país, isto ocorria também em Itajaí, que, no ano de 1919, viu surgir dois novos clubes esportivos. Eram eles o *Clube Náutico Marcílio Dias* e o *Clube Náutico Almirante Barroso*. A denominação de ambos evidencia a relevância do esporte náutico em Santa Catarina, que nesse período já contava com uma entidade responsável pela regulamentação, organização e promoção das competições náuticas.¹¹⁷

O *Marcílio Dias* teve em sua fundação muitos dos integrantes do *Itajahyense Football Club*. Além do mais, o azul e o vermelho, que eram as cores desta equipe, passaram a ser também as adotadas pelo *Marcílio Dias*. Estas aproximações podem revelar que a recém criada agremiação era o desdobramento do *Itajahyense*.

¹¹⁷ A *Federação Catarinense de Remo* foi fundada em 10 de janeiro de 1919. Em outubro de 1921 esta entidade passou a se chamar *Confederação Catharinense de Desporto*, pois desejava administrar também outros esportes, dentre eles o *foot-ball*. Para mais detalhes ver *O Estado*, Florianópolis, de 06 de outubro de 1921. Porém, com o surgimento da *Liga Santa Catharina de Desportos Terrestre* (L.S.C.D.T.), em 1924, que passou a administrar também as competições futebolísticas, a entidade náutica passou a ser denominada *Confederação Catharinense de Desportos Aquáticos*.

Dos integrantes do *Itajahyense*, fossem eles jogadores ou diretores, muitos apareceram como membros da reunião que criou a equipe marcilista e, por conseqüência, assinaram a ata de fundação desta agremiação. Dos vinte e dois atletas que estiveram presentes no jogo do *Itajahyense* do dia 19 de janeiro de 1919 (um mês antes da fundação do *C.N. Marcílio Dias*), onze¹¹⁸ deles marcaram presença na reunião deste clube náutico. Este número aumenta para dezoito, caso considere os componentes do *Itajahyense* desde a sua fundação, no ano de 1911. Inclusive fundadores desta equipe de futebol assinaram a ata que deu origem ao novo clube náutico. Entre eles, Irineu Bornhausen, Dorval Marcelino da Rosa e Emílio Augusto da Cruz Coutinho Junior.¹¹⁹

Inicialmente, o *Marcílio Dias* possuía vários esportes, tais como: remo, water-polo, natação, futebol, atletismo, tênis, vôlei e basquete. Por contemplar esta gama de atividades esportivas, o clube foi considerado de utilidade pública “*pelo Decreto-Lei nº 4.655, de 24 de janeiro de 1923, por ato do Exmo Sr. Dr. Artur Bernardes, DD. Presidente dos Estados Unidos do Brasil.*”¹²⁰

Logo após a fundação do *Marcílio*, surgia no cenário esportivo da cidade o *Clube Náutico Almirante Barroso*, proveniente de uma dissidência dentro do clube marcilista. O motivo do descontentamento fora porque quarenta membros não concordaram com a eleição das madrinhas dos dois primeiros barcos adquiridos pelo *Marcílio*.¹²¹ Assim,

¹¹⁸ São eles Gabriel Collares, Paulo Scheffer, Raul Heusi da Silva, Emmanuel Fontes, Ernesto Schneider, Júlio Willerding, Raul Heusi da Silva, Paulo Rodi, Felix Busso Asseburg, Carlos Seara Junior e Tufi João Schede. A escalção completa pode ser verificada em *O Pharol*, Itajaí, 18 de janeiro de 1919.

¹¹⁹ Os componentes que assinaram a ata de fundação do *Marcílio* foram: Inácio Mascarenhas Passos, Osvaldo dos Reis, Valter Lang, Adolfo Germano de Andrade, Gentil Millin, Pedro Sales dos Santos, Ralf Thieme, José dos Reis, Ari Mascarenhas Passos, Guedes da Fonseca Júnior, Onildo G. de Miranda, Vitor Emanuel Miranda, Emanuel Curlin, Olímpio Miranda Júnior, Euclides Dutra, Bruno Malburg Junior, Gabriel Colares, Djalma Barbosa, Alfredo Conrado Moreira, Elisiário Pereira, Jaime Bento da Silva, Irineu Bornhausen, Dorval Marcelino da Rosa, Francisco de Almeida, Lamartine Liberato, Cláudio Schneider, Paulo Scheffer, Julio Willerding, Max Puetter, Viriato Pinto do Amaral, João Silva, Manuel Vieira, Marcos Konder, Alirio Gandra, Artur P. Laux, Raul Heusi da Silva, Udo Heusi, Emilio A. da Cruz Coutinho Junior, Aderbal Alegria, Antônio Cirilo Dutra, Heitor Pereira Liberato, João Amaral Sobrinho, Antônio Liberato Faria, Conrado Miranda, Delfino de Souza Migueis, João Pinto de Farias Junior, Emanuel Fontes, Augusto L. Voigt, Sinval Seára, Raul Seára, Manuel Vieira Garção, Juvêncio T. do Amaral, Lalau Seára, Pedro de Alcântara Pereira, Nestor Gonçalves Luz, Felix Busso Asseburg, Júlio Fernandes, Bonifácio Schmidt, Germano Frise Júnior, José Eugênio Muller, Carlos M. de Abreu, Gervásio Vieira, Eliotério Morais, Arno Bauer, Max Puitter, Ernesto Schneider Junior, Samuel Heusi Junior, João Kersanach, Reinaldo Scheffer, J. Brandão, Pedro Bugarte Junior, Delorge de Avila Ferreira, José Santangelo, Pedro Knaibe Junior, G. Gonçalves, João Angelino Junior, Tufi João Schede, Apolinário Marques Brandão, Agenor Homem de Carvalho, Felipe Reiser, Edmundo Heusi, Gustavo Konder, Ricardo Heil, Telêmaco Liberato, Otávio Schneider, Armando L. da Fonseca, Jaraslau Brisa, Paulo Rodi, Schoeemberg Júnior. Ata da Reunião de fundação do Clube Náutico Marcílio Dias. Livro de atas do Clube Náutico Marcílio Dias. In: *Revista Rubro Azul*. op. cit. páginas 8 e 9.

¹²⁰ *Idem*. p. 19.

¹²¹ *A União*, Itajaí, 22 de maio de 1919.

Aos 11 dias do mez de Maio de 1919, reunido grande numero de moços, num dos salões do “Grande Hotel”, desta cidade de Itajahy, ás 6 horas da tarde, um dos mesmos presidio a mesa e expondo a razão que assim promoveu esta reunião, propôz a idéia de se fundar um segundo Club Náutico em Itajahy.

Calorosamente aplaudida esta idéia, por parte dos demais presentes, pois, consideradas as razões que originaram esta reunião, (há poucas horas antes acabaram de pedir sua demissão do Club Náutico ‘Marcílio Dias’, perto de 40 sócios, levados por razões bem justificáveis) necessitava e estabeleceu-se agora uma Directoria Provisória, ao cargo da qual ficariam os primeiros passos do club. Esta Directoria compôz-se da seguinte forma:

Presidente, Eugênio Muller Filho; Thesoureiro, Bruno Malburg Jr.; Secretario, Augusto L. Voigt.

Como nome foi aclamado o de “Almirante Barroso” e as côres – Verde e Branco – (uniforme – camisa verde com a ancora branca e calção branco).¹²²

A passagem acima faz referência à fundação do segundo clube na cidade. Embora o mesmo tenha surgido fruto de uma discórdia dentro do *Marcílio Dias*, é importante destacar que o novo clube fora fundado por membros da chamada “elite” itajaiense e que, se por um lado, houve o rompimento de idéias; por outro, as barreiras sociais permaneciam intactas, ou seja, continuava ainda o distanciamento entre as famílias ilustres e os demais segmentos sociais.

A questão econômica não se constituía como fator único e principal de “seleção” para ingressar em ambas as equipes náuticas. O aspecto de classe contribuía e muito para essa restrição. No que concerne à fixação dos valores cobrados pelas equipes ligadas à classe dominante, eram as seguintes cifras: O *Marcílio Dias* cobrava à jóia de 5\$000 para os homens e de 1\$000 para as mulheres. Sendo que o valor da mensalidade era facultativo; porém, nunca inferior a 500 réis para as mulheres, e 1\$000 para os sócios masculinos.¹²³ O *Barroso*, por sua vez, cobrava como “jóia de entrada a quantia de 10\$000 e a mensalidade de 2\$000, o valor mínimo,”¹²⁴ independente do sexo.

Em que pese que, no início da década de 1920, a diária de um trabalhador estava na casa de 3\$500 por dia e que se compararmos com os valores de “entrada” naqueles clubes, não era impossível o trabalhador integrar tais agremiações. Todavia, a jóia não era a única forma de permitir ou não o acesso das pessoas. Ademais, é relevante destacar que os valores

¹²² Ata da reunião de fundação do Clube Náutico Almirante Barroso de 11 de maio de 1919. In: *Livro de atas do C.N. Almirante Barroso*, p. 1. Acervo do Clube.

¹²³ Extrato do estatuto do C. N. Marcílio Dias aprovado em 2 de abril de 1919 e reformados em 22 de junho de 1919 e 11 de janeiro de 1920. In: *A União*, Itajaí, 19 de fevereiro de 1920.

¹²⁴ Artigo 5º do Capítulo II – “Dos sócios, seus direitos e deveres”. In *Estatuto do Clube Náutico Almirante Barroso*, de 1 de junho de 1919. p. 37. Acervo do Clube.

dos alimentos não eram tão baixos em Itajaí, sendo obrigado o trabalhador a desprender significativa parcela do seu rendimento para os gêneros de primeira necessidade, dificultando desta forma qualquer tentativa de ingressar naquelas equipes náuticas.

O remo e o futebol gozavam de considerável prestígio na cidade. O primeiro por preservar valores burgueses e por ser um imperativo de higiene e limpeza. Segundo Victor Andrade, no início do século “*o remo é o esporte da saúde; do desafio, contra o outro e contra o mar (...); o esporte da velocidade; do progresso, do limpo e do belo, da vida e da ordem (...)*”¹²⁵ Já o futebol, em Itajaí, além de ser um eficiente meio para o preparo físico, contribuía também para a interação entre as pessoas, possibilitando que grande contingente o praticasse.

Dessa forma, aquelas práticas esportivas atingiam a cidade em seus opostos, sobretudo, o futebol, que paulatinamente fora abdicando dos seus espaços circunscritos e assim favorecendo o contato de pessoas que ficavam à margem dos “territórios” elitistas. Locais estes como o *Itajahyense Foot-ball Club*,¹²⁶ *Sport Club Rio Branco*, *Marcílio Dias* e o *Almirante Barroso*. Embora tendo um público seletivo, as referidas agremiações propunham oferecer, aos seus associados, exercícios físicos e diversões compatíveis com a educação moral, intelectual e física da mocidade de Itajaí. E, tendo estas equipes finalidades saudáveis e higiênicas algumas entidades “emprestaram” o seu nome para marcas de cigarro; contrariando, desta forma, os princípios elementares do esporte. Havia, inclusive, publicidade nos periódicos.

Cigarros <<Marcílio Dias>>, <<Almirante Barroso>> e <<Itajahyense>>

O Sr. Antonio L. Gonzaga, proprietário da acreditada e afamada <<cigarraria>> Itajahy situada no Largo Gonzaga nr. 1, nesta cidade, teve a gentileza de nos oferecer diversos macinhos de três novas marcas de cigarros denominados <<Marcílio Dias>>, <<Almirante Barroso>> e <<Itajahyense>>, que vão ser introduzidos no mercado.

Aos Srs. fumantes recomendamos os referidos cigarros, pois são bem confeccionados e de excelente qualidade.¹²⁷

¹²⁵ MELO Victor Andrade. *Cidade Esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ. 2001, p. 77.

¹²⁶ Mesmo com a saída de vários dos seus componentes para o *Marcílio Dias* e muitos, em seguida, para o *Barroso*, o *Itajahyense* permaneceu ainda em atividade. Sua última “aparição” nos jornais foi no ano de 1920. A partir de outubro de 1921 os jornais passam a mencionar jogos do *Barroso* e *Marcílio* contra o *Itajahy Foot-Ball Club*. Porém, não há qualquer referência se este clube era a continuação do *Itajahyense*. Ver por exemplo o *O Pharol*, Itajaí, 08 de outubro de 1920.

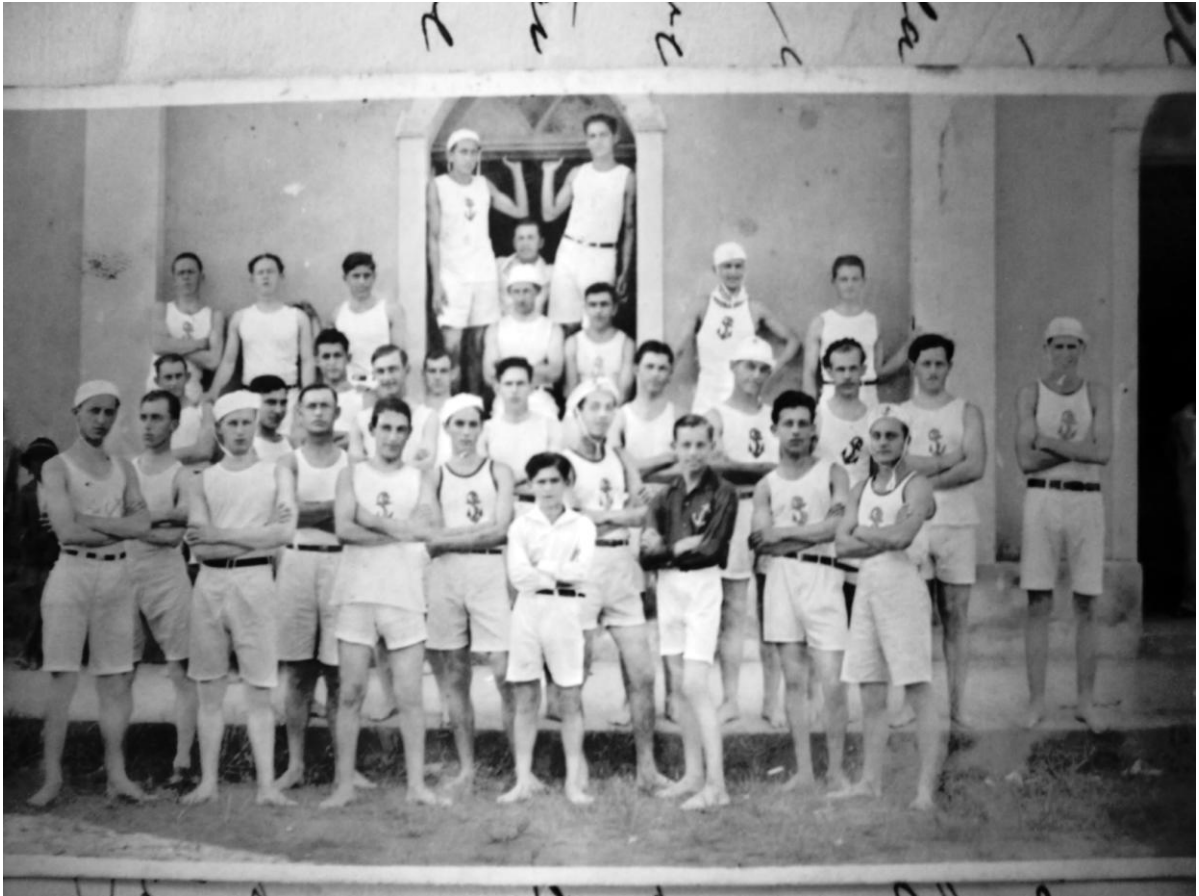
¹²⁷ *A União*, Itajaí, 25 de março de 1920.

Sem possibilidades de ingressar naqueles clubes, coube ao trabalhador buscar sua alternativa para se inserir no universo esportivo da cidade. Em Itajaí, era comum o envolvimento das mesmas famílias em variadas atividades; fosse nos clubes sociais, nos clubes esportivos, na participação política e na atuação comercial, estabelecendo assim uma hierarquia social quase que inatingível e criando a imagem de que a cidade era comandada por determinado grupo (de fato era). O vínculo destas famílias, seja com o clube esportivo ou social, representava bem mais do que simplesmente jogar futebol, ou dançar nos bailes de domingo. A influência em tais ambientes significava valioso poder simbólico, como também estreitamento dos laços de amizade e de parentesco, que além de preservar a imagem das famílias e consolidar suas posições sociais, contribuía, conjuntamente, no sentido de impedir a manifestação de outros segmentos sociais, sobretudo, dos trabalhadores.¹²⁸



Regata no rio Itajaí – Açú, no começo da década de 1920. Acervo do autor.

¹²⁸ Como exemplo disto foi verificado no capítulo 1, quando os jornais da cidade não publicaram qualquer informação sobre a greve que estava ocorrendo na cidade. Só fora possível obter alguma notícia no jornal publicado na Capital do estado. Outro exemplo desta omissão será visto mais adiante, no caso do *C.N. Cruz e Souza*, que conquistou título em Florianópolis no ano de 1921.



Remadores do *Clube Náutico Almirante Barroso* na sede social da entidade, no ano de 1920. Fonte: A.P.I.



Regatas do Rio Itajaí Açu

Regata no rio Itajaí-Açu, no ano de 1921. O público marcava presença. Acervo do autor.

Embora não existisse o impedimento formal para que pessoas de “fora do círculo” participassem dos clubes nos quais determinadas famílias integravam, tal obstáculo era velado, oculto. As posições existentes na cidade, tais como: os locais de diversão, de dança e de trabalho, simbolicamente, já definiam socialmente o espaço que cada segmento deveria ocupar. Porém, certas tentativas de restrição advindas do topo da hierarquia social não foram determinantes para que algumas manifestações ocorressem em Itajaí, principalmente, articulações provenientes do segmento operário.

No cenário esportivo, a iniciativa ocorreu com a criação do *Clube Náutico Cruz e Souza*, no ano de 1919. Esta agremiação era oriunda dos trabalhadores da orla portuária e ligada à *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*. Muitos fundadores do *Cruz e Souza* eram também remadores. Esta foi a sexta equipe náutica a ser fundada em Santa Catarina, ficando atrás apenas das três de Florianópolis – *Riachuelo* (1915), *Martinelli* (1916) e *Aldo Luz* (1918); e das duas de Itajaí – *Marcílio Dias* e *Barroso*, ambas de 1919. Os fundadores do *Cruz e Souza* foram Francelino Rafael, Firmino Rosa, Boleslau Procópio, Antonio Pedro, Pedro Caetano Vieira, Maximino Pereira, Manuel Euzébio Nascimento e algumas mulheres, as quais compuseram a primeira diretoria da equipe náutica. O primeiro quadro de diretores do *Cruz e Souza* foi o seguinte: “*Presidente, Etelvina Vieira; Vice, Mariazinha Mascarenhas; 1º Secretária, Maria Ramos; 2º, Ernestina Prateat; 1º Tesoureira, Lucilia Procópio; 2º, Maria Caetano; Orador, Firmino Rosa; Diretor Galpão, Francelino Rafael;*¹²⁹ *Instrutor, Rodolfo Reiser; Zelador de Galpão, Pedro Caetano.*”¹³⁰

Para a manutenção do clube, a diretoria do *Cruz e Souza* realizava bingos como forma de angariar recursos para a continuação da equipe, pois as despesas com as embarcações e com as instalações eram elevadas para um clube genuinamente operário. Neste período, os trabalhadores, sobretudo os ligados ao *Cruz e Souza*, necessitavam obter

¹²⁹ Dentre os membros fundadores do *Cruz e Souza* há Francelino Rafael, que também era da *15 de Novembro* e que, em 1922, já integrava o quadro associativo da *Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí* (S.U.B.E.). Conforme Ata da Reunião de 10 de junho de 1922. In: *Livro de atas do Sindicato dos Estivadores de Itajaí*. Acervo do sindicato. p. 3. Firmino Rosa foi marítimo do *Loyde Brasileiro* e “*Viajou à Europa e aos Estados Unidos. “No exterior, travou conhecimento com a doutrina marxista-leninista, recém vitoriosa na União Soviética (...)*” In: *Pasta Negros de Itajaí*. Arquivo Municipal de Itajaí/Fundação Genésio de Miranda Lins. Firmino Rosa sempre integrou as lutas da comunidade negra em Itajaí. Nesta cidade ajudou a fundar o *Cruz e Souza*, a S.U.B.E. (em 1922) e a *Aliança Beneficente dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns*, no ano de 1929. Contribuiu também na fundação do *Sindicato dos Estivadores de São Francisco do Sul* e dos *Marítimos do Rio de Janeiro* (no qual fez parte da diretoria). Bolesláu Procópio também integrou, no ano de 1922, a S.U.B.E. Já Lucilia Procópio era esposa de Bolesláu e, mesmo com a saída deste da *15 de Novembro* e do *Cruz e Souza*, permaneceu por mais tempo na entidade esportiva.

¹³⁰ *Revista Rubro Azul*. op. cit. p. 69.

conquistas também no tocante às questões econômicas. Para termos a idéia de como era a situação do trabalhador de Itajaí no início da década de 1920, a passagem a seguir elucida melhor e aponta a preocupação com a condição do trabalhador.

A VIDA OPERÁRIA EM ITAJAHY

Está tornando-se bastante difícil a vida para as classes operárias de Itajahy.

Não há serviços; os pobres operários precisam viver e manter suas famílias e não tem meios. Hoje tudo é caro. E além dos exorbitantes preços que estão sendo vendidos os gêneros de primeira necessidade, para mais entrar a vida operária, a carne verde aumentou de 1\$000 á 1\$200 e de 1\$200 á 1\$400, o kilo.¹³¹

É uma calamidade. É impossível viver-se em Itajahy. Nos serviços dos melhoramentos da barra, estavam todas as nossas esperanças, mas já nos desvanecemos; julgávamos que a diária dos operários fosse superior a 4\$000, e, no entanto não excede á mesquinha quantia de 3\$500.

Julgam, por ventura, os dirigentes daquelles serviços, que tempos de hoje são os de outr'ora? Que 1920 se pode comparar com 1906, em que tudo era barato? Enganam-se. Em vista disso, aconselhamos aos lavradores do nosso município, a não abandonar os seus sítios, os seus ganhos serão maiores.

É indiscutível, na época actual, os operários de Itajahy não podem viver. Vivem sacrificados, no trabalho; de manhã à noite, em nada conseguem para minorar-lhes a situação. Nas grandes cidades um operário é um operário e em Itajahy não é nada. A vida não pode continuar assim (...) ¹³²

Com o ordenado diário de 3\$500 réis, o operário no final do mês não conseguia obter o salário superior a 84\$000 réis. Além disso, os gastos com alguns produtos para alimentação diluíam as suas finanças. Determinada casa comercial de Itajaí anunciava os seguintes gêneros: “*farinha de trigo, kilo, 1\$100; assucar branco extra, kilo, 1\$000; ovos frescos a 800 réis a dúzia.*” ¹³³

Em que pesem os valores acima, que para o trabalhador casado e com dois filhos era, sem dúvida, uma aventura poder sobreviver com reduzido salário, havia ainda o valor da energia elétrica, que variava de \$120 até \$180 réis por mês. Caso o trabalhador necessitasse alugar o medidor este alcançava a cifra de 2\$000 réis mensais. ¹³⁴ Não foi inserido aqui o valor da carne, item que raramente tinha os seus valores publicados nos jornais.

¹³¹ Segundo Carone, na cidade de São Paulo, no ano de 1929, o quilo da carne custava 1\$500. Valor muito próximo do que já cobrado em Itajaí em 1920; evidenciando assim que o custo de vida nesta cidade era assaz elevado e que o trabalhador passava por enormes privações. Mais detalhes sobre o custo de vida do operariado ver em: CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil (1877 – 1944)*. São Paulo: Difel, 1984, p. 52.

¹³² *A União*, Itajaí, 4 de março de 1920.

¹³³ *O Pharol*, Itajaí, 5 de novembro de 1921.

¹³⁴ *A União*, Itajaí, 27 de junho de 1920.

Possivelmente, o trabalhador de Itajaí comprava este alimento com pouca frequência. Assim, com tantos gastos era quase que inviável o trabalhador compor o quadro associativo dos clubes de elite, em virtude também dos valores cobrados por estes para a admissão de novos sócios.

Os questionamentos em torno dos produtos de primeira necessidade não eram restritos somente ao espaço da cidade de Itajaí. O período que sucedeu a Primeira Guerra Mundial contribuiu para inflacionar o custo de vida. Na cidade de Santos, o assunto “Carestia de Vida” foi tema para a Coligação Operária – que concorria às eleições municipais de 1925 – inserir em sua pauta de discussão junto à sociedade. Os alimentos na cidade de Santos atingiram determinados valores que dificultavam que o operariado conseguisse sustentar sua família com os produtos elementares. Segundo Karepovs, a Coligação Operária “*agrupava medidas que tratavam do controle de preços de gêneros de primeira necessidade, criação de cooperativas, tarifas de transporte e habitação (...)*”¹³⁵ Constava ainda no programa da Coligação Operária a criação de um órgão da Municipalidade que interviesse nos estabelecimentos comerciais que aplicassem os valores acima da tabela geral, confiscando os alimentos destes infratores e revendendo-os conforme o preço tabelado.

Além de Santos, a cidade do Rio de Janeiro, também no pós-guerra, percebia alguns embates em torno da questão “alimentação”. Porém, na Capital do país, o debate em torno dos valores dos alimentos estava muito atrelado também à questão da nacionalidade. O alvo era comunidade lusitana, pois muitos destes eram proprietários de moradias e de estabelecimentos comerciais que vendiam produtos de primeira necessidade. Inúmeros conflitos foram travados entre trabalhadores brasileiros e comerciantes portugueses, em virtude de questão que envolvia pagamentos de aluguéis e valor da alimentação, e não raro tendo algum indivíduo morto. Para Ribeiro, o antilusitanismo era o resultado da insatisfação dos brasileiros contra o monopólio comercial dos portugueses no Rio de Janeiro.¹³⁶

¹³⁵ KAREPOVS, Dainis. *A coligação operária de Santos quebrou a pasmaceira*. Revista História, São Paulo, v.25, n. 1, 2006, p. 189. A Coligação Operária se constituiu na aliança (apenas para a eleição de 1925) entre o Partido Trabalhista e as células comunistas existentes na cidade de Santos, e que pretendia (a Coligação), além das conquistas em prol do operariado, criar uma oposição ao partido dominante em Santos, o Partido Republicano Municipal (PRM). O programa da Coligação Operária estava dividido em quatro tópicos, os quais eram as reivindicações dos trabalhadores santistas. Os tópicos eram os seguintes: Atuação Política, Defesa do Trabalho, Carestia de Vida e Administração Pública.

¹³⁶ RIBEIRO, Gladys Sabina. *Por que veio encher o pandulho aqui?* Os portugueses, o antilusitanismo e a exploração das moradias populares no Rio de Janeiro da República Velha. Revista Análise Social. [Lisboa, vol. 29, n. 127 \(1994\), p. 631 - 654](#). A autora analisou vários processos judiciais que envolviam portugueses e brasileiros e em tais documentos foi possível constatar que as contendas jurídicas permeavam questões de nacionalidade, dos brasileiros contra os portugueses e destes contra aqueles; raciais, contra o negro; e até

Retornando ao cenário itajaiense, no início da década de 1920, como se não bastasse o depauperamento do ordenado, o operário ainda recebia a notícia de que o gado abatido no matadouro municipal e vendido no mercado público estava com a febre aftosa.¹³⁷ Notícia esta que logo em seguida já fora desmentida pelo superintendente em exercício, Juvencio T. d’Amaral, alegando que tudo não passava de boato.¹³⁸

O remo e o futebol passaram a compor o repertório esportivo em Itajaí no início da década de 1920. As disputas náuticas agitavam a mocidade, não diferente do esporte bretão, que, além de desfrutar do status semelhante ao remo, também deixava de ser praticado tão somente em determinados locais que outrora caracterizaram o futebol na cidade. De forma geral, o esporte, e em particular o futebol, era tido como meio eficaz no sentido de aprimorar os corpos e dotá-los de saúde e força física. É inegável que o período pós-guerra tenha acentuado a necessidade para que cada nação preparasse a sua juventude para os possíveis embates bélicos que poderiam eclodir. E, nesse sentido, o futebol deixou de ser tão somente uma diversão.

Em Itajaí, o futebol revelaria, no decorrer daquela década, a sua capacidade arrebatadora atraindo para os jogos pessoas levadas pelo desejo de acompanhar e desfrutar dessa intensa movimentação esportiva. Esta relação íntima entre o público e o futebol já era presenciada em outras regiões do país. Na cidade de São Paulo, no ano de 1919, o encontro futebolístico atraiu uma “*multidão colossal de mais de 20 mil pessoas que acorrera ao Parque Antártica para assistir ao jogo entre o Corinthians Paulista e o Palestra Itália (...)*”¹³⁹ Na cidade do Rio de Janeiro, além da aproximação entre o público e o futebol, outro aspecto que incomodava alguns era o nível de profissionalização atingido no ano de 1919. O articulista da *Gazeta Suburbana* denunciava que “*quantos homens estabelecidos não inventam lugares em suas casas comerciais ou empregos para dar a esses jogadores de football?*”¹⁴⁰

mesmo manifestações de solidariedade de ambos os lados. Nesta situação as testemunhas brasileiras procuravam destacar as virtudes do inquilino/devedor da quitanda; de outro lado, os lusos iam ao encontro dos interesses dos seus patrícios, argumentando que se tratavam de pessoas honestas e trabalhadoras.

¹³⁷ *A União*, Itajaí, 30 de maio de 1920.

¹³⁸ *A União*, Itajaí, 6 de junho de 1920.

¹³⁹ SEVCENKO, Nicolau. *O Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 58.

¹⁴⁰ *Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 236. A passagem acima, publicada no periódico carioca, ajuda a perceber o quanto o futebol já havia se disseminado entre as diversas classes sociais, além de ser tratado, mesmo que proibido, como uma atividade profissional.

Diferente de outras cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife que já possuíam suas ligas e seus campeonatos de futebol, Itajaí, por sua vez, era desprovida de uma entidade que regulamentasse e promovesse as disputas futebolísticas entre as equipes da cidade. Porém, o futebol não esperou o advento de um órgão para contribuir na difusão deste esporte. Abdicando, paulatinamente, de espaços elitistas o futebol em Itajaí a partir de 1920 já era perceptível em ambientes diferentes daqueles que caracterizaram o referido esporte inicialmente na cidade. O contato primeiro com o futebol, que não aquele tido com as famílias ilustres da cidade, ocorreu com os trabalhadores do porto. É importante destacar que muitas Ligas esportivas, no período, permitiam a participação somente de atletas amadores, ou seja, sem vínculo com atividades profissionais. “*Qualquer prova de que um clube pagasse seus jogadores seria motivo para sua expulsão da liga ou federação a que estivesse associado (...)*”¹⁴¹

Independente da cidade, às vezes, as motivações para a constituição de uma equipe esportiva poderiam ser as mesmas. Na capital paulista, a restrição ao acesso do trabalhador às Ligas esportivas estimulou as Uniões Operárias a organizarem “*suas próprias unidades atléticas, dedicadas sobretudo ao futebol, mas envolvendo também os demais chamados esportes terrestres (...)*”¹⁴²

Em Itajaí, o surgimento do *Cruz e Souza* foi uma manifestação de pessoas que desejavam também participar da vida esportiva da cidade e que eram impedidas face às barreiras existentes, embora veladas. Esta situação ocorreu também com o futebol. No começo da década de 1910, foi fundado o *Itajahyense Foot-Ball Club*, que por sua composição tratava-se de uma equipe de caráter elitista. Ocorrendo o mesmo com o *Rio Branco*. Esta conduta permaneceu com o advento do *Marcílio Dias* e do *Barroso*, embora o futebol já estivesse mais difundido; porém, o ingresso de operários e de pessoas que não aquelas pertencentes às determinadas famílias nestes clubes era dificultado.

Assim, procurando atuar no cenário futebolístico (uma vez que já integravam o espaço náutico), os membros da *15 de Novembro* (constituído por trabalhadores do porto), juntamente com alguns negros de Itajaí, fundam, em 28 de abril de 1921, o *Humaytá Foot-*

A aceitação da profissionalização do futebol só aconteceria no ano de 1933. Sobre este ponto trataremos adiante.

¹⁴¹ ANTUNES, Fátima Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. p. 17.

¹⁴² SEVCENKO, Nicolau. *O Orfeu extático na metrópole*. op. cit. p. 53.

Ball Club. Este agremiação surgiu dois anos após o aparecimento do *Cruz e Souza*.¹⁴³ Muitos dos participantes da equipe náutica também atuaram no *Humaytá*. É relevante analisarmos que a fundação de equipes esportivas não se configurou em espaço destinado tão somente às práticas de atividades físicas.

Embora o intento da fundação destas equipes jamais tenha ganhado as páginas dos jornais, acredito sim que a estratégia utilizada pelo operariado (ou parte dele) era a de conquistar seu espaço no cenário social, bem como a de sociabilizar os trabalhadores. E, o incentivo para estas atuações, é importante lembrar, foi proveniente de uma instituição operária (*15 de Novembro*), que, quiçá percebendo a articulação envolvendo comerciantes, políticos e polícia no sentido de inviabilizar qualquer manifestação do trabalhador, o esporte poderia servir de meio eficiente para, simbolicamente, enfrentar tais adversários. Dessa forma, o confronto com os patrões era feito através das disputas esportivas e o sucesso obtido, nas raias ou nos campos de futebol, era destacado nos jornais, que outrora não mencionavam as tentativas do operariado, quando estes passavam a reivindicar melhores salários.

Tratava-se de um confronto de classes, mesmo que “apenas” no espaço esportivo e que revelava duas situações bem opostas. De um lado, estavam os trabalhadores, pois estes estavam atuando em iguais condições com aqueles que eram os seus patrões, e obtendo triunfos; De outro, a elite de Itajaí, que durante muito tempo praticou atividades esportivas em círculos restritos, via-se também muito próxima do operariado, pois em várias situações um comerciante, um político, uma autoridade local, ou um industrial participava de atividades promovidas pelos clubes operários, seja apadrinhando ou somente prestigiando o evento.¹⁴⁴

Algumas pessoas ajudaram a fundar o *Humaytá*. Dentre elas, temos Manoel Eusébio do Nascimento, nascido em Itajaí, no ano de 1891, portuário, fundador e remador do *Clube Náutico Cruz e Souza*; Germano Marinho Belizário, também de Itajaí, empregado do mercado

¹⁴³ O *Humaytá* adotara as cores verde e Amarelo (cores da bandeira nacional); enquanto o *Cruz e Souza* o azul e amarelo (cores da bandeira do município).

¹⁴⁴ Embora em posições sociais e condições de vida opostas a da elite, isto não inviabilizava plenamente o contato do operariado, do negro e do pobre com a chamada classe dominante. A aproximação entre operariado e elite em algumas situações poderia representar, para os trabalhadores, uma forma de demonstrar que os mesmos estavam se organizando e que o auxílio, em alguns casos, seria importante para a classe laboriosa; ao passo em que a elite poderia assimilar como sinal de deferência e manutenção de poder. Sobre esta relação temos o exemplo do Delegado, que ocupou o cargo de diretor na *S.O.B.I.*; a participação do prefeito municipal na solenidade de fundação do *Cruz e Souza*, dentre outros casos que aparecerão ao longo do trabalho. Assim é inegável que não havia apenas atitude de cordialidade no fato de convidar membros da elite para os eventos do operariado. Como também não deve ser analisada pelo viés da benevolência a aceitação por parte da elite ao participar das ações esportivas e/ou sociais do operariado. Há, inegavelmente, assimilações bem distintas e compreensões que, na maioria dos casos, não são convergentes, mas que, no entanto, configuram-se em excelentes estratégias e articulações de ambos os lados para a obtenção de “algo”.

municipal e uma liderança entre os negros da cidade; Gabriel Crispim de Oliveira, pedreiro de profissão e o primeiro presidente do *Humaytá*, e que buscou, através do futebol, um meio para integrar a comunidade negra de Itajaí; Sebastião Lucas Pereira, nascido em Itajaí, no ano de 1875, filho de escravo e também ajudou a fundar a *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*, o *Cruz e Souza* e o *Humaytá Foot-Ball Club*.¹⁴⁵ Uma das grandes lideranças junto aos trabalhadores e a comunidade negra de Itajaí foi Sebastião Lucas Pereira. Além de ter sido fundador da *15 de Novembro*, em 1906, integrou também a ações que deram vida ao *Cruz e Souza* e ao *Humaytá. F.B.C.* No início dos anos 20, participou ativamente como membro da diretoria da *15 de Novembro* e do time de futebol. Em ambas as associações as eleições eram anuais. Assim, no ano de 1923, Lucas Pereira foi reeleito orador daquele clube de futebol, além de ocupar também a função de conselheiro fiscal.¹⁴⁶ Neste mesmo ano, respondeu pela presidência da *15 de Novembro*.¹⁴⁷



Sebastião Lucas Pereira. Fonte: A.P.I.

Tanto a equipe náutica quanto a de futebol possuíam, em seus quadros, operários, fossem eles da orla portuária, ou de outros ofícios. Todavia, estas associações contavam com

¹⁴⁵ Sobre a participação dos negros na movimentação esportiva e no trabalho do porto ver documentação específica em: *Negros de Itajaí*. Arquivo Municipal de Itajaí/Fundação Genésio de Miranda Lins.

¹⁴⁶ *O Pharol*, Itajaí, 16 de junho de 1923.

¹⁴⁷ *O Pharol*, Itajaí, 07 de julho de 1923.

significativo número de negros. Esta aproximação dos negros com o esporte, possivelmente, tenha ocorrido por dois fatores: disputa de classes sociais e impedimento étnico. Dessa forma, o advento de ambas as associações favoreceu o rompimento de barreiras sociais, bem como contribuiu para que operários e negros se iguallassem, ao menos nas instâncias esportivas, aos patrões e membros da elite itajaiense.

O *Cruz e Souza* finalizou suas atividades na década de 1930 e o *Humaytá* no início de 1940.¹⁴⁸ Suas participações não foram apenas figurativas. Agiram de maneira direta e incisiva, marcando assim seus nomes na história do esporte da cidade e do estado de Santa Catarina. Em que pese à omissão atribuída aos seus feitos e aos seus participantes por parte dos “relatos oficiais”, e que o esquecimento tenha sido a tônica ao longo de décadas; entretanto, ainda é possível destacar a existência destas equipes e compreender as motivações que levaram seus membros a buscar, nas atividades esportivas, um meio de sociabilidade e de enfrentamento.

No ano de 1921, o *Cruz e Souza* realizou um grande feito. Foi o vencedor da disputa náutica “Taça para Todos”, que foi disputada em Florianópolis, no dia 15 de Novembro de 1921, e que contou com a participação das equipes de remo de Florianópolis, Itajaí e São Francisco do Sul. O que era para ter sido um marco na história do esporte catarinense ganhou, por outro lado, conotações diferentes; pois a premiação foi anulada pela *Confederação Catarinense de Desportos (C.C.D.)*, sob o argumento de “questões técnicas.”¹⁴⁹ Porém, o mais provável e aceitável era de que a guarnição composta por negros e operários não poderia triunfar no esporte destinado e praticado pela elite.

Contudo, para que o *Cruz e Souza* participasse dos páreos náuticos era necessário que a equipe fosse afiliada à *C.C.D.* O ingresso nesta instituição representaria a conquista de espaço social que, neste período, era quase que exclusivo da elite branca. A resolução do caso ocorreu no início de outubro de 1921 (cerca de quarenta e cinco dias antes da participação da equipe na regata mencionada acima) e o fato ganhou destaque na imprensa da Capital:

¹⁴⁸ Uma das últimas notas em jornais de Itajaí da equipe náutica trazia a seguinte mensagem: “*Clube de Regatas Cruz e Souza. A directoria deste Club tem a honra de convidar os Srs. Associados e freqüentadores para a sorriêe dansante, a realisar-se no dia 12 do corrente. Abrilhartará a sorriêe o <<Popular Jazz-Band>>.*” *O Pharol*, Itajaí, 9 de junho de 1932. É importante lembrar que a festa iria ser realizada na véspera do aniversário do clube, que completaria 13 anos.

¹⁴⁹ Os clubes náuticos de Florianópolis solicitaram a anulação da entrega da Taça aos remadores do *Cruz e Souza* por dois motivos: o primeiro, por serem, os remadores, trabalhadores na cidade de Itajaí e assim não estariam obedecendo ao estatuto da *C.C.D.*, que exigia que os atletas fossem amadores, ou seja, que não exercessem atividades laborais. O segundo ponto, este feito pelo *C.R. Aldo Luz*, apontava irregularidade na largada da embarcação do *Cruz e Souza* quando foi dado o sinal para início do páreo.

CONFEDERAÇÃO C. DE DESPORTOS

Reuniram-se sabbado ultimo, na sede social do Club de Regatas Aldo Luz, os membros da Confederação Catharinense de Desportos.

Às 18 horas precisas foi aberta a sessão, pelo vice-presidente Sr. deputado Oscar Rosas, que poz em discussão a parte restante do novo Codigo de Regatas, elaborado pelo Sr. Clementino de Britto.

Depois de discutidos e aprovados os últimos artigos do Codigo de Regatas passou-se á tratar da filiação do Club Náutico Cruz e Souza de Itajaí, tendo sido empossados nos seus cargos os Srs. Trajano Margarida e André Pinheiros, representantes do novel club, junto á confederação.¹⁵⁰

Com a aceitação do *Cruz e Souza* junto ao órgão máximo do desporto no estado, é de suma importância destacar o nível de instrução, envolvimento e articulação dos membros desta equipe náutica. A denominação do clube já revela o conhecimento e a relevância do poeta Cruz e Souza, que, sendo negro, conviveu com as mais diversas manifestações de preconceito racial. O contato com pessoas influentes, como no caso do representante da guarnição em Florianópolis, o também poeta negro, Trajano Margarida, confirmava a considerável percepção que conduziu os membros do *Cruz e Souza* no tocante às suas referências pessoais. Trajano Margarida era neto de ex-escrava e dentre suas desilusões de vida residia o fato de ser rejeitado na *Academia Catarinense de Letras*. Além de poeta, foi também compositor, professor e um dos fundadores do *Figueirense Foot-Ball Club*, em 1921. Possivelmente, o contato entre o poeta e os negros/operários de Itajaí tenha ocorrido no ano de 1912, quando então, Trajano Margarida foi designado professor na Segunda Escola do sexo masculino de Itajaí.¹⁵¹

As tentativas para dificultar a participação do *Cruz e Souza* começaram dias antes da grande festa náutica que se realizaria no dia 15 de novembro de 1921. Alguns clubes náuticos tentaram anular a filiação do *Cruz e Souza* à *C.C.D.*, sob a alegação de que os remadores desta equipe eram profissionais (trabalhadores profissionais) e, então, não poderiam fazer parte das disputas voltadas para os atletas amadores.¹⁵² Após receber tais denúncias a *C.C.D.* marcou

¹⁵⁰ *O Estado*, Florianópolis, 10 de outubro de 1921. Aquele feito do *Cruz e Souza* não foi noticiado nos jornais de Itajaí.

¹⁵¹ Sobre a vida do poeta Trajano Margarida, verificar o trabalho de PEREIRA, Lucésia. *Florianópolis, década de trinta: ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2001.

¹⁵² O estatuto da *C.C.D.* mencionava em seu artigo 5, do Capítulo VI, que era questão essencial para admissão de sociedade a observância “*com todo rigor da Lei do Amadorismo.*” A entidade tinha como conceito de amador “*todos os que, por prazer ou diversão, procuram na prática de sport um meio de educação physica sem intuito de lucro monetário.*” Já no capítulo VIII é possível perceber o posicionamento excludente que imperava no período. No artigo 70 daquele capítulo é exposto que, “*A Liga não reconhece como amadores: A) Profissionaes e os analphabetos; B) Todos aquelles que pelo seu meio de vida profissionall adquirem*

reunião com os membros da diretoria para apreciar o caso. O encontro ocorreu no fim de semana que antecedeu a grande festa do esporte náutico e, por decisão da maioria, a *C.C.D.* não impugnou as inscrições dos remadores, permitindo, em caráter extraordinário, a filiação dos membros do *Cruz e Souza*. Porém, ficava esta equipe com o compromisso de alterar o seu estatuto.¹⁵³

No entanto, a luta do *Cruz e Souza* não se resumiu apenas às disputas náuticas. Após o dia festivo, no qual a equipe de Itajaí foi a vencedora do páreo para estreantes, devendo assim, levar consigo o símbolo da conquista, que era materializada com a entrega do prêmio “Taça Para Todos.” Os remadores/operários não puderam lavar para Itajaí tal premiação, pois o “*Club de Regatas Aldo Luz, lavrou o seu protesto na Confederação Catharinense de Desportos, contra a classificação em primeiro lugar (...) do Club N. Cruz e Souza, allegando ter a embarcação deste club dificultado a corrida da yole do branco e encarnado.*”¹⁵⁴

Mais uma vez a atuação do *Cruz e Souza* gerava divergências entre alguns segmentos sociais, que na busca de invalidar o triunfo da equipe, constituída essencialmente de negros e operários, tentava com argumentos pouco convincentes atestar a superioridade que não foi

desenvolvimento physico (...); C) os que exerçam profissão humilhante ou emprego que lhes empreste o caracter de serviçaes, taes como: creados de servir, de hotéis, cafês, bares ou botequins, “vendas”, confeitarias, bilhares e casas de sorvete; barbeiros e cabelleiros; chauffeurs; empregados de agencia de locação, contínuos e serventes em geral; vendedores de bilhetes de loteria, ou exploradores de jogos prohibidos; conductores ou recebedores de vehiculos; D) Os professores de sports ou treinadores assalariados; os pescadores de profissão, mestres de embarcações de trafego, banhistas, guardas e empregados de barracões, garagens de clubs, piscinas ou estabelecimentos balneareos, e os constructores de embarcações; E) as praças de pret do exército e força pública; F) os de profissão manual que não exija esforço mental; G) os operários em geral, mestres, officiaes e artífices de fabricas, officinas, arsenaes e estaleiros; H) os não amadores em outros sports; (...); J) os que, embora exercendo profissão ou emprego compatível com o amadorismo, não tenham o nível social e moral exigido para a pratica dos sports aquáticos, a juízo do Conselho da Liga (...) Estatuto da Liga Náutica de Santa Catharina - L.N.S.C. Acervo de Arthur Fernandes Silveira, Historiador e pesquisador do remo em Santa Catarina. Determinações como aquelas eram comuns nas Ligas esportivas espalhadas pelo Brasil desde o início do século XX, pois era uma forma de afastar os trabalhadores dos espaços esportivos elitistas. Pois, sendo operário descaracterizava a condição de “amador”. A gama de atividades “indignas” era extensa para a *C.C.D.*, mantendo, desta forma, o caráter elitista e seletivo de muitas práticas esportivas no começo do século XX. Os portuários de Itajaí, alguns membros do *Cruz e Souza*, possivelmente estavam inseridos, segundo critérios da Liga, dentre os de “*profissão manual que não exija esforço mental.*” O que a *C.C.D.* entedia por “nível social e moral” não foi claramente exposto em seu estatuto; contudo, é bem provável que tais critérios estivessem relacionados com as questões econômicas, posição social, e cor da pele. O estatuto analisado é do ano de 1923, e é o mesmo documento de 1919, ano em que foi fundada a *Federação Catharinense de Remo*, porém a única alteração é a mudança de nome da entidade que a partir de 21/03/1923 passa a ser chamar *Liga Náutica de Santha Catarina*. Ainda sobre a restrição a vários segmentos sociais no esporte ver também em: PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. *Footballmania*. op. cit; ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas/SP, 1996.

¹⁵³ *O Estado*, Florianópolis, 14 de novembro de 1921.

¹⁵⁴ *O Estado*, Florianópolis, 17 de novembro de 1921. A passagem faz menção a ‘yole’ e, “branco e encarnado.” A saber: estas eram as cores do Aldo Luz, enquanto aquele termo significava embarcação esportiva movida a remo.

obtida na disputa esportiva. Novamente a *C.C.D.* marcou, para o sábado seguinte ao 15 de novembro, a reunião que definiria a vitória ou não dos remadores itajaienses. Como o remo era o esporte que, na década de 1920, desfrutava de considerável status junto à sociedade florianopolitana, os desdobramentos do caso eram noticiados quase que diariamente no periódico *O Estado*, que trouxe também o desfecho do episódio:

TAÇA “PARA TODOS”

Sabbado ultimo, em sessão realizada na Confederação Catharinense de Desporto, ficou resolvida a entrega da Taça <<Para Todos>> ao Club de Regatas <<Cruz e Souza >>. vencedor em 1º lugar no pareo <<estreiantes>>, das regatas realizadas no dia 15 corrente.

A's 19 horas, mais ou menos, reaberta a sessão que tinha sido encerrada para que a Directoria pudesse resolver em escrutínio secreto o caso da entrega da Taça, foi pelo 2º Secretario Sr. Jayme Linhares, lido o parecer da Directoria e após essa leitura, e entre uma salva de palmas, entregue ao Sr. Trajano Margarida, representante do <<Cruz e Souza>>, a linda Taça “Para Todos”, que coube por premio aos remadores do 1º pareo daquelle Club. De posse da Taça o Sr. Trajano Margarida, em companhia de seu collega de representação André Pinheiro e também do Sr. Saturnino Santa Rita, official inferior da Força Pública, conduzio-a de automovel para a sua residencia aonde ficou exposta até hontem ás 21 horas. Durante o dia de hontem, grande foi o numero de pessoas que visitaram a linda Taça, tendo sido offertado pelos visitantes 2 lindos bouquets. Uma commissão composta de **moços de côr** desta capital offereceu aos S. Trajano Margarida e a Directoria do <<Cruz e Souza>>, uma variada mesa de doces tendo orado em nome dos manifestantes o Sr. André Pinheiros que saudou a Directoria pondo em destaque o modo incançavel com que o seu collega de apresentação Trajano Margarida, soube agir baseado sempre nos altos sentimentos de justiça dos ilustres Srs. Juizes de Raia e da digna Directoria da Confederação C. de Desporto. O Sr. Trajano Margarida agradecendo, louvou também o auxilio prestado pelo seu collega de representação levantando vivas aos clubs Martinelli, Riachuelo, Aldo Luz e a Directoria da Confederação C. de Desporto. Ás 22 horas embarcou no Max¹⁵⁵ a Directoria do <<Cruz e Souza>>, levando a Taça para o Itajahy, onde tem sua séde o Club <<Cruz e Souza>>.¹⁵⁶

A passagem acima reforça o que foi mencionado anteriormente, no que diz respeito ao contato entre os operários e negros de Itajaí com pessoas de grande destaque em Florianópolis. É bem provável que Trajano Margarida, na condição de membro do governo estadual, tenha utilizado de sua influência e aproximação com pessoas da *Confederação Catarinense de Desportos* no sentido de viabilizar a entrega da Taça conquistada pelo *Cruz e Souza*. Ademais, o uso do carro da polícia e a companhia de integrantes da Força Pública para a condução do prêmio até a residência, a fim de expor o troféu, reforça a hipótese de

¹⁵⁵ O “Max” era um dos navios da Empresa Nacional de Navegação Hoepcke (E. N. N. H.).

¹⁵⁶ *O Estado*, Florianópolis, 21 de novembro de 1921. (grifo nosso).

influência e destaca a relevância de Margarida junto às autoridades locais. Diante desta relação e do contato entre sociedades operárias de Itajaí e Florianópolis, fica claro que havia uma espécie de circularidade de idéias e práticas, reforçando ainda mais os laços sociais entre algumas pessoas de ambas as cidades.¹⁵⁷

Aquela situação que envolveu o *Cruz e Souza* possuía como pano de fundo, daquele cenário, as estratégias da elite no sentido de afastar o negro e o operário dos espaços sociais dominados por algumas pessoas, invariavelmente, brancas. Após a conquista da regata do dia 15 de novembro de 1921, o *Cruz e Souza* não mais participou do evento. Não sabemos, no entanto, se por vontade própria, ou por motivos alheios ao desejo do clube. Possivelmente, pelo fato da exigência feita pela *Confederação Catarinense de Desportos* para que o *Cruz e Souza* modificasse o seu estatuto. O que não ocorreu.¹⁵⁸

No âmbito local, a equipe náutica de Itajaí utilizava de sua aproximação com a população como meio de angariar recursos à sua permanência, pois tendo como base em seu quadro, a participação de operários o *Cruz e Souza* não contava com grandes somas financeiras, tampouco com o auxílio da Municipalidade para a sua manutenção. Os recursos eram provenientes de ações realizadas pelo próprio clube, tais como bingos e festas. A comemoração do aniversário da equipe tornava-se, além do momento de integrar seus participantes e simpatizantes, um meio para conseguir proventos e assim contribuir à subsistência da agremiação.

CLUB CRUZ E SOUZA

A directoria deste club convida aos Srs. Associados para a festa que, em homenagem ao seu 3 aniversário, realizará em a noite de 13; na sede do club, à avenida 7 de Setembro.

A festa contará de fogueira, aipim com melado e o indispensável baile.¹⁵⁹

No espaço futebolístico, os trabalhadores eram representados pelo *Humaytá*, que, aos poucos, consolidava o futebol na cidade e ampliava a participação, tanto do operário, quanto

¹⁵⁷ “Margarida foi funcionário público da Secretária do Interior e Justiça do Estado, na função de amanuense, em cuja atividade registrou manualmente documentos ou copiou-os. Participou ainda de diversas associações literárias, cívicas e esportivas, a exemplo de sócio-fundador da Associação dos homens de Cor (1915); sócio-fundador do Centro Cívico José Boiteux (1920), orador do Figueirense Futebol Clube (1923); sócio-fundador do Centro Catarinense de Letras (1925).” GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões: a presença de intelectuais, músicos e poetas negros nos jornais de Florianópolis e Tijucas no início do século XX*. Florianópolis: Umbutu, 2007, p. 23.

¹⁵⁸ LICH, Henrique. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre: Corag, 1986, p. 171. Este autor ainda menciona que, por não acatar a decisão do C.C.D., o *Cruz e Souza* teve que devolver, em 19/10/1923, a Taça conquistada no ano de 1921.

¹⁵⁹ *O Pharol*, Itajaí, 9 de junho de 1923.

do negro nesse esporte. No ano de 1922, o clube integrou o grupo, formado pelas entidades esportivas, que criou o órgão que tinha como finalidade a organização e a regulamentação de competições esportivas no estado. Este órgão era a *Liga Catharinense de Desportos (L.C.D.)*.

A *Liga* teve vida efêmera, não chegando a durar mais de um ano e tendo organizado apenas um torneio, do qual saiu como campeã a equipe do *Sport Club Brusquense*.¹⁶⁰ No entanto, não resta dúvida de que a participação do *Humaytá* na fundação da *Liga* era o reconhecimento da relevância das associações operárias (incluindo o *Cruz e Souza*) no espaço esportivo de Itajaí. Tendo sido signatário da *L.C.D.*, o *Humaytá* evidenciou que sua existência não era apenas secundária, pois sua presença perpassava a questão esportiva, chegando também nas manifestações étnicas e de classe.



Clube Náutico Cruz e Souza e a Taça conquistada em Florianópolis no ano de 1921. Fonte: A.P.I.

¹⁶⁰ O *Sport Club Brusquense* no ano de 1944 troca o nome para *Clube Atlético Carlos Renaux*, que, em 1987, se funde com o *Clube Esportivo Paysandu*, resultando no *Brusque Futebol Clube*, em atividades até os dias de hoje.

Assim como o *Cruz e Souza*, o *Humaytá* não se restringia ao sucesso apenas no campo de jogo. Sua capacidade de organização e sociabilidade materializava-se com a inauguração de sua sede social e que, muito embora as ações do segmento operário não fossem divulgadas, a inauguração teve algum espaço no periódico *O Pharol*. “Para a inauguração hoje, da nova sede social do *Humaytá Foot-Ball Club*, desta cidade, de que são directores os Srs. *Gabriel Crispim de Oliveira, Gabriel Moreira e Januário Manoel da Rosa*, recebemos um attencioso convite que agradecemos.”¹⁶¹

A contribuição do *Humaytá*, no sentido de difundir a prática do futebol e aproximá-la do operário e do negro, manifestava-se também pelo acesso gratuito aos seus jogos. Diferentemente do hábito adotado pelas equipes da elite que, desde a fundação do *Itajahyense Foot-ball Club*, já realizava a cobrança de ingresso para que a assistência pudesse deleitar-se com os jogos de futebol. Embora não houvesse o impedimento através de normas e regulamentos para que os operários e negros assistissem as partidas, a cobrança para entrar no estádio era uma forma de inviabilizar o acesso de tais segmentos aos jogos.¹⁶²



Esquina da Rua Lauro Müller, que se encontra com a da Hercílio Luz. Na Foto, do ano de 1920, o ponto de encontro da cidade. Num primeiro plano, à direita, a farmácia, que posteriormente deu lugar ao sobrado que foi ocupado pelo *Café Modelo*. Fonte: A.P.I.

¹⁶¹ *O Pharol*, Itajaí, 31 de março de 1923.

¹⁶² *O O Pharol*, Itajaí, 22 de janeiro de 1921, traz na edição o convite para o jogo que iria se realizar no dia seguinte, no campo do *Barroso*, e para quem desejasse assistir a este *match* o ingresso custaria 500 réis. O jornal *Novidades*, Itajaí, 11 de junho de 1922, menciona os seguintes valores: “500 réis nas geraes e 1\$000 no Pavilhão para os jogos no estádio do *C.N.Marcílio Dias*.” Em Florianópolis o ingresso custava 1\$000. *A Republica*, Florianópolis, 1 de agosto de 1920.

Sobre o preconceito existente na cidade, vale destacar a passagem trazida por Marlene de Fáveri, quando esta entrevistou o ex-diretor do *Bloco dos XX*,¹⁶³ Carlos Afonso Seara, o mesmo declarou que “*havia aquele racismo, aquela coisa. Preto não dançava junto com branco e branco não dançava junto com preto. Correto?*”¹⁶⁴

O frenesi provocado pelo futebol já não era mais privilégio somente dos filhos de algumas famílias em Itajaí ou dos jovens provenientes do *Colégio Catarinense*, que obtendo o contato inicial com o futebol em tal instituição, no início do século XX, retornavam para Itajaí com o status de disseminadores deste esporte. Prática esta que, na década de 1920, já era percebida em vários cantos da cidade, e sua propagação era sinal claro de que o futebol ganhava novos atores sociais. Nesse período, o futebol começava a ser disseminado na cidade, não sendo jogado somente nos espaços elitistas.

Foi a partir de então, que o futebol passou a se enraizar entre a juventude de Itajaí e, sobretudo, entre as camadas menos favorecidas economicamente, bem como nos lugares mais afastados da região central. É provável que a contribuição dada à difusão do futebol ao cotidiano popular tenha ocorrido com o surgimento tanto do *Cruz e Souza*, quanto do *Humaytá*, que eram equipes compostas por pessoas oriundas dos segmentos sociais que há tempos tinham seus espaços para manifestações restritos na cidade. Sobre a prática do futebol pela cidade, houve a publicação da seguinte matéria:

FOOT-BALL

Actualmente, contamos em nosso município com inumeros clubs que praticam o foot-ball. Não há um arrayal que se não joguem o tão apreciado, quão violento jogo inglês. Por toda a parte que se passe, encontram-se as infalíveis balizas que marcam o “goal”. Uns em regras, outros não. À tardinha, nas próprias ruas da Cidade, vê-se o bate-bola da guryxada, futuros campeões (...)¹⁶⁵

¹⁶³ O *Bloco dos XX* foi fundado em 02 de agosto de 1929, por vinte jovens, que tinham como finalidade promover baile e demais eventos artísticos e culturais na cidade. Dentre os fundadores temo Ary Mascarenhas, Arnaldo Heusi, Paulo Malburg, Erico Scheffer, dentre outros.

¹⁶⁴ Entrevista com Carlos Afonso Seara. In: FÁVERI, Marlene. *Moços e moças para um bom partido*. (1929-1960). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 1996, p. 99. Naquele depoimento o ex-diretor mencionava ainda que, como de costume, havia a prática de convidar pessoas de destaque na cidade. E ocorreu o convite para o comandante do exército, que era negro. Tal situação provocou desconforto dentro do clube. Conforme declarou o depoente “*Tinha que mandar um convite para o comando. Mas, não criou problema não. Pelo contrário, sempre foi uma pessoa de muita classe, de um comportamento exemplar. Só que era preto coitado! Era a única pessoa preta que entrava porque era do comando do exército (...)*” p. 99.

¹⁶⁵ *O Pharol*, Itajaí, 27 de janeiro de 1923.

À frente da diretoria do *Humaytá*, permaneciam as pessoas com vínculos muito estreitos com o segmento operário e esta aproximação notabilizou a equipe durante a sua existência. Na eleição do quadro diretivo, para o ano de 1923, é possível perceber a efetiva participação destes operários.

HUMAYTÁ F.B.C.

Para dirigir os destinos deste club foi eleita a seguinte diretoria:

Presidente – Gabriel Moreira, Vice – Gabriel Chrispim de Oliveira, Thesoureiro - Germano Mariano, Secretários – Manoel Paulo Conceição (reeleito) e Tolentino Nicolau da Silva, Orador – Sebastião Lucas Pereira (reeleito), Procuradores – João Chrysostomo (reeleito) e Eudoro Moreira.

Conselho fiscal: Sebastião Lucas Pereira, presidente – João Anastácio Pereira, secretario – José Lucio Rodrigues.

Comissão de sport; diretor – Affonso Moreira, fiscal – Américo Felix da Rosa, captain – Manoel Pitta da Rosa.¹⁶⁶

Se as reivindicações por melhores salários eram sufocadas por aqueles que comandavam a cidade, o operariado buscou no esporte o caminho (muito eficiente, diga-se de passagem) para não somente sociabilizar as pessoas, como também enfrentar os seus oponentes. Tratava-se de disputas simbólicas, mas que, no entanto, o sucesso, tanto nas águas, quanto no campo, propiciava, mesmo que brevemente, o nivelamento das posições sociais.

Em meados da década de 1920, foi inaugurada em Itajaí a Vila Operária. A execução deste empreendimento coube à *Companhia Construtora Catarinense*, de propriedade de José Eugênio Müller (sobrinho de Lauro Müller). Em seus estatutos, “*essa Cia proclama destinar-se a ajudar as famílias trabalhadoras de Itajaí na construção de suas moradias, e incentivar a instalação de indústrias na cidade.*”¹⁶⁷

A *Sociedade União Beneficente dos Estivadores*, fundada em 1922, possibilitou que muitos dos seus associados adquirissem residências na Vila Operária. Local este que ao longo dos anos 20 percebeu a presença cada vez mais intensa de famílias de trabalhadores habitando o bairro. A idéia de criar a Vila pode ter sido também à materialização da estratégia para

¹⁶⁶ *O Pharol*, Itajaí, 16 de junho de 1923.

¹⁶⁷ Estatuto da Companhia Construtora Catarinense. In: MOREIRA, Marcio Ricardo Teixeira. *A formação do capital mercantil e industrial em Itajaí (SC): uma industrialização incompleta*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002, p. 79.

controlar os trabalhadores, que deveriam ocupar determinado espaço geográfico na cidade e, assim, permanecerem sob os olhares daqueles que desejavam manter a ordem em Itajaí.¹⁶⁸

A Vila Operária abrigou um contingente considerável de trabalhadores, sobretudo portuários, além de propiciar o estabelecimento de uma relação muito próxima dos trabalhadores com o futebol. Esta sinergia surgiu já no final da década de 1920, quando Itajaí presenciou o nascimento de outra equipe de futebol, proveniente da própria Vila. Enquanto este time esteve em atividade foi, sem dúvida, o que contou com maior número de torcedores. Seus jogos provocavam verdadeiros delírios na assistência, que constituída, em sua maioria, por trabalhadores e habitantes do bairro operário, assimilava o futebol, e por extensão o time da Vila, como partes integrantes da identidade operária, transformando os dias de jogos em excelentes momentos de sociabilidade, tanto para os moradores do bairro como para os trabalhadores. A Vila Operária comportava a torcida, o estádio e a sede do clube, favorecendo ainda mais o processo de popularização do futebol em Itajaí. Não por acaso, que o time nascido na Vila ficou conhecido com o time do povo.



Vila Operária em 1928, quando na oportunidade foi inaugurado o *Grupo Escolar Lauro Müller*. No plano principal a Avenida José Eugênio Müller, ao fundo desta, a Rua Alberto Werner, também conhecida como rua detrás. E era nesta que grande parte dos operários residia. Fonte: A.P.I.

¹⁶⁸ Sobre esta possível “disciplinarização” propiciada com o advento da Vila Operária, ver em SILVA, José Bento Rosa Da. *Do porão ao convés: estivadores de Itajaí entre a memória e a História*. Recife: UFPE, 2001 (Tese de Doutorado, 286 p), p 138-39.

Contudo, antes de abordarmos e mencionarmos que time foi este que agitou não somente o bairro operário, mas também toda a cidade, é importante destacar que o *Humaytá* foi o primeiro clube a romper com os obstáculos que impediam o acesso do futebol com a população de cidade. A relação daquele time com os portuários e o contato com a população negra foram determinantes para que o futebol - que durante muitos anos foi uma prática elitista - fosse percebido não apenas como atividade esportiva, mas, sobretudo como espaço de sociabilidade e compartilhamento de experiências.

Na tentativa de conquistar mais reconhecimento e no intuito de legitimar as competições futebolísticas em Santa Catarina, surgia, no ano de 1924, a *Liga Santa Catharina de Desporto Terrestres (L.S.C.D.T.)*, na Capital do estado, Florianópolis. A primeira equipe de Itajaí que passou a disputar o campeonato catarinense de futebol foi o *Marcílio Dias*, no ano de 1926. Com o advento da *L.S.C.D.T.*, o futebol no estado abdicava do seu caráter simplesmente lúdico, ganhando, assim, mais competitividade e interesse por parte de jogadores, torcedores e dos próprios clubes. Os constantes jogos, entre equipes da mesma cidade, ou entre equipes da região, contribuíam para criar uma rivalidade entre os quadros disputantes das pugnas.

Além dos jogos oficiais, aqueles organizados pela *L.S.C.D.T.*, havia também os confrontos amistosos entre times da mesma cidade ou de cidades distantes. O *Humaytá* costumava realizar muitos jogos amistosos, como ocorreu também no ano de 1927 contra o quadro da cidade de São Francisco do Sul. Cidade esta que desde aquela época já era muito conhecida em virtude da atividade portuária. “*No próximo mez realizar-se-á nesta cidade um grande encontro de Foot-Ball, entre as esquadras do Ypiranga, de São Francisco, e Humaytá, local.*”¹⁶⁹

Concomitantemente às constantes disputas futebolísticas em Itajaí, a cidade presenciou também a organização operária nas Sociedades Beneficentes. O envolvimento da população em geral, em particular do operariado, com o futebol não diminuiu o ímpeto do trabalhador ou desvirtuou sua atenção às questões relativas as suas condições de trabalho e de vida. Pois, mesmo em meio ao triunfo do *Cruz e Souza* e do impulso dado ao futebol pelo *Humaytá*, a manifestação operária continuava ativa. Como prova disso, há a criação da Sociedade *União Beneficente dos Estivadores de Itajahy (S.U.B.E.)* em 1922, e a reorganização da *15 de Novembro*, em 1928, que deixava de atender apenas os trabalhadores

¹⁶⁹ *O Pharol*, Itajaí, 12 de outubro de 1927.

da orla portuária e passava a ampliar sua tutela operária, abrangendo outros segmentos profissionais. Tal alteração foi publicada em jornal, que trouxe a seguinte informação:

SOCIEDADE OPERÁRIA

Como sabemos, a velha e conceituada Sociedade Beneficente <<15 de Novembro>>, que tem sua sede própria á rua Silva, transformou-se ultimamente em uma associação operária.

Fundada em 15 de novembro de 1906, durante mais de 20 annos bons serviços tem prestado aos seus membros, constituídos todos por trabalhadores do porto (...) Em consequência dessa transformação, seus estatutos vão ser modificados, dilatados seus fins, cujo objectivo principal é amparar e proteger a classe operária que em nossa cidade é já numerosa, mas que até esta data tem vivido dispersa.

Não há duvida, que a cooperação deve existir em todas as actividades; e o operário, mais do que ninguém precisa de protecção (...) A sociedade dos estivadores do nosso porto parece ter compreendido seu papel, e por isso tem progredido, e vencerá sempre que intelligencias esclarecidas a guiarem (...)¹⁷⁰

O futebol foi, sem dúvida, na década de 1920, o esporte que muito cativou os trabalhadores portuários. Depois do *Humaytá*, os estivadores desejavam também criar o seu próprio clube de futebol. Em reunião da categoria, no mês de julho de 1929, “foi levado ao conhecimento da assemblea que havia entre diversos sócios a idéia de organizar “um theam de foot-Ball” e desejava ser patrocinado pela mesma sociedade. Declarando-se o Presidente que sendo fora dos fins tradicionais da sociedade, entregava o assumpto à coletividade.”¹⁷¹ Após levar a intenção ao apreço dos associados, estes aprovaram a idéia. Em seguida, o presidente sugeriu a possibilidade da “sociedade oferecer um uniforme para os associados dos fins citados, sendo também aprovado por unanimidade.”¹⁷²

Possivelmente, o desejo em contar com um time de futebol entre os estivadores tenha sido influência de ex-atletas do *Humaytá*, que, segundo Paulo Maciel, “o *Humaytá* era formado por negros e muitos jogadores que eram do *Humaytá* saíram e foram pra estiva.”¹⁷³

O depoimento acima adquire ainda mais veracidade, se cotejado com as informações obtidas nos periódicos, que, ano de 1926, na diretoria da recém fundada *Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí* aparece o nome de Manoel Paulo Conceição como

¹⁷⁰ *Itajahy*, Itajaí, 29 de abril de 1928.

¹⁷¹ Ata da Assembléia da Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí, de 20/07/1929. In: *Livro das Atas da S.U.B.E.* Acervo do Sindicato dos Estivadores de Itajaí.

¹⁷² *Idem*.

¹⁷³ Entrevista com *Paulo Maciel*, na cidade de Itajaí, em 24/09/2004. Paulo Maciel nasceu em Itajaí no dia 02/10/1931 e começou a trabalhar na estiva em 1954.

secretário desta entidade.¹⁷⁴ O mesmo Manoel ocupara, outrora, no *Humaytá* semelhante função.

A proposta de iniciar com o futebol na estiva não obteve desdobramento, e não foi nesta oportunidade que os estivadores passariam a contar com um *team* de *football*. Os motivos para a não concretização da proposta não foram expostos nas reuniões subseqüentes, tampouco a idéia foi retomada no início da década de 1930. Mesmo por que, neste ano, a *S.U.B.E.* dedicou atenção especial às eleições presidenciais e realizando aberta campanha em favor de Júlio Prestes. Tal manifestação de apoio ganhou espaço nos jornais, que publicou nota com emblemático título:

MANIFESTO

A Sociedade União Beneficente dos Estivadores em assembléa realizada segunda-feira, resolveu apoiar as candidaturas dos eminentes patrícios Drs. *Julio de Albuquerque Prestes e Vital Henrique Soares* respectivamente à presidência e vice-presidencia da Republica no futuro quatriennio.

Em vista do exposto recommendamos a todos os Srs. Consócios eleitores a comparecerem às urnas em 1º de Março próximo vindouro afim de, dando prova do mais alto patriotismo e da mais firme lealdade ao seu gremio, suffragar os nomes daquelles dois eminentes candidatos.

Itajahy, 21 de janeiro de 1930.

A Directoria:

*Polycarpo Fernandes de Oliveira, Henrique Bella Cruz, João Victor, José Alexandrino, Arnaldo Corrêa de Mello e José Pereira Netto.*¹⁷⁵

A nota anterior traz os nomes dos diretores da *União* dos estivadores e presume-se que todos estivessem dedicados em prol da candidatura de Julio Prestes, que, em Itajaí, recebia o apoio da família Konder. Entretanto, o que teria motivado tal apoio para aquele candidato?

O surgimento da *União Beneficente dos Estivadores de Itajaí*, em 1922, foi a materialização de experiências dos portuários insatisfeitos com sua condições de vida e trabalho. Unir-se à candidatura do político da situação subentende-se, por um lado, que havia uma aceitação da ordem vigente. Por outro, todavia, é possível conjecturar que poderia ser uma articulação da *União* no sentido de obter ganhos futuros. O fato é que havia sim uma relação entre entidades operárias e autoridades locais e que era simbolizada quando tais

¹⁷⁴ *Itajahy*, Itajaí, 7 de março de 1926.

¹⁷⁵ *Itajahy*, Itajaí, 26 de janeiro de 1930. Itálico no original.

“personalidades” aceitavam apadrinhar as associações, participar em eventos, etc.¹⁷⁶ E, esse contato de alguma forma possibilitava, para ambos os lados, o estabelecimento (em muitas situações) de conversa franca e de reciprocidade de auxílios.

O vínculo e o estímulo dado ao esporte por parte das sociedades beneficentes e/ou dos sindicatos não era privilégio apenas de Itajaí, como ocorrera com o *Cruz e Souza* e o *Humaytá* – ambas entidades com fortíssima ligação com a *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*. O envolvimento que caracterizou o trabalhador com o esporte em geral, mas em particular com o futebol, refletia nas entidades de amparo ao operariado em várias partes do Brasil. Por exemplo, “o trabalhador gráfico foi um importante jornal com uma longa história no movimento operário de São Paulo. Além de apresentar artigos sobre o esporte e a juventude operária, criou, em 1927, a diretoria da *União dos Trabalhadores Graphics Futebol Club*, uma iniciativa pioneira dentro de um sindicato.”¹⁷⁷



Na parte superior deste sobrado funcionou a primeira sede da *Sociedade União Benficiente dos Estivadores de Itajaí*. Posteriormente, quando ocorre a troca de sede, o local acima foi ocupado como escritório da *Caixa Social Benficiente dos Estivadores de Itajaí* (C.S.B.E.I.), conforme está nas iniciais acima das janelas. Fonte: A.P.I.

¹⁷⁶ No ano de 1927 é publicada no jornal a notícia de que, por obra do governador Adolfo Konder, teria início a construção da escola na Vila Operária. É importante destacar que havia um considerável contingente do operariado habitando a Vila neste período; assim, uma obra para atender os trabalhadores e a população pobre poderia representar certo “atrelamento” eleitoral. *O Pharol*, Itajaí, 31 agosto de 1927. Ainda no ano de 1927, quando da inauguração da sede da *S.U.B.E.*, este evento contou também com a presença de autoridades locais, dentre elas: José Eugênio Müller e o representante do Prefeito Municipal, que naquele ano era Marcos Konder, irmão do Governador do Estado, Adolfo Konder, e de Victor Konder, Ministro da Viação e Obras Públicas. O referido acontecimento foi noticiado pelo jornal *Itajaí*, 27 de novembro de 1927.

¹⁷⁷ MORAES, Cláudia Emília Aguiar. *Esporte proletário: uma leitura da imprensa operária brasileira* (1928 – 1935). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007, p. 12-13.

Na mesma linha que envolvia aquela relação, Decca menciona que, em São Paulo,

Os grupos de tendência comunista, no final dos anos 20 e início dos 30, empreenderam, por exemplo, campanha pela “Proletarização do Esporte”, notadamente dos clubs de futebol. Essa “proletarização” significava trazer para junto dos sindicatos atividades esportivas de maneira a incentivar o comparecimento dos trabalhadores (...) Subvencionado pelo *O Internacional* era fundado um clube do sindicato dos empregados em hotéis, restaurantes, etc., o Grêmio Artístico Esportivo Internacional (GREI) em 1929 (...) ¹⁷⁸

Muito embora já existissem articulações de grupos comunistas em várias partes do Brasil na década de 1920, muitos dos quais se empenhando fervorosamente na difusão do esporte junto ao operariado, de modo que este abdicasse de sua participação nos clubes dos patrões e se dedicasse nas equipes de cunho proletário. Em Itajaí, por sua vez, aquela década apresentou alguns trabalhadores, sobretudo ex-marítimos, que se inclinaram ao comunismo. Dentre essas pessoas, é possível destacar Martinho Silva, Joaquim Lopes Corrêa, Euclides Braga Silva, Arlindo Nery, José Mariano Furtado e Pedro Alcântara. Nos anos de 1920 não existia nenhuma organização comunista na cidade de Itajaí. Ao menos não foram encontrados registros e tampouco depoimentos que afirmam tal situação. Isto só viria a acontecer no ano de 1935, quando, então, é criada a célula do *Partido Comunista* em Itajaí. ¹⁷⁹

Os anos 20 estavam chegando aos seus últimos momentos, deixando a certeza de que, ao menos no futebol, o futuro era promissor. Este esporte que a cada ano enraizava-se mais no cotidiano popular e convergia para os ambientes futebolísticos não somente a assistência, mas, sobretudo, eram nos jogos de futebol que havia a contribuição para a identificação de muitos sujeitos sociais que se encontravam nos estádios e assim possibilitavam o compartilhamento de experiências. No cenário político, profundas alterações ocorreriam em Itajaí motivando agitações até então, inigualáveis. Nessa turbulência, muitas personalidades, que há muitos anos reinavam absolutas na cidade, foram destronadas. Com a chegada de Vargas ao poder, Itajaí viveu momentos de temor, pois havia a ameaça de bombardeamento da cidade, em virtude desta ter sido opositora de Getúlio durante o processo eleitoral.

¹⁷⁸ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920 -1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 121.

¹⁷⁹ Sobre o diretório do PCB em Itajaí ver mais detalhes no capítulo 3.

Antes de concluir este capítulo devo retornar ao assunto tratado anteriormente a respeito do time de futebol criado na Vila Operária. O clube que encantou milhares de pessoas e se caracterizou como sendo o time do povo foi criado em 1929, com o nome de *Lauro Müller Foot-Ball Club*. A década de 1930 marcaria ainda a trajetória vitoriosa das equipes de futebol de Itajaí, as quais presenciariam a conquista do título máximo do futebol de Santa Catarina por equipes da cidade, como o *Lauro Müller* e a *Companhia Itajahyense de Phósforo*. E, sobre esta proletarização do futebol tratarei a seguir, no terceiro capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO 3

A PROLETARIZAÇÃO DO *FOOT-BAL*

*Muita gente me pergunta: mas o que vai fazer no futebol? Divertir-me, digo a uns. Viver, digo a outros (...)*¹⁸⁰

Este capítulo abordará o futebol na cidade de Itajaí, a partir da década de 1930, até os anos 50, período este em que o referido esporte atingiu o seu ápice, tendo, inclusive, a oportunidade de equipes locais obterem o título estadual de futebol. A peculiaridade entre ambas as equipes era o fato de existir uma relação muito próxima com o operariado. De um lado o *Lauro Müller*, campeão em 1931, equipe da Vila Operária; de outro, o time da *Companhia Itajahyense de Phósforo* (CIP), que era constituído por operários da própria indústria.

Outros feitos também foram realizados no espaço futebolístico da cidade naquele período e tendo também a participação do operariado. Este envolvimento e o clima do futebol no pós 1930 serão abordados neste capítulo. A aproximação entre operário e futebol não foi apenas passageira; pelo contrário, marcou época, destacou trabalhadores, evidenciou equipes e envolveu a cidade de Itajaí. A escolha do título deste capítulo revela o quanto o futebol acompanhou o segmento operário a partir da década de 1930, fazendo com que o futebol fosse mais do que simples divertimento, mas que atuasse também como meio de sociabilidade e identificação do operariado.

Se a década de 1920 havia começado sob os olhares do otimismo, pois o futebol estava sendo praticado com mais intensidade em Itajaí, podemos dizer que os anos 30 consolidariam a perspectiva da década passada. Principalmente, pelo surgimento de clubes com forte vínculo com a população da cidade, em particular com o operariado.

Findando os anos vinte, os jornais manifestavam, em suas páginas, o desenvolvimento da prática futebolística na cidade e o relacionavam com o cotidiano popular. Com o título “O entusiasmo sportivo”, o articulista de *O Pharol* dizia que:

¹⁸⁰ REGO, José Lins do. Fôlego e classe. In: *Poesia e vida*. Rio de Janeiro: Ed. Universal, 1945, p. 218.

Itajahy atravessa uma época de entusiasmo sportivo tão intenso que para os campos de foot-ball convergem todas as atenções, mantendo-se os mesmos, nas tardes de domingo, durante os impreteríveis encontros que se ferem entre os applausos da mocidade, abarratados por uma multidão que se acotovella, agitada por uma animação sadia e barulhenta.

Com o crescimento do entusiasmo multiplica-se também o numero de clubs, pois rara é a semana em que não se tem conhecimento da fundação de uma nova associação sportiva.¹⁸¹

Não havia dúvida a respeito da proliferação do futebol em solo itajaiense. Sua prática não se restringia, naquele momento, tão somente a determinados espaços. Pelo contrário, um simples terreno baldio já era transformado em *ground* para o *match* de *foot-ball*. O periódico *O Pharol* dedicava mais atenção para a disseminação do futebol. A matéria informava que:

O Foot-ball está atravessando, não há dúvidas, uma de suas épocas de maior animação na cidade. Tornou-se, como há annos atrás, o divertimento predilecto dos moços, que arrastam, com o seu entusiasmo, para o campo da lucta amistosa, o bello sexo que <<torce>>, as creanças que já ensaiam pelas ruas, mesmo a custa do sacrificio das vidraças do visinho, o pontapé impulsivo, e os próprios velhos que aprenderam, á custa de experiências de toda a sorte, a defender no <<football>> da vida o <<goal>> dos seus interesses, e a <<driblar>> os seus competidores na lucta pelo ganha pão diário.¹⁸²

No início da década de 1930 Itajaí contava com 27.140 habitantes¹⁸³ e a economia sentia os efeitos positivos do crescimento do porto e da instalação de algumas indústrias na cidade, principalmente na Vila Operária. Segundo João Kleis, “(...) *A vila já tinha a fábrica de tecidos Renaux e a metalúrgica dos Hoffman* (irmãos Hoffman)”¹⁸⁴

O rompimento com os espaços elitistas contribuiu, indiscutivelmente, para o impulso necessário a fim de que outros segmentos sociais passassem a ter contato também com o esporte bretão. Porém, essa ruptura não ocorreu de maneira breve; pelo contrário, durante uma década não se percebeu o envolvimento do futebol com outras pessoas que não aquelas ligadas a algumas famílias ricas da cidade.

É provável que houvesse o conhecimento, já na década de 1910, do que era o futebol por parte dos portuários e demais trabalhadores da cidade de Itajaí. Mesmo não existindo

¹⁸¹ *O Pharol*, Itajaí, 11 de junho de 1930.

¹⁸² *O Pharol*, Itajaí, 15 de junho de 1929.

¹⁸³ *Censo da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí*. Fundação Genésio de Miranda Lins – Arquivo Público Municipal de Itajaí – A.P.I.

¹⁸⁴ Entrevista com João Kleis, natural de Itajaí, nascido em 11/03/1926. Havia ainda no mesmo período a *Companhia Itajahyense de Phosphoro*, que surgiu em 1931; *Fábrica de Papel*, de 1921; *Usina de Açúcar Adelaide*, fundada em 1919; *Fábrica de Máquinas e Fundições Itajaí*, fundada em 1919, etc. Existiam inúmeros estaleiros em Itajaí.

registro documental que aponte a aproximação entre trabalhadores e futebol naquela década, todavia, o contato, sobretudo dos portuários com trabalhadores de outras cidades pode ter sido o meio que possibilitou a conexão com o referido esporte. Em Santa Catarina, Florianópolis era o local no qual se praticava o futebol já mais disseminado do que em Itajaí e, inclusive, já tendo o contato entre trabalhadores. É importante ressaltar que o trânsito entre as duas cidades era intenso, assim como a relação entre as sociedades operárias. Embora não tenha existido (pelo menos não há registro) a criação formal de equipes com vínculos operários, não é possível afirmar que os trabalhadores de Itajaí desconheciam o futebol. A aproximação com portuários de outras cidades e o fluxo constante de pessoas pelo porto de Itajaí favorecia a circularidade de idéias e a difusão de hábitos, reduzindo, assim, em virtude desse intenso contato, a possibilidade dos trabalhadores desconhecerem o futebol.



Café Modelo (década de 1930), ponto de encontro em Itajaí, localizado na esquina das ruas Hercílio Luz e Lauro Müller. Fonte: A.P.I.

Em Itajaí, a formação de uma equipe (*Humaytá*) que congregasse trabalhadores ocorreu somente no início da década de 1920, quando foi possível perceber a aproximação do operariado com o futebol. A partir do vínculo entre operariado e futebol se verificou, amiúde, a disseminação e o enraizamento do esporte bretão em solo itajaiense. Este pontapé inicial para aproximar o futebol (até então muito ligado a algumas famílias ricas) de outras classes sociais contribuiu, sobremaneira, para o processo de “democratização” do futebol na cidade de Itajaí, e o reflexo foi constatado a partir da década de 1930, quando então a cidade teve dois campeões estaduais.

Em meio ao frenesi e à agitação provocados pelo futebol, surgia na cidade, em 29 de março de 1929, o *Lauro Müller Foot-Ball Club*. Nascida no bairro da Vila Operária, a equipe conquistou a simpatia de milhares de pessoas que rapidamente passaram a ser mais do que simpatizantes, tornando-se fervorosos torcedores. A fundação do clube ocorreu numa atmosfera agitada, do ponto de vista futebolístico, pois, gradativamente, o futebol se incorporava às práticas sociais, independentemente da classe social. Dentre os fundadores da equipe, temos “*Serafim Rodrigues, Primo Uller e Pedro Cândido Cabral.*”¹⁸⁵ Destes, Primo Uller era operário da construção civil, já Serafim Rodrigues era comerciante.¹⁸⁶ No mesmo ano em que ajudou a fundar a equipe, Primo Uller integrou também a diretoria da *Liga Operária de Itajaí*, na condição de 2º secretário.¹⁸⁷



Escudo do Lauro Müller.

A aproximação do clube com os moradores da Vila Operária passava a ser o principal motivo para que o *Lauro Müller* ficasse conhecido como sendo o time do povo em Itajaí. Os jogadores que compunham o quadro principal do *Lauro* eram de atividades diversas (adiante será mencionado o ofício dos atletas e dirigentes). A equipe conquistava a admiração de boa parte do operariado que passava a ter no *Lauro Müller* o seu clube de futebol favorito. A inauguração do estádio revelou que a equipe não desejava somente propiciar momentos lúdicos. Pelo contrário, havia o desejo de se consolidar no cenário futebolístico da cidade, face os investimentos no *ground* do *Lauro*. “*Está em construção, na Vila Operária Pereira e*

¹⁸⁵ Entrevista com Ângelo Ardigó, natural de Itajaí, nascido em 15/05/1919. Ângelo foi ex-atleta do *Lauro Müller*, juntamente com o seu irmão (já falecido). Entrevista realizada em 31/10/2009, na cidade de Balneário Camboriú.

¹⁸⁶ Entrevista com João Kleis.

¹⁸⁷ *O Pharol*, Itajaí, 27 de abril de 1929. A Liga, que tinha sede na Vila Operária, não teve longa duração, exaurindo-se no início da década de 1930.

Oliveira, um moderno campo de foot-ball para o Lauro Müller Foot-Ball Club, o qual será o primeiro do Estado cercado por muros. A sua inauguração terá logar a 7 de setembro vindouro.”¹⁸⁸

Se, por ventura, existia desconfiança por parte de algumas pessoas na cidade em relação ao desempenho do *Lauro Müller*, este tratou logo de dirimi-la, mostrando que desejava sim conquistar o seu espaço no futebol.

Na medida em que o *Lauro Müller* realizava consecutivas partidas, a relação com o torcedor era cada vez mais estreita.¹⁸⁹ Aquela assistência passiva de outrora adquiria espírito e conduta de fanáticos torcedores e, algumas vezes, fugiam às regras do *fair play*.¹⁹⁰ Os jornais passavam a mencionar a conduta e as manifestações pouco moderadas e, até então, não percebidas na cidade. Após o desentendimento entre os jogadores do *Lauro* e o árbitro no jogo contra o *América*, de Joinville, pois o juiz da partida havia marcado um pênalti a favor da equipe adversária, os torcedores assimilaram as desavenças que estavam ocorrendo ao gramado e as trouxeram para as arquibancadas. O articulista dedicou algumas linhas para criticar a conduta da assistência laurista:

A propósito do jogo de domingo, vem a pêlo fazer-se referência à torcida posta em prática, por vezes, nos nossos campos de foot-ball. Nada mais animador e mais alegre do que uma torcida interessada e viva a applaudir e a agitar o pleito que se fere. O excesso, porem, dessa attitude, como se verificou domingo último, transformando a torcida em agressão insolente e pessoal a este ou aquelle determinado jogador, em achincalhe a este ou aquelle Club, é conducta reprovável que merece ser corrigida.¹⁹¹

Se aquela manifestação se apresentava como algo novo em Itajaí, contudo, atitude semelhante já fora verificada em outros centros do Brasil, como em São Paulo, no ano de 1910, quando a *Liga Paulista de Foot-ball* colocara na entrada do estádio do *Clube Atlético*

¹⁸⁸ *Gazeta Popular*, Itajaí, 25 de maio de 1929.

¹⁸⁹ No jogo entre o *Lauro* e o *Brasil F.C.*, o jornal noticiava que, “(...) o encontro realizou-se na praça de desportos da Vila Operária, cujo aspecto geral, pela extraordinária concorrência de espectadores, era o mais agradável possível (...)” *O Pharol*, Itajaí, 17 de abril de 1930. Em outra oportunidade o periódico se manifestava da seguinte forma para mencionar o público do embate entre *Lauro* e *América*. Segundo o articulista, “Ferio-se domingo ultimo, na magnífica praça de desportos da Villa Operária, a partida de foot-ball com a qual o *América*, de Joinville, retribuía a visita que lhe fizera, duas semanas antes, o *Lauro Muller*, desta cidade. A assistência, como sempre tem acontecido por ocasião de jogos naquella praça, era numerosa e se mostrava interessadíssima pelo encontro, dado o valor dos contendores.” *O Pharol*, Itajaí, 7 de maio de 1930.

¹⁹⁰ Jogo limpo, honestidade. O princípio do “Jogo Limpo” é adotado pelas entidades de futebol como conduta a ser praticada nas partidas pelos atletas.

¹⁹¹ *O Pharol*, Itajaí, 7 de maio de 1930.

Paulistano o comunicado para que os torcedores não se exaltassem durante os jogos. Quem chegava ao estádio, deparava-se com o seguinte pedido:

AO PÚBLICO

A Diretoria da Liga solicita aos Srs. espectadores a fineza de se absterem de vaiar ou dirigir palavras insultuosas aos jogadores e árbitros, pois eles não são profissionais, não vivem do foot-ball, tem posição definida na sociedade (...) Espera, pois, a diretoria da Liga ter o prazer de ser atendida pelo publico a sua justa solicitação.¹⁹²

A participação e a afluência constante do público aos jogos do *Lauro Müller* consolidavam, inegavelmente, o clube no futebol de Itajaí. Contando com grande assistência e com estádio considerado como moderno, se comparado com outros do período, os investimentos eram realizados neste espaço para que se tornasse o melhor. Assim, demonstrando que as pretensões da equipe eram audaciosas e desejando extrapolar os limites da cidade, a diretoria realizava a inauguração, no dia 29 de junho de 1930, das “*suas instalações sanitárias e um marcador de score.*”¹⁹³ Justamente no domingo de clássico contra o *Marcílio Dias*.

Alguns motivos podem ter favorecido a aproximação do público para com o *Lauro Müller*. Possivelmente, pelo fato do clube ser da Vila Operária, bairro que era habitado por grande número de trabalhadores; por contar com alguns operários em seu quadro principal e até mesmo pela facilidade inicial em assistir aos jogos da equipe, pois esta não cobrava ingresso, diferentemente da prática adotada pelo *Marcílio Dias*, que por estar há mais de dez anos no futebol já contava com a assistência constituída.

O engajamento e o fervor do torcedor do *Lauro Müller* eram percebidos também nos jogos longe da cidade de Itajaí. No jogo ocorrido em Florianópolis, numa segunda-feira, dia 14 de julho de 1930, entre o *Avaí* e o *Lauro Müller*, no estádio Adolfo Konder, o jornal noticiou que: “(...) *O jogo despertou grande interesse entre os amadores e entusiastas deste sport, tanto que de Itajahy muitas foram as pessoas que estiveram naquelle dia em Florianópolis presenciando o encontro (...)*”¹⁹⁴

Como reflexo da manifestação intensa do futebol na cidade, surgia, no ano de 1930, o periódico voltado para as informações e notícias relativas às atividades esportivas. Era o

¹⁹² Comunicado da Liga Paulista de Foot-Ball, 22 de maio de 1910. In: MILLS, John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005. op. cit. p. 157.

¹⁹³ *O Pharol*, Itajaí, 25 de junho de 1930. O termo *Score* é o mesmo que placar.

¹⁹⁴ *O Pharol*, Itajaí, 16 de julho de 1930.

jornal *Semana Esportiva*, semanário “(...) dedicado quase exclusivamente a assumptos desportivos (...)”¹⁹⁵

O ano de 1930 estava chegando aos seus últimos dias, e, para abrilhantar o calendário anual do futebol na cidade, o *Lauro Müller* novamente despertava a atenção, não somente pela vitória obtida contra o combinado da Capital, mas sim pelo afluxo de torcedores que buscavam os seus espaços nas arquibancadas do estádio da Vila Operária. Para aquele jogo convergiu para o *ground* grande número de aficionados que incentivou o alvinegro a mais um triunfo.

Nessa atmosfera de êxtase futebolística, a população convivia também com a possibilidade de invasão na cidade, em virtude de esta ter sido opositora de Vargas no pleito eleitoral de 1930. Segundo algumas informações de época, o ataque era questão de tempo, pois as tropas getulistas em breve alcançariam Itajaí. Vilna Corrêa Preti, filha de Joaquim Lopes Corrêa, um dos fundadores da *Sociedade Beneficente dos Estivadores de Itajaí*, lembra que:

Na revolução de trinta nós fugimos de Itajaí. Itajaí quase toda fugiu. Eu lembro que o meu pai chegou em casa um dia e disse pra minha mãe: vamos embora porque isto aqui tá ficando vazio (...) Ele arrumou uma carroça e fomos todos pra Santa Lídia.¹⁹⁶ Atravessamos o rio com a balsa e seguimos de carroça (...) Os políticos fugiram todos. Não havia mais ninguém em Itajaí (...) A cidade era a preferida porque era a terra dos Konder (que era contra a revolução, né?) (...) Não ficamos muito tempo porque aí chegou alguém dizendo que a revolução tinha acabado e que Getúlio Vargas tinha ganhado. (...) Eu lembro que aí todo mundo deu pra botar lenço vermelho no pescoço. Eu também botei um em homenagem a Getúlio Vargas (...) ¹⁹⁷

No bojo da ação militar, que tinha como objetivo a colocação de Getúlio Vargas no poder, o futebol, por sua vez, em Itajaí também se envolvia no clima político que agitava o país e demonstrava o seu lado altruísta. No campo do *Marcílio Dias*, na tarde de 29 de outubro de 1930, um encontro futebolístico tinha como meta a arrecadação de verba “(...) em benefício dos patriotas Bezerra e Pamplona, feridos pela explosão de uma granada quando,

¹⁹⁵ *O Pharol*, Itajaí, 19 de julho de 1930.

¹⁹⁶ Santa Lídia era, à época, zona rural da cidade de Itajaí e que pertencia ao Distrito de Penha. Posteriormente, Penha conseguiu sua emancipação política, vindo então a desmembrar-se de Itajaí.

¹⁹⁷ Entrevista com de Vilna Corrêa Preti, 95 anos, realizada em Navegantes, SC, em 04/04/2009.

no Estreito,¹⁹⁸ empunhavam armas em defesa da causa redemptora¹⁹⁹ (...) Sendo o preço dos ingressos de 1\$000 para homens e \$500 reis para senhoras e crianças.”²⁰⁰



Comemoração das tropas “Revolucionárias”, em frente ao *Café Modelo*, após o triunfo de Getúlio Vargas em 1930. Fonte: A.P.I.

O time do povo, que era o *Lauro Müller*, dedicou-se também à nobre “causa humanitária.” E, no encontro, em seu estádio, contra o combinado de Florianópolis, “(...) arrastou para aquela local grande massa popular (...)”²⁰¹ O jogo foi em prol de um ex-atleta do *Lauro Müller* que perdera um braço quando estava nas investidas militares contra as tropas getulistas. Em que pese o apelo “altruísta” que estava no cerne daquela disputa futebolística é importante salientar que o futebol estava servindo também como instrumento de resistência por parte da elite itajaiense, que percebia sua hegemonia política ameaçada com o avanço de Getúlio Vargas e seus aliados locais.

Passado o clima tenso e não sendo realizada a invasão, Itajaí retomava sua rotina e, não diferente, o futebol voltava a ganhar mais atenção. Havia o latente desejo do *Lauro Müller* em constituir um *team* competitivo, pois além de ser uma resposta ao seu torcedor,

¹⁹⁸ Na localidade do Estreito estava o 14º Batalhão de Caçadores. Local este onde ficaram os dois “beneficiados” com a partida. Atualmente aquela corporação do exército é o 63º Batalhão de Infantaria. A referida localidade do Estreito é o bairro que leve o mesmo nome e que pertence a Florianópolis.

¹⁹⁹ A Causa Redentora foi o nome dado ao movimento militar que desejava acabar com o levante de Getúlio Vargas, uma vez que este pretendia tomar o poder.

²⁰⁰ *O Pharol*, Itajaí, 29 de outubro de 1930.

²⁰¹ *O Pharol*, Itajaí, 10 de dezembro de 1930.

havia também o fato de que ainda nenhuma equipe de Itajaí tinha conquistado o título estadual de futebol.²⁰²

O rápido envolvimento do *Lauro Müller* junto aos habitantes da cidade e, sobretudo aos moradores da Vila, é resultado do processo iniciado na década de 1920, quando o *Humaytá* aproximou o futebol do operariado e, a partir de então, esta relação se estreitou cada vez mais. Este clube, que fora criado com o apoio e com membros da *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*, permanecia em atividades também na década de 1930. No ano de 1931, há notícia de um jogo entre o *Humaytá* e o *Cruz e Souza*. Este, por sua vez, não mais direcionava suas práticas nas águas do rio Itajaí-Açú. Agora, chamava a atenção nos gramados de futebol. A disputa era, em essência, um jogo entre equipes operárias, sendo que ambas contribuíram para que o esporte adquirisse novo impulso e congregasse mais adeptos.

Entretanto, em face da abdicação do amadorismo, tanto o *Humaytá* quanto o *Cruz e Souza* não disputavam mais competições oficiais organizadas pelas Ligas, passando a atuar tão somente em amistosos.²⁰³ A tendência do futebol, no Brasil, neste período, era aderir ao profissionalismo. Alguns clubes de Itajaí inclinavam-se também no sentido de formarem times competitivos e, para isso, abriam mão do romântico amadorismo e gradativamente aceitavam o profissionalismo marrom.

O sucesso do *Lauro Müller* por ter assimilado o (semi) profissionalismo começou a ser constatado no final de 1931, quando a equipe decidiu com o *Caxias* de Joinville o título de campeão do norte de Santa Catarina.²⁰⁴ Após dois confrontos entre as equipes a *Federação Catarinense de Desportos* (FCD) cancelou os jogos. A pugna decisiva ocorreu somente no ano de 1932, mais precisamente no dia 17 de janeiro.²⁰⁵ Após empatar no tempo normal por 2x2, o *Lauro Müller* sobrepujou o seu oponente na prorrogação.

²⁰² Dos sete campeonatos realizados até 1930, seis foram conquistados pelas equipes da Capital (*Avaí*, 6 títulos; *Externato*, 1) e um pela equipe do *Caxias* de Joinville, em 1930.

²⁰³ O periódico mencionou o encontro futebolístico entre *Humaytá* e *Cruz e Souza*, “(...) prelio este para o qual nota-se grande entusiasmo e interesse entre os amadores de foot-ball (...)” *O Pharol*, Itajaí, 18 de abril de 1931.

²⁰⁴ O profissionalismo só foi legalizado e reconhecido em 1933 (veremos mais diante), porém no início da década de 1930 havia o chamado “Profissionalismo Marrom”, que era a prática de recompensar (embora isto fosse proibido) o jogador pelo seu desempenho, mesmo estando sob as regras do amadorismo. Em suma podemos dizer que naquela época o “Profissionalismo Marrom” era disseminado, embora legalmente proibido. Sobre o “profissionalismo marrom” ver CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. In: Revista USP – *Dossiê Futebol*. São Paulo, número 22 – 1994.

²⁰⁵ A decisão da Liga do Norte, entre *Lauro* e *Caxias*, começou em 22 de novembro de 1931, com vitória da equipe de Joinville por 3x0, em Itajaí. No segundo jogo, desta vez em Joinville, vitória do *Caxias* por 2x1. Entretanto a *Federação Catarinense de Desportos* (F.C.D.) anulou os dois jogos em virtude da escalação, por parte do *Caxias*, de um atleta irregular. Coube então a F.C.D. a marcação de novas partidas. “(...) uma em 27

Após aquele feito, o *Lauro Müller* se qualificou para a disputa do triangular final do campeonato catarinense, que contaria ainda com o *Atlético Catarinense*, de Florianópolis e o *Brasil*, de Tijucas. O primeiro jogo apontou o score de 10 x 0 para a equipe de Itajaí contra o quadro tijucano. O segundo confronto deveria ser contra o *Atlético Catarinense*, mas, na ausência deste, o *Lauro Müller* venceu por *WO*.²⁰⁶ Diante do posicionamento da equipe de Florianópolis a *Federação Catarinense de Desportos* proclamou o *Lauro Müller* o campeão estadual de futebol de 1931.²⁰⁷ O triunfo mereceu destaque na imprensa, que noticiou com euforia tal conquista.

O CAMPEÃO CATHARINENSE DE FOOT-BALL EM 1931

Constituiu, indubitavelmente, um padrão de glória para o Sport itajahyense o final do campeonato catharinense de foot-ball, que terminou com a brilhante vitória do possante Lauro Müller F.C. Club ainda novo, formado por uma plêiade de ardorosos sportistas, o branco e preto é o orgulho de nosso Sport é o leão dos nossos stádios. Com um quadro valoroso, formado por amadores que collocam acima de tudo a disciplina e o amor as suas cores, o *Lauro* vae, dia a dia, ganhando maior fama no Sport catharinense, e, para tanto, lhe tem servido, as constantes victórias alcançadas sobre adversários de reconhecido valor, dentro de um ambiente da mais perfeita cordialidade (...) ²⁰⁸

O elenco do time campeão não era tão numeroso, possuindo apenas 13 atletas, sendo que, quando necessário, o goleiro reserva atuava também como jogador da linha. O quadro laurista era constituído pelos seguintes jogadores: Eurico e Hosterno (ambos goleiros), Dário, Gaúcho, Bubi Kobarg, Dorotávio e Henrique Kobarg, Oscar, Ribeiro, Polaco, André Sada, Tula e Tico. Segundo o senhor João Kleis, “*muitos trabalhadores jogavam no Lauro Müller. O Oscar Rodrigues, por exemplo, era músico. Tocava Piston, no Foliões* ²⁰⁹ (recorda o depoente). *O Dorotávio era estivador. Era um excelente zagueiro. Os irmãos Kobarg* ²¹⁰ *eram*

de dezembro – no entanto o Caxias se recusou a jogar durante as festas de Natal – e a outra no dia 3 de janeiro de 1932, com a equipe de Itajaí entregando os pontos, por não comparecer ao jogo.” SANTOS, Edson. *Show de bola: a história do futebol em Joinville e Santa Catarina*. Joinville, SC: UNIVILLE, 2004, p. 14. A relação dos campeões estaduais de futebol em Santa Catarina desde 1924, quando ocorreu o primeiro campeonato, até os anos noventa, pode ser verificada em: BORGES, Maury Dal Grande. *85 anos de bola: (A memória do futebol Catarinense)*. Florianópolis: IOESC, 1996.

²⁰⁶ WO (Walkover) significa vitória fácil. É quando uma equipe é decretada vitoriosa em virtude da não presença do adversário.

²⁰⁷ Embora o jogo final tenha sido no ano de 1932, porém correspondia ao título do ano anterior, ou seja, de 1931. Este procedimento perdurou até o final da década de 1950. O não comparecimento do time de Florianópolis ao jogo frente ao *Lauro Müller* fez com que a FCD comunicasse, mediante telegrama, à equipe de Itajaí a conquista do título. Ver em *O Pharol*, Itajaí, 31 de janeiro de 1932.

²⁰⁸ *O Libertador*, Itajaí, 3 de fevereiro de 1932.

²⁰⁹ A banda *Os Foliões* era constituída por músicos profissionais e que tocava nos clubes sociais e nos eventos públicos realizados em Itajaí.

²¹⁰ Bubi e Henrique Kobarg. Algumas notícias em jornais trazem também com Kobarg I e Kobarg II, respectivamente.

trabalhadores da construção civil.”²¹¹ Além destes trabalhadores, havia também o zagueiro Dário, que era operário da fábrica de vidro.²¹²



Foto da equipe do Lauro Müller, campeã estadual de 1931, em seu estádio, na Vila Operária. Fonte: A.P.I.

Em decorrência do tratamento profissional com que o futebol catarinense convivia, o *Lauro Müller* presenciava a saída de alguns dos seus atletas, dentre eles André Sada.²¹³ Mesmo com o clima eufórico propiciado pelo futebol, o operariado continuava sua atuação para além do espaço futebolístico, revelando assim que o momento lúdico não se configurava como alienação ao trabalhador. A atuação política, as articulações e as reivindicações dos trabalhadores continuavam na mesma intensidade com que se admirava o futebol.

²¹¹ Entrevista com João Kleis (84 anos) em 13/05/2010, na cidade de Balneário Camboriú. O entrevistado era torcedor do *Lauro Müller*, residiu na Vila Operária e acompanhou jogos da equipe no estádio localizado naquele bairro. Para corroborar com a fala do senhor João Kleis, um dos diretores da *Caixa Beneficente dos Estivadores de Itajaí* (C.B.E.I.) era o próprio Dorotávio. Conforme nota no *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de março de 1936. A *Caixa Beneficente* socorria os estivadores nos momentos críticos, seja por doença ou por queda no movimento no porto. Auxiliava, a C.B.E.I., com medicamentos, alimentos, corte de cabelo, etc. Dorotávio jogou no *Lauro Müller* até os anos quarenta. Ajudou a fundar a *Alliança Beneficente dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns*, em 03 de maio de 1929, na sede do *Cruz e Souza*, conforme *O Pharol*, Itajaí, 8 de maio de 1929. A *Alliança* era um dissidência da *15 de Novembro*. Os demais membros que juntamente com Dorotávio fundaram a *Alliança* foram: Firmino Rosa, fundador também do *Cruz e Souza* em 1921 e da *Soc. Beneficente dos Estivadores*, em 1922; Casemiro Paulo da Conceição, que já ocupara o cargo de diretor no *Humaytá F.C.* nos anos vinte, conforme *Novidades*, Itajaí, 7 de maio de 1922; Francisco Fabeni, que também integrou o quadro diretivo da *Soc 15 de Novembro* na década de 1920, conforme *O Pharol*, Itajaí, 5 de novembro de 1921 e *Itajahy*, 6 de fevereiro de 1927.

²¹² *O Pharol*, Itajaí, 17 de junho de 1929.

²¹³ O atleta André Sada foi jogar na equipe do *Brasil*, de Blumenau.

No plano político, os Republicanos - aliados do poder - eram substituídos por pessoas que haviam colaborado com Getúlio Vargas na tomada do poder. O prefeito da cidade passou a ser indicado pelo poder Executivo Estadual.²¹⁴ O governo atuava também junto ao operariado com as constantes visitas do Delegado do Ministério do Trabalho. As entidades operárias passaram a ter mais contato com o Estado, o que incentivou as manifestações dos trabalhadores em movimentos reivindicatórios. Demonstrando solidariedade os trabalhadores do porto realizaram uma greve que não tinha como meta o reajuste salarial. Tal manifestação levava como propósito a conquista pelo exclusivismo de trabalho no porto, ou seja, o “*closed shopp.*”

GREVE NO PORTO

Por motivo de um mal entendido entre trabalhadores do nosso porto e alguns patrões, aqueles, pela manhã de hontem, se declararam em gréve. Querem os trabalhadores que todo o serviço do porto fosse feito exclusivamente pelos sócios da Sociedade Beneficente 15 de Novembro, allegando que por esse modo poderiam melhor dividir o pouco serviço existente por todos os desempregados que, como é do domínio público, são em grande numero. Muitos trabalhadores que até aqui vêm sendo aquinhoados com muito serviço, num gesto de solidariedade aos seus companheiros, promptificaram-se logo a renunciar a essas vantagens, contanto que o pouco trabalho existente fosse dividido por todos. Incontestavelmente, o gesto dos trabalhadores não podia ser encarado senão com sympathias, pois que não tratavam elles de augmento de salários, como de modificações dos moldes de serviço, isto é, nas vantagens pecuniárias (...)²¹⁵

A imprensa noticiava também o primeiro contato de Agripino Nazareth, delegado (e de outros membros) daquele Ministério, junto ao operariado de Itajaí, ocorrido no mês de novembro de 1931. Em reunião realizada na sede da *União dos Estivadores*, o delegado foi recebido por grande número de trabalhadores.

(...) Por parte dos operários de Itajahy fallaram os srs. Dionísio Veiga, leader dos trabalhadores desta cidade e Sebastião Lucas Pereira, membro da directoria da Sociedade Beneficente 15 de Novembro, que saudaram com a sinceridade própria dos homens de trabalho aos representantes da nova mentalidade social do Brasil (...)²¹⁶

²¹⁴ Após Vargas conquistar o poder o prefeito de Itajaí foi o Tenente Antonio Quintas Maia, nomeado pela Junta Revolucionária em 1930. Depois foi a vez de Adolfo Germano D’Andrade, nomeado pelo Interventor Federal do Estado, que governou de 05/01/1930 até 21/12/1931. Após este, veio Alberto Pedro Werner, também nomeado pelo Interventor, que exerceu o cargo de 02/01/1932 a 02/05/1933.

²¹⁵ *O Pharol*, Itajaí, 15 de agosto de 1931.

²¹⁶ *O Pharol*, Itajaí, 3 de dezembro de 1931.

O motivo e o assunto da reunião foram voltados para a explanação, por parte daquele membro do governo, das vantagens para os trabalhadores e patrões provenientes da Lei de Sindicalização. O segundo encontro ocorreu na sede do teatro *Guarany*²¹⁷, e o terceiro na sede do *Clube Náutico Marcílio Dias*.²¹⁸

As reuniões em Itajaí eram partes integrantes do plano de Vargas de aproximar os sindicatos do Estado. Esta relação, entre entidades operárias e governo, ocorreu em todo o Brasil e o objetivo maior era o de instituir as regras à unidade sindical. O princípio elementar desse interesse estatal “(...) *determinava que só poderia haver uma associação para cada “profissão”, e que todas elas deveriam ser reconhecidas pelo Estado, para então elas exercerem sua função social de “representação de interesses”(...)*”²¹⁹

Em Itajaí, no que tange ao aspecto da unificação das categorias em torno do mesmo sindicato, a estratégia governamental atuaria diretamente nas entidades dos trabalhadores do porto que passaram a atuar em sindicatos específicos de acordo com a atividade que os portuários desempenhavam na orla. Assim, integraram-se ao porto os seguintes sindicatos: *Estiva, Trapiches e Armazéns* (terrestres) e *Conferentes*. Estes sindicatos já existiam antes de 1931, entretanto necessitaram se adequar às novas diretrizes sindicais, uma vez que, por exemplo, o próprio sindicato dos terrestres (que até o final dos anos da década de 1920 permanecia como *Sociedade Operária Beneficente 15 de Novembro*) reunia trabalhadores de diversas atividades, inclusive da estiva. Somente na década de 1930 é que a *15 de Novembro* passou a se dedicar exclusivamente aos trabalhadores do porto, os quais desempenhavam o ofício fora do navio.

Passada a euforia do título do *Lauro Müller*, o operariado, por sua vez, permanecia atento às suas necessidades e às estratégias de sociabilidade uma vez que, além do futebol, o 1º de Maio contribuía no mesmo sentido. Para os festejos do Dia do Trabalho de 1932, os trabalhadores caminharam da Vila Operária até o centro da cidade, carregando a bandeira de suas respectivas associações. As comemorações contavam com farta comida e atividades esportivas. Em muitos casos, inclusive, com a participação de políticos. No entanto, nem

²¹⁷ Neste novo contato, realizado na noite de 30 de novembro, “(...) foram organizados os três seguintes sindicatos: *União dos Tecelões, dos Trabalhadores em Usina e Moinhos e União dos Operários da fábrica de papel (...)*” *O Pharol*, Itajaí, 5 de dezembro de 1931.

²¹⁸ Reunião realizada no dia 1º de dezembro, na qual foram “(...) organizados mais cinco sindicatos, a saber: *Trabalhadores em construções civis, dos operários metallurgicos, dos operários em fábrica de vidro, dos marítimos e dos trabalhadores do livro e do jornal (...)*” *O Pharol*, Itajaí, 1º de dezembro de 1931.

²¹⁹ GOMES, Angela de Castro. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 25.

sempre, as “personalidades” eram aplaudidas pelos trabalhadores. José Eugênio Müller ²²⁰, por exemplo, ganhou dos trabalhadores a alcunha de “Zé Promessa” após discurso proferido na Vila. ²²¹

Após a chegada de Vargas ao poder e por este ter iniciado a prática de estreitar a relação entre Estado e os trabalhadores, a classe operária de Itajaí passava a obter um pouco mais de espaço nos periódicos. Ganhavam destaque também as iniciativas patronais que beneficiavam os trabalhadores. Isto, possivelmente, era a tentativa dos jornais de evitarem interferências em suas redações e noticiavam tais ações com o intuito de enaltecer o desempenho político da Getúlio. Como exemplo da “harmonia” entre patrão e empregado foi a divulgação da atitude da *Companhia Itajahyense de Phósphoro*, em dezembro de 1932, quando esta concedeu gratificação aos operários.

Cabe ressaltar que essa atitude “paternalista” dos proprietários da fábrica de fósforo (os quais eram membros do Partido Republicano até meados da década de 1930 e posteriormente integrantes da UDN) “disputava”, juntamente com as “benesses” varguistas, a atenção dos trabalhadores, que, desde o início da década de 1930, passavam a “receber” direitos trabalhistas. Desta forma, o jogo de força política tinha como alvo o operariado, que sendo numeroso em Itajaí era politicamente disputado.

A COMPANHIA ITAJAHYENSE DE PHOSPHORO E O NATAL DOS SEUS OPERÁRIOS

Tem sido objecto de elogiosos commentários, especialmente nos meios operários, o bello gesto da Companhia Itajahyense de Phosphoro, fabricante das conhecidas marcas <<Libertador>> e <<Fáisca>>, distribuindo aos seus operários, na véspera de natal, a importância de 18 contos de réis, a título de gratificação (...)

A magnífica iniciativa dos srs. Irineu Bornhausen e Antonio Ramos, ²²² seus atuaes directores, estabelecendo, entre nós, tão importante indústria, fonte também de boa renda para o fisco, é das que muito nos honram, devendo merecer quando menos, a sympathia de quantos sinceramente se interessam pelo desenvolvimento do nosso caro Itajahy.

O natal de seus auxiliares, tão fraternalmente ora festejado há de marcar para os operários itajahyenses o início de um novo período de melhores relações entre os mesmos e seus patrões, porque esse bonito gesto da *Cip* terá imitadores por homens de bôa vontade.

²²⁰ Sobrinho de Lauro Müller, sócio fundador da *Sociedade Construtora Catarinense* e um dos líderes pela formação das tropas militares que deram apoio ao golpe de Getúlio em Itajaí.

²²¹ *O Libertador*, Itajaí, 3 de maio de 1932.

²²² Irineu Bornhausen e Antonio Ramos eram os proprietários da *Companhia de Phósphoro*. Irineu foi vereador nos mandatos de 1923 - 1927 e 1927 - 1930. Já Antônio Ramos, ocupou o mesmo cargo eletivo, porém, no período de 1936 - 1937. Este mandato não fora concluído, em virtude do golpe de Vargas em 1937 - o Estado Novo. A relação dos vereadores e dos prefeitos de Itajaí pode ser verificada em SILVA, Luiz Afonso. *Itajaí de ontem e de hoje*. Brusque: Gráfica Mercúrio, 1973.

Por sua vez, os beneficiados, forçosamente adquirirão melhor dose de estímulo, mais produzindo, pelo exacto cumprimento de seus deveres, dentro do círculo de suas ocupações (...) ²²³

Havia a idéia de justiça que trazia consigo o Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, pois a este órgão era confiada a missão de estabelecer a harmonia e dirimir as tensões que envolvessem patrões e trabalhadores. Noção de imparcialidade. Diferentemente de algumas manifestações operárias que eram resolvidas no âmbito policial, uma vez que os empresários não admitiam a interferência do Estado para resolução dos conflitos. Por serem encaminhadas ao Delegado, as manifestações dos trabalhadores, em muitos casos, já eram, na maioria das vezes tratadas como delito. Neste caso, havia a noção de parcialidade, via de regra, a favor dos patrões. Sim, pois a polícia também era (é) parte integrante da estrutural estatal.

Se a política sindical de Vargas repassava a idéia de justiça; por sua vez, o futebol também trazia consigo tal aspiração, ao colocar em disputa duas equipes no mesmo espaço, cabendo, então, as decisões a alguém neutro no combate. Tal pessoa teria a missão de manter a harmonia fazendo com que os envolvidos respeitassem as normas estabelecidas, as quais todos já conheciam antecipadamente. Se o futebol determinava, mesmo que apenas por alguns instantes, que todos estavam sob a decisão do juiz - pessoa de maior poder no embate -, repassava também a noção de que não existia nas disputas futebolísticas soberania de uma classe social sobre outra, mas sim, imperava a equidade.

Dialogando com Sevcenko, que buscou compreender o envolvimento do futebol com as diversas camadas sociais, o autor menciona que, “(...) visto pelo alto ou pela base da hierarquia social, no centro ou na periferia, o futebol propiciava o embaralhamento das posições relativas, suscitava identificações desautorizadas, invadia espaços interditos e desafiava tanto o tempo do trabalho quanto o do lazer (...)” ²²⁴

No jogo de futebol, não havia como prever se a equipe obteria a vitória ou a derrota, porém era de conhecimento dos personagens envolvidos que era necessário o respeito às normas para evitar punições. Mesmo que as mesmas normas fossem aplicadas por somente uma pessoa. Assim, o triunfo de uma equipe poderia ser também a conquista de determinado segmento social, caso a equipe possuísse vínculos estreitos com algum segmento.

²²³ *O Libertador*, Itajaí, 30 de dezembro de 1932.

²²⁴ SEVCENKO, Nicolau. *O orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 61.

No plano social, buscando relacioná-lo com o futebol, o Ministério do Trabalho fazia o papel do árbitro, o qual tinha a incumbência de dar cabo ao jogo (de interesses), devendo sempre demonstrar imparcialidade na conduta da negociação (partida). A similitude entre o jogo de futebol e a disputa de interesse (travada no embate entre operários e patrões) verificou-se na greve dos trabalhadores do porto que ocorreu em 1935. Segundo o articulista, “(...) a Associação Commercial e os sindicatos em greve teem se mantido em constantes reuniões não tendo sido possível, porém, até agora, embora os esforços dos funcionários do Ministério do Trabalho, que aqui estiveram procurando resolver a situação, estabelecendo entendimento conciliatório.”²²⁵

A greve iniciou no dia 11 de novembro daquele ano, e o motivo da paralisação repousava na questão salarial. O movimento teve a participação não apenas dos estivadores, mas também dos arrumadores (trabalhadores da terrestre). A greve contou com a adesão dos portuários de São Francisco do Sul. Segundo Silva, “Joaquim Lopes Correa propôs que passassem um telegrama à bancada trabalhista na Capital Federal para cientificar aos nobres deputados das ocorrências deste sindicato, o que foi aprovado.”²²⁶

Após constantes tentativas de solução e da manutenção da paralisação das atividades portuárias, a greve chegou ao seu fim em 28 de novembro, quando, então, estivadores, arrumadores, representantes do Ministério do Trabalho e do porto chegaram ao acordo sobre a questão dos novos valores da tabela salarial. O fim da greve ganhou destaque na imprensa local que publicou a seguinte nota: (...) segundo consta a referida tabela terá vigor durante 30 dias, enquanto durar o estado de sítio no país, conforme expôs o Sr. Presidente da Delegacia dos Trabalhos Marítimos, devendo depois desse prazo vigorar a tabela de aumento apresentada pela classe dos operários (...)”²²⁷

A dinâmica do futebol era percebida também no cenário social e político da cidade de Itajaí, pois cada partido buscava reunir os melhores membros (jogadores), assim conseguindo considerável número de seguidores (torcedores) que o levariam à obtenção do

²²⁵ *O Pharol*, Itajaí, 23 de novembro de 1935. O periódico menciona que a referida greve é dos estivadores e portuários. Embora durante muito tempo, inclusive em Itajaí, a trabalhador portuário exercia atividades dentro e fora do navio. Contudo, com o surgimento, no ano de 1922, ao menos em Itajaí, da *Sociedade Beneficente dos Estivadores*, o trabalho relativo ao porto foi desmembrado e, a partir de então, os trabalhadores da estiva passaram a ser aqueles que realizavam a atividade dentro da embarcação e, o portuário, era aquele trabalhador que desempenhava o seu ofício fora do navio.

²²⁶ SILVA, José Bento Rosa da. *Do porão ao convéns: estivadores de Itajaí (SC) entre a memória e a História*. Recife: UFPE, 2001 (Tese de doutorado), p. 184.

²²⁷ *Jornal do Povo*, Itajaí, 04 de dezembro de 1935.

triunfo sobre o oponente nas urnas (conquista de título). Se em Itajaí o operariado participava ativamente do futebol, por outro lado, atuava também nos embates políticos.

Para o pleito de 1934, os Integralistas e os Liberais escalarium para o jogo eleitoral pessoas muito ligadas ao segmento operário. Certamente, percebendo que a aproximação com o operariado aumentaria a possibilidade de vitória. Os Integralistas contavam em seus quadros com comerciante, guarda-livros, pedreiro, carpinteiro estivador, operário, lavrador, etc.²²⁸

De outro lado, não menos participativo junto à população, estavam os Liberais, que como conclamando torcedores para o grande jogo apresentavam, como alternativa de vitória para sobrepor o adversário, o estivador Dionísio Veiga. No chamado, o Partido Liberal²²⁹ professava as seguintes palavras:

OPERÁRIOS ITAJAHYENSES

O vosso dever está em votar nos candidatos do Partido Liberal, que incluiu na sua chapa á deputado estadual o nome de Dionísio Veiga, o vosso companheiro de todas as horas, o vosso guia e todos os momentos diffíceis e o vosso destemeroso <<leader>>. Suffragae, proletários, a chapa do Partido Liberal, a única entidade que não vos esqueceu. Votae em Dionísio Veiga, para o vosso interesse e para a grandeza de vossa classe.²³⁰

O embate político de 1934 foi revestido de intensa campanha e tentativas de angariar grande quantidade possível de votos, a fim de eleger o maior número de deputados de determinado partido ou coligação para o legislativo estadual. Uma vez que a referida eleição não findaria em 1934, mas sim, teria seus desdobramentos no ano seguinte. Pois “*essa mesma assembléia teria a incumbência de eleger, indiretamente, o novo governador, em maio de 1935 (...)*”²³¹

²²⁸ *O Pharol*, Itajaí, 6 de outubro de 1934. O comunicado da Ação Integralista Brasileira, da edição daquele dia, mencionava que: “(...) *Os candidatos populares devem sahir das classes productoras, pois só quem trabalha e produz pode votar e ser votado (...)*” Como candidato para deputado estadual pela AIB, dentre os vários nomes, havia o estivador Francisco Pedro dos Santos; os operários, Guilherme Ziehmman e Augusto Grob; e, para deputado federal, o lavrador Walter Herbst.

²²⁹ O Partido Liberal em Santa Catarina era comandado pela família Ramos, de Lages, que havia apoiado Getúlio Vargas no golpe de 1930. Em Itajaí o grande nome do partido, no ano de 1934, era José Eugênio Müller, proprietário da construtora que executou o projeto da Vila Operária. Porém, é importante ressaltar que de 1931 a 1933 José E. Muller integrou o *Partido Social Evolucionista*, deixando este, somente no ano de 1933, quando passou a compor então a sigla comandada por Nereu Ramos. Concorrendo com o Partido Liberal e com os Integralistas estava a “Coligação Republicana”, constituída pelas seguintes siglas: Partido Republicano Catarinense, Reação República e Partido Evolucionista. Este, uma dissidência do Partido Liberal. A maior referência do Partido Republicano e, por extensão, da “Coligação”, era o itajaiense Adolfo Konder, que conseguiu eleger o seu irmão Marcos Konder no pleito de 1934.

²³⁰ *O Pharol*, Itajaí, 29 de setembro de 1934.

²³¹ LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983, p. 113. O governador eleito foi Nereu Ramos. A disputa para o governo estadual envolveu os primos

Se na disputa política em Itajaí existia a polarização das atenções, existiam também nas questões trabalhistas (operários x patrões). Não sendo diferente no futebol, pois, a partir da década de 1930 até quase o seu fim, os olhares e a concentração eram direcionados para o *Lauro Müller* ou para o *Marcílio Dias*. A rivalidade entre estas duas entidades chegara a tal ponto de cessarem os embates. O articulista do *Jornal do Povo* escrevia que, “(...) *tal desentendimento é desolador. É, sem medo de errarmos, fazer esporte às avessas. Os dois clubs ao invéz de viver numa franca camaradagem, estão feitos inimigos irreconciliáveis. Não disputam jogos porque estão de relações cortadas (...)*”²³²

A participação do operariado de Itajaí em associações remete ao início do século XX, quando surgiram as primeiras entidades beneficentes, começando assim uma cultura operária associativa, que ganhara impulso com os clubes esportivos a partir da década de 1920. A prática adotada pelo segmento operário de pertencer a determinada associação fez com que os seus hábitos, símbolos, comemorações, etc., fossem partes integrantes da cultura operária. Pois, em oposição aos espaços elitistas na cidade, coube ao operariado buscar em suas formas de organização, inclusive nas entidades esportivas, um meio de resistência. Segundo Batalha, entende-se por cultura associativa, “(...) *o conjunto de propostas e de práticas culturais das organizações operárias, a visão do mundo expressa nos discursos, bem como nos rituais que regem a vida das associações (...)*”²³³

A identidade operária intensificou-se também com a participação nos clubes esportivos, sobretudo o futebol, uma vez que era no futebol que o trabalhador dividia o mesmo espaço com outros segmentos sociais, podendo, no entanto, liberar suas manifestações sem as tentativas de repressão e rejeição tão comuns em outros períodos. Se as greves e as demais manifestações do segmento operário por melhores salários não adquiriam visibilidade, no entanto, o futebol alterou essa condição de negligência e colocou em condições isonômicas sujeitos sociais que ocupavam posições extremas na sociedade itajaiense, onde a possibilidade de vitória não estava relacionada à posição social, mas era semelhante para todos os

Nereu e Aristiliano Ramos. Este pela Coligação Republicana - aliança dos partidos Evolucionista Catarinense, Reação República e Republicano Catarinense; aquele, por sua vez, pertencia ao Partido Liberal Catarinense. O Partido Republicano Catarinense era comandado por Adolfo Konder. Nereu Ramos venceu as eleições por 17 votos contra 1. Compareceram ao pleito somente 18 deputados, dos 31 que haviam sido eleitos. Originalmente, Aristiliano Ramos pertencia ao mesmo de seu primo Nereu. No entanto, em virtude de divergências políticas, Aristiliano passou a contar com o apoio dos Republicanos, que desejavam impedir a vitória de Nereu Ramos.

²³² *Jornal do Povo*, Itajaí, 20 de novembro de 1935.

²³³ BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre. *Culturas de classes: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 99.

envolvidos. Desta forma, o operariado assimilava como triunfo da classe, a conquista do clube que possuía vínculos com os trabalhadores. A vitória do clube era, por extensão, também a realização do operariado.

Assim, os triunfos das equipes com laços fortes com os trabalhadores na década de 1930, ao que parece, serviram de impulso para que o operariado buscasse vitórias e feitos também no espaço social. É inegável que os anos trinta foram, do ponto de vista das manifestações políticas e operárias, singulares na história do Brasil. Fatores como a criação do Ministério do Trabalho, Lei de Sindicalização, fechamento de partidos, golpes políticos, etc., contribuíram para agitar ainda mais aquele período. O operariado percebeu que era possível agora obter ganhos e que havia, mesmo que vigiada, liberdade para a criação de entidades operárias. E, em Itajaí, não fora diferente, pois algumas associações surgiram no período, demonstrando a intenção de oferecer, ao trabalhador, ganhos e assistência, que durante muito tempo foram reprimidos. Ganhara vida, também na cidade, em meados da década de 1930, a *Sociedade Cooperativa de Consumo dos Operários*.²³⁴ E, no ano de 1933, foi fundada na Vila Operária a *União Beneficente Operária*.

Entidade destinada a unir e orientar as diversas associações de classe já organizadas neste município. Nesta reunião inaugural ficou assentado que os operários das classes que por falta de elementos, não pudessem constituir seus sindicatos poderiam participar da <<União>> fazendo jús aos direitos auferidos pelos operários sindicalizados.²³⁵

É merecedora de destaque a percepção por parte tanto dos idealizadores quanto dos associados da *União Beneficente Operária* (U.B.O.), que atentos para os demais trabalhadores desprovidos de sindicatos, em virtude de determinações do Ministério do Trabalho, criaram aquela *União* com a finalidade de atender também os operários sem o “amparo” sindical.²³⁶

²³⁴ *O Pharol*, Itajaí, 25 de maio de 1935. Entidade que congregava operários de variados ofícios e sua finalidade era a de conceder alimentos, medicamentos, etc., aos associados. Seu papel era semelhante ao da *Caixa Social Beneficente dos Estivadores de Itajaí*.

²³⁵ *O Pharol*, Itajaí, 19 de agosto de 1933. No encontro do grupo que fundou a *União Beneficente Operária*, segundo nota desta edição do *O Pharol*, contou “com o comparecimento de 636 operários de ambos os sexos (...)” Em janeiro de 1934 a entidade troca de denominação e passa a se chamar *União Operária de Itajaí*. No dia 1 de janeiro daquele ano, após a posse de algumas diretorias sindicais na sede da agora *União Operária de Itajaí*, “(...) fallaram os Srs. Abdon Fôes, em nome do sr. Francisco Almeida, chefe político local, Gaspar Moraes, em nome do sr. Prefeito Provisório do Município (...)” Ver em: *O Pharol*, 6 de janeiro de 1934. O Prefeito Provisório, na oportunidade, era Adolfo Germano D’Andrade, nomeado pelo Interventor Federal do estado e que exerceu aquele cargo no período de 05/11/1930 a 21/12/1931.

²³⁶ Em 1934 foi criada a *Sociedade Cooperativa de Consumo dos Operários de Itajahy*, a qual tinha como finalidade subsidiar o seu associado nos momentos de precariedade, com alimentos, remédios, auxílio funeral, etc. Desempenhava papel semelhante à *Caixa Social Beneficente dos Estivadores de Itajaí*, criada em 31/12/1934. A *Sociedade Cooperativa* não perdurou por muito tempo, tendo suas últimas notas publicadas no ano de 1935, conforme *O Pharol*, 25 de maio de 1935.

Era uma cultura de solidariedade operária que fortalecia não apenas determinado segmento, mas sim, o conjunto do operariado de Itajaí.²³⁷ A fundação da U.B.O. ocorreu logo após a assinatura da Carta de reconhecimento do *Sindicato dos Estivadores de Itajaí* por parte do Ministério do Trabalho. Esta “autorização”, dada pelo Ministério, contou com o envolvimento direto de Dionísio Veiga.²³⁸

Vários sindicatos de Itajaí obtiveram o reconhecimento por parte do Ministério do Trabalho. E, se por um lado, os trabalhadores aceitavam o advento dos sindicatos como benéfico para a conquista de direitos; por outro, havia também o interesse do estado que tinha o objetivo de “*combater toda a organização que permanecesse independente, bem como toda a liderança consolidada capaz de articular movimentos de protesto à nova ordem institucional (...)*”²³⁹

²³⁷ Na reunião foi empossada a primeira diretoria, que ficou assim constituída: Presidente, Dionísio Veiga, estivador; 1º Vice, Arthur Zimmermann, que era presidente do sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos de Itajaí; 2º Vice, José Ignácio; Secretários, Arnaldo Schmidt e Tolentino Silva (portuário da Terrestre e neste ano era também diretor da *15 de Novembro*. Conforme: *O Pharol*, 17 de novembro de 1932.); Tesoureiros, Arthur Alves e Julio Lange; Orador Manuel Müller; Conselho Fiscal, João Cuneo, que era, nesta época, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, Paulo Rebello e Hermes Correa Mendonça (diretor do sindicato dos operários em construção civil). Suplentes: Bruno Reiser, Antônio Souza, Francisco Fabeni. Estes dois últimos também era da terrestre e diretores da *15 de Novembro*. *O Pharol*, 17 de novembro de 1932. Além de presidir a recém entidade criada, Dionísio Veiga era, em 1933, presidente do *Sindicato dos Estivadores de Itajaí*. *O Tempo*, 14 de agosto de 1933.

²³⁸ A notícia era de que, “*o ministro do Trabalho sr. dr. Salgado Filho, assignou quinta-feira, a carta de sindicalização da União dos Estivadores de Itajaí.*” *O Pharol*, 29 de julho de 1933. O motivo do reconhecimento do sindicato da estiva teve a participação direta do senhor Dionísio Veiga, um dos fundadores daquela *Sociedade* em 1922. Segundo Nelinho Veiga, filho de Dionísio, o seu pai “*foi pro Rio de Janeiro pra fundar o sindicato da Estiva. Chegou lá acabou até o dinheiro e não estava conseguindo falar com o Getúlio. Então um dia ele já estava pronto pra vir embora e ele viu o carro do Presidente entrando na garagem do palácio e ele entrou atrás. Chegou lá perto e perguntaram o que ele queria. Ele disse: Eu vim de Itajaí pra fundar o sindicato da estiva. Então disseram assim: Um momento. Chamaram ele e sei que conseguiu fundar o sindicato. Foi quando ele voltou e quando estava se preparando para atracar o navio ele ouviu foguetes e bandas. Quando ele soltou pegaram ele botaram nas costas e saíram com ele pela cidade, por ter conseguido fundar o sindicato*”. Depoimento de Manoel José Veiga (Nelinho Veiga), natural de Itajaí, nascido em 02/06/1925, filho de Dionísio Veiga. Depoimento concedido em 12/09/2009, em Itajaí. Acervo do autor. A fala daquele depoente é corroborada pela matéria do *O Pharol*, que trazia a notícia de que havia regressado “*de sua viagem a Capital Federal, onde junto ao Ministério do Trabalho pleiteou e obteve o reconhecimento dos sindicatos da União dos Estivadores, Constructores Civís, Trabalhadores em Trapiches e Armazéns e União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviaes, o sr. Dyonísio Veiga, que foi recebido ao desembarcar, pelos representantes e delegações das classes operárias desta cidade e de Camboriú.*” *O Pharol*, Itajaí, 5 de agosto de 1933.

²³⁹ GOMES, Ângela de Castro. op. cit. p. 24.



Dionísio Veiga. Como marítimo viajou pelos principais portos do mundo e foi um dos fundadores da *Soc. União Beneficente dos Estivadores de Itajaí*. Era também torcedor do *Lauro Müller*. Acervo de Nelinho Veiga.

Em que pese o avanço do operariado e suas instituições sendo cada vez mais atuantes e numerosas na cidade, não podemos ignorar as tensões internas e os embates entre grupos de trabalhadores, que por divergirem de tendências ideológicas e da conduta de alguns líderes, as cisões tornavam-se inevitáveis. A passagem a seguir pode dar alguns indícios de possíveis embates no cerne de instituições.

**A <<UNIÃO OPERÁRIA DE ITAJAÍ>>, NUMA VERDADEIRA
OLYGARCHIA, CONTINUA OPPRIMINDO SEUS PRÓPRIOS
COMPANHEIROS.**

Na semana em curso desenrolaram-se na filial da fábrica Renaux, desta cidade, vários factos que são a reprodução de outros tantos já verificados entre nós, e que bem comprovam a pernicioso orientação da U.O.I. O grupelho que a dirige, preocupado em cada vez mais se fortalecer no mando, estabeleceu uma verdadeira olygarchia sobre o operariado. Já não é somente a guerra ao patrão. Mas a verdadeira opressão está pesando sobre os seus companheiros (...) O operário tem que obedecer cegamente mesmo

contra seus interesses ás ordens emanadas da *União*, ou *Federação*, isto é, do seu *Arthur e outros*.²⁴⁰

OS FACTOS OCORRIDOS

Assim, por determinação da *União*, o presidente dos tecelões dessa fábrica admitiu ao serviço um operário estranho ao estabelecimento, preterindo outros trabalhadores mais antigos. Em absoluta maioria, os prejudicados declararam-se em greve pacífica, communicando ao mestre essa resolução.

O mestre, comquanto lhes reconhecesse razão, nada pôde resolver, pois ali, o presidente do syndicato, apesar de subalterno, manda mais que elle, mestre. E tanto isto é certo que esse presidente, orientado pela dita *União*, quando bem entende, põe o chapéo á cabeça e abandona o serviço sem lhe dar a mínima explicação.

Mas vae entender-se com os homens que o orientam.

De modo que, tendo estes conhecimentos da attitude dos tecelões foram em comissão áquele estabelecimento verberar-lhe o procedimento rebelde. Mas, o orador, irritado com a desobediência, não se houve com felicidade <<meteu os pés pelas mãos>>, qualificou-os de comunistas, etc. Ao envez de convencer, irritou-os ainda mais.

É que o Zimmermann não tivera tempo de pedir ao seu amigo e mentor um discurso escripto, tal qual fez no dia 1º de Maio.

Resultou dessa inhabilidade uma assuada tremenda; sob uma vaia formidável a comissão teve que rodar nos calcanhares, depois de uma recriminação pesada por parte de outros membros dessa comissão que, dirigindo-se ás operárias, disse-lhes: <<Não parecem senhoras nem senhoritas, nem posso dizer o que sejam>>.

DUPLA REPRESÁLIA

Á vista do insucesso, os homens da *federação* mandaram paralyzar o serviço da estiva da firma Renaux, estabelecendo penas severas para os pobres operários que tiveram a coragem de contrariá-los, e repelli-los ante os insultos recebidos.

Depois de vários entendimentos entre a *União* e os directores da firma, que pleitearam a suavização dos castigos impostos, ficaram os mesmos reduzidos ao seguinte: A *União Operária de Itajahy* suspendeu por 14 dias a 10 operários da referida fábrica, outros foram transferidos para as fábricas de Brusque, continuando no seu posto o operário novo admitido que ocasionou essas ocorrências.

OS OPERÁRIOS EM NOSSA REDACÇÃO

No dia seguinte á paralisação dos serviços esteve em nossa redacção uma delegação de operários tecelões, narrando-se nos a sua desgraça (...) Ansiavam por se libertarem da oppressão dos dirigentes da *União* que só os tem sacrificado. Agora em número de 49 contra 4, resolveram, numa assembléa geral, desligar-se da *federação*, communicando ao sr. ministro do trabalho e ao sr. Inspetor Regional a resolução tomada.

Deste modo, esperam do sr. Inspetor as providências que o caso requer, a fim de pôr um paradeiro a esses descabros no seio operário (...)

²⁴⁰ A fábrica Renaux era na Vila Operária. A pessoa de nome Arthur, que é mencionada pelo jornal, é Arthur Zimmermann, presidente do *Sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos de Itajaí* e 1º Vice da *União Operária de Itajahy* em 1934.

E se nenhuma providência for tomada no sentido de amparar os serviços dos sindicalizados da Villa, o precedente será de péssimas conseqüências. Não só para as indústrias locais frequentemente prejudicadas, como para o próprio operariado em attrictos freqüentes, pois que não póde viver jungindo ao chicote de meia dúzia de intolerantes.

(...) Essas organizações não foram criadas pelo governo para estabelecer privilégios de uns em favor de outros melhor apadrinhados.²⁴¹

De acordo com as passagens acima, fica evidente que nem sempre o critério para admissão de um operário respeitava a condição de sindicalizado – que era o pressuposto para desempenhar o ofício. Ademais, possivelmente, esse livre arbítrio do presidente da U.O.I. seja em decorrência do estreitamento de laços entre entidades operárias e Estado, uma vez que este passou a estabelecer freqüentes diálogos com aquelas entidades. No que concerne à paralisação do trabalho da estiva da fábrica Renaux, é importante destacar que a U.O.I. não estava impedindo os estivadores, então, membros da *Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí*, de desempenharem a atividade de estiva. Pelo contrário, a proibição era para os operários da fábrica Renaux, pois como esta possuía navios próprios, o trabalho relativo à carga e descarga das embarcações era efetuado pelos operários da referida fábrica e não pela estiva convencional.²⁴²

Tentar estabelecer uma conduta homogênea e livre de diferenças de pensamento e atitudes ao operariado de Itajaí seria demasiadamente perigoso, tendo em vista as rupturas existentes ao longo do processo histórico de formação da classe. Classe esta que também se constituiu em meio aos embates e discussões que a envolviam.

Dentre as “disputas”, no meio do operariado, algumas eram a respeito do posicionamento ideológico de determinadas lideranças locais. Por exemplo, do grupo que fundou a *Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí*, em 1922, alguns eram comunistas, como: Joaquim Lopes Corrêa e Bernardino Borba. Outros que também fundaram aquela entidade, como Dionísio Veiga e Atanázio Joaquim Rodrigues, eram totalmente contrários ao comunismo. Em depoimento, Nelinho Veiga relata que, “*ele (sei pai) não gostava do comunismo. Ele trazia muitos livros dos Estados Unidos e tinha contato com estivadores de outros portos. Isso ele falava pra nós. Ele era muito getulista, mas nunca gostou do comunismo.*”²⁴³ Já a senhora Nazir Rodrigues Rebello, relata que o seu pai:

²⁴¹ *O Libertador*, Itajaí, 2 junho de 1934.

²⁴² Deixo claro aqui que não há qualquer nota a mais nos periódicos da época sobre o fato ocorrido e, lamentavelmente, muitas manifestações que envolviam trabalhadores não ganhavam o desfecho nas páginas dos jornais.

²⁴³ Depoimento de Nelinho Veiga.

Sempre foi getulista. Tinha uma fotografia de Vargas lá em casa. Ele sempre foi do partido de Getúlio. Ele detestava o comunismo. Ele dizia que na Rússia as pessoas tinham que trabalhar inclusive aos domingos. Ele tinha pavor do comunismo. Ele costumava dizer: vocês não sabem o que é essa Lei do Comunismo. Eu vi na Rússia a infelicidade que era a miséria das pessoas. Ah! O meu pai também não suportava o Luis Carlos Prestes.²⁴⁴

Ainda sobre divergências há o caso dos 50 operários que em 1929, liderados por Firmino Rosa, solicitaram uma assembléia junto à *Sociedade 15 de Novembro*, a fim de que fossem admitidos como sócios da referida entidade. Esta, em resposta, por intermédio do periódico, declarou:

Que somente sócios da <<Sociedade 15 de Novembro>> é que estão no direito de convocar assembléas ou sessões, e nunca pessoas estranhas. E na admissão de sócios, que para tal devem ser propostos por sócios, procuramos escrupulosos, porque queremos uma sociedade de operários leaes, de bom comportamento e que, sobretudo, cumpram os nossos estatutos. Fugimos de todo e qualquer elemento pernicioso (...)

Ora, entre esses 50 homens há diversos indivíduos que não nos convem, visto haver entre elles elementos com idéas Anarchistas, pois o manifestam sempre pelas ruas, falando em greves, etc, etc.

Até esta data temos procurado, por meios suazorios, resolver este problema que reputamos magno para a sociedade: conseguir que somente sócios da <<15>> trabalhe nos serviços de terra dos portos. Procuramos entender-nos com o Sr. Prefeito e com o sr. Bonifácio Schmidt, e se pouco conseguimos do nosso objectivo não foi com ameaças de greves (...)²⁴⁵

A passagem anterior pode nos auxiliar a compreender a linha de conduta adotada pelos diretores da *15 de Novembro*, no final da década de 1920. Possivelmente, acreditavam que estabelecer uma relação próxima com os políticos locais poderia reverter em benefícios para os associados da entidade. Além disto, é importante mencionar que, desde 1922, o trabalho na estiva era disputado tanto pela *S. B. 15 de Novembro* quanto pela *Sociedade*

²⁴⁴ Entrevista com *Nazir Rodrigues Rebello*, natural de Itajaí, nascida em 20/05/1928. Filha de Atanázio Joaquim Rodrigues. Este foi marítimo e integrou o grupo que fundou a *Sociedade dos Estivadores*. Foi o primeiro prefeito de Navegantes, tendo assumido por determinação de Celso Ramos (PSD) em 1962. Foi neste ano que o então bairro de Navegantes – que pertencia a Itajaí - conquistou sua emancipação política e administrativa. Atanázio era do PTB.

²⁴⁵ *O Pharol*, Itajaí, 20 de abril de 1929. O prefeito de Itajaí em 1929 era Marcos Konder (PRC). Bonifácio Schmidt, que foi mencionado na passagem anterior, era, na época, Diretor – Presidente da *Companhia Malburg de Navegação* e Diretor da *Tecelagem Itajaí - TECITA*. Em meados dos anos trinta viria a ser diretor do *BANCO INCO*. É importante esclarecer que os operários que foram rejeitados na *15 de Novembro* fundariam, semanas após, a *Alliança dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns* (A.T.T.A.). Ver em *O Pharol*, Itajaí, 4 de maio de 1929. Nos anos 50 outro embate ganhara as páginas do periódico. A notícia era a seguinte: “*De parabéns o Sindicato dos Arrumadores de Itajaí. Em renhida eleição realizada no dia 1º do corrente, o Sindicato dos Arrumadores de Itajaí, escolheu sua nova Diretoria (...) Contra todas as previsões, a chapa da oposição foi vencedora (...), elegendo o Sr. Melchiades Nascimento e seus companheiros e derrotando o antigo cabo eleitoral do PSD (ou do PTB!), Tiago José da Silva, que encabeçava a chapa oficial, como candidato a presidente, amparado fora do sindicato pelas forças altas do seu (ou seus) partido (...)*” *Itajaí*, Itajaí, 8 de dezembro de 1956.

Operária Beneficente dos Estivadores de Itajaí, e desta forma, posicionar-se contrário à greve poderia ser um modo de reforçar sua posição naquele espaço profissional.

Em meio às articulações operárias na cidade, no ano 1934, foi realizado em Itajaí o Primeiro Congresso Proletário de Santa Catarina, que contou com representantes de classes de varias regiões do estado. Em nota em *O Pharol*, o assunto repercutiu e o articulista cedeu espaço para os debates que ocorreram, mencionando que “*as theses e discussões versavam não somente sobre interesse genuinamente trabalhista, em suas diferentes modalidades, mas também sobre cultura moral e intelectual do nosso trabalhador brasileiro e sobre assuntos atinentes á causa pública (...)*”²⁴⁶ Neste Congresso, foi criada a *Federação dos Sindicatos de Santa Catarina* e o núcleo de Itajaí ficou sob a responsabilidade de Joaquim Lopes Correa.²⁴⁷

Em julho de 1935, foi criado o Diretório Municipal do Partido Comunista. Participaram do evento Martinho Silva, Joaquim Lopes Corrêa, Euclides Braga Silva, Arlindo Nery, José Mariano Furtado e Pedro Alcântara.²⁴⁸ Com exceção de Martinho Silva, que era proprietário de um pequeno estabelecimento comercial, os demais eram todos trabalhadores portuários.²⁴⁹ Mesmo a criação do partido não tendo sido manifestada publicamente, porém a iniciativa dos comunistas em Itajaí repercutiu negativamente nos jornais. Vilna Corrêa, filha de Joaquim Lopes Corrêa, foi lecionar, em 1932, em uma comunidade alemã na cidade de Brusque. Por ser muito distante só era possível vir para casa nas férias, ficando, assim, alheia às notícias de Itajaí. No entanto, a senhora Vilna recorda que em uma visita de seu pai, “*ele me levou o jornal Pharol (era do tempo que pharol era com ph) tinha uma notícia mais ou menos assim (ele estava apavorado): O comunismo, com uma erva daninha esta se*

²⁴⁶ *O Pharol*, Itajaí, 22 de setembro de 1934. O Congresso ocorreu de 15 a 18 de setembro de 1934.

²⁴⁷ *O Libertador*, Itajaí, 27 de outubro de 1934.

²⁴⁸ Euclides Braga da Silva era estivador, José Mariano Furtado era Vice-Presidente do *Sindicato dos Estivadores* no ano de 1935. Neste mesmo ano Joaquim Lopes Corrêa e Arlindo Nery ocupavam os cargos de Vice -Presidente e Tesoureiro, respectivamente, da *Caixa Social Beneficente dos Estivadores*. Estas informações estão em *O Pharol*, 9 de março de 1935. Pedro Alcântara foi remador do *Cruz e Souza*, trabalhador da terrestre e foi eleito, no final de 1932, para o mandato de um ano como tesoureiro da *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*. *O Pharol*, 17 de novembro de 1932.

²⁴⁹ Martinho Silva começou sua vida profissional como marítimo aos 14 anos. Viajou para diversos portos da Europa, Ásia e América. Sobre o Partido Comunista sua filha relata que, “*as reuniões eram feitas lá em casa, na Rua Lauro Müller. Eu me lembro de algumas reuniões que eles faziam lá na venda. Ele e os amigos dele. Eu sei que era às portas fechadas e que eles conversavam uma coisa assim já meio pra esse lado da esquerda, Assim, né?*” Entrevista com Lizelotti Kumm da Silva, nascida em 31/01/1932 na cidade de Itajaí. A “venda”, a qual a entrevistada faz referência, é uma espécie de pequeno mercado, muito comum naquela época. No início da década de 1940 Martinho Basílio da Silva foi trabalhar na Empresa Força e Luz. Entrevista realizada em 12/09/2009, na cidade de Balneário Camboriú. Acervo do Autor.

*alastrando por Itajaí e que aqui tem como fundador o senhor Joaquim Lopes Corrêa.”*²⁵⁰ A depoente concluiu com as seguintes palavras: “*Era perigoso naquele tempo ser comunista.*”²⁵¹

Com as freqüentes ameaças com as quais convivia o Partido Comunista, as reuniões daquela célula em Itajaí eram sempre sigilosas e ocorriam logo após o fim do expediente da “venda” de Martinho Silva. Este aguardava os portuários, que tão logo encerravam as suas atividades, direcionavam-se para local do encontro. As leituras e o contato com os portuários ao redor do mundo, por parte de Joaquim Lopes e de Martinho Silva (ambos foram marítimos) contribuíram sobremaneira para a aproximação com o comunismo.²⁵²

Ainda no ano de 1935, a greve dos trabalhadores do porto agitou ainda mais o clima da época.²⁵³ Mesmo o país estando, naquele momento, em Estado de Sítio isto não impediu que os estivadores e arrumadores cessassem suas atividades no mês de novembro daquele ano.²⁵⁴ A “vigia” policial aos membros dos sindicatos que se encontravam em greve era freqüente.²⁵⁵

3.1 FUTEBOL: O CLIMA QUE ENVOLVIA A CIDADE

²⁵⁰ Depoimento de *Vilna Corrêa Preti*. Não foi possível encontrar o jornal que continha aquela manifestação contra o comunismo, pois os arquivos pesquisados não dispunham do acervo completo de *O Pharol*, do ano de 1935.

²⁵¹ *Idem*. Este último depoimento da senhora Vilna e a passagem entre parênteses da fala anterior foram feitos em tom de voz baixo, como se estivesse sendo observada.

²⁵² *Idem*.

²⁵³ Assunto abordado anteriormente neste capítulo.

²⁵⁴ Até outubro de 1934 Itajaí concentrava significativo número de sindicatos reconhecidos pelo Ministério do Trabalho em Santa Catarina. Sindicato da Construção Civil - dos 4 “reconhecidos” no estado, um era em Itajaí; Metalúrgicos, 2 em Santa Catarina e, 1 era em Itajaí; Tecelões, 3 em SC, um era de Itajaí; Fábrica de Papel, apenas 1 no estado e que era justamente o de Itajaí. Ver quadro completo em: RESENDE, Paulo Antonio. *História do movimento operário no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990, p. 36 e 37. A greve de 1935 dos estivadores que ocorreu em Itajaí estava inserida num contexto de sucessivas medidas de repressão por parte do Governo Federal. Em abril daquele ano Vargas promulga a Lei de Segurança Nacional, que visava impedir os crimes contra a ordem política e social. A criação, em março de 1935, da *Aliança Nacional Libertadora* (ANL) provocou a reação de Vargas, que temendo o avanço das manifestações de esquerda tornou mais rigorosa a Lei de Segurança Nacional, que também colocara a ANL na ilegalidade. Mesmo na clandestinidade a ANL promoveu levantes em Natal, Recife e no Rio de Janeiro, os quais levaram Vargas a decretar o Estado de Sítio e preparar o golpe que daria força para sua permanência no poder, culminado assim com o advento do Estado Novo. Diante da conjuntura política e social com a qual o Brasil se deparava é inegável que a manifestação dos estivadores demonstrou o engajamento com a causa, e nem mesmo o clima repressivo criou obstáculo para não iniciarem movimento paredista.

²⁵⁵ SILVA, José Bento Rosa da. op. cit. especialmente da página 184 a 188.

Se as articulações e as experiências do conjunto de trabalhadores eram percebidas na cidade, na mesma proporção estava o futebol, uma vez que a relação intensa e férvida vivida pelo operariado, com a prática do futebol, era reflexo da assimilação e da espontaneidade deste esporte junto ao operariado. Isso ocorreu, uma vez que a aproximação de futebol para com os seus personagens independia da aquiescência de determinada entidade patronal ou de governo. Tratava-se de um fenômeno quase que inexplicável, que causava arrebatamento e explosão de sentimentos em torno de um símbolo, de cores e, principalmente, de afinidades. O futebol em Itajaí não era somente espaço de diversão do operariado, era também fator cultural, já que o jogo de bola possibilitava ao trabalhador perceber o seu viés sociabilizador, contribuindo para que a “atmosfera” futebolística fosse também fator de auxílio à consolidação das práticas culturais do segmento operário.

Inúmeros clubes surgiam na cidade nos anos trinta, porém, levados mais pelo desejo de jogar futebol e impulsionados pelo clima favorável da época. A grande maioria não teve vida longa, sucumbindo logo em seguida.²⁵⁶ Contudo, era inequívoca a aproximação cada vez mais forte do trabalhador para com o futebol. Este esporte, que se apresentou à população da cidade como alternativa de evasão diante de limitações e restrições, às quais o pobre, o negro e o trabalhador foram submetidos por vários anos. O futebol era sinônimo de liberdade, era a conquista de espaço, era manifestação que se integrava ao conjunto de valores e hábitos operários, favorecendo, assim, a incorporação do futebol como prática cultural daquele segmento. Entender o futebol como algo incorporado ao quadro cultural do operariado é, primeiramente, perceber a importância do futebol também como alternativa de interação e de identificação de sujeitos históricos que encontraram, no esporte bretão, a condição para tais finalidades. Possibilidades estas que no espaço profissional e social eram demasiadamente reduzidas.

E, se em Itajaí o futebol era cada vez mais popular e, após o rompimento de fronteiras geográficas, culturais e econômicas, o mesmo atravessou toda a hierarquia social e passou a ser também assunto de conversas e motivo de encontros. O principal espaço para os debates era nas imediações dos “Cafés” da Rua Hercílio Luz, sobretudo, o *Café Modelo*, o qual se configurou, desde meados dos anos vinte, como o ponto de encontro dos admiradores e praticantes do futebol. Nos dias que antecediam o clássico *Lauro x Marcílio* - conhecido como o FLA x FLU da cidade ou o confronto do time do *time do povo* contra o *time da elite* –

²⁵⁶ Como exemplo de times com duração efêmera, porém de cunho operário, temos o *União Sport Trabalhista*, fundado em maio de 1935, na Vila Operária e que tinha na presidência o senhor Sebastião Lucas Pereira, fundador da *Sociedade Beneficente 15 de Novembro* e do *Humaytá Foot-Ball Club*.

a conversa girava em torno da disputa e da rivalidade existente entre as equipes. Ao vencedor caberia nos dias seguintes a soberania naquele tradicional ponto de encontro, pois externaria toda a felicidade pelo triunfo do seu time. Alguns debates mais acalorados ocorriam. Contudo, prontamente buscavam-se apaziguar os ânimos. Afinal de contas, em breve ocorreriam outros embates e a condição de triunfo daquele que outrora conheceu o insucesso era possível.



Estádio do *Marcello Dias*. Local este onde muitos clássicos contra o *Lauro Müller* foram disputados. Acervo do autor.

Um assunto em particular permaneceu por algumas semanas em voga, que foi a saída do *Lauro Müller* da Vila Operária, após o não cumprimento de contrato entre a equipe e a empresa responsável pela elaboração e execução do bairro. A seção esportiva do *Jornal do Povo* trazia o assunto em seu espaço: “*Causou profunda consternação no meio sportivo local a última notícia que correu célere a cidade de que o Lauro Müller F.C., fôra obrigado, por intimação, a abandonar o seu magnífico campo da Villa Operária (...)*”²⁵⁷

Se por um lado a cidade foi desprovida da possibilidade de manutenção do estádio do *Lauro Müller*, o qual era considerado o mais bonito do estado; por outro, foi neste período que surgia em Itajaí a equipe oriunda da Companhia Itajahyense de Phosphoro. Era o *CIP Foot-Ball Club*, que teve como data de fundação o dia 27 de outubro de 1936. Entretanto, o início de suas atividades só foi ocorrer em janeiro de 1937.

²⁵⁷ *Jornal do Povo*, Itajaí, 20 de maio de 1936.

GRANDIOSA FESTA SPORTIVA

O novel e sympáthico <<CIP>> Foot-Ball Club, constituído pelos que empregam suas atividades na Cia. Itajahyense de Phosphoros realizará no próximo dia 3 de janeiro, marcando o início de sua vida sportiva, um grandioso festival em sua praça, a qual será inaugurada nesse dia, constando do mesmo de um óptimo e bem organizado programma, que terá inicio às 6 horas da manhã, com uma salva de 21 tiros (...) ²⁵⁸

O contato do operário de Itajaí com o futebol já era presenciado há tempos. Contudo, a formação de equipe oriunda de uma fábrica era novidade. Era o sinal de que o futebol não mais escolhia momento pré-determinado, tampouco selecionava os seus praticantes. Fosse no momento de lazer ou de trabalho, o futebol envolvia a todos, não sendo somente simples passatempo, apresentava-se também como oportunidade profissional.

Se a iniciativa da fábrica de fósforo de criar um time oriundo da própria indústria foi inovadora na cidade de Itajaí, no Brasil, entretanto, já havia ocorrido outras manifestações como a da Companhia de Fósforo em períodos anteriores.²⁵⁹ Antunes lembra que,

Tal como acontecera com os clubes de várzea, que rapidamente se espalharam por São Paulo, também os clubes de fábricas se tornaram comuns. Seu número não parava de crescer. Organizando-se e criando associações desportivas entre colegas, no local de trabalho, os trabalhadores tiveram acesso ao futebol. Formou-se uma tradição operária de futebol amador praticado em clubes de fábrica, em geral, criados por iniciativa dos próprios trabalhadores, muito embora as empresas desempenhassem papel fundamental na manutenção dessa atividade, através de colaboração material e financeira.²⁶⁰

Tendo, então, a equipe do *CIP* passado a disputar jogos na cidade o encontro que despertava demasiada atenção era contra o *Lauro Müller*, pois envolvia um contingente significativo de operários. O confronto entre as duas equipes ficou conhecido como o

²⁵⁸ *Jornal do Povo*, Itajaí, 24 de dezembro de 1936.

²⁵⁹ No Rio de Janeiro, desde o início do século XX até a década de 1930, existia o “*Andaraí Atlético Club* (1919), da fábrica de tecido Anadraí; *Botafogo Atlético Club*, de 1913 – da fábrica de tecidos Botafogo; *Mavillis F.C.*, de 1920, da Companhia América Fabril; Santa Cruz F.C., de 1920, da Fábrica de cerâmica Santa Cruz; Republicano Atlético Club, formado por operários da fábrica de tecidos Confiança, em 1912, mas, em 1918, passa a ser chamar de Confiança Atlético Club; Minerva F.C., lanifícios Minerva; Bangu Atlético Club, em 1904, da Companhia Progresso Industrial do Brasil; Carioca Foot-ball Club, em 1907, da Companhia de Fiação e Tecelagem Carioca.” Sobre os clubes operários no Rio de Janeiro ver o capítulo 3, “O jogo dos sentindos”, de: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

²⁶⁰ ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, p. 22. A autora cita ainda dois clubes ligados as fábricas e criados no início do século XX, são eles: *Votorantim Atlético Club*, fundado em 1902, na cidade de Votorantim e o time da *Regoli e Cia*, no mesmo ano daquele, no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo.

Clássico Operário. E, mesmo não tendo mais o campo na Vila Operária, os jogos do *Lauro* ainda podiam contar com a participação eloqüente de seus torcedores e que com o advento da equipe da fábrica de fósforo, o torcedor laurista passou a presenciar as manifestações não menos empolgante dos seguidores do *CIP*. Os jogos entre os referidos times, geralmente, apresentavam situações inusitadas e que contribuíam para intensificar cada vez mais a identificação do operariado para com o futebol.

No embate entre *Lauro* e *CIP*, em 1937, após não concordar com a marcação de um pênalti, os atletas do *CIP* passaram a discutir com a arbitragem e, na seqüência, o campo de jogo foi

Imediatamente invadido pela assistência. Mantendo-se o árbitro irreductível na sua decisão, o jogo que até então vinha empolgando a todos, originou-se num conflicto bastante lamentável (...) O facto é que o team do <<CIP>> deliberando retirar-se do campo, a balburdia augmentou de vulto, ao ponto de verificar-se luctas corporaes entre os torcedores mais exaltados, o que deixou aprehensiva grande parte da assistência (...) ²⁶¹

Em 1937, Itajaí possuía inúmeros clubes (inclusive com o campeão estadual de 1931); milhares de torcedores, que manifestavam intensamente o seu sentimento pelo clube; e com estádios adequados para o período. Entretanto, faltava à cidade uma entidade que regulamentasse e administrasse o futebol em Itajaí e na região. Era urgente a necessidade de dar mais competitividade às disputas futebolísticas na cidade. A reunião que consolidou o órgão que passou a controlar o futebol local ocorreu na noite de 10 de setembro de 1937 e o espaço não poderia ser outro senão o *Café Modelo*, parada obrigatória para o bate-papo sobre futebol. Criou-se, então, a *Associação Sportiva do Valle do Itajahy* (ASVI) ²⁶² e os clubes fundadores foram *Marcílio Dias*, *Lauro Müller* e *CIP*, de Itajaí; *Blumenauense*, *Brasil e Amazonas*, de Blumenau; ²⁶³ *Paysandu e Brusquense*, ambos de Brusque.

²⁶¹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 29 de abril de 1937.

²⁶² *Jornal do Povo*, Itajaí, 15 de setembro de 1937.

²⁶³ Sobre as equipes fundadoras da ASVI é importante mencionar que, o *Brasil Foot-Ball Club* foi fundado em 19 de julho de 1919. Em 1936 passou a se chamar *Recreativo Brasil Esporte Clube* e, em 1944, troca novamente de denominação, passando a ser *Palmeiras Esporte Clube*. Deixando este nome para passar a ser, em 1980, *Blumenau Esporte Clube*. Este encerrou suas atividades em meados década de 2000, tendo, inclusive, vendido o tradicional estádio, o qual fora demolido para em seu lugar ser erguido um shopping. O *Foot-Ball Club Blumenauense* foi fundado em 14 de agosto de 1919, e, em 1937 passou a ser chamar *Blumenauense Sport Club*, sendo que, no ano seguinte, ganhara o nome de *Sociedade Desportiva Blumenauense*. Em 1944 troca de nome novamente, desta vez para *Grêmio Esportivo Olímpico*, o qual permanece em atividades, apenas sociais, até os dias de hoje. Já o *Amazonas*, fundado em 19 de setembro de 1919, era a equipe constituída pelos operários da *Industrial Garcia*, empresa de tecidos.

Com esse impulso, as disputas se já eram ferrenhas ficaram ainda mais vorazes. O primeiro torneio realizado pela nova entidade ocorreu no ano de 1938. A equipe do *CIP* já despontava como favorita em virtude da qualidade de seus atletas. De acordo com as normas da F.C.D., o campeão de cada Liga estaria qualificado para a disputa do campeonato estadual de futebol. O desempenho do time oriundo da fábrica de fósforo demonstrava seu potencial e conquistava cada vez mais adeptos e respeito junto aos desportistas da região. O início empolgante mereceu destaque no jornal. O articulista do *Jornal do Povo* escrevia o seguinte:

O brilhante quadro do <<CIP>> continua no cartaz como o invicto do actual campeonato. Todas as suas actuações mereceram os melhores encômios. Possuindo um team homogêneo, onde a disciplina é um dever indiscutível, desempenha um papel brilhantíssimo nas lides pebolísticas (...) ²⁶⁴

Se na segunda metade da década de trinta, o *CIP* despertou os olhares de torcedores e apaixonados pelo futebol, fruto de sua capacidade e do belo futebol demonstrado pela equipe, simultaneamente ao crescimento da equipe, no plano social, surgia o *Circulo Operário de Itajahy* (C.O.I.),²⁶⁵ órgão que passou a contar com o respeito dos trabalhadores em virtude do papel relevante junto àqueles sujeitos sociais. Na reunião que formalizou o C.O.I., estiveram presentes o fiscal do Ministério do Trabalho, Ângelo Dutra, membros do *Círculo Operário de Florianópolis*, dentre outras personalidades da cidade.²⁶⁶ Já, a comemoração do 1º aniversário do *Círculo* contou com a presença de “*sr. dr. Nereu Ramos, que se fazia acompanhar de sua esposa, do Secretário da Interventoria, nosso talentoso confrade sr. Jaú Guedes, do Director das Estradas e Rodagens, dr. Haroldo Pederneiras, do Inspetor do Ministério do Trabalho, dr. Pinheiro Dias (...)*”²⁶⁷

Na visita do Interventor, foram inaugurados, ao som do Hino Nacional, os retratos de Getúlio Vargas e do próprio Nereu Ramos. Para completar o dia festivo no fim da tarde “*sua excia. assistiu por alguns minutos ao jogo de futebol, para a disputa do bronze <<Dr. Nereu Ramos>> (...)*”²⁶⁸

Uma das grandes lideranças do operariado de Itajaí era também adepto do futebol. Dionísio Veiga era torcedor do *Lauro Müller*, e assim como no espaço profissional, no futebol

²⁶⁴ *Jornal do Povo*, Itajaí, 17 de agosto de 1938.

²⁶⁵ O *Circulo Operário de Itajahy* era a continuidade da *União Beneficente Operária*. Embora o C.O.I. tenha sido formalmente fundado em 1937, contudo, sua sede e alguns membros da diretoria, como Dionísio Veiga, eram os mesmos da U.B.O.

²⁶⁶ *Jornal do Povo*, Itajaí, 23 de março de 1937.

²⁶⁷ *Jornal do Povo*, Itajaí, 31 de agosto de 1938. Neste evento foi noticiado que o C.O.I. contava com 800 operários em seu meio.

²⁶⁸ Idem.

buscava também contribuir para o fortalecimento de sua agremiação. Em 1940, Dionísio Veiga dedicou-se à venda de rifas para auxiliar financeiramente o *Lauro*. Dentre os prêmios havia calças, chapéu, cinta, etc.²⁶⁹

O envolvimento percebido no espaço operário era estendido também ao futebol. Este presenciava a intensa agitação na cidade, quando dos encontros entre as equipes que contavam com assistência numerosa, sobretudo nos embates entre *Lauro* e *CIP*. Era neste encontro que grande número de trabalhadores compartilhava momentos e intensificava a identidade operária através do futebol. E, se havia a divergência na atmosfera profissional operária, havia também no espaço do futebol. Se, no espaço profissional, existia a diversidade de pensamentos e a pluralidade de ações, no futebol, não era diferente. Mesmo com público composto de operários, as discórdias também existiam. No embate entre o *CIP* e o *Lauro*, a manchete e a matéria do jornal podem nos dar a dimensão da composição da assistência nos jogos em Itajaí e do clímax nos estádios:

TARDE SANGRENTA

(...) O que aconteceu no último domingo no campo do <<CIP>>, quando se disputava um jogo de futebol, não trouxe dolorosas conseqüências por graças da Providência, do contrário teríamos a esta hora de lamentar a perda de algumas vidas.

Condenável por toda forma foi a atitude leviana e atrevida de Antonio Julio da Cunha, **operário** da Tecelagem Itajahyense, que em discussão em torno de jogo com o moço Juventino Rangel, **fundidor**, em troca da palavra <<besta>>, proferida por este, saccou de um revólver calibre 32, e no meio da numerosa assistência, detonou três tiros. Uma bala atingiu de raspão a cabeça de Juventino, indo alcançar ainda o **estivador** Donzílio Nascimento (...). Outra pessoa, como o **estivador** Tolentino Silva tivera a roupa chamuscada de pólvora (...)²⁷⁰

A passagem acima, embora com alguns exageros na manifestação de um ou de outro, contribui, entretanto, para corroborar com o argumento de que o futebol envolvia sobremaneira os trabalhadores da cidade. E, este vínculo não se dava apenas com os torcedores. Atletas também eram provenientes do segmento operário.²⁷¹

²⁶⁹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 15 de novembro de 1940.

²⁷⁰ *Jornal do Povo*, Itajaí, 22 de junho de 1938. Grifo Nosso.

²⁷¹ No jogo entre *Lauro Müller* e *CIP*, em que este foi derrotado por 3x0, no ano de 1939, as equipes tiveram as seguintes escalasções: **Lauro Müller**: José (?), Kobarg, Henrique Kobarg (ambos trabalhadores da construção civil), Vino (Valdevino, estivador), Pequeninho (alfaiate), Constantino (Constantino Borba, estivador), André (?), Tevo (Ételvino, estivador), Paulista (profissional do futebol), Aurino (?) e Oscar (Oscar Rodrigues, músico).

CIP: Geninho (portuário da terrestre), Lico (Luiz Avelar Pereira, empregado de escritório de empresa exportadora); Humaytá (Izidoro Justino, operário da Companhia Itajahyense de Phosphoro), Leôncio

O CIP havia surgido após o advento do profissionalismo e passou a contar com significativo apoio da fábrica. Esta subsidiava os custos com a equipe e com o estádio. Segundo Zilton Cruz, “o CIP era um time profissional. Eles tinham dinheiro, né? Eles faziam de conta que trabalhavam, mas não trabalhavam (...)”²⁷²

Desde 1933, o futebol brasileiro adotara o profissionalismo. Inúmeros clubes tradicionais que surgiram no início do século, ainda quando o amadorismo era a condição elementar para o ingresso nas equipes, abandonaram a prática futebolística, pois não concordavam com os novos rumos do futebol, que, segundo os defensores do amadorismo, retiravam daquele esporte a dedicação e o amor que o atleta amador nutria por sua agremiação. A partir daquele ano, o ganho financeiro substituiria os sentimentos que outrora o atleta amador possuía pelo clube. Muitos atletas renomados, diga-se de passagem, também abandonaram o futebol quando este passou a adotar o profissionalismo.²⁷³ Em Itajaí, o profissionalismo impulsionou o futebol, bem como fez reconhecer a atividade de jogador de futebol. A equipe que mais assimilou a nova condição do futebol foi, sem dúvida, o CIP.

Embora a Companhia de Fósforo tenha assimilado bem o aspecto do profissionalismo, pois passou a dotar o time de invejável estrutura para os padrões financeiros da época, a indelével contribuição do advento do profissionalismo foi, indubitavelmente, a possibilidade de solidificar a participação dos operários, negros e pobres no espaço futebolístico do país, em particular de Itajaí.

O CIP era a extensão da fábrica. Os operários eram também atletas (estes recebiam remuneração diferente daquele que era “somente” operário) e o diretor da Companhia era também presidente do clube.²⁷⁴ O estádio era anexo à fábrica. A relação entre a companhia e

(Antônio Leôncio, operário da CIP), Couceiro (operário da CIP), Sotto (paraguaio Alfredo De Sotto, operário da CIP), Waldemiro (Waldemiro Quintino, empregado da alfândega), Dias (?), Palm (operário da Fábrica de Papel), Victório (Victório Forneroli, funcionário público) e Nanga (João dos Santos, estivador). A menção do ofício de quase todos os atletas foi possível em virtude da lembrança do senhor João Kleis.

²⁷² Entrevista com Zilton Esmael Cruz (81 anos). Foi jogador do *Marcílio Dias* no final da década de 1940, posteriormente desempenhou função de diretor no mesmo clube. Entrevista realizada em 13/05/2010, na cidade de Balneário Camboriú. Acervo do autor.

²⁷³ Em visita a Itajaí, no ano de 1932, Arthur Friendreich criticou o advento do profissionalismo e apontava esta nova condição como tendo sido a causa de sua “aposentaria” como jogador. Ver em *O Libertador*, 19 de julho de 1932. Arthur Friendreich é o maior artilheiro da história do futebol brasileiro, com 1329 gols.

²⁷⁴ Antônio Ramos, proprietário da Companhia, exerceu também a função de presidente da equipe nos anos de 1938 e 1939. Conforme *Jornal do Povo*, Itajaí, 20 de abril de 1938. Na diretoria da gestão 1940-41 um dos diretores do CIP Foot-Ball Club era César Ramos. *Jornal do Povo*, Itajaí, 15 de novembro de 1941. Já para a segunda metade de 1942 e para o ano de 1943 fora escolhido, como presidente do clube, Osni Ramos. Conforme *Jornal do Povo*, Itajaí, 6 de dezembro de 1942. Tanto Osni quanto César eram filhos de Antônio Ramos.

os seus atletas/operários era muito estreita. “A *Companhia de fósforo dava tudo. Material, dinheiro, presente para os jogadores. Era assim. E o dono bancava tudo.*”²⁷⁵



Campo do CIP, anexo a fábrica. Fonte: A.P.I.

Como resultado imediato do profissionalismo, o *CIP* foi o campeão do primeiro torneio organizado pela ASVI. Campeonato este que iniciou em meados de 1938 e só fora concluído em janeiro do ano seguinte. O motivo deste prolongamento se deveu ao fato da anulação do jogo entre o *CIP* e o *Brusquense*. A peleja remarcada ocorreu no dia 22 de janeiro de 1939, obtendo o *CIP* vitória sobre o seu oponente e conseqüentemente o título do campeonato da ASVI.²⁷⁶

A conquista do torneio pela equipe “cipista” revelava a qualidade e o profissionalismo mais adiantado em relação aos seus adversários. Dos quatorze jogos, o *CIP* sobrepujou o seu oponente em treze oportunidades, perdendo apenas um. Com o triunfo

²⁷⁵ Depoimento de *Carlos Guerios*, em Itajaí, em 10/05/2010. O depoente é pesquisador sobre esporte em Santa Catarina há mais de vinte anos.

²⁷⁶ *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de janeiro de 1939. Certamente que, apenas ser “profissional” não era certeza de triunfo. Porém, a Companhia de Fósforo, conforme mencionei, utilizou das “vantagens” oferecidas pelas novas regras do futebol para trazer para a equipe atletas de destaques, pois a partir de 1933 jogar futebol e trabalhar não se configurava em demérito para o atleta. Assim, a Companhia conseguia atuar em duas frentes: Além de contratar operários para a produção, buscava também nestes trabalhadores qualidades futebolísticas. Assim, contribuiriam para que de algum modo dignificassem o nome da fábrica.

obtido, estava assegurada a participação no estadual de futebol. A fórmula de disputa determinava que o campeão da ASVI teria que jogar duas partidas contra o campeão da *Liga Florianopolitana de Futebol* (LFF), que havia sido o *Avaí*. E, o vencedor deste confronto jogaria com o vencedor da disputa entre o campeão da *Liga Joinvilense* e o da *Liga* de São Francisco do Sul. O primeiro confronto ocorreu no dia 5 de fevereiro de 1939 merecendo, em virtude do desempenho da equipe cipista, destaque na seção esportiva do *Jornal do Povo*. A matéria iniciava dizendo que, “*perante numerosa assistência realizou-se domingo último, no campo da Rua Blumenau, em disputa do título de campeão estadual de futebol, o grande encontro entre os fortes conjuntos do CIP F.C., campeão do Valle do Itajahy e o Avahy, campeão de Florianópolis (...)*”²⁷⁷

Já, para o segundo jogo, que foi realizado na Capital, no dia 01 de março, empate de 2x2.²⁷⁸ O último jogo também foi realizado em Florianópolis, no domingo, dia 12 março e o placar apontou vitória cipista por 3x2. O entusiasmo tomou conta da cidade de Itajaí, resultante do feito da esquadra local. Mais espaço foi proporcionado pelo jornal e o articulista não poupou elogios ao *CIP*.

A cidade inteira vibra de entusiasmo ante o estupendo feito do onze rubro-negro que, lutando com bravura e dignidade conseguiu embora contra todas as opiniões, derrotar de maneira brilhante, na Capital do Estado, domingo ultimo, o quadro do Avahy, campeão da L.F.F.

O feito do onze cipista vale mais o que uma vitória, elle veio mais uma vez demonstrar o seu valor, elle soube se portar com entusiasmo, elle soube vencer com galhardia, elle soube trazer para Itajahy e para as suas cores o triumpho glorioso, elle soube lutar sem esmorecimentos visando unicamente a vitória honrosa (...)²⁷⁹

Aqueles que não tiveram a oportunidade de acompanhar o jogo na Capital, aumentavam a massa de torcedores que permanecia em frente ao *Jornal do Povo* à espera do resultado da partida. Como não havia sinal radiofônico, as informações eram repassadas via telégrafo à redação do jornal. A edição do periódico posterior à conquista da vaga por parte do *CIP* destacou o feito e expôs o clichê dos autores dos gols. Inúmeros torcedores acorreram para o cais do porto de Itajaí, a fim de aguardar o retorno da equipe de Florianópolis, o que ocorreu na noite após o jogo.

Como não poderia deixar de ser, o triunfo foi comemorado no *Café Modelo*, local para o qual afluíram torcedores do *CIP* e admiradores do futebol. A conquista não era

²⁷⁷ *Jornal do Povo*, Itajaí, 8 de fevereiro de 1939.

²⁷⁸ *Jornal do Povo*, Itajaí, 8 de março de 1939.

²⁷⁹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 15 de março de 1939.

somente de uma torcida, representava também determinado segmento – o operário.²⁸⁰ No clima festivo que agitava aquele local, já era projetada também a possibilidade de assegurar o sucesso maior, que seria o campeonato estadual.

Os jogos da final do estadual estavam marcados para o mês de abril de 1939 contra o *Atlético de São Francisco*.²⁸¹ O resultado comprovou a soberania da equipe itajaiense e aumentando ainda mais a importância de Itajaí no futebol catarinense, o *CIP* conquista o seu primeiro título estadual. O jornal publicava nota sobre o triunfo cipista. Segundo o articulista,

A cidade recebeu com justificada alegria a notícia transmittida da Capital do Estado, no ultimo domingo, de que o <<CIP F.C.>>, campeã da ASVI, na disputa da finalíssima do campeonato de foot-ball do estado (...) frente ao Atlético de São Francisco, campeão da Zona Norte, havia sobrepujado o seu temível adversário pelo score de 2x0, conquistando, assim, o disputado título de Campeão do Estado, do anno de 1938 (...)²⁸²

A festa “oficial” pela conquista do título foi organizada pela própria Companhia de Fósforo, que também obtinha sucesso com os feitos realizados pela equipe de futebol. O evento contou com a presença dos jogadores (e seus familiares), torcedores, políticos, personalidades públicas e diretores da fábrica. A festa obteve destaque do jornal, tendo em vista, a quantidade de pessoas que participaram da churrascada e do baile promovidos por aquela Companhia.²⁸³

O futebol poderia ser do ponto de vista da fábrica, uma excelente estratégia para manter os operários concentrados no trabalho e, assim, atingir o nível de produção esperado pela Companhia. Por outro lado, entretanto, os operários percebiam no futebol uma nova atividade profissional, além de ser um excelente meio para conseguir incrementar a remuneração que recebiam da empresa. Além do mais, jogar futebol propiciava algumas

²⁸⁰ A relação mencionada acima, entre o operariado e o futebol, e a identificação como as conquistas futebolísticas, por parte daquele segmento social, é análise minha, tendo em vista as inúmeras fontes pesquisadas e analisadas que convergem naquele sentido. Muito embora não tenha encontrado fonte alguma que mencionasse que o segmento operário se extasiava e assimilava como um triunfo de classe as vitórias de suas equipes.

²⁸¹ “O primeiro jogo da final foi realizado no dia 9 de abril, e o *CIP* goleou a equipe francisquense por 4x0. Na segunda partida decisiva o *Atlético* se recuperou, vencendo a equipe de Itajaí por 3x2, forçando a realização da terceira partida. No Campo da FCD em 16 de 1939, o *CIP* venceu o *Atlético* por 2x0, sagrando-se campeão com gols de Coceira e Nanga.” SANTOS, Edson. op. cit. p. 42. O campo da última partida era o da Federação Catarinense de Desportos (FCD), localizado em Florianópolis.

²⁸² *Jornal do Povo*, Itajaí, 19 de abril de 1939.

²⁸³ Segundo notícia, para “esta festa de confraternização para a qual foram expedidos grandes numero de convites, compareceram o representante do sr. Prefeito Municipal, dr. Aldo Mário de Almeida, a Diretoria da ASVI, representações do Marcílio Dias, Lauro Müller, Paysandú e Brusquense, e de outros clubs, imprensa e **grande massa** de aficionados do glorioso Campeão Estadual de 1938 (...)” *Jornal do Povo*, Itajaí, 26 de abril de 1939 (grifo nosso).

“vantagens” que não apenas econômicas, como também de desempenho nas funções em setores que demandavam menos esforço físico, possibilidade de deixar o trabalho mais cedo para se dedicar aos treinamentos e jogos, além de ser o espaço de diversão, lazer e sociabilidade.



Elenco do CIP campeão da ASVI e da F.C.D. em 1938. No pôster (que foi tirado naquele ano) de cima para baixa (sempre da esquerda para a direita) são os seguintes operários-jogadores: Lico, Geninho e Humaytá, Fateco, Alberto e Sotto, Victório (Fornerolli), Couceiro, Pavan, Armando e Nanga, Vila, Chico, Laurinho e Brando. Fonte – Acervo de Carlos Guerios.

Na cidade de Rio Claro, no estado de São Paulo, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro auxiliava também o Grêmio Recreativo fundado por ferroviários daquela

Companhia. Esta, por sua vez, além de auxílio material e financeiro à direção do clube possuía na associação esportiva “*altos funcionários da Companhia (...), afinal isso era de interesse da própria Cia. Paulista (...)*”²⁸⁴

Se o futebol no Brasil, em décadas anteriores, era também um passatempo, a partir do momento em que o mesmo atingiu a classe operária, esta acrescentou os seus valores, símbolos e transformou o futebol em fator cultural, como sendo também parte integrante de suas manifestações. Posteriormente, além do aspecto cultural, o futebol se apresentava também como alternativa profissional, sobretudo após a profissionalização deste esporte, a partir de 1933.

No Brasil, o impulso à profissionalização ocorreu a partir de 1933, e dois fatores contribuíram para isto. Por um lado, o reconhecimento oficial e formal de uma prática adotada há mais de duas décadas, pois era sabido que muitos atletas recebiam remunerações para jogar futebol, mesmo estando sob o chamado regime amador. Por outro lado, aceitando o profissionalismo era a maneira de evitar a crescente fuga de atletas para a Itália, Argentina e Uruguai, países estes que já haviam adotado profissionalismo no futebol na década de vinte.²⁸⁵ Na Itália inclusive, o futebol tinha o apoio de Mussolini que premiava a equipe campeã, aproximando, assim, o Estado do futebol. Mussolini buscava “*dar um sentido patriótico ao regime.*”²⁸⁶

O advento do profissionalismo contou com a forte participação das equipes de São Paulo e Rio de Janeiro, as quais romperam com suas respectivas Ligas, estas que, por sua vez, só aceitavam o atleta “amador”, criando, a partir de então, as Ligas profissionais. Na Capital do país, em 23 de janeiro de 1933, era criada a *Liga Carioca de Football*, a qual reunia *Vasco, Fluminense, América e Botafogo*. Naquele ano, em São Paulo, a *Associação Paulista de*

²⁸⁴ TONINI, Marcel Diego. *Ferrovias e futebol: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930*. Monografia em Ciências Sociais – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara – SP, 2006, p. 27.

²⁸⁵ Vários atletas saíram do futebol brasileiro para buscarem melhores remunerações naqueles países. Podemos citar Leônidas da Silva que, em 1933, foi para o *Penãrol* do Uruguai; Fausto dos Santos jogou no *Barcelona* (1931-1932), *Young Fellows*, da Suíça (1933) e *Nacional*, do Uruguai (1934); Domingos da Silva, *Nacional*, do Uruguai (1934) e, Waldemar de Brito, que em 1934 foi defender o *San Lorenzo*, da Argentina.

²⁸⁶ SEBE, José Carlos; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982, p. 28. Alguns estádios eram construídos pelo governo Fascista da Itália popularizando ainda mais o regime e o futebol. Como exemplo, em 1931 foi inaugurado o Estádio Giovanni Berta, na cidade de Florença, que até hoje é a “casa” da *Fiorentina*. O nome do estádio foi uma homenagem ao governador fascista que havia sido morto por comunistas na Ligúria. Após a Segunda Guerra o estádio passou a ser chamar *Comunalle*, e, a partir de 1983 ganhou o nome de Artemio Franchi, ex- dirigente da equipe.

Esportes Atléticos também adotava o regime profissional ao futebol.²⁸⁷ Com o profissionalismo em voga, o talento do jogador era o requisito principal para ingressar na equipe. Diferentemente de épocas passadas em que aspectos econômicos, sociais e raciais prevaleciam. A diretoria do clube das Laranjeiras após aceitar o profissionalismo afirmara que “a questão da cor não existirá mais no Fluminense com a implantação do novo regime.”²⁸⁸

As ligas de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se para formar a primeira entidade de futebol do Brasil. A união daquelas entidades criou a *Federação Brasileira de Futebol* (FBF), que não contou com o reconhecimento da *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), entidade máxima do desporto nacional. Segundo Helal,

a cisão durou até 1937, quando a CBD decidiu reconhecer oficialmente o regime profissional. A cisão comprometeu o prestígio do futebol brasileiro, causando, por exemplo, o impedimento da participação dos melhores jogadores na seleção na Copa do Mundo de 1934, já que a CBD não reconhecia a FBF, que, por sua vez, reunia os melhores craques do Brasil.²⁸⁹

E, em Itajaí, o viés profissional do futebol foi assimilado também pelos operários que jogavam no *CIP*, que vislumbrando uma melhor condição financeira, passaram a considerar as propostas que recebiam em virtude de seus desempenhos dentro do campo. O sucesso obtido com a conquista do título estadual de 1938 acentuou a necessidade dos clubes no sentido de contratarem os melhores jogadores. Alguns jogadores da Companhia de Fósforo, como o atacante Venício Pavan, o zagueiro Fateco e o meio-campista Sotto²⁹⁰ foram atuar em outras equipes, levando em consideração mais a profissão de jogador de futebol do que a atividade de operário.

Na atmosfera futebolística de Itajaí, onde o profissionalismo já se enraizava e passava a interferir na vida do jogador e na condição estrutural do clube, seguir o rumo profissional era quase que questão de sobrevivência para as equipes que desejavam triunfar no

²⁸⁷ Sobre a profissionalização em São Paulo ver, ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit.; ARAÚJO, José Renato de Campos. op. cit.

²⁸⁸ FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauard (4ª edição), 2003, p. 262. Sobre isto ver também: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit.

²⁸⁹ HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 50.

²⁹⁰ O *Jornal do Povo*, Itajaí, 26 de abril de 1939, informava que o atleta Venício Pavan havia sido contratado pela equipe do *Club Atlético Catharinense*, de Florianópolis. Já o *Jornal do Povo*, Itajaí, 17 de maio de 1939, noticiava que o atleta Fateco, conhecido na cidade com “Diamante Negro Itajahyense”, “seguirá sua carreira de jogador de futebol na Capital paulista.” Fateco aparecerá em 1941 defendendo a equipe do *Club Atlético Catharinense* e no ano seguinte viria a se contratado pelo *Avaí*. Permaneceu neste clube até 1948, sendo tetracampeão catarinense de 1942 a 1945. O paraguaio Alfredo De Sotto rumou para Curitiba a fim de defender o *Ferroviário* daquela cidade.

cenário do futebol. Entretanto, alguns clubes ainda eram motivados pelo princípio que havia norteado sua fundação, não abrindo mão da condição de amador em troca do profissionalismo; perpetuando, desta forma, sua ideologia. Refiro-me ao *Humaytá*, time formado por negros e na maioria trabalhadores do porto e que continuava sua trajetória nos anos quarenta, obedecendo ainda a sua característica principal, que era a de ser um time constituído por negros. Segundo, João Kleis, “o *Humaytá* era sim o time do pessoal de cor. Ele (*Humaytá*) tinha muitos trabalhadores do porto. A torcida também era do pessoal de cor.”²⁹¹

É importante mencionar que o depoente acima foi morador da Vila Operária e conviveu com vários trabalhadores do porto, os quais muitos eram integrantes do referido clube. E, mesmo com a ascensão do profissionalismo o *Humaytá* permanecia “fiel” às suas origens continuando ainda amador, mas, contudo, preservando o seu viés étnico. Na nova etapa da vida daquele clube, além do futebol, passou a oferecer também bailes carnavalescos. Até meados da década de 1930, o clube se chamava *Humaytá Foot-Ball Club*; passando, contudo, posteriormente, a *Sport Club Humaytá*. Possivelmente, a troca de nome tenha sido motivada também pelo fato da equipe buscar oferecer outras atividades que não apenas o futebol, mas também bailes carnavalescos aos seus associados e ao público de modo geral.

S.C <<HUMAYTÁ>>

O Sport Club <<Humaytá>>, a tradicional instituição da nossa cidade, que congrega os homens de cor, e que se celebrou pelos ranchos carnavalescos que põe á rua todos os annos, permanecerá com os seus salões abertos durante os dias da folia, hoje, amanhã e depois-de-amanhã. Vae ser um dançar sem acabar (...) ²⁹²

No início da década de 1940 outro clube operário surgia em Itajaí. Tratava-se do *Cobrasil Foot-Ball Club*, fundado em 5 de agosto de 1940. O time era constituído por operários da empresa que tinha o mesmo nome e que era a responsável pelas obras de melhoramento do porto. O artigo 2º do seu estatuto determinava que o clube “*tem por finalidade primordial a prática do foot-ball (...)*”²⁹³ Já, o artigo 3º dizia que “*a Directoria empregará todos os meios para proporcionar aos associados do <<Cobrasil Foot-Ball Clube>> festevaes esportivos.*”²⁹⁴ As cores adotadas foram o azul e branco. A sede e o campo

²⁹¹ Entrevista com João Kleis.

²⁹² *Jornal do Povo*, Itajaí, 23 de fevereiro de 1941.

²⁹³ Estatuto do Cobrasil Foot-Ball Club. In: *Jornal do Povo*, Itajaí, 23 de março de 1941.

²⁹⁴ *Idem*.

ficavam no bairro de Navegantes. O campo, por sua vez, foi inaugurado no dia 8 de junho de 1941, num jogo entre a equipe da casa e o *CIP*. O jornal publicava que, “*a entrada ao campo será franqueada ao público, e, em face da animação que se nota é, de se esperar que as festas a serem realizadas hoje sejam coroadas de sucesso e farão com que grande publico acorra às mesmas.*”²⁹⁵

Como prática habitual, os clubes com vínculo operário realizavam muitos jogos e, na maior parte deles, a cobrança de ingressos era dispensada, pois além de seus torcedores serem em sua maioria proveniente do segmento operário, era também uma estratégia para atrair mais simpatizantes. Tal procedimento iniciou com o *Humaytá* e se prolongou com os demais clubes, não sendo diferente com a equipe da *Cobrasil*.

Embora cada equipe desfrutasse de considerável número de seguidores, o longo período em atividade revelava que as disputas entre *Marcílio Dias* e *Lauro Müller* eram aquelas que atraíam o maior público e as que suscitavam as prolongadas conversas no *Café Modelo*. Na semana do *FLA x FLU* da cidade, a expectativa girava em torno do jogo que envolveria o time elitista e o popular. E as melhores rendas eram verificadas, justamente, em tais embates. No campeonato da ASVI, de 1941, o jogo realizado no dia 06 de abril contabilizou a renda de 492\$3 réis, e o jogo do retorno, realizado em 10 de agosto, atingiu a quantia de 495\$0 réis.²⁹⁶ Levando-se em consideração que o ingresso custava cerca de 2\$000 verifica-se, desta forma, que acorriam para o estádio mais de duas mil pessoas. Indubitavelmente, era considerável a quantidade de torcedores que participavam dos eventos futebolísticos em Itajaí, sendo que, no mesmo dia, até duas ou três partidas poderiam ocorrer.²⁹⁷

A partir do ano de 1942, os seguidores do futebol em Itajaí passaram a acompanhar as transmissões radiofônicas, integrando assim cada vez mais o futebol com a cidade. Mesmo com o advento do Rádio em Itajaí, era comum o público acompanhar os programas esportivos irradiados através do alto-falante do Cine Itajaí. Alguns pontos da cidade, os quais possuíam aquele recurso sonoro, ficavam, nas terças e quintas – feiras, cercados de pessoas que acorriam para tais ambientes, a fim de ouvirem as novidades do futebol e as entrevistas feitas

²⁹⁵ *Jornal do Povo*, Itajaí, 8 de junho de 1941.

²⁹⁶ *Jornal do Povo*, Itajaí, 10 de agosto de 1941.

²⁹⁷ Em 1940 Itajaí contava com 44.394 habitantes, de acordo com Levantamento do Serviço Nacional de Recenseamento. In: *Relatório do Exercício do ano de 1940*, apresentado ao EXMO Sr. Presidente da República, pelo DR. Nereu Ramos, interventor Federal no Estado de Santa Catarina. Florianópolis, outubro de 1940. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – I.H.G.S.C.

com jogadores e dirigentes. A primeira transmissão de um jogo através de emissora de rádio ocorreu somente no ano de 1944, num clássico entre *Marcílio Dias* e *Lauro Müller*.

Mesmo com todo o envolvimento de Itajaí com o futebol a Segunda Guerra, por sua vez, provocou interferência naquela prática esportiva, impossibilitando, assim, o prosseguimento do campeonato. Com o racionamento de combustível no Brasil, decorrente da participação do Brasil no conflito mundial, o deslocamento das equipes de Itajaí até Brusque e vice-versa foi prejudicado. Dessa forma, a ASVI, após sucessivas reuniões, decidiu suspender o campeonato e proclamar a equipe do *Brusquense* campeã de 1942.²⁹⁸



Café Modelo, o tradicional ponto de encontro da cidade, no início da década de 1940. Na foto, o Café está à direita, o sobrado que reúne algumas pessoas junto à entrada. Fonte: A.P.I.

Se outrora fora a gasolina que “desaparecera”, no ano de 1944, em virtude novamente da Guerra, a população brasileira teve que passar pelo racionamento da carne. Não sendo diferente em Itajaí, que por determinação do prefeito, este produto só era comercializado três vezes por semana. Como agravante do racionamento estava o fato do governo catarinense necessitar dizimar milhares de cabeças de gado em decorrência da proliferação de uma peste que atacou a pecuária do estado. O comunicado tinha o seguinte tom: “(...) A Prefeitura Municipal de Itajaí, atendendo instruções superiores, já determinou que somente às terças, quartas e sextas-feiras será fornecido (sic) carne de gado bovino á

²⁹⁸ *Jornal do Povo*, Itajaí, 6 de setembro de 1942.

*nossa população (...) Os açougues não poderão fornecer nos referidos dias, quantidade maior de que dois quilos a cada domicílio.”*²⁹⁹

Envolvidos, então, no clima bélico, as equipes de Itajaí buscaram no futebol o meio de ajudar o Brasil. O *Lauro Müller* promoveu jogo beneficente com o intuito de angariar recursos à Cruz Vermelha Brasileira. Foram dois jogos no mesmo dia. O primeiro contra a equipe do *Tiro de Guerra 301*; e o segundo contra o *Figueirense*, da Capital, jogo este em que estava em disputa a taça “Presidente Vargas”. A iniciativa foi bem aceita pelo público e o evento repercutiu também na imprensa local. O valor arrecadado foi de 3:142\$400. Segundo matéria publicada, “*uma invulgar assistência compareceu aos jogos anunciados, no meio da qual se via altas autoridades locais (...) A renda do jogo bateu todos os <<records>> existentes nas bilheterias de Itajaí (...)*”³⁰⁰



O clima da Guerra atingira também a comunidade alemã em Itajaí. Por determinação de Getúlio Vargas, no ano de 1944, os alemães foram obrigados a entregarem seus rádios na delegacia da cidade. Na foto, as “vítimas” do Decreto, na Rua Hercílio Luz, caminhando para “atender” a determinação varguista. Fonte: A.P.I.

Ainda tendo o envolvimento do país na Guerra, no ano de 1944, o futebol brasileiro sofrera nova interferência. Desta vez, por determinação do *Conselho Nacional de Desportos*

²⁹⁹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de junho de 1944.

³⁰⁰ *Jornal do Povo*, Itajaí, 26 de abril de 1942. A nota continuava com os seguintes dizeres: “(...) *O Lauro Müller fez jús à sua fama e reafirmou a sua superioridade, vencendo brilhantemente o <<esquadrão de aço>>, de Florianópolis, pelo score de 4 a 2 (...)*”

(CND),³⁰¹ os clubes que ostentavam nomes de países, estados e municípios foram obrigados a alterar suas nomenclaturas. Alguns clubes que disputavam o torneio da ASVI foram submetidos à troca de seus nomes. Esta medida atingiu também a própria entidade do futebol. A ASVI precisou substituir sua denominação para *Liga Esportiva do Vale do Itajaí* (LEVI).³⁰²

Como alternativa para suprir a falta de futebol, face ao racionamento de combustível, a ASVI organizou o torneio entre as equipes de Itajaí e o campeão foi o time *Cobrasil*. A renda deste torneio foi de 1:005\$000.³⁰³ A equipe contava com vários atletas que eram trazidos para a empresa com a finalidade de jogar na equipe, sendo que a maioria se enquadrava na condição de operário/jogador.³⁰⁴

O atleta Horácio Júlio da Silva, conhecido no futebol da cidade por Zico, também já desfrutava daquela condição. A trajetória deste ex-atleta foi contada pelo seu filho:

O meu pai veio pra cá para trabalhar na Cobrasil. Trabalhou e saiu. Ele era boleiro e correu aí o estado. Aí ele estava em Joinville, então o Doutor Ábdon Fóes, que era presidente do Marcílio Dias na época, isso em 45, foi lá em Joinville e trouxe ele pro Marcílio. Aí o presidente (Ábdon) disse: tu queres um emprego na estiva? Eu arrumo pra ti. Aí então ele entrou na estiva.³⁰⁵

Mesmo com o repentino sucesso no futebol, o time da *Cobrasil* cessou suas atividades em meados de 1943, “(...) tendo em vista a paralisação dos serviços da

³⁰¹ O Conselho Nacional de Desportos (CND) foi criado em 1941, com o objetivo de ser o único órgão responsável por deliberar normas e determinações acerca do esporte no Brasil. Com o advento do C.N.D. todas as entidades esportivas estavam obrigadas a possuir alvarás, estatutos, registros oficiais, contabilidade e administrações controladas. Os clubes eram obrigados a filiar-se às federações competentes, as quais seriam subordinadas ao C.N.D. Em Santa Catarina alguns clubes foram obrigados a alterar suas denominações, inclusive as equipes que disputavam o campeonato da região. O C.N.D. foi extinto em 1993, pela Lei 8.672/93 (Lei Zico).

³⁰² A determinação do Conselho Nacional de Desportos foi noticiada no *Jornal do Povo*, Itajaí, 2 de abril de 1944.

³⁰³ *Jornal do Povo*, Itajaí, 23 de agosto de 1942.

³⁰⁴ Dentre os atletas que viviam naquela condição, havia Horácio Júlio da Silva (Zico), Humaytá, Laguna e Icir (Yêyé). O zagueiro Humaitá jogou no *Lauro Müller*, em meados dos anos trinta. Foi campeão em 1938 com o *CIP* e em 1942 foi contratado pela Cobrasil, para trabalhar e jogar. Com o fim desta equipe regressou ao *Lauro Müller*, conforme nota em: *Jornal do Povo*, Itajaí, 14 de novembro de 1943. E, em 1944, defendeu novamente o *CIP*. Ver nota em *Jornal do Povo*, Itajaí, 16 de abril de 1944.

³⁰⁵ Entrevista com Manoel Sandro da Silva, nascido em Itajaí, em 18/10/1948. Este foi estivador e diretor da *Sociedade Estivadores Esporte Clube*. O entrevistado é filho de Zico. Este, por sua vez, ajudou a fundar o time do *Estiva*, no ano de 1946. A pessoa mencionada pelo entrevistado, Ábdon Fóes, desempenhou as seguintes funções em Itajaí: Proprietário do *Jornal do Povo*, o qual, em virtude do fechamento dos demais jornais durante o Estado Novo, foi o único jornal no período de 1936 até 1947. Foi presidente da ASVI, de 1938 até 1944; prefeito municipal, através de nomeação, de 25/03 a 09/11/1945 e de 14/02/1949 a 26/04/1947. Presidente do *Clube Náutico Marcílio Dias* em 1945, 51 e 53. Entrevista realizada em 03/09/2009, na cidade de Navegantes. Acervo do autor.

*Cia. Cobrasil, em nosso porto (...)*³⁰⁶ Com o súbito desaparecimento daquela esquadra, muitos atletas do clube, já vivenciando o profissionalismo no futebol, partiram para outras cidades. Os que permaneceram em Itajaí dedicaram-se mais à atividade do futebol do que propriamente a outro ofício. Foi o caso de Zico e Laguna, que com o fim do *Cobrasil* este atleta foi defender as cores do *CIP*, enquanto aquele foi para o *Lauro Müller*. Porém, a permanência dos referidos jogadores foi curta na cidade, pois, em novembro, ambos assinaram contrato com o *Imbituba Atlético Clube*.³⁰⁷ Outros atletas foram buscar ocupação no porto. Esses atletas contribuiriam para a fundação da equipe da estiva, em 1946.



Time da *Cobrasil*. Foto de 1942, antes do jogo que a equipe da casa venceu o *Paysandu* de Brusque, por 4x1. Em pé, da direita para a esquerda, Icir e Zico (ambos vieram de Joinville para trabalhar nas obras de melhoramento no porto. Com a paralisação nas obras Zico foi para a estiva, onde auxiliaria na fundação da equipe). Na fila do meio, o primeiro da direita é Laguna. Agachados (a partir da direita) – Humaitá, Tadeu e Olavio. O estádio da equipe da *Cobrasil*, após o fim desta, passou para o time da *Estiva*. Fonte: Acervo de Manoel Sandro da Silva.

No plano político, o futebol também era envolvido, uma vez que os jogos nos estádios mobilizavam milhares de pessoas. A participação popular nas manifestações políticas adquiria ainda mais desenvoltura nos anos quarenta, pois a propaganda e a imagem de Vargas

³⁰⁶ *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de julho de 1943. Nesta mesma edição o articulista informava que, a tabela do campeonato da ASVI, de 1943, sofreria alteração em virtude da saída daquela equipe do certame.

³⁰⁷ A transferência foi noticiada no *Jornal do Povo*, Itajaí, 14 de novembro de 1943.

- muito ligadas ao operariado - marcaram este período. O jogo entre *Lauro Müller* e *América* de Joinville integrava o evento cívico. “(...) *A peleja em apreço, que faz parte do programa comemorativo ao 3º Congresso de Brasilidade, será em homenagem ao exmo. sr. dr. Nereu Ramos, d.d. Interventor Federal do estado, que assistirá de palanque oficial, acompanhado das demais autoridades.*”³⁰⁸ Os jogadores do *Lauro Müller* para este jogo foram os seguintes: Cacildo, Bubi, Humaitá, Vino, Kock, Careta, Zico, Picuan, Oscar, Pamplona, Miro, Paulinho, Tevo e Pavan.³⁰⁹

É importante lembrar que muitas comemorações do Dia do trabalho foram realizadas em estádios de futebol, como no Pacaembu, em São Paulo e o São Januário, no Rio de Janeiro. O apoio de Vargas ao esporte, sobretudo ao futebol, era noticiado no periódico de Itajaí. Segundo o *Jornal do Povo*:

O desporto, como é do conhecimento geral, a nada é nocivo, nem jamais serviu ou servirá para motivo de queixa ou reclamações. O desporto é um bem evidente, moral e material. A prática do desporto engrandece o físico e faz com que todos aqueles que o praticam, se tornem dispostos e fortes. Grande e temida é a Pátria cujos filhos praticam o desporto contínuo (...) E, ciente disto, ciente do importante papel que o desporto desempenha o dr. Getúlio Vargas, muito tem feito e cooperado pelo desenvolvimento, pelo engrandecimento e pelo progresso do desporto nacional (...) Na Capital federal, são acolhidos com simpatia todos os movimentos e empreendimentos favoráveis ao desporto (...) O Presidente Vargas, em um ato que nobremente o caracterizou, interditou o grande lote de terrenos pertencente ao Derby Club, brindando-o aos paredros esportivos para a construção imediata do <<Estádio Nacional>> (...) ³¹⁰

A profissionalização do futebol era quase que inevitável, tendo em vista a dimensão atingida por aquele esporte. O futebol era, a partir dos anos 30, um fenômeno popular e como

³⁰⁸ *Jornal do Povo*, Itajaí, 14 de novembro de 1943.

³⁰⁹ Bubi (Bubi Kobarg) trabalhador da construção civil; Humaitá, ex-operário da fábrica de fósforo e da Cobrasil; Vino e Tevo (os irmão Valdevino e Etelvino) eram estivadores; Careta (José Alves Marinho) era estivador; Zico (ex-operário da Cobrasil e que, em 1945, iniciaria na estiva); Oscar (Oscar Rodrigues) era músico, Paulinho (Paulo Camargo) era estivador. Os Congressos de Brasilidade que ocorreram de 1941 a 1944 eram partes integrantes da política disciplinadora e moralizante no sentido de aproximar o cidadão brasileiro com as diretrizes do Estado Novo. Desta forma, a questão ideológica varguista se estreitava com o esporte para que os praticantes deste não ocupassem o seu tempo em atividades políticas (a criação do C.N.D. durante o Estado Novo serviu também para vigiar as entidades esportivas e seus membros). Em Santa Catarina, Nereu Ramos, na missão de difundir os propósitos do Congresso de Brasilidade, também contribuiu para consolidar a prática ideológica estadonovista em solo catarinense. Além do mais, serviria para legitimar a atuação de Nereu Ramos frente às correntes oposicionistas no estado. O congresso de Brasilidade, segundo Flores, “*promovido pela Comissão de Unidade Étnica, propunha um esquema como projeto de padronização brasílica, ou unidade étnica, ancorada no tripé – saúde, trabalho e beleza.*” FLORES, Maria Bernadete Ramos. A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasílica. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Centro de Estudos Latino-americanos – CLAS. Universidade de Aarhus, Dinamarca, p. 91.

³¹⁰ *Jornal do Povo*, Itajaí, 06 de fevereiro de 1944.

tal despertava a atenção do governo e das elites. Aceitar a profissionalização do futebol era, do ponto de vista governamental, conseguir controlar, administrar e atuar sobre o mesmo (a criação do C.N.D. comprova isto). Se havia o movimento, tanto político quanto cultural, no sentido da produção da identidade nacional mediante Direitos trabalhistas, Sindicalização, Industrialização, Literatura, Música, Rádio; o futebol deveria compor também esta gama de ações que visava o fortalecimento da identidade brasileira. E, para estreitar ainda mais o vínculo entre o Futebol e o Estado, em 1933, Vargas cria “*a profissão de jogador de futebol e obrigando – como a todo trabalhador assalariado – a sua sindicalização.*”³¹¹

Percebendo, então, o apoio dado ao futebol, possivelmente isto tenha motivado o *Lauro Müller* a solicitar um auxílio ao próprio Getúlio Vargas, com o fito de construir seu novo estádio, na Vila Operária. O jornal comunicava que,

Segundo tivemos conhecimento o tradicional alvi-negro da Rua Uruguai, por intermédio de seu dinâmico e esforçado presidente, sr. Cesar Stamm, acaba de dirigir ao Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, um bem redigido memorial, em que o grêmio laurista solicita do espírito benevolente do Chefe da Nação, um apoio monetário a-fim-de que possa concretizar a construção de seu novo estádio (...)³¹²

O Estado Novo intensificou a propaganda à construção de uma democracia social mediante o trabalho e a defesa do nacionalismo, e que tinha na figura do próprio Getúlio Vargas, a liderança que conduziria o país para a “nova” identidade. As manifestações públicas tornaram-se excelentes meios de divulgação para os objetivos do Estado Novo, que por sua vez também utilizou do futebol como instrumento ideológico. Os comícios nos estádios de futebol, a criação do C.N.D., a subvenção de verbas públicas para a construção de estádios, contribuíram para difundir determinados projetos de identidade brasileira na era Vargas.³¹³

Se os anos da década de 1930 foram, indubitavelmente, singulares e alguns acontecimentos comprovam a relevância do período, foi ainda nesta época que dois clubes de Itajaí foram campeões estaduais. E, foi neste mesmo período que surgiram as primeiras autorizações para funcionamento de Sindicatos.³¹⁴ É época em que se verificou o aumento na

³¹¹ RIBEIRO, Luiz Carlos. *Brasil: futebol e identidade nacional*. Buenos Aires – ano 8 – n 56, 2003. p. 3 Disponível em: www.efdeportes.com/revista_digital. Acessado em: 02/03/2010.

³¹² *Jornal do Povo*, Itajaí, 8 de julho de 1945.

³¹³ Segundo Rinaldi, “*o futebol, uma das formas simbólicas, não é ideológica em si mesmo, mas se torna, na medida em que é utilizado em um determinado contexto social no sentido de transparecer valores e verdades de uma determinada concepção que se pretende tornar hegemônica.*” RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. In: *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá – PR, v.11, nº1, p. 169.

³¹⁴ O reconhecimento dos sindicatos era também noticiado nos periódicos. Em 1932 a publicação foi a seguinte: “*Os operários da Fábrica de Papel desta cidade estão de parabéns com o recebimento da carta de*

quantidade de entidades operárias que prestavam auxílio pecuniário e material ao operariado. Também naquela década, alguns operários puderam concorrer à vaga nos legislativos municipal, estadual e federal.³¹⁵ E, foi, também naquela década, que algumas greves foram resolvidas com a mediação do Ministério do Trabalho.

Diferentemente dos anos de 1930, a década de 1940, em Itajaí, por sua vez, apontou a incerteza em virtude do envolvimento do Brasil com a Guerra e do resfriamento das manifestações operárias, que não mais participaram de ações e movimentos grevistas, tampouco deram vida às novas entidades de auxílio ao trabalhador. O clima tenso do Estado Novo, possivelmente, tenha interferido nas ações das associações operárias e refletido diretamente na vida do trabalhador. Em Itajaí, a ausência de novas participações operárias parece que atingiu também o espaço futebolístico, pois na década de 1940 nenhum clube de Itajaí conseguiu conquistar o título estadual de futebol. Pelo contrário, alguns saíram de cena definitivamente. Além do mais, em 1945, período de tentativa de articulação para tirar do poder Getúlio Vargas, realizou-se em Itajaí a primeira reunião para tentar concretizar a fusão entre *Lauro Müller* e o *Almirante Barroso*.³¹⁶

Foi ainda no clima do autoritarismo do Estado Novo que a equipe da *Companhia Itajayhense de Phósphoro* encerrou as suas atividades. Mais precisamente no ano de 1942. O clube considerado como um dos mais profissionais do estado e possuindo em seus quadros atletas que se destacaram no cenário futebolístico catarinense, além de contar com o apoio da fábrica - a qual emprestava o nome ao clube -, parava com o futebol. Os motivos da paralisação deste time jamais foram expostos claramente. Alguns apontam o alto gasto financeiro necessário à manutenção da equipe como fator para o fim do futebol na Companhia.³¹⁷ Outras opiniões mencionam como causa para o fim do clube, a saída da fábrica da cidade e sua ida para Curitiba.³¹⁸ Porém, isto só ocorreu em 1954 quando aquela

syndicalização da <<União dos Operários em Fábrica de Papel>>, a primeira que o Ministério do Trabalho expediu para esta cidade.” O Pharol, Itajaí, 17 de dezembro de 1932.

³¹⁵ Conforme já tratado anteriormente. Ainda em 1936 o Partido Liberal Catarinense lança o nome do estivador Bernardino Maria de Borba para concorrer a uma vaga de vereador. *Jornal do Povo*, Itajaí, 13 de fevereiro de 1936. Neste mesmo ano a Ação Integralista Brasileira traz em sua relação de candidatos para aquele cargo os nomes de: “*João Willert – operário metalúrgico, Hermes Correa de Mendonça – pedreiro, Maria Dias Teixeira – tecelã, João Ponciano – operário (...)*” *O Pharol*, Itajaí, 22 de fevereiro de 1936.

³¹⁶ Em depoimento de Cesar Stamm, presidente da *Lauro Müller*, ao *Jornal do Povo*, Itajaí, 21 de outubro de 1945, o mesmo declara que: “*As entabolações (sic), no entanto, não chegaram a um termo satisfatório, por motivos diversos, e, em vista disso, não fizemos a fusão.*”

³¹⁷ Entrevista com *Zilton Esmael Cruz*, realizada em 13/05/2010.

³¹⁸ Entrevista com *José Fernandes Medeiros*, natural de Itajaí, nascido em 27/01/1932. Sua família esteve envolvida diretamente com o trabalho da estiva. Seu avô foi um dos fundadores da *Sociedade União Beneficente Estivadores de Itajaí*, em 1922. Seu pai foi presidente da referida entidade, de 1949 a 1951. E o próprio entrevistado foi estivador, goleiro da S.E.E.C. (campeão em 1952, 53 e 55 por esta equipe),

Companhia foi vendida para investidores do Paraná, os quais continuaram a fabricação de fósforo.³¹⁹

3.2 O FUTEBOL E A REDEMOCRATIZAÇÃO EM ITAJAÍ

Se o final da primeira metade da década de 1940 ficou marcado pelo clima tenso em virtude do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra e até mesmo pela tentativa de permanência no poder por parte de Getúlio Vargas, por outro lado, a segunda metade daquela década foi caracterizada pela redemocratização política e por dias melhores no futebol. O cenário político brasileiro foi alterado com a saída de Vargas e com eleição presidencial para o fim do ano de 1945. Era grande a expectativa para esse pleito, uma vez que quinze anos depois a população brasileira escolhera o novo Presidente da República.³²⁰

No futebol, o período da II Guerra impossibilitou a realização de duas Copas do Mundo (1942 e 46). Cessado o conflito bélico, tiveram início as tratativas para escolha das sedes que realizariam o evento maior do futebol. A imperiosa retomada do torneio mundial era motivada por dois fatores: Por um lado, a integração dos povos através das seleções, princípio defendido pela entidade maior do futebol no mundo, a FIFA;³²¹ de outro, a imediata necessidade de promover a Copa, para que o clima da Guerra fosse rapidamente substituído pela união e solidariedade que envolvem o esporte. A Europa, arrasada pelo conflito militar, possuía pouquíssimas condições para sediar uma Copa do Mundo. Assim sendo, Brasil e Suíça foram escolhidos como sedes para as copas de 1950 e 1954, respectivamente. A preferência por tais países ocorreu pelo fato de que estes não terem sido atingidos pela

presidente do sindicato e da S.E.E.C. Entrevista realizada em 03/02/2010, na cidade de Itajaí. Acervo do autor.

³¹⁹ No dia 20 de março de 1954 o jornal *Itajaí* publicou a chamada da Companhia Itajahyense de Phósforo, a qual convocava para assembléia geral extraordinária os acionistas daquela companhia, a fim de deliberarem sobre a liquidação da sociedade. A venda da companhia aconteceu para os investidores da Capital Paranaense, os quais passaram a fabricar os fósforos Pinheiros.

³²⁰ O resultado da eleição em Itajaí foi o seguinte: General Eurico Gaspar Dutra, do PSD, 4575 votos; Eduardo Gomes, UDN, 4571 votos. *Jornal do Povo*, Itajaí, 16 de dezembro de 1945.

³²¹ *Federation Internationale de Football Association* (FIFA) foi fundada em 1904, por sete nações européias: Bélgica, Holanda, Dinamarca, França, Espanha, Suécia e Suíça. A proposta da FIFA era a de unificar as normas do futebol na Europa e de reconhecer o profissionalismo, que há muito já era presenciado (informalmente) no futebol daquele continente. Mais detalhes sobre o papel da FIFA ver em: GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

Guerra.³²² Tendo-se a certeza de que o Brasil iria realizar a Copa do Mundo, teve início o planejamento para construção do estádio que deveria ser erguido na Capital Federal.

Na cidade de Itajaí, o período pós-Guerra e o fim do Estado Novo contribuíram também para novo impulso ao futebol local. Com o desaparecimento do *CIP*, do *Cobrasil* e da iminente fusão entre *Lauro Müller* e *Almirante Barroso*, a população temia que o futebol, que há décadas movimentava a cidade, estivesse com os dias contados. Os adeptos do futebol em Itajaí que durante muito tempo presenciaram jogos inesquecíveis e manifestações eloqüentes de torcedores não desejavam o fim do envolvimento entre clubes e torcedores, sobretudo, os times operários, os quais tinham grande número de seguidores. O clima de desconfiança ganhou também espaço no jornal. Neste, o articulista manifestava incerteza a respeito da organização do torneio pela LEVI no ano de 1946.

Contudo, durante o curto período em que o futebol de Itajaí esteve sob o olhar da desconfiança no que tange o seu futuro, estava, no entanto, sendo idealizado o surgimento de um novo clube, que por sua vez também de forte vínculo com o operariado. Contando com atletas do futebol, os quais com passagens por *Lauro Müller*, *CIP* e *Cobrasil* e que em 1946 trabalhavam na estiva, estes trabalhadores fundam a *Sociedade Estivadores Esporte Clube* (S.E.E.C.), em 31 de julho de 1946. O *Jornal do Povo* publicava a seguinte nota sobre o mais novo clube de futebol da cidade.

Formado por elementos pertencentes ao Sindicato dos Estivadores de Itajaí, vem de ser fundado em nossa cidade uma associação esportiva, que se dedicará á prática do futebol, recebendo a denominação de Sociedade Estivadores Esporte Clube (...) Ao novo clube, felicitando pela iniciativa, que visa criar entre os trabalhadores um espírito associativo (...) ³²³

A primeira diretoria ficou constituída da seguinte forma:

Presidente, Osmar Camilo Airoso; Vice-dito, Manoel Paulo Casemiro da Conceição; 1º Secretário, Luis José Medeiros;³²⁴ 2º Secretário, Antonio Gomes; 1º Tesoureiro, João Leutz; 2º Tesoureiro, Jorge d'Avilla; Diretor Esportivo, Dorotávio Rosa; Presidente de Honra, Julio Dantas; Orador Valdemiro Gonçalves.³²⁵

³²² No ano de 1942 ocorreu, na Suíça, o torneio chamado de “Copa das Nações, no qual a Itália foi a campeã. Porém este título não foi reconhecido pela FIFA, pois além do campeonato contar com poucas seleções em virtude da Guerra, houve ainda a proibição, por parte dos governos nazi-fascistas, de aceitar na disputa seleções africanas.

³²³ *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de agosto de 1946.

³²⁴ Pai do entrevistado que cito na nota 139.

³²⁵ *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de agosto de 1946.

A relação com o sindicato era evidenciada quando da concessão do título de Presidente de Honra do clube. O estatuto do clube determinava que “*todo presidente da Sociedade Estiva será o presidente de honra da Sociedade Estivadores Esporte Club.*”³²⁶ Embora o clube possuísse estatuto e contribuição separados, era inegável que a entidade esportiva se apresentava como sendo a extensão do sindicato, uma vez que as tentativas no sentido de fundação de um clube de futebol entre os estivadores eram provenientes do interior da própria entidade sindical.³²⁷ Não havia a exigência da sindicalização para ingressar como sócio da equipe, porém, nesta condição não havia direito de votar para escolha de diretores, como também não poderia se candidatar para ocupar algum cargo na diretoria do clube.³²⁸

Como prática costumeira, as equipes ligadas ao operariado buscavam conquistar cada vez mais adeptos mediante a isenção da cobrança de ingressos nos jogos. E, na partida em que a cobrança era obrigatória buscava-se não inflacionar em demasia o custo da entrada. A S.E.E.C. entendia que, além do valor do ingresso, o (baixo) valor da mensalidade poderia atrair cada vez mais torcedor. Em seu estatuto, publicado em 1948, a mensalidade era “*de (Cr\$ 2,00) dois cruzeiros, para o sexo masculino e de (Cr\$ 1,00) um cruzeiro para o sexo feminino.*”³²⁹ O *Marcílio Dias*, por sua vez, cobrava o valor de Cr\$ 10,00 a mensalidade aos sócios.³³⁰

No período de 1947 a 1950, o futebol de Itajaí passou por momentos delicados, tendo em vista a não realização de torneios oficiais controlados pela entidade máxima do futebol da cidade e região. Em meio à ausência de campeonato e da paralisação de alguns clubes o aparecimento da equipe dos estivadores propiciava novo fôlego ao futebol local, fazendo ressurgir a competitividade futebolística e o envolvimento do público com a equipe.

Se o operariado passou a adotar o *time da fibra*, referência atraída à S.E.E.C., equipe esta que foi a responsável por aproximar grande quantidade de torcedores que com o fim de clubes tradicionais e vitoriosos perceberam o time da estiva como a entidade que representava o operariado. E, este mesmo operariado que criava vínculos com o time da estiva, admirando-o cada vez mais pelos seus feitos, recebia no mesmo período a notícia de que havia, por parte da Municipalidade, a intenção de construir casas populares, a fim de atender o segmento

³²⁶ Estatuto da Sociedade Estivadores Esporte Clube, publicado no *Jornal do Povo*, Itajaí, 16 de maio de 1948.

³²⁷ Já abordado no capítulo 2.

³²⁸ Artigo 39, do Capítulo 12 “**Dos Sócios Sindicalizados**”. In: *Jornal do Povo*, Itajaí, 16 de maio de 1948.

³²⁹ *Jornal do Povo*, idem.

³³⁰ *Jornal do Povo*, Itajaí, 16 de julho de 1950.

operário, que já era de significativa relevância na cidade. A idéia ganhou as páginas do periódico local.

INICIATIVA EM FAVOR DA CLASSE OPERÁRIA

Devendo seguir com destino á Capital da República, nos próximos dias, delegações de trabalhadores das associações locais que participarão do Grande Congresso Sindical, a realiza-se a 9 de setembro vindouro, o sr. Prefeito Municipal convidou os srs. Presidentes de todas os sindicatos de nossa cidade para uma reunião, a fim de trocar idéias a respeito de várias iniciativas em favor da classe proletária, dentre as quais a doação de uma grande área de terreno para a construção de casas populares e a cessão de um amplo prédio para a instalação de uma escola profissional.³³¹

Se o operariado recebia com apreço tais manifestações em seu favor, as quais resultariam em melhorias materiais, a *S.E.E.C.* desejava também representar com dignidade seus seguidores – constituídos basicamente do segmento operário. Ficou decidido, então, que o clube se filiaria na *Liga Blumenauense de Desportos* (L.B.D.),³³² pois, na ausência de torneios oficiais promovidos pela LEVI, as equipes de Itajaí e Brusque passaram a integrar o campeonato da L.B.D. Nos anos de 1947, 48 e 49, o único representante de Itajaí em disputas oficiais era o time dos estivadores.

Se no futebol a rivalidade estava momentaneamente arrefecida, no plano político, as disputas revelavam a intensa agitação que movimentava a cidade. Os resultados dos pleitos de 1947 auxiliam na compreensão do cenário político que envolvia o município. Para governador, o resultado em Itajaí apontou Aderbal Ramos da Silva (PSD) com 4.221 votos; Irineu Bornhausen (UDN), com 4.389 votos; e Carlos Sada (PRP) com 89 votos.³³³ É inegável que a votação dos candidatos “getulistas” era reflexo da política trabalhista do pós-1930, contando também com a participação de operários na disputa de cargos eletivos. Em 1947, Thiago José da Silva que era trabalhador portuário e membro do sindicato dos arrumadores participou dos pleitos para Deputado Estadual e Vereador. Em ambas as disputas saiu candidato pelo Partido Social Democrático (PSD). Para o Legislativo estadual Thiago conquistou 732 votos, o que não garantiu sua eleição. Entretanto, para o cargo de vereador obteve sucesso.

³³¹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de agosto de 1946.

³³² *Jornal do Povo*, Itajaí, 8 de maio de 1948.

³³³ *Jornal do Povo*, Itajaí, 2 de fevereiro de 1947. Embora derrotado em Itajaí, Aderbal Ramos da Silva foi eleito Governador de Santa Catarina, com 91.526 votos, contra 75.102 de Irineu.

Thiago não era somente um líder portuário. Pelo contrário, sua atuação ultrapassava o espaço do porto. A sua constante participação nas manifestações do operariado de Itajaí o fez se tornar uma referência para os trabalhadores. Na década de 1930, Thiago integrava o Partido Liberal Catarinense (PLC) e era presença certa nos eventos do partido. Em 16 de fevereiro, a comitiva do PLC, contando com o Prefeito Arno Bauer, o Vereador Abdon Fóes, Thiago e outros líderes da sigla, esteve no distrito de Penha³³⁴ realizando campanha para o pleito de março. O evento contou, além dos discursos, com “(...) *uma grande churrascada, tendo sido abatidos quatro bois para tal fim (...)*”³³⁵ A fala de Thiago para os participantes do comício repercutiu na imprensa, que dedicou espaço para mencionar o discurso daquele trabalhador portuário. O periódico mencionava que:

O Sr. Thiago Silva teceu elogios ao actual governo, dizendo que o mesmo tem sido um amigo da classe dos humildes, do trabalhador. E que, por isso, o operário itajahyense saberá testemunhar, nas eleições de março, a sua gratidão por tudo que tem recebido do actual governo, que tem beneficiado, grandemente, a classe a que pertence. O orador foi também muito cumprimentado pelas considerações explanadas em torno do problema social.³³⁶

Thiago atuava também como incentivador do futebol entre os trabalhadores; possivelmente, percebendo neste esporte um excelente meio para a sociabilidade operária.³³⁷ Pois, desde que o futebol foi assimilado pelo operariado de Itajaí este segmento o revestiu com os seus valores e simbologia, fazendo com que o futebol se constituísse não apenas em mera atividade esportiva, mas também em fator de distinção de classe e manifestação de resistência, face aos históricos impedimentos sociais enfrentados pelos trabalhadores da cidade. Assim, Thiago além de líder nas reivindicações dos trabalhadores era também propagador do futebol como fator de sociabilidade. A chamada do *Jornal do Povo* em 1945 era a seguinte:

³³⁴ Em 1958 o distrito obtém sua emancipação política.

³³⁵ *Jornal do Povo*, Itajaí, 20 de fevereiro de 1936.

³³⁶ *Idem*.

³³⁷ Thiago José da Silva foi presidente da *União dos Operários dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns* (U.O.T.T.A.) no período de 1933 a 1947, tendo que deixar aquela entidade operária para assumir o cargo de vereador. Vale lembrar que a referida *União* era a mesma *15 de Novembro*, esta, por sua vez, trocou de denominação por três vezes. A primeira vez, em março de 1929, quando então passou a chamar *União Operária dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns*. Conforme o *O Pharol*, Itajaí, 4 de maio de 1929. Na segunda troca de nomenclatura, no início da década de 1940, passou a ser então *Sindicato dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns*. E por fim, já na década de 1950, passou a se chamar *Sindicato dos Arrumadores de Itajaí* (permanecendo até os dias atuais). Desde 1929, quando, então, a *15* troca pela primeira vez de nome e passou a ser exclusivamente uma entidade voltada para atender os trabalhadores que atuam na carga/descarga e armazenamento das mercadorias que chegam e saem do porto, a entidade passou a ser chamada, de acordo com a linguagem dos portuários, de “Terrestre”, em virtude de ser a responsável pelos trabalhadores que atuam na terra e não no navio.

ESTIVA x TERRESTRE

Os nossos trabalhadores do porto, numa demonstração evidente do espírito associativo que predomina em seu seio, graças a direção que vem imprimindo os Srs. Thiago Silva e Julio Dantas de Oliveira, respectivamente, presidentes do Sindicato da Terrestre e da Estiva, farão realizar hoje à tarde, no estádio da Rua Uruguai ³³⁸ uma partida de futebol, que será dedicada ao sr. Paulo Bauer, ³³⁹ o qual ofereceu 11 medalhas e uma bela taça ao vencedor, denominada <<Presidente Vargas>>.

As duas equipes serão constituídas de bons elementos, destacando-se Marú, Zico, Leôncio, Waldemiro, Tevo, André, Totinha ³⁴⁰ e muitos outros cracs de renome no meio esportivo local. ³⁴¹

Aquele encontro futebolístico chama a atenção pelo fato de que o mencionado jogo ocorrera antes mesmo da fundação formal das equipes dos respectivos sindicatos; o da Estiva, em 1946 e o *Lauro Müller*, da Terrestre, em 1949. O que pode reforçar a idéia de que o futebol já era praticado como forma de integrar os trabalhadores e de criar, conforme menciona o periódico, o “espírito associativo” entre os mesmos. Assim, a formalização de times de futebol no interior daqueles sindicatos representou a extensão da experiência dos trabalhadores portuários no universo do futebol.

Tendo, então, Thiago abdicado da presidência da Terrestre para assumir o posto na Câmara Municipal, nesta casa, o mesmo manifestou também o apoio às iniciativas voltadas para as entidades ligadas aos trabalhadores. Thiago foi, até meados da década de 1930, membro do Partido Liberal Catarinense e, posteriormente, do PSD, partido pelo qual foi eleito vereador.

Em algumas sessões na Câmara, os vereadores solicitavam auxílio para as instituições sociais, culturais e esportivas. Na sessão do dia 15 de janeiro de 1948, foi mencionada, por proposta da bancada da União Democrática Nacional (UDN), a possibilidade de repasse financeiro à *S.E.E.C.* da ordem de Cr\$ 3.000.00. ³⁴² Em nova solicitação, que ocorreu meses após o primeiro pedido, por iniciativa do vereador José Bahia S. Bittencourt

³³⁸ O estádio da Rua Uruguai foi o local onde o *Lauro Müller* passou a jogar, quando de sua saída da Vila Operária.

³³⁹ Político do PSD e que viria a ser prefeito de Itajaí no período de 31/01/1951 a 31/01/1956. Era também primo de Arno Bauer.

³⁴⁰ Zico havia trabalhado e jogado no *Cobrasil*. Leôncio era ex-operário da Companhia de Phósforo e campeão em 1938 pela equipe daquela fábrica. Tevo e Totinha já eram portuários desde quando atuavam no *Lauro Müller*, no final da década de trinta.

³⁴¹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 9 de setembro de 1945.

³⁴² *Registro de Atas número 1* da Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí, de 09/12/1947 a 05/10/1948, p. 99. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí.

que propunha conceder ao *Marcílio Dias* o valor de Cr\$ 10.000.00. Thiago manifestou-se contrário ao repasse de verba para o clube marcilista.³⁴³

Importante lembrar que, em Itajaí, a UDN era a extensão do Partido Republicano Catarinense, que historicamente esteve sob o controle da família Konder e, posteriormente, com o matrimônio de Irineu Bornhausen com Marieta Konder, o partido passou a ser comandado pela família Konder – Bornhausen. O repasse de verba em prol da equipe dos estivadores pode sugerir que a bancada da UDN (que sempre esteve ligada as famílias ricas da cidade e por muitas décadas permaneceu no poder), estivesse buscando consolidar seus novos líderes e tentando recuperar a hegemonia perdida após o golpe de Vargas. Ademais, aquela manifestação da UDN em prestar “auxílio” às entidades esportivas ocorreu nos anos de 1947 e 1948, quando o país recentemente havia abdicado de quase uma década de ditadura, ou seja, poderia ser o reflexo imediato da “redemocratização”.

O vereador Thiago, que possuía estreito vínculo junto aos trabalhadores, manteve esta relação também nos discursos realizados nos encontros com os seus pares no legislativo municipal. Em determinado pronunciamento, aquele vereador teceu “*considerações em torno do abono de Natal ao funcionalismo e operariado desta prefeitura, solicitando que a Mesa expeça telegrama ao Exmo. Dr. Nereu Ramos, pedindo seus bons ofícios a fim de ser apressado o recolhimento da cota do imposto sobre a renda, facilitando assim a concessão do abono referido.*”³⁴⁴

A chegada daquele líder na Câmara de vereadores significava a relevância do operariado em Itajaí. Era a personificação política das ações, experiências, lutas e conquistas históricas do segmento operário e que eram representadas agora pela participação de Thiago junto aos debates e decisões mais importantes do município. Por longos anos, as manifestações dos trabalhadores foram sufocadas e a vida política da cidade era guiada por um pequeno número de pessoas.

A participação do operariado, mediante a voz de Thiago, era a confirmação de que as manifestações da classe consolidavam o caminho para que o trabalhador se envolvesse também nos debates políticos. E, assim, como no espaço político o futebol também fora fator

³⁴³ Idem.

³⁴⁴ Sessão do dia 23 de novembro de 1948. In: *Registro de Atas número 2* da Câmara Municipal de Vereadores, de 12/10/1948 a 14/02/1950, p. 11. A solicitação de Thiago José da Silva, para que fosse encaminhado telegrama a Nereu Ramos, sugere uma aproximação com aquele político catarinense. Nereu foi eleito em 1946, indiretamente, vice-presidente da República. O contato entre Thiago e Nereu já havia ocorrido na década de trinta, quando o vereador era, na oportunidade, presidente do *Sindicato dos Arrumadores de Itajaí*.

que contribuiu para que o operariado desenvolvesse sua organização e buscasse em tal esporte, em virtude de sua maciça participação, um elo de sociabilidade alheio ao espaço profissional.

A chegada de um trabalhador ao cargo de vereador coincidiu com a entrada em cena no espaço da bola da equipe dos estivadores, a qual passou a ser não somente o time de determinado segmento profissional, mas sim do trabalhador de modo geral. Ter a *S.E.E.C.* nas pugnas futebolísticas era manter ativo o laço forte entre futebol e operariado, que, desde o fim dos anos da década de 1910, contribuiu para romper algumas barreiras sociais. O triunfo do time da estiva significava o sucesso de uma classe acostumada a presenciar equipes provenientes do operariado e constituídas por trabalhadores a obterem triunfos nos embates contra as equipes da camada dominante.

O advento da *S.E.E.C.* não permitiu que aquele vínculo (operário e futebol) fosse rompido. Pelo contrário, foi possível verificar o envolvimento ainda maior do público com a equipe da estiva. É inegável que boa parte dos seguidores do *Estiva* eram trabalhadores portuários. Segundo Manoel Santana, “*o Estiva era um time mais da pesada. Um time mais da classe meia pra baixo. E nisso vinha o marítimo, o arrumador, o conferente. Toda essa turma era Estiva.*”³⁴⁵

Nos tradicionais locais de bate-papo, agora a conversa era a respeito do triunfo ou do insucesso da equipe. O clássico passou a ser *Marcílio* e *Estiva*, jogo este que representava também o envolvimento de diferentes classes sociais com este ou aquele time. O clima dos jogos e o envolvimento dos torcedores eram tão intensos que tais manifestações ganhavam também as páginas do periódico. O articulista do *Itajaí* fez o seguinte relato após algumas cenas que presenciara no jogo da Estiva.

O locutor esportivo, o repórter, o público, os jogadores e por vezes os próprios árbitros são torcedores. Vamos anotar aqui atitudes de alguns torcedores num estádio de futebol (...) Este comentário nos acudiu em face do que vimos no jogo Estiva x Paisandú, nos gestos, gritos, nas manifestações de bom humor, até mesmo pelos momentos de silêncio em que alguns se mantinham. O tipo mais interessante de torcedor é o <<tremedeira>>. Em alguns torcedores ela se manifesta nas pernas, nas mãos, e até no queixo; pode-se dizer que treme tudo. Chegam até a esquecer-se da família, que muitas vezes está ao lado (...) Na hora em que juiz Sapinho assinalou o pênalti contra a Estiva, estávamos na tribuna oficial e notamos que um senhor gordo, abafado, tirou um cigarro e pediu fogo. O mocinho a

³⁴⁵ Entrevista com *Manoel Teotônio Santana*, natural de Itajaí, nascido em 21/03/1930. Foi massagista da *Estiva* de 1947 a 1962 e do *Marcílio Dias*, de 1962 a 2000. Entrevista realizada na cidade de Itajaí, em 19/03/2009. Acervo do autor.

sua esquerda estende-lhe o lume, mas os dois cigarros ficam tremendo enervantemente, depois grotescamente, afinal apalhadaçadamente (...) No momento que foi marcado o goal da Estiva aconteceu de tudo no estádio. Houve gargalhadas, gritos, pulos e até ginástica. Mas havia ali em cima da tribuna um tipo interessante de torcedor. Permanecia calado, diante do sucesso do seu clube. E quando o seu time acertou a trave e fez o único tento, mexeu-se apenas imperceptivelmente no seu lugarsinho. Bonito modo de assistir uma partida de futebol. Não comparando a este, havia também torcedores aos montes que berravam, que se sacodiam, que brandavam, que xingavam o juiz e que espernearam na consignação do goal da Estiva. Quase derrubaram o estádio e fizeram muita gente boa se assustar (...) Há também outro tipo de torcedor. É o que não vai a campo. Conhece o nome de todos os jogadores e dos quadros. Em casa mesmo, pelo rádio, ele se esquila e xinga, mas não vai ao jogo. Ainda existem os torcedores que não gostam de pagar. Si podem furar <<tá bem>>. Se não podem, dão um jeitinho de assistir de cima dos galhos de árvores e pendurados nos muros do estádio. Aqui em Itajaí, há muitos desses torcedores. Até as mocinhas chegam a dar um jeitinho para assistirem as partidas <<de camarote>> (do lado de fora; bem entendido) (...) ³⁴⁶

O rápido sucesso da *S.E.E.C.* ocorreu no mesmo período em que a estiva, enquanto classe profissional crescia e adquiria mais importância. Ao passo em que também era noticiado o desenvolvimento e destaque do porto. O reconhecimento partia também da imprensa que valorizava o sucesso da equipe e o papel de relevo dos estivadores para a cidade de Itajaí. As conquistas dos estivadores eram destacadas, como ocorrera em 1949, quando os mesmos conseguiram o aumento de 50% quando o trabalho fosse realizado em navios estrangeiros. A comemoração dos trabalhadores foi relatada também na imprensa. O articulista mencionava que, “*o espoucar de foguetes, ontem à noite, anunciava que uma justa reivindicação dos estivadores havia sido alcançada (...) Justificável, pois, o júbilo com que os estivadores receberam a notícia da vitória obtida por sua laboriosa classe (...)*” ³⁴⁷

Dentre as eleições sindicais, a que mais despertava os olhares do público e da imprensa era a do *Sindicato dos Estivadores*, pois além de contar com maior número de associados, a possível paralisação das atividades por parte dos estivadores provocaria o declínio econômico da cidade. O jornal publicou a seguinte nota: “*conforme fora mencionado realizaram-se no correr da semana, as eleições dos vários Sindicatos de Trabalhadores de Itajaí. Num deles, o pleito mais renhido, disputando a presidência dos Estivadores 3 candidatos, vencendo afinal a chapa encabeçada pelo sr. Luiz José Medeiros*” ³⁴⁸

³⁴⁶ *Itajaí*, Itajaí, 26 de agosto de 1950.

³⁴⁷ *Itajaí*, 13 de agosto de 1949.

³⁴⁸ *Itajaí*, Itajaí, 28 de outubro de 1950.

Em 1951, foram publicados dados relativos à entrada de navios em Itajaí desde 1945. É possível perceber o crescimento da atividade portuária. Entre navios nacionais e estrangeiros a movimentação foi a seguinte: 1945 – 408, 1946 – 428, 1947 – 481, 1948 – 565, 1949 – 666, 1950 – 620,³⁴⁹ 1951 – 620.³⁵⁰

3.3 PORTUÁRIOS: OS DONOS DA BOLA EM ITAJAÍ

No fim da década de 1940, começavam algumas articulações para que Itajaí possuísse uma entidade que oficializasse as disputas futebolísticas na região, que outrora era de responsabilidade da LEVI. Havia alguns bons motivos para que uma nova entidade ganhasse vida na cidade: os embates heróicos do time da estiva contra os seus oponentes de Blumenau; o retorno do *Marcílio Dias*, após a conclusão das obras em seu estádio; o reinício do futebol no *Barroso*, após a fusão com o *Lauro Müller*; e o surgimento de uma nova equipe operária, também do porto, porém dos trabalhadores da terrestre.

A idéia de criação de uma Liga ganhara vida em 27 de maio de 1951, quando na reunião entre alguns desportistas e os presidentes dos clubes locais decidiram pelo (re) surgimento de um órgão em Itajaí que desempenhasse a função necessária para administrar o futebol local. Naquela “assembléia” foi fundada a *Liga Itajaiense de Desportos (LID)*, a qual ficaria responsável pela organização dos campeonatos da primeira e segunda divisões.³⁵¹

E, se a estiva era considerada o principal segmento profissional na cidade, por extensão o clube, que levava o nome da categoria, obtinha, no cenário futebolístico, o reconhecimento de sua supremacia. No primeiro campeonato organizado pela recém-fundada Liga, a *S.E.E.C.* sagrou-se campeã. Era o Torneio Início,³⁵² que ocorreu no estádio do

³⁴⁹ Neste ano a exportação de madeira, tanto para o mercado nacional quanto internacional, atingiu o maior índice, até então. Foram 251.904 metros cúbicos. Em nota publicada o articulista mencionava que: “*Podemos adiantar que a Inspetoria Nacional do Pinho em Itajaí arrecadou a quantia de Cr\$ 1.972. 943,80, provenientes de taxas, etc., classificando-se em primeiro lugar no Brasil em arrecadação (...)*” Ver *Jornal do Povo*, Itajaí, 28 de janeiro de 1951.

³⁵⁰ Dados colhidos pela Cia. Ind. Malburg junto á Comissão da Marinha. In: *Jornal do Povo*, Itajaí, 11 de novembro de 1951.

³⁵¹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 17 de junho de 1951. Dentre os fundadores estavam o *Marcílio Dias*, *Barroso*, *Estiva*, *Lauro Müller*, *Três de Maio* e *Flamengo*, equipes locais, havia também clubes de outros municípios, como a *Usati*, de São João Batista e o *Tiradentes*, de Tijucas.

³⁵² O Torneio Início ocorria sempre na semana que antecedia o começo do Campeonato da Cidade, o qual era o mais importante e que classificava para a disputa do estadual. O Torneio Início era jogado da seguinte forma:

Marcílio Dias e que contou com a divulgação da imprensa. Para o articulista, “o Torneio Início da Liga Itajaiense de Desportos, levado a efeito no último domingo, marcou um acontecimento de muita significação para o esporte local. Rendeu a bilheteria quase Cr\$ 10.000,00, renda esta que bateu todos os <<records>> (...)”³⁵³



Rua Lauro Müller, em meados da década de 1950. Fonte – A.P.I.

Porém, para encerrar o ano de maneira brilhante, o time dos estivadores conquistaria ainda o título do campeonato da cidade, o primeiro da nova Liga, garantindo, assim, a vaga para o Campeonato Catarinense de Futebol. O jogo final do campeonato da LID ocorreu em 16 de dezembro de 1951 contra o *Marcílio Dias*, com a vitória de 2x1 para a equipe portuária. Triunfo este muito festejado pelos torcedores em Itajaí, sendo que o local tradicional para o

confrontos eliminatórios, onde o derrotado sai da disputa e o vencedor prossegue; jogos com tempo reduzido, no máximo 30 minutos para cada lado; os jogos eram realizados em um único dia.

³⁵³ *Jornal do Povo*, Itajaí, 2 de setembro de 1951.

debate e as comemorações futebolísticas, que era o *Café Modelo*, ali na Praça Vidal Ramos, ficou repleto de seguidores da *Sociedade Estivadores Esporte Clube*.³⁵⁴

O triunfo se repetiu nos anos de 1952, 53 e 55, tornando assim o quadro da Estiva o mais competitivo e vitorioso da década em Itajaí. Na equipe, vários eram os atletas que exerciam o duplo papel de jogador e operário. Outros, entretanto, eram contratados exclusivamente para o desempenho da atividade futebolística. Os que também trabalhavam eram substituídos em seu posto, quando a equipe entrava em campo. Segundo Nilo Reig, “(...) *havia o privilégio. O cara queria trabalhar vai, não quer não vai. Ai colocava o reserva em seu lugar.*”³⁵⁵



Equipe campeã da cidade em 1951. O título deste ano garantiu a presença do clube no campeonato estadual de futebol. Todos os atletas eram estivadores. Fonte – Acervo pessoal de Manoel Sandro da Silva.

³⁵⁴ *Jornal do Povo*, Itajaí, 23 de dezembro de 1951.

³⁵⁵ Os trabalhadores “reservas” não são membros efetivos do sindicato (não possuem número de chamada). Não há certeza de trabalho contínuo para os “reservas”, pois são chamados para substituir os estivadores da ativa, quando estes, por algum motivo, não comparecem à chamada ou por acharem que o valor a ser ganho com determinada carga não é recompensador. Trabalhadores da “reservas” há tanto na estiva quanto na terrestre. Entrevista com *Nilo Reig de Souza*. Jogou no *Marcílio* de 1943 até 1948. Em 1949 foi jogar na equipe da *S.E.E.C.* O senhor Nilo faleceu em 2009.



Equipe campeã da cidade em 1953. Em pé, da esquerda para direita, Marú, Bento Buchele, José Medeiros, Eraldo Agostinho, Geninho e Careta. Agachados – Dido, Neguinha Alves, Manoel Venâncio, Zico e Tilico. Segundo o senhor José Medeiros, a equipe de 1953 era composta somente de estivadores. Fonte – Acervo pessoal de Manoel Sandro da Silva.

Sobre o tratamento diferenciado que havia para quem era jogador, Nilo Reig lembrou que, em 1943, foi convidado para jogar no *Marcílio Dias* e “na época o presidente do clube era o jornalista Abdon Fóes e ele queria me botar no Banco Inco. O Inco era o dono da situação aqui. Do dinheiro né? O banco tinha em tudo quanto é lugar. Era uma força esse Banco Inco. No Banco tinham vários jogadores de futebol.”³⁵⁶

Embora tivesse recebido o convite de emprego no Inco, Nilo Reig não aceitou, pois queria trabalhar no porto. Recorda, então, que “*ai o presidente (Abdón Fóes, do Marcílio) arrumou com o capitão da Marinha um número e ai eu fui por porto. Fui trabalhar na terrestre.*”³⁵⁷

A interferência de políticos, no sentido de conseguirem vagas para jogadores de futebol no trabalho portuário, evidenciava a influência daquelas “personalidades”, além de ser uma forma de aumentar a relação de dependência entre operário e político, ou entre o eleitor e

³⁵⁶ *Idem.* O Banco Inco foi fundado em fevereiro de 1935 e dentre os seus fundadores constavam os seguintes membros: Bonifácio Schmidt, Irineu Bornhausen, Otto Renaux (este de Brusque), Victor Konder, Antonio Ramos (proprietário da Fábrica de Fósforos), Augusto Voigt (quando da fundação do Banco, Augusto já era um dos proprietários da Empresa Almeida & Voigt, uma Sociedade Mercantil voltada pra o ramo da consignação, representações, expedições e despachos) e Genésio Lins.

³⁵⁷ *Idem.*

o candidato. É importante destacar que desde que o futebol em Itajaí atingiu o operariado, sobretudo com as conquistas dos títulos estaduais, a aproximação de pessoas públicas nos eventos futebolísticos aumentou demasiadamente. Com frequência, políticos ofereciam medalhas e troféus contendo os seus nomes para as disputas.

Outro caso que envolveu jogador de futebol foi com o senhor Paulo Camargo. Este começou a jogar no *Marcílio Dias* aos 14 anos e, no porto aos 21. “Comecei a trabalhar na estiva em 1938 e quem me levou pra lá foi o Irineu Bornhausen. Ele era o dono de Itajaí Ele era o prefeito aqui. Quem mandava aqui eram eles.”³⁵⁸

A equipe da *Sociedade Estivadores Esporte Clube* era, sem dúvida, um time operário, porém com uma peculiaridade diferente de outras equipes também operárias, a *S.E.E.C.* não era oriunda de uma fábrica, mas sim de um sindicato.

No Brasil, o envolvimento das entidades de classe com o futebol percorreu os dois extremos. Ora era de total repúdio, ora havia uma tendência de assimilar o futebol como excelente elo de sociabilidade operária. Em que pese que o operariado tenha estabelecido contato com o futebol desde o início do século XX, contudo o apoio sindical para aquela prática esportiva só viria na década de 1920. As tendências ideológicas, fossem elas anarquistas, comunistas ou anarco-sindicalistas, que atuavam junto ao operariado naquele período, dirigiam violentas críticas contra o futebol. “Chamavam-no de esporte burguês; apontavam os efeitos maléficos dos clubes de fábrica, poderoso ópio capaz de minar a união e a organização da classe (...)”³⁵⁹

A rejeição, na primeira década do século XX, por parte de lideranças sindicais, para com o futebol, ganhava também as páginas dos jornais operários. O articulista do *Terra Livre*, jornal de tendência anarquista, relatava sobre o jogo de futebol na fábrica Votorantin.

Quanto ao *foot-ball*, o caso foi assim: Um grupo de 10 ou 12 (alguns já com netos) foi pedir ao gerente licença para fazer um jogo de *foot-ball*. Os patrões gostam que os operários gastem as suas energias nessas coisas e por isso o pedido foi logo satisfeito. O jogo deveria ser entre o coreto e a casa do “senhor coronel”, decerto para divertir os amáveis burgueses. O escravo também é palhaço (...) Entretanto, isto [descansar e estudar] seria muito mais necessário e útil do que o esforço brutal e inútil do *foot-ball*, que fadiga e arruína, em vez de desenvolver e fortificar, e só serve para os vagabundos

³⁵⁸ Entrevista com *Paulo Camargo*, nascido em Itajaí, em 19/07/1917. Foi estivador e jogador de futebol. Atuou no *Marcílio Dias* e no time dos estivadores. Na seqüência da entrevista o senhor Paulo ainda mencionou que, “o Irineu foi o melhor prefeito de Itajaí. Ele foi o melhor para pobreza, né. Eu botei cinco filhos na prefeitura. Sabe lá o que é isso?” Entrevista realizada em 24/04/2004 na cidade de Itajaí. Acervo do autor. Paulo Camargo faleceu em 2006.

³⁵⁹ ANTUNES. op. cit. p. 27.

que vivem à custa dos outros na riqueza e nos prazeres sem escopo e sem proveito.³⁶⁰

No Brasil, a relação entre entidades sindicais e/ou lideranças operárias para com o futebol só foi alterada no princípio da década de 1920, quando os comunistas, à frente de muitas organizações trabalhistas, passaram a apoiar o futebol entre o operariado. Para Cláudia Emília, alguns fatores contribuíram para essa aceitação. Tais como: “(...) *a ruptura com os anarquistas,*³⁶¹ *a política de frente única, o processo de bolchevização (proletarização do partido) e a política de classe contra classe.*”³⁶²

Com o apoio ao esporte em geral, em particular ao futebol, dado pelas entidades de classe comandadas pelos comunistas, os periódicos ligados aquela corrente ideológica também passaram a incentivar a prática futebolística.

Em 1929, *O Internacional*, canal direto do PCB na cidade de São Paulo, organizou uma *Seção da Juventude* a pedido dos próprios jovens colaboradores do jornal e anunciou a criação do *Grêmio Artístico Internacional*. A *Nossa Voz*, jornal do Rio de Janeiro, publicou alguns artigos sobre a caracterização do futebol e da cultura operária e foi mensageiro da Carta Aberta da Juventude Comunista do Brasil.

O *Trabalhador Gráfico* foi um importante jornal com uma longa história no movimento operário de São Paulo. Além de apresentar artigos sobre o esporte e a juventude operário, criou, em 1927, a diretoria da *União dos Trabalhadores Gráficos Futebol Club*, uma iniciativa pioneira dentro de um sindicato.³⁶³

Em Itajaí, o envolvimento de entidade dos trabalhadores com o esporte foi um meio eficaz, no sentido de desenvolver uma cultura associativa por intermédio das atividades

³⁶⁰ A Terra Livre, 22 de dezembro de 1906. In: SANTOS, Jorge Artur. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil*. (1890 – 1947). São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH – USP, 2000, p. 58.

³⁶¹ Os anarquistas, no fim da década de 1910, tenderam a aceitar também o futebol no cerne do operariado. Hardman, aponta como fator preponderante para essa mudança de atitude o fato dos anarquistas alterarem sua forma de propaganda no intuito de atingir o maior número possível de operários. Pois, se no início do século XX a propaganda anarquista ocorria, preferencialmente, nas associações operárias e em células anarquistas mais circunscritas, destacando assim o caráter ideológico; em outro momento, a vertente ideológica cedeu lugar ao debate em torno da questão de classe. E neste sentido o futebol era um excelente meio para aproximar os anarquistas do operariado. Hardman chama aqueles dois momentos do anarquismo de: *Festa Propaganda*, restrito aos salões e associações operárias e num segundo momento, após a incorporação dos eventos esportivos de *Forma – Espetáculo*. Os periódicos de tendência anarquista também contribuíam com propaganda futebolística. “*Match de Foot-ball: Será disputada a taça escola Moderna em um emocionante match de foot-ball entre os valorosos quadros de S.A República e Saturno F.B.C (...)*” A Plebe, 17 de setembro de 1919. In: HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão!* (vida operária e cultura anarquista no Brasil). São Paulo: Brasiliense, 1984 (2ª edição), p. 40.

³⁶² MORAES, Cláudia Emília Aguiar. *Esporte proletário: uma leitura da imprensa operária brasileira (1928-1935)*. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, Florianópolis, 2007, p 53.

³⁶³ Idem. p. 20.

esportivas, e que iniciou com o *Cruz e Souza* e com o *Humaytá*, agremiações estas que obtiveram o apoio da *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*.



Vista da região portuária no final da década de 1950. Fonte – A.P.I.

Na mesma linha de atuação daquelas agremiações esportivas a *S.E.E.C.* desempenhava o papel para além de entidade desportiva. Sua atuação contribuía para a sociabilidade dos estivadores, como também do operariado de modo geral, que encontravam, no time de futebol dos portuários, a força necessária para enfrentar o clube da elite.

Buscando fazer com que o futebol contribuísse também para a sociabilidade dos trabalhadores para além do espaço geográfico da cidade a equipe da estiva de Itajaí estreitou os laços com os estivadores de Paranaguá mediante o contato futebolístico. O primeiro encontro³⁶⁴ ocorreu na cidade paranaense e o segundo, em Itajaí, que, “*em retribuição à visita que o <<Estiva>> local fez à Paranaguá, acha-se desde ontem em nossa cidade, uma grande embaixada da Associação Atlética Estivadores, daquela próspera cidade paranaense (...)*”³⁶⁵

³⁶⁴ O primeiro jogo ocorrerá em 04 de março de 1951 e foi noticiado uma semana antes no *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de fevereiro de 1951.

³⁶⁵ *Jornal do Povo*, 27 de maio de 1951.

Quando a *S.E.E.C.* conquistou o seu primeiro título, no ano de 1951, a fusão entre *Lauro Müller* e *Barroso* já havia ocorrido há dois anos. O *Lauro* ficou caracterizado por contar com uma torcida muito participativa, em grande parte constituída por trabalhadores do porto. Estes trabalhadores, que não aceitaram o fim da equipe da Vila Operária, resolveram dar vida, no mesmo ano em que o time da Estiva conquistou o seu primeiro título, ao novo *Lauro Müller* (da terrestre). Este time também foi um dos fundadores da *Liga Itajaiense de Desportos*. O depoimento do ex-atleta Zequinha auxilia na compreensão do surgimento desta nova equipe:

Havia uma turma ali no porto que era da velha-guarda do *Lauro Müller* e que ficou insatisfeita com o Camilo Mussi.³⁶⁶ Então essa turma, que era quase toda laurista, fundou o *Lauro Müller* portuário. Foi fundado e saiu assim, meio camuflado. Num sete de setembro apareceu junto com as escolas no desfile. Teve muita gente que quando viu chorou. Quando viu o pessoal desfilando com a camisa listrada em preto e branco, as pessoas que estavam assistindo o desfile ficaram assim emocionadas, sabe?³⁶⁷

A década de 1950 iniciava com enormes expectativas, ao menos no plano do futebol, pois após o surgimento da equipe da *Estiva*, agora contava também com o time da terrestre. Ambas as agremiações de forte vínculo operário. As pugnas futebolísticas entre o *Estiva* e o *Lauro* ficaram conhecidas como o “Clássico do Trabalhador”, referência direta da origem e do envolvimento dos trabalhadores com aqueles clubes.

Teve lugar domingo último, no magnífico estádio do C.N. Almirante Barroso, o sensacional encontro futebolístico entre <<Lauro Muller>> x <<Estiva>> (...) Conforme prometia, o grande encontro denominado muito justamente de <<Clássico do Trabalhador>> fez acorrer ao novo gramado do grêmio alvi-verde, verdadeira multidão de aficionados do esporte-rei, e, sem dúvida, o choque que travaram domingo alvi-negros e alvi-celestes, ultrapassou a todas as expectativas, fazendo vibrar de incontido entusiasmo ambas as torcidas, não só pela alta classe, mas pelo futebol sereno e técnico posto em prática pelos dois aguerridos e valorosos adversários.³⁶⁸

Aquela década começava também com a agitação política, tendo em vista as eleições que escolheriam do Vereador ao Presidente da República. A relação de Getúlio Vargas com o

³⁶⁶ Camilo Mussi era o presidente do *Clube Náutico Almirante Barroso*, quando este se uniu ao *Lauro Müller*. A insatisfação que o depoente se refere foi motivada em virtude daquele presidente não ter colocado as cores do *Lauro* na camisa do *Barroso*.

³⁶⁷ Depoimento de João José da Silva (Zequinha), natural de Tijucas, nascido em 16/09/1933. Foi trabalhador da terrestre e jogador do *Lauro Müller*, do *Cimenport*, do *Palmeiras* (Blumenau) e do *Barroso*.

³⁶⁸ *Itajaí*, Itajaí, 4 de junho de 1955.

operariado ainda era muito intensa e tal aproximação foi comprovada com o sucesso daquele candidato nas urnas em Itajaí.³⁶⁹

Era incontestável a representatividade, em Itajaí, dos trabalhadores, pois, além da participação na vida política da cidade, obtinham sucesso também no “universo” do futebol. E, ao passo em que a classe operária da cidade conquistava cada vez mais espaço, os clubes operários, por sua vez, trilhavam também o caminho do sucesso.

Além dos triunfos do *Estiva*, o *Lauro Müller* (da terrestre) passava também a ganhar projeção no futebol da cidade. Seu primeiro título veio no ano de 1954, quando foi o campeão da segunda divisão, conseguindo, assim, o direito de participar do campeonato principal da L.I.D. no ano seguinte. O *Lauro* foi campeão de forma invicta ao sobrepujar o seu oponente na final, a equipe do *Três de Maio F.C*, por 5x1, “(...) numa fragrante demonstração de seu poderio.”³⁷⁰ O elogio do articulista continuava, mencionando que “o *Lauro Müller* atravessa uma fase excepcional, merecendo, assim, a conquista do galhardão de Líder em nosso futebol secundário”³⁷¹

O surgimento do novo *Lauro Müller Futebol Clube* podia ser visto como resistência dos seus seguidores, em atitude que desaprovava a iniciativa que levou o tradicional clube da Vila Operária a unir-se ao *Barroso*. Fazer ressurgir o *Lauro Müller* era manter o vínculo com a classe operária, segmento este que era o oposto do torcedor do *Marcílio Dias*, o time da burguesia.

Na mesma linha de “resistência”, podemos mencionar também a fundação na cidade do *Grêmio Recreativo Sebastião Lucas*, o qual se percebe, pelos membros que o fundaram, ser a extensão do *Cruz e Souza* e do *Humaytá*. As cores desta equipe eram o verde e amarelo e foram as mesmas cores adotadas pelo *Grêmio S. Lucas*.

O *G.R. Sebastião Lucas* surgiu em 22 de maio de 1952, e foram seus fundadores os seguintes membros: Osmar Camilo Aroso, João Lucas Pereira, Odócio Rafael, Genésio da

³⁶⁹ O resultado das eleições de 1950 foram os seguintes: Para Presidente da República – Getúlio Vargas (PTB) 5.089 votos; Eduardo Gomes (UDN) 4.644 votos; Cristiano Machado (PSD), 1.571 votos. Para o senado – Carlos Gomes de Oliveira (PTB), 6.099 votos; Nereu Ramos (PSD), 5.381. Prefeito – Paula Bauer (PSD), 5.564; Lito Seára (UDN), 5.381. Governador – Irineu Bornhausen (UDN), 6.140; Udo Deeke (PSD), 4.966. Ver em: *Jornal do Povo*, Itajaí, 18 de outubro de 1950. Mais detalhes sobre as eleições de 1950 verificar em: LENZI, Carlos Alberto Silveira. op. cit. (especialmente da página 231 a 241).

³⁷⁰ *Itajaí*, Itajaí, 3 de julho de 1954.

³⁷¹ *Idem*.

Silva Santos e Edmundo Silva.³⁷² Como já foi exposto nos capítulos anteriores, os clubes *Cruz e Souza* e *Humaytá* surgiram por iniciativa dos trabalhadores portuários e de alguns negros da cidade, que impossibilitados de participarem das atividades náuticas e futebolísticas, tanto no *Barroso* quanto no *Marcílio Dias*, decidiram entrar no cenário esportivo local através de equipes oriundas daqueles meio sociais.

O conflito étnico, ao que parece, não havia cessado em Itajaí com o passar dos anos. No recém-criado Grêmio, o qual levava consigo o nome de uma grande liderança operária, essa tensão era exposta em seu estatuto. No artigo IV do Capítulo 1-“*Da Sociedade e seus fins*”, ficou declarado que “*serão admitidos sócios de côr branca em número de 15%, do existente no Quadro Social, gozando de todos os direitos, menos para os cargos de Diretoria e seus Conselhos.*”³⁷³

Tensões envolvendo questões étnicas não era novidade em Itajaí, conforme vimos nos capítulos anteriores, e era explicitada tanto no espaço esportivo quanto no plano social. No futebol, aquela relação também era presenciada. Em 1961, por exemplo, foi realizado o jogo entre *Seleção dos “Pretos”* x *Seleção dos “Brancos”*, no estádio do *Marcílio Dias*.³⁷⁴ Segundo Alcir Bento Rufino, “*várias vezes teve jogo dos pretos contra os brancos, só que depois o negócio começou a ficar muito violento e ai resolveram parar. Muita confusão, né? (...)*”³⁷⁵

Longe dos embates esportivos, a relação étnica também era exposta. Em novembro de 1958, algumas lideranças sindicais convocaram a imprensa, autoridades e a população para debaterem, no Gabinete do Prefeito, determinadas medidas que visavam a coibir o alto custo de vida em Itajaí. O encontro tomou outros rumos e a população dirigiu-se à Casa Vitória,³⁷⁶ a

³⁷² Osmar Camilo Aereo era estivador e foi o primeiro presidente da *Sociedade Estivadores Esporte Club*, conforme *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de agosto de 1946. Genésio Silva foi da estiva e da terrestre e no ano de 1923 integrou, na condição de Orador, a diretoria da *União Beneficente dos Estivadores de Itajaí*. Ver em: *O Pharol*, Itajaí, 17 de fevereiro de 1923. Odócio Rafael era da terrestre e fez parte, como Conselheiro Fiscal, da diretoria do *Sindicato dos Arrumadores de Itajaí*. *Itajaí*, Itajaí, 15 de janeiro de 1955. Odócio era membro da Família Rafael, a qual teve Francelino Rafael como um dos fundadores do *Clube Náutico Cruz e Souza*. Porém, ainda não foi possível estabelecer qual era o grau de parentesco entre ambos. João Lucas Pereira era filho de Sebastião Lucas Pereira.

³⁷³ Estatuto do Grêmio Recreativo Sebastião Lucas. In: *Itajaí*, Itajaí, 10 de julho de 1954.

³⁷⁴ Ver Súmula do Jogo Seleção de Pretos x Seleção dos Brancos, de 23/07/1961. In: *Pasta de Jogos do ano de 1961*. Acervo da Liga Itajaiense de Desportos.

³⁷⁵ Depoimento de *Alcir Bento Rufino* (Bebé), nascido em 09/12/1941, natural de Itajaí. Foi jogador do *Barroso*, do *Lauro Müller* (terrestre) e do *Marcílio Dias*. Depoimento concedido em 10/05/2010, em Itajaí. Acervo do autor. Embora em 1951 a Lei Afonso Arinos tenha entrado em vigor, a qual proibia a discriminação racial no país, não há qualquer movimentação em Itajaí tanto dos clubes quanto da imprensa no sentido de divulgar tal medida ou estabelecer debates em torno do preconceito racial.

³⁷⁶ Estabelecimento comercial que vendia desde alimentos até roupas, de propriedade de Cídio Sandri.

fim de protestar contra os altos valores dos gêneros de primeira necessidades. A polícia passou a reprimir a manifestação que era intensa. Houve tiros por parte do policiamento contra os populares e “na confusão do tiroteio, dois populares caíram varados por balas. Um deles era o operário Bruno Silva, **preto**, 41 anos de idade, casado, pai de 9 filhos, operário da Cia. Comércio e Indústria de Madeiras, que naquele momento regressava à sua casa (...)”³⁷⁷

O frenesi provocado pelas equipes constituídas por trabalhadores do porto arrebatava também o grande número de seguidores de ambas as agremiações. Há décadas que o futebol de Itajaí dava mostras de que o seu sucesso era a extensão imediata do envolvimento do segmento operário junto àquele esporte.

A espontaneidade do público em suas manifestações e o ardor com que demonstravam o seu sentimento era tal qual efeito sinérgico que atingira toda a cidade. Os estádios pareciam não conseguir comportar o afluxo de torcedores que, ansiosamente, aguardavam o dia do jogo para se integrarem aos demais seguidores que basicamente eram provenientes do mesmo segmento. A desmedida participação dos torcedores era, como não podia deixar de ser, mencionada na página do periódico, que relatava o que de fato estava ocorrendo na cidade, face o envolvimento do trabalhador com o futebol:

O CLÁSSICO INESQUECÍVEL

Com uma tarde propícia para a prática do futebol, foi realizado domingo último no estádio do Barroso o início da <<melhor de 4 pontos>> para decisão do Torneio – Extra da LID.

Entre as categorizadas equipes do *Lauro Müller* e do *Estiva*, com uma assistência que podemos dizer, foi a maior até hoje em nossos gramados, em partidas inter-clubes, efetuou-se a peleja.

Acusou a renda a apreciável quantia de Cr\$ 13.985,00, quebrando todos os Record anteriores (...) ³⁷⁸

Na segunda metade da década de 1950, foram verificadas novidades nas atmosferas operária e futebolística da cidade. O *Sindicato dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns* troca seu nome para *Sindicato dos Arrumadores de Itajaí*. Sendo a entidade mais antiga em atividade comemorando, no final de 1956, cinquenta anos de vida.

O *Sindicato dos Arrumadores* e o *Sindicato dos Estivadores* constituíam, à época, as entidades que contavam com significativo número de sócios, bem como eram consideradas as

³⁷⁷ *Itajaí*, Itajaí, 22 de novembro de 1958. Grifo nosso.

³⁷⁸ *Itajaí*, Itajaí, 13 de agosto de 1955. Neste torneio o *Estiva* foi o campeão ao derrotar o *Lauro Müller*.

principais entidades classistas de Itajaí.³⁷⁹ O reflexo desta soberania dos sindicatos portuários era sentido também no futebol. Ainda no ano de 1956, a L.I.D. realizou a convocação da *Seleção de Itajaí*, a qual disputaria jogos na região e na Capital. Em Florianópolis, o jogo foi contra o *Avaí*. A partida teve portões abertos, pois foi realizado no dia 1º de Maio, em homenagem ao trabalhador. E, para compor o escrete itajaiense foram escolhidos atletas do time da *S.E.E.C.* e do *Lauro Müller*.³⁸⁰



Time do *Lauro Müller* (da terrestre) no ano de 1952. Acervo do autor.

No entanto, se, em 1955, o *Lauro* perdera o Torneio-Extra para o *Estiva*, venceria dois campeonatos nos anos seguintes. O Torneio Extra, promovido pela LID, em 1956³⁸¹ e, em 1958, conquistaria o Torneio Início da cidade. Neste, o desempenho do *Lauro* foi tão significativo que “*impressionou ao numeroso público que compareceu ao Estádio (...)*”³⁸²

O momento se revelava frutífero para o time dos arrumadores, pois além do triunfo nos gramados, os seus trabalhadores conquistaram também o aumento salarial. Em nota publicada no periódico pelo *Sindicato dos Arrumadores*, este “*agradece ao Sindicato do*

³⁷⁹ Em 1957, o então Governador Jorge Lacerda instituiu o 18 de outubro como sendo o Dia do Estivador.

³⁸⁰ O *Estiva* cedeu os seguintes atletas: Medeiros, Osni, Geninho, Bento, Nequinha, Careta, Maneca, Vépa, Paulinho e Tílico. O *Lauro Müller*: Lôca, Zequinha Nande, Darcy e Chiquinho. Foram convocados também Neginho e Maurício, do *Flamengo* e *Tiradentes*, respectivamente. *Itajaí*, Itajaí, 21 de abril de 1956.

³⁸¹ *Itajaí*, Itajaí, 27 de outubro de 1956.

³⁸² *Itajaí*, Itajaí, 31 de maio de 1958.

Comércio Atacadista de Madeiras de S.C e ao Sindicato de Comércio Armazenador de Café em geral, pela sua diretoria e todos os associados, pelo aumento que lhes foi concedido em seus salários e taxas, na base de 40%.”³⁸³

O sucesso alcançado no futebol pelas equipes portuárias poderia ser a extensão das conquistas financeiras daqueles trabalhadores, uma vez que dentre as demais classes, os portuários percebiam melhores remunerações.³⁸⁴ Desta forma, incorporavam ao futebol o êxito obtido nas lutas e nos embates da própria categoria, buscando fortalecer a imagem de segmento forte mediante também os triunfos futebolísticos. Assim, incorporar ao clube atletas de destaque ampliava, simbolicamente, o *status* do time operário no cenário esportivo e, que na esteira do futebol, a categoria os trabalhadores também desfrutavam de maior representatividade.³⁸⁵

Se a Companhia Itajahyense de Phósphoro incorporava, nos anos trinta, jogadores ao time como forma de conseguir sucesso e, assim, destacar a própria Companhia; o *Estiva* e o *Lauro Müller* procediam da mesma forma, porém para fortalecer a identidade de suas respectivas categorias. Em 1956, por exemplo, o *Lauro* contratara para o seu elenco o atleta Ernani Santana, conhecido como Nandi.³⁸⁶ No ano seguinte é publicada no jornal a notícia de que estava realizando testes nos últimos dias “*um jogador recentemente vindo da Espanha. O atleta espanhol que está em experiência no alvi-negro, tem agradado aos mentores daquela*

³⁸³ *Itajaí*, Itajaí, 5 de julho de 1958.

³⁸⁴ O salário mínimo aprovado em 1956 em Itajaí foi de Cr\$ 2.000,00. Naquela época o aumento do salário mínimo era de acordo com a categoria da cidade. As quais eram classificadas em: 1º Região, a Capital do Estado; 2º Região, as cidades com parque industrial desenvolvido, como Blumenau e Joinville; 3º Região, as demais cidades. Assim, havia três valores de Salários à época. A saber: Cr\$ 2.400,00; Cr\$ 2.200,00; Cr\$ 2.000,00 respectivamente. Ver em: *Itajaí*, Itajaí, 21 de julho de 1956. Estes valores não se aplicavam aos trabalhadores portuários, os quais recebiam salários de acordo com o percentual do valor da carga a se trabalhada e que, em média, o estivador ganhava, no final do mês, ordenado que variava de cinco a nove mil cruzeiros. *Itajaí*, Itajaí, 8 de dezembro de 1956.

³⁸⁵ Em meio ao sucesso alcançado pelas equipes portuárias em Itajaí, um acontecimento nacional atingiu duramente aqueles trabalhadores. Refiro-me a morte de Getúlio Vargas, que causou inúmeras manifestações na cidade. O estivador aposentado Manoel Castro, que era membro da UDN, fez o seguinte relato: “*Na estiva nós éramos quatro udenistas. Quando morreu Getúlio Vargas nós sofremos. Nós éramos como um diabo lá dentro. (...) Teve um lá na Terrestre, o Thiago, que dizia assim: o meu pai morreu! O meu pai morreu! (...)*” Entrevista com *Manoel Castro*, nascido em 29/05/1928 e natural de Itajaí. O pai e o avô do entrevistado também foram estivadores. Entrevista realizada em 27/03/2009, na cidade de Itajaí. Acervo do autor. Thiago, a quem o senhor Manoel Castro mencionou, era Thiago José da Silva, ex-presidente do Sindicato da Terrestre e vereador.

³⁸⁶ Nandi era operário da *Cia América Fabril*, do Rio de Janeiro e começou sua carreira na equipe *Mavilis*, que era formada por trabalhadores daquela Companhia. O nome *Mavilis* era uma homenagem ao Diretor da indústria, chamado **Manuel Vicente Lisboa**. Nandi passou então a se dedicar mais ao futebol do que a outra atividade. Passou depois pelo *Madureira* e pelo *América Mineiro*, quando, em 1956, foi contratado pelo *Lauro Müller*. *Itajaí*, Itajaí, 2 de junho de 1956.

agremiação. *A direção do Lauro está em entendimento com o referido atleta no sentido de contratá-lo.*”³⁸⁷

Possivelmente, a chegada daqueles atletas a Itajaí tenha sido favorecida pelo porto, o qual sempre possibilitou o fluxo de pessoas de diferentes partes do mundo. Segundo João Kleis, “*por causa do trabalho no porto e na alfândega vinha muita gente pra cidade e ficava pouco tempo, Logo iam embora (...)*”³⁸⁸

Da mesma forma como a Companhia de fósforo havia criado uma equipe constituída pelos seus empregados no final da década de 1930, a iniciativa ressurgia, só que nos anos 50, na *Companhia Catarinense de Cimento Portland – CIMENPORT*. Esta Companhia contava em sua diretoria com “*Genésio Miranda Lins, Diretor Presidente;*³⁸⁹ *Rodolfo Renaux Bauer, Diretor Comercial; José Ermírio de Moraes Filho, Diretor Técnico.*”³⁹⁰

³⁸⁷ *Itajaí*, Itajaí, 5 de julho de 1957.

³⁸⁸ Depoimento de João Kleis. Realmente há, sobretudo no futebol, muitos atletas que passaram por Itajaí e não deixaram raízes. Alguns deles não há qualquer familiar na cidade. Por exemplo: Isidoro Justino, conhecido como Humaitá, que jogou no (primeiro) *Lauro Müller*, no *CIP*, *Cobrasil* e *Estiva*; Alfredo De Sotto, paraguaio que foi campeão com o *CIP*; Luiz Avelar Pereira, o Lico, também campeão com a equipe da fábrica de fósforos e que em meados da década de 1940 foi embora para São Paulo. Além daqueles que fizeram história em Itajaí, outros ficaram conhecidos por suas alcunhas. Como: Fateco, Nanga e Vila, que, tendo somente estas referências, dificulta o encontro, por parte do pesquisador, de parentes.

³⁸⁹ Genésio Lins foi um dos fundadores do *Banco da Indústria e Comércio de Santa Catarina* (BANCO INCO), em 1935. Ocupou cargo no INCO desde a fundação até meados da década de 1960, quando a instituição foi vendida ao Banco Brasileiro de Descontos (BRADESCO) Além de Genésio, os demais fundadores do Banco INCO foram: Hercílio Deeke, Otto Renaux, Irineu Bornhausen, Rodolfo Renaux Bauer e Antonio Ramos. Este último proprietário da Companhia Itajahyense de Fósphoro. O Banco teve forte vínculo com a União Democrática Nacional (UDN). Todos os seus fundadores eram membros daquele partido. Em depoimento, Laércio Cunha e Silva mencionou que, “*O Banco INCO era a tesouraria da UDN. Você fazia um empréstimo no Banco e se fosse próximo do período eleitoral, e se fosse uma pessoa muito esperta ai lá e dizia que não dava pra pagar tudo e o pessoal do Banco dizia que não tinha problema, porque depois a gente acerta.*” (Depoimento de Laércio Cunha e Silva, nascido em Itajaí em 21/02/1920. Ex-funcionário do Banco INCO e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.) O depoente começou no Banco INCO em Itajaí e logo em seguida foi transferido para o Rio de Janeiro. Nesta cidade, após participar de uma greve, passou a ser perseguido pelos “*poderosos que dominavam o banco*” (palavras do depoente). A greve mencionada por Laércio C. e Silva contou com participação de bancários de outras partes do Brasil. Em Itajaí, funcionários do Banco INCO e do Banco Nacional do Comércio também aderiram a manifestação. O motivo da paralisação dos bancários na Capital Federal se deu “*(...) em virtude do Ministério do Trabalho ter se recusado a receber um memorandum com as pretensões da mencionada classe (...)*” *Jornal do Povo*, Itajaí, 27 de janeiro de 1946. Esta edição do periódico continuava repercutindo o assunto, mencionando que, “*o gesto de solidariedade dado aos bancários do Distrito federal pelos seus colegas das pequenas cidades é um sintoma de que, cada dia que passa, os homens que se dedicam a várias atividades humanas estão compreendendo que é a união que faz a força, na conquista de um ideal, de uma aspiração de classe (...)*”

³⁹⁰ *Itajaí*, Itajaí, 28 de agosto de 1954. Neste ano, Rodolfo Renaux e Genésio Lins eram também diretores do Banco INCO. *Itajaí*, Itajaí, 24 de julho de 1954. A Companhia de Cimento existia desde 1944, porém ainda não produzia o cimento, somente possuía escritório na cidade e tendo a missão de receber e comercializar o cimento proveniente da *Fábrica de Cimento Rio Branco*, do Grupo Votorantin, localizada em Rio Branco do Sul, no Paraná. A primeira diretoria da Companhia contava com Otto Renaux, Irineu Bornhausen e João José de Souza Cabral. Ver em *Jornal do Povo*, *Itajaí*, 26 de março de 1944. Em Itajaí a *Cimenport* começou a fabricar cimento em 1954, quando então passa também a integrar o mesmo Grupo da indústria paranaense.

Assim que a Cimenport deu início à produção de cimento, já estava em fase de conclusão também a Vila Operária da Companhia. Foi a partir da fabricação de cimento que aquela Companhia passou a integrar um contingente significativo de operários. Segundo Aderbal Morelli,

A fábrica tinha mais de mil empregados. Lá nós tínhamos a Vila. Havia uma para os funcionários da parte administrativa, e outra para quem era da produção. Mas não existia discriminação. A Vila tinha armazém, farmácia, colégio e restaurante. A minha esposa inclusive foi professora lá. Era tudo dentro da Vila Operária.³⁹¹

A equipe de futebol da fábrica de cimento ganhou vida em 05 de abril de 1956 e contava com estádio anexo à indústria. A iniciativa para formar uma equipe de futebol partiu de Idro Antonio Prado, que veio de São Paulo para ser diretor da Companhia em Itajaí. O Grupo Votorantin incentivava a prática esportiva e, em particular o futebol, em suas indústrias. Morelli comenta que, *“havia futebol na fábrica do Paraná, e em São Paulo, na cidade de Votorantim, onde lá tinha um time que disputava a segunda divisão. Ah, tinha também a fábrica de cimento Nassau, lá em Pernambuco, que também tinha time de futebol.”*³⁹²

Em Itajaí, continua o depoente, *“na época o seu Idro (Idro Antonio Prado), que gostava muito de futebol falou com o Erminio, que também gostava de futebol e ele autorizou a fábrica a fazer o time. Aí fizeram um estádio bonitinho, com arquibancada de madeira.”*³⁹³

Não diferente de outros clubes com vínculo operário, como o CIP, por exemplo, o Cimenport também tinha como presidente de honra o diretor da empresa.³⁹⁴ A inauguração do estádio contou com a presença dos operários e de seus familiares. O orador do evento era um dos diretores da equipe, que discursava mencionando que, *“(…) ao nos ser entregue a praça de esportes pelo nosso Presidente de Honra, com o deslçamento da fita e abertura dos*

Foi naquele ano que a Companhia inaugurou os fornos e instalou os maquinários a fim de produzir cimento. Ver em *Itajaí*, Itajaí, 3 de julho de 1954.

³⁹¹ Entrevista com Aderbal Morelli, nascido em Brusque, em 27/10/ 1939. Foi funcionário e jogador da Cimenport, além de ter sido atleta também do Barroso.

³⁹² *Idem.*

³⁹³ *Idem.*

³⁹⁴ Em 1957 foi eleita a Diretoria, que comandaria o clube naquele ano e como Presidente de Honra foi escolhido Idro Antonio Prado. *Itajaí*, Itajaí, 13 de abril de 1957.

portões entremos e compartilhemos desta festividade, irmanados, elevando sempre o nosso espírito para a grandeza do Clube.”³⁹⁵

As cores da equipe, quando de sua fundação, eram o azul e o branco; sendo, porém, alterada para as cores grená e branco, em 1959. E, para tal mudança fora marcada reunião, pois necessitaria alterar o estatuto da equipe. O argumento do Presidente da equipe, Orlando Bianchini, era de que “*muitas são as agremiações que adotam as atuais cores azul e branco, causando transtornos por ocasião das competições (...)*”³⁹⁶ A proposta foi aceita por unanimidade.

Os jogos do *Cimenport* recebiam grande número de torcedores, que sendo moradores da Vila Operária da Companhia conviviam com a atmosfera de euforia provocada pelo futebol. Assim, os dias de jogos se transformavam em dias festivos. “*O futebol era a alegria dos operários. Porque a fábrica funcionava 24 horas. Então o fim de semana era o futebol.*”³⁹⁷

É importante, aqui, dialogarmos com Mário Filho, quando este diferencia o clube *da* fábrica e clube *de* fábrica, para compreendermos o papel da Companhia de cimento junto à equipe de futebol de seus trabalhadores. Aquele autor diferencia um e outro partindo do princípio que:

(...) O Bangu, clube da fábrica, o Andaraí, clube de fábrica.
O Bangu era o prolongamento da Companhia Progresso Industrial do Brasil. A fábrica se disfarçando em clube. Até na escola (...) A sede dada pela fábrica, com o seu salão de baile, com o seu palco no fundo (...) O campo pegado ao jardim da fábrica, não se sabia onde acabava a fábrica, onde começava o clube. A fábrica Cruzeiro, da América Fabril, não querendo se confundir com o clube. Ajudava, interessava-se pela vida dele, mas preferindo não ser a fábrica (...) Não era a fábrica que dava o campo (...) ³⁹⁸

A passagem acima reforça ainda mais o papel do *Cimenport* como sendo um clube da fábrica. Assim, como no Rio de Janeiro, em Itajaí o time de futebol da fábrica de cimento mantinha seus laços muito estreitos com a companhia. O campo anexo à fábrica levava o nome de um dos diretores daquela empresa. Jogadores eram trazidos pela fábrica e não apenas pelo clube, aumentando, possivelmente, o contato e a relação do clube com a empresa.

³⁹⁵ *Itajaí*, Itajaí, 6 de julho de 1957. O estádio foi inaugurado com o nome do Presidente de Honra, Idro Antonio Prado. A praça da Vila Operária da Companhia também recebeu o nome daquele Presidente.

³⁹⁶ Ata da Assembléia Geral Ordinária, de 25/06/1959, da *Cimenport Clube*. In: Pasta – *Estatutos dos Clubes Filiados a Liga Itajaiense de Desportos*. Acervo da Liga Itajaiense de Desportos.

³⁹⁷ Entrevista com Aderbal Morelli.

³⁹⁸ FILHO, Mário, op. cit., pp. 90-91.

A Companhia de cimento, adotando o profissionalismo da época, buscava atletas de outras cidades para compor o elenco de sua equipe. Possuir um quadro forte era sinal de reconhecimento também para a empresa. Assim, como ocorrera em décadas passadas com a Cia de Fósforo, a indústria de cimento buscou, na qualidade do seu time, atrelar a imagem da Companhia de Cimento. Inúmeros foram os atletas trazidos de fora para jogar e trabalhar.

Tinha o Lacava, que veio de Rio Negrinho, era centroavante e trabalhava comigo, no escritório. O Newton Ramos, que era de Florianópolis, e que trabalhou na produção; O Acari, era de Apiúna, era também da linha de produção; o Bruninho que veio de Pomerode;³⁹⁹ o Nonho, que era estivador em Santos, jogava na lateral direita; e o Mazinho, que veio de São João Batista.⁴⁰⁰

A equipe do *Cimenport* ficou caracterizada pelo fato de que sua torcida era constituída essencialmente por trabalhadores da indústria e por seus familiares. Como a fábrica ficava muito distante do centro e de outros bairros da cidade, a identidade do time se deu no envolvimento com as pessoas que diretamente estavam ligadas à Companhia de Cimento. A Vila operária desta indústria era quase que uma cidade satélite, e mesmo distante do centro de Itajaí conseguia reunir em seu entorno estrutura necessária que visava a atender os operários e suas famílias, conseguindo, assim, estreitar o laço com essas pessoas. O senhor João José da Silva menciona que, “*eu morei em uma casa da fábrica. Era uma casa boa, sim. Todos os meus filhos estudaram lá no colégio da Vila. O pessoal se dava muito bem.*”⁴⁰¹

Todos os jogadores do *Cimenport* eram trabalhadores da fábrica. Muitos vieram para jogar, porém eram alocados na Companhia como empregados. Todavia, havia também a possibilidade do jogador não desempenhar atividade na fábrica. José Moacir Grappe, o popular Sissi, que foi jogador e funcionário, relata que após discutir com um encarregado de seção, quase houve briga. Ao saber do ocorrido “*o senhor Orlando Bianchini, que era o chefe da fábrica, ai ele disse assim pra mim: Sissi, tu vai pra casa e no dia tal tu vens aqui pra receber o pagamento. Não precisa nem trabalhar mais.*”⁴⁰²

As “concessões” da fábrica para os seus operários como casa para morar, escola, etc, e a oportunidade de lazer, através a equipe de futebol, repassavam a idéia de relação

³⁹⁹ As cidades de Pomerode e Apiúna ficam na região do Médio Vale do rio Itajaí-Açú, nas proximidades do município de Blumenau. Já Rio Negrinho fica no Norte do estado e faz fronteira com a cidade de Rio Negro, que pertence ao estado do Paraná.

⁴⁰⁰ Entrevista com *Aderbal Morelli*.

⁴⁰¹ Entrevista com *José João da Silva (Zequinha)* em 21/01/2009.

⁴⁰² Entrevista com José Moacir Grappe (Sissi), nascido em Itajaí, em 28/05/1937. Sissi jogou na *Estiva*, no *Cimenport* e no *Carlos Renaux* de Brusque. Entrevista realizada em 05/05/2010, na cidade de Navegantes.

paternalista entre Companhia e trabalhador. Onde a fábrica, ao oferecer tais benefícios aos seus operários, esperava que estes retribuíssem, aumentando assim a produção da mesma. Esta relação tendia a se intensificar face o modo pelo qual a Companhia atuava junto ao time. Embora o Presidente de honra fosse diretor da fábrica, não havia, segundo Aderbal Morelli, interferência da mesma na administração do time. “A renda a fábrica não utilizava pra ela. Era para o time dar uns bichinhos⁴⁰³ pros jogadores, ou pra trazer alguém de fora (...)”⁴⁰⁴



Vila operária da Companhia de Cimento. Ao longo dos anos as casas foram sendo ampliadas e perdendo um pouco de sua originalidade. Entretanto, as casas de alvenaria que existiam na Vila eram destinadas para chefes, gerentes e demais encarregados. Os operários, inicialmente, residiam em casas da madeira. Acervo do autor.

O time da fábrica de cimento teve participação efêmera no cenário futebolístico de Itajaí. Sua duração, enquanto equipe profissional, foi de 1956 até 1961, quando, então, a fábrica trouxe para diretor “o senhor Vismar Castorino, vindo de Curitiba para substituir o seu Idro. O Vismar não queria mais o futebol na fábrica. Ai ele resolveu acabar com tudo. Mandou até acabar com o estádio e no lugar ele plantou lá uns eucaliptos.”⁴⁰⁵

Jogar no campo do *Cimenport* sempre foi muito difícil em virtude da participação maciça dos seus torcedores. O grande feito daquele time, ao menos no espaço esportivo, foi disputar a final do Torneio do Centenário da cidade jogando contra o *Marcílio Dias*. As

⁴⁰³ “Bichinho” - significa dar gratificação financeira aos jogadores após as vitórias.

⁴⁰⁴ Depoimento de Aderbal Morelli.

⁴⁰⁵ *Idem*.

reclamações foram inúmeras sobre um possível favorecimento à equipe marcilista. O referido torneio era em homenagem aos 100 anos de “fundação” de Itajaí e que a posse deste título dignificaria sobremaneira o time vencedor. Neste jogo, o clima estava tão nervoso que ao ser marcado um gol por parte da equipe da casa, porém logo anulado pelo árbitro, a esposa do jogador do *Marcílio Dias* teve um mal súbito, vindo a falecer no local.⁴⁰⁶



O edifício que aparece na foto funcionava como restaurante (na parte inferior) e hotel (na parte superior) e também era na Vila Operária da Companhia. O hotel era para receber os diretores do Grupo Votorantin que vinham de São Paulo. Atualmente o prédio está abandonado, esperando apenas sua demolição, uma vez que o local servirá de depósito para container. Ao fundo a Praça da Vila, que também recebeu o nome de Idro Antonio Prado. Acervo do autor.

Mesmo com o fim do futebol na fábrica, muitos atletas passaram a receber propostas para exercerem a atividade futebolística em outras agremiações e continuaram a desfrutar de certos privilégios na Companhia, pois ser jogador de futebol era estar num patamar diferente.

Em Itajaí, o futebol foi revestido de diversos significados. Desde a questão étnica até a relação paternalista entre políticos e atletas. A formação de equipes operárias e a possibilidade de sucesso por parte de cada jogador poderia ser a visão do mundo de cada indivíduo ou de cada segmento. No universo futebolístico itajaiense, foi possível perceber que o futebol obteve relevo, quando passou a contar com a participação do operariado, que, mediante suas experiências no espaço profissional, levava para o esporte suas formas de organização e de identidade. As práticas operárias, tais como ir ao estádio para acompanhar o

⁴⁰⁶ Era a esposa do atleta José Paulino. Este era portuário da terrestre e antes de jogar no *Marcílio* atuou também no *Lauro Müller* (do porto).

seu clube, debater sobre o futebol em determinados locais, estreitar os laços com as equipes operárias, enfrentar seus oponentes (patrões) no espaço do futebol, atrair jogadores de qualidade como meio de ressaltar a própria categoria, etc, fortaleceram a identidade operária; pois aquelas ações não foram realizadas em um dado período conjuntural. Pelo contrário, estiveram presentes ao longo do processo de proletarização do futebol.

O sucesso do futebol no cerne do operariado de Itajaí pode ser elucidado com a passagem a seguir:

Passível de assumir variados significados para cada um de seus praticantes, de acordo com o momento em que sobre ele se debruçavam – identidade de classes, legitimidade de tradições, simbolismo nacional, etc., - o futebol se prestava a múltiplas apropriações, estando aí um dos segredos de seu grande sucesso (...) ⁴⁰⁷

A década de 1960 representaria um novo cenário para o futebol de Itajaí. A conquista da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira, o declínio do porto, a intensidade da profissionalização do futebol, entre outros fatores contribuíram para que o futebol operário adquirisse novos contornos, a partir de então, alterando significativamente a relação do futebol com o operariado. O trabalhador não abdicou plenamente do “mundo” da bola; contudo, equipes operárias deixariam o espaço futebolístico e, desde então, a cidade não mais pode contar com os vitoriosos clubes operários, que tão bem dignificaram o futebol em Itajaí e que obtiveram notoriedade em todo o estado.

⁴⁰⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, op. cit. p. 281.



Time do *Cimenport*, vice-campeão do “Centenário de Itajai”. Esta colocação garantiu a presença da equipe no estadual do ano seguinte. Em pé, da esquerda para a direita, Nazareno, Mazinho, Zequinha, Morelli, Nonho e Neusi. Agachados – Acari, Newton Ramos, Leal, Telê e Bruninho. Todos eram empregados da fábrica, no entanto, alguns eram trazidos mais para jogar do que para outra atividade na Companhia. Acervo pessoal do ex-atleta Zequinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da Garra à Grana: o fim do futebol operário e as exigências da profissionalização do futebol em Itajaí.

Nesta última parte, será analisado o processo que contribuiu para o gradual enfraquecimento do futebol ligado ao operariado da cidade de Itajaí no início da década de 1960. Alguns fatores atuaram para que tal situação se concretizasse. Dentre os aspectos, podemos destacar a aceleração da profissionalização do futebol brasileiro, imposta com muita ênfase após as conquistas dos mundiais de 1958 e 1962 pela seleção brasileira; o declínio econômico do porto, em virtude da construção da BR 101; e a crescente saída de cena da figura do operário/jogador, que passou a exercer menos a atividade de operário e mais a de atleta.

4.1 A TAÇA DO MUNDO É NOSSA!

Após alguns fracassos em Copas do Mundo, principalmente a de 1950, jogada no Brasil, a seleção brasileira carregava consigo o que Nelson Rodrigues chamou de “Complexo de vira-latas” dos brasileiros. Segundo aquele jornalista, tal complexo era criado no próprio país, pois os brasileiros se colocavam na condição de inferiorizados diante dos estrangeiros.

No terreno sociopolítico, o Brasil necessitava de um planejamento a fim de obter o desenvolvimento desejado e propiciar a integração nacional, sobretudo, por intermédio de obras públicas, como o sistema de rodovias. Por outro lado, na esfera esportiva, o futebol carecia também de um planejamento mais estratégico e da visão menos paternalista e mais racional, com o intuito de fortalecer os clubes e, assim, inserir a seleção brasileira dentre as mais importantes do mundo.

Um ponto central para o desenvolvimento e a modernização repousava-se na proposta de Juscelino Kubitschek (que presidiu o país de 1956 a 1961) de obter cinquenta anos em cinco de governo. *“Nesse Período, empresas multinacionais automobilísticas, eletroeletrônicas, farmacêuticas, petroquímicas, instalaram-se no Brasil. Desenvolveu-se a*

malha rodoviária e os aeroportos. A economia diversificava-se e a produção industrial cresceu 80% entre 1956 e 1961.”⁴⁰⁸

Se o desenvolvimento do Brasil necessitaria ser obra de um planejamento mais técnico e detalhado a fim de atacar os principais pontos, o futebol, por sua vez, caso desejasse obter algum sucesso deveria ter também determinado projeto. E, para isto, seria fundamental que o “mundo” da bola brasileiro abdicasse do envolvimento romântico e, até certo ponto descompromissado, e que estava em desarmonia com o futebol, já bem adiantado profissionalmente, dos países da Europa.

O primeiro grande projeto do futebol nacional surgiu com o *São Paulo Futebol Clube*, que abriu mão de conquistas imediatas em prol de sua ambição maior, que era a construção de seu grande estádio que ocorreria em uma área no bairro do Morumbi, distante da cidade de São Paulo. A construção teve duas etapas: A primeira, concluída em 1960, com o estádio comportando 70 mil espectadores; e a segunda, em 1970, com a capacidade de 150 mil torcedores.⁴⁰⁹

Dentre os membros que integraram a comissão responsável pela construção do estádio, havia Paulo Machado de Carvalho, que ocupou vários cargos no *São Paulo Futebol Clube*, sendo que nos anos de 1955 e 1956 estava na condição de vice-presidente do clube. Reconhecendo naquele clube um bom exemplo a ser seguido, e na pessoa de Paulo Machado de Carvalho, um empresário de sucesso (era proprietário de emissora de rádio e da TV Record), além de ser um dirigente confiável e arrojado, a *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), na pessoa de seu presidente João Havelange, efetua o convite para que aquele desportista comandasse a delegação brasileira na Copa do Mundo de 1958.

O trabalho de Paulo M. Carvalho iniciou em 1957, quando o mesmo passa a elaborar um minucioso estudo sobre as causas que lavavam a seleção brasileira a não lograr êxito em Copas do Mundo.

Uma das missões de Carvalho era superar a rivalidade existente entre São Paulo e Rio de Janeiro. E conhecedor desta situação,

⁴⁰⁸ FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos Deuses: futebol sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 132.

⁴⁰⁹ Agradeço a Celso Unzelte por esta informação. Celso é pesquisador e jornalista esportivo e integra a equipe do canal *ESPN Brasil*. Com a conclusão da obra, em 1970, o Morumbi foi considerado o maior estádio particular do mundo até meados da década de 1990, quando, então, após algumas reformas e se adequando aos critérios de segurança, teve sua capacidade reduzida, perdendo assim o título de maior do mundo.

Procurou organizar um corpo técnico de especialistas (...), tanto que dos 22 jogadores que foram à Suécia, exatamente metade atuava num estado, metade em outro. O grupo de trabalho estratégico era composto pelos experientes jornalistas Ary Silva e Flávio Iazetti, pelo repórter Paulo Planet Buarque, pelo psicólogo João Carvalhaes e pelo técnico Vicente Feola, todos de São Paulo. O grupo de trabalho executivo era formado pelo supervisor Carlos Nascimento, pelo observador Ernesto Santos, pelo preparador físico Paulo Amaral, pelo médico Hilton Gosling, pelo dentista Mário Trigo e pelo massagista Mário Américo, todos do Rio de Janeiro ⁴¹⁰

Paulo Machado recebeu ‘carta branca’ da entidade máxima do desporto nacional para que conseguisse articular e preparar, com sua metodologia de trabalho, o projeto que culminasse com a conquista da Copa de 1958. A seleção brasileira necessitava apagar a má impressão deixada em mundiais anteriores, sobretudo o do Brasil em 1950. Diante da urgente necessidade de aprimorar questões técnicas e táticas, Machado buscou “*estabelecer um padrão de jogo preocupado com o equilíbrio entre a eficiência defensiva e a ousadia ofensiva; definir um responsável pelo estudo das táticas e deficiências dos adversários; instituir um conjunto de normas disciplinares para os atletas (...)*” ⁴¹¹

A gestão moderna empregada por Machado de Carvalho trouxe grandes resultados para o futebol nacional: os mundiais de 58 e 62 (neste ano, também esteve no comando da delegação).

4.2 O DESENVOLVIMENTISMO FEDERAL EM ITAJAÍ

Como resultado imediato em Itajaí, após o triunfo da seleção brasileira em 1958, estava a regulamentação advinda da CBD e repassada às federações estaduais, de que todos os estádios de futebol, cujos clubes disputassem campeonatos profissionais, teriam que cumprir a nova determinação, que era a obrigatoriedade do alambrado para separar o campo de jogo da torcida. ⁴¹² Tal determinação estipulava um prazo para que todas as agremiações se adequassem à referida norma.

Na esteira do sucesso da seleção estavam alguns clubes, principalmente o *Botafogo* e o *Santos*, que passaram a excursionar pela Europa colhendo também os frutos da nova era do futebol no Brasil.

⁴¹⁰ Idem, p. 133.

⁴¹¹ Idem, p. 133.

⁴¹² *O Libertador*, Itajaí, 30 de julho de 1959.



Vista aérea da região central e do porto de Itajaí no ano de 1960. Fonte: A.P.I.

Em solo catarinense, o desenvolvimentismo federal foi materializado com a construção da BR 101, também denominada Translitorânea e que atravessava o Brasil desde o nordeste até sul. Em Santa Catarina, a primeira etapa da construção da rodovia ocorreu entre os anos de 1958 e 1962. Neste período, foi concluído o trecho de Garuva (cidade catarinense ao norte e que faz divisa com o estado do Paraná) até a grande Florianópolis.⁴¹³ Com o término desta fase da obra, considerável parcela do litoral catarinense estava ligada a outras regiões do país. E, assim, o projeto de integração nacional – pelo modo rodoviário - estava sendo colocado em prática. Em Itajaí, a realização daquela obra propiciou a concorrência com o porto, pois este, em virtude do predomínio da navegação de cabotagem até então, possuía (quase) que o monopólio no que tange ao modo de transporte para o restante do Brasil.⁴¹⁴

O governo catarinense, a exemplo do que ocorria na esfera nacional, também criou o seu planejamento para o desenvolvimento e que teve início em meados da década de 1950,

⁴¹³ SALVADOR, Daniel Meira. *Análise dos tipos de acidentes de trânsito em rodovias: estudo de caso na rodovia BR-101 em Santa Catarina*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Florianópolis, 2009.

⁴¹⁴ Em 1957, como parte ainda do Projeto de Desenvolvimento do país, foi criada a *Rede Ferroviária Federal S.A* (RFFSA), que tinha como objetivo administrar, explorar, ampliar e conservar, além de melhorar o tráfego das estradas de ferro e unir a malha ferroviária que passava pelo Nordeste, Sudeste, Centro Oeste e Sul do Brasil.

quando, então, é criada a CELESC.⁴¹⁵ No governo de Jorge Lacerda, é construída a rodovia que liga Blumenau até Itajaí.⁴¹⁶ Já em 1961, com Celso Ramos no comando do executivo estadual, foi criado o Plano de Metas do Governo (PLAMEG) e, como resultante deste planejamento, surgiram o BESC e a UDESC.⁴¹⁷

O senhor José F. Medeiros, em depoimento também mencionou a interferência da BR na economia do porto. Segundo aquele depoente, “*a partir de 57/58 a estiva já foi diminuindo Porque antigamente não tinha estrada e a carga era quase toda levada por navio. Ele pegava carga daqui e levava até o norte. Mas depois com a construção de estradas começou a diminuir a carga e automaticamente começou a diminuir também o nosso dinheiro.*”⁴¹⁸

Já, no início da década de 1960, o movimento do porto sofre forte impacto em decorrência também da diminuição da extração de madeira do Planalto Catarinense,⁴¹⁹ que durante a primeira metade do século XX, foi responsável por considerável parcela das exportações através do porto de Itajaí. A redução do movimento no porto foi noticiada no *Jornal do Povo*.⁴²⁰

4.3 A SAÍDA DE CAMPO DOS CLUBES OPERÁRIOS

⁴¹⁵ *Centrais Elétricas de Santa Catarina*, empresa estatal responsável pela geração e distribuição de energia elétrica. Isso ocorreu no governo de Irineu Bornhausen, da UDN (1951-1956).

⁴¹⁶ Jorge Lacerda assumiu o governo em 01 de janeiro de 1956 e o deixou em 16 de julho de 1958, quando veio a falecer em desastre aéreo. Aquela rodovia não aproxima somente a região do Médio Vale até Itajaí, possibilitava também a ligação com o litoral, pois “ligava” a região de Blumenau com a BR 101 - que estava sendo construída no estado no mesmo período. Outra ligação importante se deu com a reforma da Estrada de Ferro Dona Francisca, que ligava Joinville a São Bento do Sul. Após a morte da Lacerda assume o governo Heriberto Hulse, que o administrou até 31 de dezembro de 1960.

⁴¹⁷ O Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) foi criado em 1962, já a *Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina* (UDESC) em 1965. A UDESC é o resultado da junção da Faculdade de Educação, criada em 1962 e da Escola Superior de Administração e Gerência (ESAG), que surgiu em 64. Celso Ramos governou até dezembro de 1965.

⁴¹⁸ Depoimento de *José Fernandes Medeiros*.

⁴¹⁹ GOULARTI FILHO, Alcides. Sistema portuário catarinense: a construção dos portos de São Francisco do Sul, Itajaí e Imbituba. (disponível em: www.fee.tche.br. Acessado em: 18/09/2010).

⁴²⁰ Segundo aquele periódico, no ano de 1959 entraram no porto de Itajaí 198 navios; já em 1960, 186; e em 1961, 151. Entre o quantitativo de 61 e o de 59 há uma queda de quase 25% de navios. *Jornal do Povo*, Itajaí, 30 de outubro de 1962. Já no início do ano de 1960 é feito o comparativo entre os anos de 58 e 59 no que tange a movimentação portuária. O articulista do jornal menciona que, “*o ano que passou foi um dos piores para o porto de Itajaí. Até parece que estamos á mercê da sorte. Um exemplo: si em 1958 entraram em nosso porto 247 navios, no ano de 1959 somente 198 vapores deram entrada á barra de Itajaí, menos 49 embarcações.*” *Jornal do Povo*, Itajaí, 21 de fevereiro de 1960.

Se nos anos da década de 1920 até o final da década de 1950, o futebol de Itajaí havia conhecido os seus momentos áureos, tendo, inclusive, conseguido conquistar em duas oportunidades o título estadual; agora, a partir dos anos 60, a profissionalização e as exigências cada vez mais intensas inviabilizavam a continuação dos clubes operários no espaço futebolístico local. Aliado a isto, estava ainda o aumento no poder de barganha do jogador de futebol que, após os mundiais de 58 e 62, passou a exigir cada vez mais dos clubes. Segundo Hilário, “*os trabalhadores da bola começaram a solicitar sua parte.*”⁴²¹ As transações entre clubes locais passaram a ser mais raras, pois, agora, havia o interesse de equipes dos centros maiores que com melhores possibilidades financeiras dificultavam a condição das equipes operárias disputarem a aquisição de atletas da cidade. Já, no âmbito local, o *Marcílio Dias* e *Barroso* passavam também a qualificar seus quadros com jogadores de outros clubes do país.⁴²² Dentre as negociações para fora do estado, o jornal destacou aquela envolveu o jogador do Barroso:

O médio Zito, que por longos anos vinha servindo ao C.N. Almirante Barroso, desde juvenil, vem de ser contratado pelo Cruzeiro, de Porto Alegre (...) Zito receberá 50 mil e luvas e 12 mil de ordenado mensal (...) Zito terá a oportunidade de conhecer a Europa, já que o Cruzeiro está de malas prontas para viajar (...) ⁴²³

Em Itajaí, os clubes operários não conseguiriam permanecer em atividade na década de 1960, pois muitos deles dependiam diretamente da entrada de dinheiro na cidade através do porto, e este também sentia o recuo em sua movimentação – face o surgimento da rodovia federal no estado. Equipes como o *Lauro Müller* (da terrestre), *Cimemport* e *Estiva* que eram consideradas, antes da década de 1960, equipes profissionais, pois se enquadravam nos moldes do profissionalismo de então, ao adentrarem àquela década, não suportariam as alterações que o novo cenário político, econômico e futebolístico apresentava.

Embora o futebol fosse muito cativado pelos operários, a condição de assimilação ao profissionalismo estava cada vez mais distante. E, percebendo esta situação, o articulista do *Jornal do Povo* propõe uma liga que fosse criada pelas entidades operárias:

ESPORTE NOS SINDICATOS

⁴²¹ FRANCO JUNIOR, Hilário. op. cit. p. 137.

⁴²² No final de 1960 o *Marcílio* anuncia o zagueiro, vindo do *Cruzeiro* de Porto Alegre. *Jornal do Povo*, Itajaí, 13 de novembro de 1960. Meses após o clube contrata o atacante Enir, junto ao *Botafogo* do Rio de Janeiro. *Jornal do Povo*, Itajaí, 26 de março de 1961.

⁴²³ *Jornal do Povo*, Itajaí, 28 de fevereiro de 1960.

(...) Não seria demais si os dirigentes sindicais de Itajaí indicassem elementos para a arregimentação de valores para formar uma boa equipe ou que cada um organize seu quadro representativo e então arregimentados sob a égide de uma Liga, anexo à Liga Itajaiense de Desportos, poderiam disputar o campeonato intersindical.⁴²⁴

Dentre aquelas agremiações, o time da fábrica de cimento foi o último a encerrar a sua atividade. O Lauro Müller e a *Estiva* paralisaram com o futebol profissional em 1961. Além dos fatores mencionados anteriormente para o declínio das equipes portuárias, sobretudo o time dos estivadores, este teve também no Golpe Militar um “incentivo” para sair de cena. O *Lauro Müller* parou, no início daquele ano, pois nova determinação proveniente do C.N.D. dificultaria a continuidade da equipe. A manchete no jornal era a seguinte: **Clube sem campo: fora do campeonato.**⁴²⁵

Se, até o final da década de 1950, algumas personalidades de Itajaí buscavam estreitar os laços com as equipes operárias ao freqüentar jogos, oferecer premiações, participar de festejos como forma, algumas vezes, de obter vantagens, como fins eleitorais, por exemplo. Por outro lado, o início dos anos 60, mostrou que a relação agora se dava com os atletas, pois na ausência de clubes ligados ao operariado o paternalismo passou a ser direto entre autoridades e jogador.

Diferentemente do que vinha ocorrendo com aquelas equipes operárias, era a situação os clubes de cunho mais elitista, como o *Marcílio Dias* e *Barroso*, que passaram a catalisar as atenções, pois foram as únicas que assimilaram o novo momento do futebol profissional. Ambos os clubes eram mantidos por famílias ricas e empresas conhecidas na cidade. Havia dentre outras a família Lins, Bornhausen, Heusi, Colares, Mussi, Macedo. E instituições como o Banco Inco, o Banco Nacional do Comércio, Alfândega e Prefeitura que se apresentavam como “excelentes” locais onde muitos atletas eram “empregados” como forma de gratidão por jogar no *Barroso* ou no *Marcílio*. Estar vinculado a esta ou àquela empresa dependia do clube escolhido para desempenhar a atividade futebolística, pois a afinidade com famílias e empresas ou com este ou aquele clube também era marcante. Assim, como notório era também o vínculo de jogadores em órgãos públicos, seja na esfera

⁴²⁴ *Jornal do Povo*, Itajaí, 6 de março de 1960.

⁴²⁵ O conteúdo da notícia era o seguinte: “*Despachos vindos da Federação Catarinense de Futebol nos dão conta de que o clube que não tiver seu estádio próprio não poderá disputar o certame de 61.*” *Jornal do Povo*, Itajaí, 9 de abril de 1961 (negrito está no original). Esta norma era válida para o campeonato estadual e não atingiria o torneio da cidade. Entretanto, como o campeão deste tinha vaga assegurada naquele campeonato, tal decisão arrefeceu os ânimos dos desportistas de Itajaí. Além do “campo próprio”, já estava em vigor também a Lei do Alambrado.

municipal, estadual ou federal o que também estava condicionado pela escolha do clube pelo qual o jogador decidiu atuar.

A profissionalização mais intensa (pós-1960) exigia também criatividade para que o clube conquistasse cada vez mais adeptos e buscasse, em seus “seguidores”, o público fiel do clube. E, nesse sentido, o *Marcílio Dias* lançava uma campanha, até então desconhecida na cidade, que era o sorteio de prêmios aos seus associados. A propaganda fora exposta no periódico e visava a integrar mais membros para o quadro associativo e desta forma propiciar uma receita estável.

Jogar no *Barroso* ou no *Marcílio* não era somente fazer escolha para quais cores defender; contudo, era também a possibilidade de emprego assegurado para o atleta quanto o mesmo encerrasse a carreira. Como exemplo dessa relação de “benesses” para com o jogador, o relato do ex-atleta Sissi corrobora com o que fora mencionado. Segundo o entrevistado, quando foi jogar no *Barroso*, no início dos anos 60, ele e outros atletas não recebiam do clube. “*Quem pagava nós era a Celesc. O tesoureiro do Barroso era diretor da Celesc. Ai quando era pra receber ou quanto tava precisando de dinheiro ia lá no escritório (...)*”⁴²⁶



Estádio do *Clube Náutico Almirante Barroso*, inaugurado em 1956. Acervo do autor.

⁴²⁶ Entrevista com *Moacir José Grappe* (Sissi).

Publicidade veiculada no periódico. (*Jornal do Povo*, Itajaí, 8 de abril de 1962).

O atleta José João da Silva (Zequinha), que atuou no *Lauro Müller*, *Cimempont*, *Palmeiras* de Blumenau e *Barroso*, também recorda de determinados privilégios advindos da profissão de jogador de futebol:

Eu nunca precisei sair da fábrica pra jogar futebol. Para jogar no Barroso também era a mesma coisa. Tinha o seu Moacir Werner que era presidente do Barroso e era também o advogado da firma, então quando o Cimempont pediu licença da Liga o Hélio Pimentel, que era treinador do Barroso, ai eles foram lá na fábrica e me pediram emprestado. Ai eles pagavam pra alguém trabalhar no meu lugar.⁴²⁷

Outra situação também foi relatada pelo entrevistado:

Em 1962, 63 e parte de 64 eu disputei o campeonato estadual pelo Palmeiras de Blumenau. Eu trabalhava na fábrica e quando dava para sair para treinar eu ia. Eles pagavam um pra ficar no meu lugar e eu ia treinar. Ia e voltava. E quando era dia de jogo, que havia concentração, ai eles também pagavam,

⁴²⁷ Entrevista com *José João da Silva*.

inclusive, tinha lá na fábrica um cidadão que tinha uma caminhonete que me levava pra Blumenau.⁴²⁸

A profissionalização, mais acentuada a partir dos anos 60, necessitava de estrutura e condições financeiras favoráveis para suportar o nível de exigência que era mais intenso do que nos anos anteriores. A nova fórmula de disputa do campeonato estadual, a partir de meados da década de 1960, obrigava as equipes a dedicarem-se mais ao profissionalismo, pois o torneio passaria a ser disputado em turno e retorno; ora com dez, ora com doze clubes, e não mais na antiga fórmula em que se encontravam os campeões de cada zona em sistema de mata-mata.

Tal alteração, promovida pela FCF, ganhou espaço no jornal local, tendo noticiado que:

O campeonato catarinense de futebol de 1960 será dividido em 3 fases distintas, a saber: Fase de Classificação, Semi-Final e Final. Na Fase de Classificação intervirão 17 cidades, cada uma apresentando 2 clubes, campeão e vice cidadão, dividida em 5 Zonas, num total de 34 equipes, portanto. A Semi-Final compreenderá disputas entre os 10 classificados nas 5 Zonas (2 em casa Zona) e apontará 4 equipes para a Final. A Fase-Final, portanto, será disputada pelas 4 equipes que passaram pela Semi-Final (...) A Fase de Classificação está assim dividida: 1ª Zona: Tubarão, Criciúma, Laguna e Lauro Müller. 2ª Zona: Florianópolis, Blumenau, Brusque e Itajaí. 3ª Zona: Lages, Mafra e Canoinhas. 4ª Zona: Joaçaba, Caçador e Porto União. 5ª Zona: Joinville, São Francisco do Sul e Jaraguá do Sul.⁴²⁹

A nova fórmula de disputa permaneceu até 1967. O aumento na quantidade de viagens, possivelmente, tenha dificultado à permanência das equipes operárias em tal fórmula do torneio. Por exemplo, o *Cimemport* que disputou o estadual de 61 e que realizou seis viagens, sendo duas para Florianópolis, duas para Blumenau e mais duas para Brusque. Além da necessidade de recursos financeiros, havia também o fato dos atletas serem empregados da Companhia de Cimento; logo, não desfrutariam dos mesmos privilégios (como concentração, por exemplo) dos quais já dispunham as equipes mais estruturadas, como *Marcílio Dias*, *Barroso*, *Avaí* e *Figueirense*.

A *Sociedade Estivadores Esporte Clube*, no ano de 1962, comunicou que retornaria a disputar os campeonatos a partir do ano seguinte.⁴³⁰ Porém, tal pretensão não fora levada a cabo. E além do mais, o Golpe Militar viria a contribuir também para o fim do futebol

⁴²⁸ Idem.

⁴²⁹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 3 de julho de 1960.

⁴³⁰ *Jornal do Povo*, Itajaí, 17 de novembro de 1962.

profissional do clube. Não que os militares tenham obrigado o time encerrar suas atividades; porém, o clima gerado pós-golpe e a prisão do presidente do *Sindicato dos Estivadores* integraram também o repertório de fatores que estavam provocando a queda dos clubes operários em Itajaí.

A prisão do presidente do sindicato da estiva foi sentida, não apenas na instituição operária como também no clube, pois na condição de presidente do sindicato era, simultaneamente, presidente de honra do clube. Estes cargos eram ocupados, na oportunidade, por José dos Santos Bernardes, o “Zé do Urso”, e que havia assumido o comando do sindicato no ano de 1958. Segundo Antonio Carlos Bernardes, filho daquele presidente, o seu pai além de vencer as eleições de 58:

Foi reeleito em 1960 e novamente em 1962. Ai em 64 ia ter eleições em julho, mas ele foi preso e cassaram os direitos dele. Ele estava no Rio, na Federação dos Estivadores, foi quando estourou o levante. O Golpe foi dia 1 de abril, mas no dia 30 de março eles estavam em reunião na Federação e os militares chegaram atirando em todos. O pessoal que estava na primeira fila morreu tudo. O meu pai estava na quinta fila, colocaram um capuz na cabeça e levaram ele.

Meu pai ficou trinta dias num presídio em Olaria. Ninguém sabia onde ele estava. Era uma das piores prisão que tinha no Rio (...) Por que quando deram o golpe entrou um interventor aqui no sindicato, que era o tesoureiro, o tal de Tuca.⁴³¹ Este foi quem arrasou praticamente a vida do meu pai. Vivia com essa turma da UDN e aproveitou o embalo e entregou o meu pai (...) O meu pai ficou trinta dias na prisão e quando voltou do Rio ficou mais sessenta dias preso aqui em Itajaí, no hospital Marieta Konder. Aquilo não era prisão. Mas o mais visado era o meu pai, porque ele tinha liderança e o sindicato da estiva na época era o mais forte.⁴³²

Antes da eleição de 1962, o periódico local exaltava os feitos de “Zé do Urso” no comando do sindicato. O *Jornal do Povo* imprimia em suas páginas o seguinte texto:

José dos Santos Bernardes, que por certo será reeleito, por maioria absoluta, não se contentou em dar luvas, capas e água aos estivadores, conseguiu férias aos mesmos, reduziu a contribuição, aumentou a comissão que recebem do IAPETC e chegou até a aumentar os juros que recebe nos Bancos. Foi um presidente que deu todas as horas de sua vida aos seus companheiros de trabalho, pois até uma cooperativa com os gêneros de primeira necessidade foi montada e colocada a disposição de seus companheiros, vendendo a preço de custo.⁴³³

⁴³¹ Tuca foi goleiro do *Estiva* em 1951, quando a equipe conquistou o seu primeiro título. Tuca era membro da UDN.

⁴³² Entrevista com *Antonio Carlos Bernardes*, nascido em Itajaí, em 15/09/1950. O depoente é filho de José dos Santos Bernardes.

⁴³³ *Jornal do Povo*, Itajaí, 24 de junho de 1962.

O processo de profissionalização era irreversível e fora assimilado muito bem por aquelas equipes de Itajaí que, em virtude de seus vínculos com o segmento provido de dinheiro, conseguiram enfrentar igualmente as equipes de Florianópolis, Blumenau, Joinville, Tubarão e Criciúma. Dos nove campeonatos realizados na década de 1960, cinco deles contaram com alguma equipe de Itajaí dentre as finalistas. O *Marcílio Dias* foi tetra vice-campeão nos anos de 1960, 61, 62 e 67. E, em todas as oportunidades, foi derrotado pelo *Metropol* de Criciúma. Em 1963, a segunda colocação ficou com o *Barroso* tendo como detentor do título o *Marcílio Dias*.⁴³⁴ O *Marcílio* foi também vice-campeão no Torneio Sul-Brasileiro, disputado em 1962.⁴³⁵

Vários fatores explicam o declínio do futebol operário em Itajaí. Isto, porém não significa que o trabalhador foi afastado definitivamente do “universo” futebolístico local. Evidente que não. Mesmo porque o enfrentamento e as tentativas de inserção do operário e do negro (que tiveram início no final da década de 1910) em práticas esportivas elitistas, jamais perderão o seu valor e sua significância. As conquistas obtidas no futebol de Itajaí nos anos 30, 40 e 50 contribuíram sobremaneira para que o operariado conseguisse tecer redes de sociabilidades e estreitar laços de solidariedade, não somente no espaço social, mas também no esportivo.

A aproximação dos clubes operários com autoridades e personalidades da cidade certamente possuía as mesmas intenções percebidas no contato que se estabelecia entre entidades operárias e aquelas pessoas públicas.

⁴³⁴ Em novembro de 1963 inicia o Torneio Luiza Melo (o torneio levava o nome da esposa do presidente da F.C.F.) Naquele ano a federação resolveu não realizar o campeonato catarinense, tendo em vista a não participação do Metropol (campeão de 60, 61 e 62) que fora excursionar pela Europa. O Torneio foi disputado por dez equipes: *Avaí* e *Figueirense*, de Florianópolis, *Marcílio Dias* e *Almirante Barroso*, de Itajaí; *América* e *Caxias*, de Joinville; *Carlos Renaux* e *Paysandu*, Brusque; além de *Olímpico* e *Palmeiras*, ambas de Blumenau. O *Marcílio Dias* sagrou-se campeão do Torneio e que só fora reconhecido como campeonato estadual em 1983.

⁴³⁵ O Torneio da Legalidade, chamado popularmente de “Sul – Brasileiro”, contou com as seguintes equipes: *Internacional* e *Grêmio* (do Rio Grande do Sul), *Coritiba* e *Operário*, de Ponta Grossa (Paraná) e, *Marcílio Dias* e *Metropol* (Santa Catarina). O campeão foi o *Grêmio*. *Jornal do Povo*, Itajaí, 25 de março de 1962. O referido Torneio foi promovido pelas federações de futebol dos três estados do sul e contou com os campeões e vice-campeões do ano de 1961. O nome dado ao torneio (da Legalidade) sugere também uma aproximação da política com o futebol, pois, em setembro de 1961, João Goulart assume a presidência no lugar de Jânio Quadros. Porém, Jango só conseguiu ser empossado após aprovação no Congresso de uma emenda constitucional que aprovara o regime parlamentarista de governo (que vigorou até janeiro de 1963). Dentre os opositores do “novo” regime havia Leonel Brizola, que com duras críticas fazia campanha e lutava a favor do retorno da “Legalidade” - que era o presidencialismo. Possivelmente o referido torneio tenha sido criado com o intuito de “difundir” a propaganda “legalista” e assim aproximar o debate político naquele período junto da população. Entretanto, estas são hipóteses, tendo em vista que na literatura consultada sobre futebol e nos documentos analisados não pude constatar qualquer informação ou indício que pudesse relacionar tal envolvimento.

As imposições colocadas para a permanência do clube na vida futebolística brasileira, catarinense e de Itajaí escapavam da possibilidade de permanência para o segmento operário. Os feitos obtidos pelo trabalhador e pelo negro no cenário esportivo local enriqueceram, sem dúvida, as articulações, as manifestações e as experiências daqueles sujeitos sociais que historicamente enfrentaram as imposições, os desmandos e o preconceito. Estas atuações e conquistas necessitam ser revisitadas freqüentemente, pois sua interferência atingiu gerações em décadas posteriores.

O futebol em Itajaí foi dividido em três momentos distintos: de 1910 a 1920, o início elitista; de 1920 a 1960, o rompimento de barreiras sociais e a sua proletarização; e a partir de 1960, período em que o nível de profissionalização do futebol intensificou.

Infelizmente, muitos relatos ao mencionarem o futebol da cidade se reportam para o terceiro período destacado acima, ignorando totalmente o que ocorrera antes de tal época. Acredito que essa limitação sobre o futebol itajaiense é resultante da ausência de conhecimento de décadas de conquistas das equipes locais que muito contribuíram para a popularização do futebol na cidade.

Fechar os olhos para os anos que precederam a década de 1960 é também desconsiderar a participação de sujeitos sociais que, comprometidos com suas causas, lutaram e resistiram contra as imposições e obstáculos que foram colocados e abrindo, desta forma, novas alternativas de laços sociais e de identidade. Eram pessoas anônimas, sem elevados ganhos econômicos, desprovidas de posses, mas engajadas em suas causas e unidos por aspectos de solidariedade. Suas experiências no âmbito profissional foram estendidas também ao “lazer”, aos momentos de interação e sociabilidade, fazendo do desporto em geral, mas em particular do futebol, o caminho possível e eficaz para aqueles propósitos.

As manifestações, as articulações e as conquistas (simbólicas e reais) do operariado e do negro, tanto no cenário social quanto esportivo de Itajaí, foram, sem dúvida, de valor incalculável. Embora seus feitos pouca visibilidade tenham ganhado ao longo dos anos, pois seus nomes e triunfos não figuraram nos relatos oficiais, nunca é tarde para descortinar as conquistas desses atores sociais, que nos deixaram um grande exemplo: de que idéias e práticas podem interferir no curso histórico de dada sociedade.



Este time do *Marcílio Dias* conquistou o Tri Campeonato da cidade nos anos de 1960,61 e 62. E seria a base do time campeão do Torneio Luiza Melo no ano seguinte.

Em pé: *Joel II, Jorge, Sombra, Mazinho, Ivo Meyer e Joel Santana*. Agachados: *Renê, Idésio, Antoninho, Dico e Ratinho*. Destes atletas, Mazinho era ex-operário da fábrica de cimento e jogador do *Cimemport*, e Idésio começou sua carreira como jogador no *Lauro Müller* (Terrestre) na década de 1950. Este atleta, em 1961, esteve no *Internacional* de Porto Alegre (conforme: *Jornal do Povo*, Itajaí, 30 de julho de 1961), retornando posteriormente ao *Marcílio Dias*. Idésio jogaria ainda no *Santos*, no *São Paulo* e no *Metropol*. O time (da foto) foi quase o mesmo que conquistou o vice-campeonato do Sul – Brasileiro. Dentre os titulares só não contava mais com o atacante Aquiles, que fora vendido para o *Internacional* – RS. Aquiles era empregado do Banco Inco em Concórdia e fora trazido para Itajaí para trabalhar na Matriz daquele Banco e jogar no *Marcílio Dias*. Posteriormente deixou a profissão de bancário para se dedicar ao futebol. O último da foto, que está agachado, é Ratinho, que após fazer sucesso em Itajaí foi contratado pela *Portuguesa de Desportos* (de São Paulo) e integrou o ataque da equipe com Leivinha, Ivair, Paes e Rodrigues. Esteve entre os quarenta pré - selecionados para a Copa do Mundo de 1970. Ratinho faleceu em janeiro de 2001, num acidente automobilístico na BR – 101, próximo a Joinville. Além de Ratinho, Renê (o primeiro agachado na foto) também foi para a Portuguesa.

FONTES

Documentos do Arquivo Público de Itajaí – AIP:

Fundo - Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí.

Fundo - Negros de Itajaí.

Dossiê: Biografias e informações genealógicas.

Documentos Cartoriais - Cartório Heusi:

Resumo do Estatuto da Sociedade Operária Benecifente Itajahyense.

Estatuto do Lauro Müller F. C.

Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores.

Registro de Atas da Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí.

Arquivo da Liga Itajaiense de Desportos.

Pasta – Estatutos dos Clubes Filiados a Liga Itajaiense de Desportos.

Pasta - Jogos do ano de 1961.

Arquivo do Sindicato dos Estivadores de Itajaí.

Livro de Atas da Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí

Acervo do Clube Náutico Almirante Barroso.

Livro das Atas do C.N. Almirante Barroso.

Arquivo do Colégio Catarinense

Relatório do Gymnasio Santa Catharina de 1905 a 1918.

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - IHGSC

Relatório do Governo do estado Santa Catarina do Exercício do ano de 1940.

Revistas.

Revista *Aurora Collegial* - Colégio Anchieta, Rio de Janeiro.

Revista de USP. *Dossiê futebol*. São Paulo, n 22, 1994.

Ciência Hoje, vol.24 n.139, jun.1998, Rio de Janeiro: SBPC.

Periódicos

Jornais disponíveis em Florianópolis e Itajaí:

O Pharol.

O Arauto

Novidades

A União

Itajahy

Gazeta Popular

O Libertador

Jornal do Povo

Jornais disponíveis apenas em Florianópolis

A Republica

Folha do Commercio

O Estado

Fontes Orais

Alcir Bento Rufino

Aderbal Morelli

Ângelo Ardigó

Antonio Carlos Bernardes

Carlos Guerios

João José da Silva

João Kleis

José Fernandes Medeiros

José Moacir Grappe

Laércio Cunha e Silva

Lizelotti Kumm da Silva

Manoel Castro

Manoel José Veiga

Manoel Sandro da Silva

Manoel Theotônio Santana

Nazir Rodrigues Rebello

Nilo Reig de Souza

Paulo Maciel

Paulo Camargo

Vilna Corrêa Preti

Zilton Esmael Cruz

Acervos Pessoais.

Anuário de Itajaí para o ano de 1949. Acervo de Nelinho Veiga

Revista Rubro Azul. Itajaí, 1962. Acervo de Moacir da Costa.

Estatuto da Federação Catarinense de Remos. Acervo de Arthur Fernandes Silveira

Fotos das equipes da Estiva (1951 e 53) e Cobrasil. Acervo de Manoel Sandro da Silva

Artigos.

ANJOS, José Carlos Gomes dos; SPOLLE, Marcus Vinícius. *Trabalhadores do porto no período pós-abolicionista em Pelotas: da inserção do negro no mercado de trabalho livre a*

decadência de uma atividade no município. Trabalho apresentado no 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba, maio 2009.

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. *Da tutela ao contrato: homens de cor brasileiros e o movimento operário carioca no pós- abolição*. Revista Topoi, v.11, n.20, jan.-jun. 2010.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trajetórias ente fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro*. Revista Mundos do Trabalho, v.1, n. 1, jan.-jun. 2009.

KAREPOVS, Dainis. *A coligação operária de Santos quebrou a pasmaceira*. Revista História, São Paulo, v.25, n. 1, 2006.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *Por que veio encher o pandulho aqui? Os portugueses, o antilusitanismo e a exploração das moradias populares no Rio de Janeiro da República Velha*. Revista Análise Social. [Lisboa, vol. 29, n. 127 \(1994\), p. 631 -654.](#)

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasileira*. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Centro de Estudos Latinoamericanos – CLAS. Universidade de Aarhus, Dinamarca.

RINALDI, Wilson. *Futebol: manifestação cultural e ideologização*. In: *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá – PR, v.11, nº1.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um Pouquinho*. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1997.

_____. *A Filosofia e os Fatos*. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, n 2, 1996.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Brasil: futebol e identidade nacional*. Buenos Aires – ano 8 – n 56, 2003.

GOULARTI FILHO, Alcides. *Sistema portuário catarinense: a construção dos portos de São Francisco do Sul, Itajaí e Imbituba*. (disponível em: www.fee.tche.br)

Monografias, Dissertações e Teses.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ROSA, André Luiz. *Da modernidade à Fundação do Avaí Foot-Ball Club: A relação do clube com a sociedade de Florianópolis na década de 1920*. Monografia (curso de História). Faculdade de Educação – Universidade do Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2003.

SILVA JR, Adhemar Lourenço. *As Sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas – 1854 – 1940*. Tese de Doutorado PUC – RS. Porto Alegre, 2004.

LEUCHTENBERGER, Rafaela. “*O Lábaro protetor da classe operária*”: As Associações voluntárias de socorros-mútuos dos trabalhadores em Florianópolis – Santa Catarina (1886-1932). Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP. Campinas/SP, 2009.

SILVA, José Bento Rosa da. *Do porão ao convés: estivadores de Itajaí entre a memória e a História*. Recife: UFPE, 2001 (Tese de Doutorado, 286 p.).

PEREIRA, Lucésia. *Florianópolis, década de trinta: ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2001.

Campos José Renato de. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas/SP, 1996.

FÁVERI, Marlene. *Moços e moças para um bom partido. (1929-1960)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 1996.

MOREIRA, Marcio Ricardo Teixeira. *A formação do capital mercantil e industrial em Itajaí (SC): uma industrialização incompleta*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

MORAES, Cláudia Emília Aguiar. *Esporte proletário: uma leitura da imprensa operária brasileira (1928 – 1935)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte da cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas – SP, 2000.

TONINI, Marcel Diego. *Ferrovias e futebol: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930*. Monografia em Ciências Sociais – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara – SP, 2006.

SANTOS, Jorge Artur. *Os intelectuais e as críticas as práticas esportivas no Brasil. (1890 – 1947)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH – USP, 2000.

SALVADOR, Daniel Meira. *Análise dos tipos de acidentes de trânsito em rodovias: estudo de caso na rodovia BR-101 em Santa Catarina*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florianópolis, 2009.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre. *Culturas de classes: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BORGES, Maury Dal Grande. *85 anos de bola: (A memória do futebol Catarinense)*. Florianópolis: IOESC, 1996.
- BORSARI, José Roberto. *Futebol de campo*. São Paulo: EPU, 1989.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velho*. São Paulo: Taq/Edusp, 1987.
- CAPELATTO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa - Omega, 1980.
- CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil (1877 – 1944)*. São Paulo: Difel, 1984.
- CRUZ, Maria Cecília Velasco e. *Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café*. Rio de Janeiro, 1905-1930. Rio de Janeiro: Afro-Ásia, 24. 2000.
- DAMIANI FILHO, Dionísio. *Colégio Catarinense: 100 anos de futebol*. Florianópolis: [s.n], 2006.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Indústria, trabalho e cotidiano*. Brasil, 1889 – 1930. São Paulo. Editora: Atual, 1991.
- _____. *A vida fora das fábricas*. Cotidiano operário em São Paulo, 1920 -1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 – 1920.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. (1890 – 1920). São Paulo: Difel, 1986.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauard (4º edição), 2003.
- FOER, Franklim. *Como o futebol explica o mundo*. Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos Deuses: futebol sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRENCH, Jonh. Proclamando Leis, metendo o pau e lutando por direitos: a questão social como caso de polícia, 1920-1964. In: LARA, Sílvia Hunold; MENDONÇA, Joseli (orgs). *Direitos e justiça no Brasil: ensaios de História Social*. Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 2006.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. (tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Pinto). Porto Alegre: L &PM, 1995 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra* (tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Pinto). Porto Alegre: L &PM, 1995

GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões*. A presença de intelectuais, músicos e poetas negros nos jornais de Florianópolis e Tijucas no início do século XX. Florianópolis: Umbutu, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. Dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, Angela de Castro. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*: das origens aos anos vinte. São Paulo: Ed. Global, 1982.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão!* (vida operária e cultura anarquista no Brasil). São Paulo: Brasiliense, 1984 (2ª edição).

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses*: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HOBSBAWN, Eric. *Mundos do trabalho*. Novos estudos sobre História Operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.

LICH, Henrique. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre: Corag, 1986.

LINHARES, Juventino. *O que a memória guardou*. Itajaí: Editora da Univall, 1997.

MACHADO, César do Canto. *História do futebol catarinense*. Florianópolis: Insular, 2000.

MELLO, Victor Andrade. *Cidade Sportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MILLS, Jonh Robert. *Charles Miller*: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005.

NASCIMENTO, Álvaro José. *Um Reduto Negro*. Cor e cidadania na (1870-1910). In: GOMES, Flávio dos Santos; CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Quase-cidadão*: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NETO, José Moraes dos Santos. *Visão do jogo*: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. *A classe operária no Brasil. (1889 – 1930)*. V. 1 – Documentos: o movimento operário. São Paulo: Editora ALFA – OMEGA, 1979.

REGO, José Lins do. Fôlego e classe. In: *Poesia e vida*. Rio de Janeiro: Ed. Universal, 1945.

RESENDE, Paulo Antonio. *História do movimento operário no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.

SANTOS, Edson. *Show de bola*. A história do futebol em Joinville e Santa Catarina. Joinville, SC: UNIVILLE, 2004.

SEBE, José Carlos; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador geral); SEVCENKO, Nicolau (Org. do volume). *História da vida privada – República: da belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Futebol, metrópoles e desatinos. Revista de USP. *Dossiê futebol*. São Paulo, n 22, 1994.

SILVA, Afonso Luiz. *Itajaí de ontem e de hoje*. Brusque: Gráfica Mercúrio, 1973.

SILVA, Fernando Teixeira da. Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos. In: BATALHA, Cláudio H.M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

SILVA, José Bento Rosa da. *Nacionalidade e etnicidade no litoral do Atlântico Sul*. Foz Do Itajaí – SC (1906). (PRELO).

_____. *Caetanos & Caetanos: Tradição oral e história (em preto e branco)*. Itajaí: Ed. do autor, 2008.

THOMPSON, Eduard Palmer. Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial. In: THOMPSON, Eduard Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.